

LUCCAS EDUARDO CASTILHO MALDONADO

**Luiz Alberto Moniz Bandeira e a Nova Esquerda:
Um estudo do seu pensamento e das suas redes sociais (1935-1962)**

Verão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação de História Social da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre em
História

Orientador: Prof. Dr. Luiz Bernardo Pericás

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e
Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M2441 Maldonado, Luccas Eduardo Castilho
Luiz Alberto Moniz Bandeira e a Nova Esquerda: Um estudo do pensamento e das redes sociais de Luiz Alberto Moniz Bandeira (1935-1962) / Luccas Eduardo Castilho Maldonado ; orientador Luiz Bernardo Pericás. - São Paulo, 2021.
253 f.

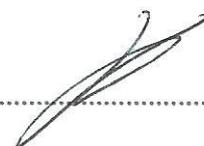
Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Luiz Alberto Moniz Bandeira. 2. Nova Esquerda. 3. Juventude Socialista. 4. POLOP. 5. Mocidade Trabalhista. I. Pericás, Luiz Bernardo, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Lucas Eduardo Castilho Maldonado****Data da defesa: 05/02/2021****Nome do Prof. (a) orientador (a): Luiz Bernardo Pericás**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 06/04/2021


.....*Prof. Dr. Luiz Bernardo Pericás*

Para Kadmiel Maldonado, *in memoriam*.

Entre impressão e juízo, o trabalho paciente da elaboração, como uma espécie de moinho, tritura a impressão, subdividindo, filiando, analisando, comparando, a fim de que o arbítrio se reduza em benefício da objetividade, e o juízo resulte aceitável pelos leitores

Antonio Candido de Mello e Souza

Índice

Resumo – p. 6

Abstract – p. 7

Agradecimentos – p. 8

Siglas – p. 9

Introdução – p. 11

Capítulo I. Juventude em Salvador – p. 20

Capítulo II. Entre dois mundos – p. 48

Capítulo III. Cidade Maravilhosa – p. 68

Capítulo IV. Maturidade – p. 98

Capítulo V. Juventude Socialista – p. 129

Capítulo VI. Campanhas – p. 166

Capítulo VII. Jânio Quadros – p. 190

Ponderações finais – p. 216

Referências – p. 218

Anexos – p. 238

Resumo

O presente estudo explorou uma parte da trajetória de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Mais precisamente, investigou-se a juventude desse intelectual nos anos 1950 e 1960 em um prisma que se privilegia as suas conexões sociais e seus projetos políticos. Tal movimento, fundado em uma metodologia da História Intelectual, desenvolveu uma análise de uma série de personagens que compuseram a Nova Esquerda Brasileira, oferecendo diversas características e projetos desse grupo.

Palavras-chave: Luiz Alberto Moniz Bandeira; POLOP; Nova Esquerda; Juventude Socialista; Mocidade Trabalhista.

Abstract

The present study explored a part of Luiz Alberto Moniz Bandeira's trajectory. More precisely, the study investigated the youth of this intellectual in the 1950s and 1960s in a prism that privileges his social connections and his political projects. Such movement, based on a methodology of Intellectual History, developed an analysis of a series of characters that composed the New Brazilian Left, offering several characteristics and projects of this group.

Keywords: Luiz Alberto Moniz Bandeira; POLOP; New Left; Socialist Youth; Labor Youth.

Agradecimentos

Muitas pessoas ajudaram na construção desse trabalho. Disponibilizaram documentos, debateram ideias, indicaram bibliografia, deram depoimento e leram versões anteriores. Em suma, auxiliaram em diversas frentes possibilitando a constituição de um trabalho mais completo. Por isso agradeço: Alexandre de Freitas Barbosa, Altamirando Camacam, Alzira Nóbrega de Barros, Ana Maria Magalhães, André Campos de Camargo, Angelo Segrillo, Deni Rubbo, Egas Moniz Bandeira, Elias da Rocha Barros, Florisvaldo Mattos, Francisco Palomanes Martinho, Gilberto Calcagnotto, Horacio Tarcus, Ivan Alves Filho, João Eurico Matta, João Victor Lourenço de Castro, José Renato Margarido Galvão, Luís Roberto da Rocha de Francisco, Marcelo Ridenti, Marcos Napolitano, Margot Bender Moniz Bandeira, Michael Löwy, Miguel Palmeira, Murilo Leal, Osvaldo Coggiola, Paulo Farias, Pery Falcón, Rafael Carlos Lima, Rafael Pires, Raul Landim Filho, Raul Roa Kouri, Renan Somogyi, Roberto Bittencourt da Silva, Roberto Rosas, Rubens Ricupero, Sergio Caldieri, Simon Schwartzman, Tullo Vigevani e Vladimir Sacchetta.

Agradeço a banca da defesa, Dainis Karepovs, Daniel Aarão Reis e Lincoln Secco, e ao meu orientador, Luiz Bernardo Pericás.

Agradeço ao financiamento da CAPES.

Agradeço especialmente aos meus pais, Claudinei e Giane Maldonado, e a minha esposa Gleice Sales Maldonado.

Se há alguma qualidade nesse trabalho, a eles devo. Os defeitos são de minha responsabilidade.

Se alguém esqueci, peço desculpas

Siglas

Ação Libertadora Nacional (ALN)
Ação Popular (AP)
Aliança Nacional Libertadora (ANL)
Associação Brasileira de Imprensa (ABI)
Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)
Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)
Diretório Central dos Estudantes (DCE)
Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP)
Estados Unidos da América (EUA)
Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE)
Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)
Juventude Estudantil Católica (JEC)
Juventude Universitária Católica (JUC)
Liga Comunista Internacionalista (LCI)
Liga Socialista Independente (LSI)
Ministério da Educação e Cultura (MEC)
Movimento Democrático Brasileiro (MDB)
Organização Marxista Revolucionário (ORM)
Partido Comunista Brasileiro (PCB)
Partido Comunista da União Soviética (PCUS)
Partido Comunista do Brasil (PC do B)
Partido Comunista Nacional (PCN)
Partido de Representação Popular (PRP)
Partido Democrático Trabalhista (PDT)
Partido dos Trabalhadores (PT)
Partido Operário Revolucionário (POR)
Partido Social Democrático (PSD)
Partido Social Progressista (PSP)
Partido Social Trabalhista (PST)
Partido Socialista Brasileiro (PSB)
Partido Socialista Revolucionário (PSR)

Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)
Petróleo Brasileiro (Petrobras)
Política Operária (POLOP)
Supremo Tribunal Federal (STF)
Tribunal Superior Eleitoral (TSE)
União da Juventude Comunista (UJC)
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)
União Democrática Nacional (UDN)
União Metropolitana de Estudantes (UME)
União Nacional dos Estudantes (UNE)
Universidade da Bahia (UBA)
Universidade de Brasília (UnB)
Universidade de Minas Gerais (UMG)
Universidade de São Paulo (USP)

Introdução

Luiz Alberto Moniz Bandeira foi um intelectual brasileiro que ganhou notoriedade principalmente por dois motivos: os seus escritos históricos sobre as Relações Internacionais e a sua atuação partidária no final da Ditadura Militar Brasileira. No primeiro plano, existem alguns livros que lhe conferem relevância como um autor nos estudos da política internacional. Nesse sentido, seus trabalhos sobre as interações entre os países platinos,¹ as relações bilaterais entre Brasil e Alemanha² e a construção e o exercício da hegemonia norte-americana são os mais destacados.³ No segundo, sua trajetória consolidou-se quando esteve ligado à refundação do PTB⁴ junto de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, Flávio Tavares e outros. Seu envolvimento com esse grupo foi tão substantivo que seria um dos signatários da *Carta de Lisboa*⁵ em 1979 e o redator de um livro que em grande medida relançou a figura de Brizola como um *player* no jogo político brasileiro após anos de ostracismo.⁶ Tal escrito, intitulado *Brizola e o Trabalhismo*, teve uma repercussão expressiva, permanecendo várias semanas dentro da lista da *Veja* de obras de não-ficção mais vendidas no país.⁷ Em certa medida, Moniz Bandeira colocava-se como um dos intelectuais oficiais do partido, assumindo frequentemente um papel de porta-voz autorizado.

A consolidação como autor intelectual e ator político apresenta uma personagem que alcançava o ápice do seu capital social e político. No entanto, tomar o melhor pelo todo – ou julgar um livro integralmente somente pelos seus mais renomados capítulos – mostra-se uma análise limitada, pois não se compreende algo em seu conjunto. Como René Descartes ponderou no princípio da modernidade em *Discurso sobre o método*,

¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O expansionismo brasileiro: o papel do Brasil na Bacia do Prata da colonização ao império*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Reunificação da Alemanha: do ideal socialista ao socialismo real*. São Paulo: Ensaio, 1992. Idem. *O 'milagre alemão' e o desenvolvimento do Brasil*. São Paulo: Ensaio, 1994.

³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

⁴ No primeiro momento, o grupo ligado a Leonel Brizola tencionava reconstituir a histórica sigla fundada por Getúlio Vargas em maio de 1945. Contudo, desenvolveu-se uma briga judicial no TSE pelo direito de se usar tal nome no Brasil. Em um lado, requeria os brizolistas; em outro, o núcleo capitaneado por Ivete Vargas. Em maio de 1980, o TSE decidiu em favor de Vargas. Na sequência desse acontecimento, a ala brizolista principiaria a fundação de uma nova legenda, o PDT, consolidando o projeto no mesmo ano.

⁵ BRIGADÃO, Clóvis; RIBEIRO, Trajano. *Brizola*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015, p. 267-268.

⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brizola e o Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

⁷ Sobre a questão, cf. as edições da *Veja* entre 1977 e 1978.

deve-se dividir em partes aquilo que se pretende conhecer e entendê-las em suas articulações.⁸

A trajetória de um indivíduo não se coloca de maneira distinta. Assumindo-se tal premissa e deslocando-se na tradição historiográfica de enfrentar os problemas de maneira diacrônica, o presente texto explora uma das parcelas que compõem a biografia de Moniz Bandeira. Mais precisamente, tenciona-se analisar os primeiros momentos de sua trajetória, seus anos formativos, a partir de um prisma da História Intelectual. Busca-se compreendê-la nos seus movimentos e nas suas contradições. Tomar o princípio para em futuros trabalhos se analisar a maturidade da personagem, completando-se conseqüentemente um estudo que dê conta de maneira integral da trajetória de Moniz Bandeira.

1.1 Base metodológica

A História Intelectual possui um dilema que frequentemente revela-se nos seus debates epistemológicos. Os seus exercícios analíticos tendem a se alocar em dois polos: um que privilegia as dimensões *internalistas* da produção intelectual, atentando-se às intertextualidades conceituais, documentais, estilísticas etc.; e outro que se foca nas dimensões *externalistas*, buscando interferências sociais presentes no texto.⁹ Obviamente não existem purismos nessas propostas, mas sim um sentido dominante a depender da pesquisa.

O clássico estudo sobre os *Annales* de François Dosse, *A História em Migalhas*, aloca-se por exemplo como uma análise que destaca as características *internalistas*.¹⁰ Em outro ângulo, o historiador britânico Quentin Skinner, expoente da corrente historiográfica contextualista, dispõe-se como um pesquisador mais preocupado com as características sociais. No seu monumental estudo sobre o pensamento político moderno, pondera que, para clarificar o conceito de Estado, o seu método enfoca na identificação dos principais debates constituintes da esfera pública no momento histórico circunscrito.¹¹

⁸ DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. São Paulo: Hemus, 1978, p. 40.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *Os Usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004, p. 18-20.

¹⁰ DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1992.

¹¹ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 10-11.

O presente texto tenderá a tomar como viés privilegiado as dimensões *externalistas*. Tal opção deve-se ao caráter da obra de Moniz Bandeira. Em grande medida, seus escritos têm como fim uma intervenção na realidade social. Há exceções já que produziu um acervo poético mais voltado à elaboração da palavra do que à atuação política. Todavia, como se verá, tal dimensão é reduzida e tendeu a se apagar ao longo do tempo, desaparecendo totalmente nos anos 1970.

Os textos e as relações sociais de juventude de Moniz Bandeira são interessantes pela sua capacidade de revelar detalhes da formação de uma série de intelectuais que teriam grande influência na segunda metade do século XX. Trata-se de um foco privilegiado para se entender a construção de uma parte dos atores da Nova Esquerda.

Por Nova Esquerda, concebe-se um conjunto de personagens que, nascidas entre as décadas de 1930 e 1940, organizaram-se, assumiram posições marxistas inclusive modernizando-as com a recepção de distintos horizontes teóricos e apresentaram variadas críticas as condutas e estratégias do PCB. Em resumo, é a geração que quebrou o monopólio da interpretação e da ação marxista dos comunistas no Brasil, assumindo importantes posições intelectuais no processo. Diversos membros da Nova Esquerda estiveram conectados a Moniz Bandeira, por exemplo Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Michael Löwy, Emir e Eder Sader.

O presente trabalho, apesar de se fixar na área da História Intelectual, não estuda por excelência intelectuais. Quer dizer, os atores privilegiados não tinham assumido tal condição no período circunscrito. Obviamente que tal consideração traz uma problemática em relação ao uso do conceito. Mostra-se necessário realizar uma distinção. Por intelectual, assume-se duas acepções que podem coexistir ou não.

Por um lado, toma-se o entendimento de Antonio Gramsci de intelectual orgânico como um ator que sintetiza nos seus escritos a consciência de uma classe ou de um movimento político oferecendo orientações programáticas.¹² O jovem Moniz Bandeira tentou encarnar tal vocação enquanto atuava na POLOP, todavia a limitação social de sua organização impossibilita lhe compreender dessa maneira. Somente tomaria essa dimensão nos anos 1970 com Brizola.

Por outro lado, um intelectual não é só aquele que sintetiza um movimento político. Em *Ciências Humanas e Filosofia*, Lucien Goldmann faz uma interessante análise sobre a interação entre as relações de produção e a consciência humana. No

¹² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

desenvolvimento de suas considerações, esboça um conceito de intelectual como a personagem que detém a síntese da consciência possível.¹³ A noção é rica e pode ser utilizada para se pensar o intelectual, para além do seu papel nos movimentos políticos, mas também como um consumidor e intérprete do conhecimento produzido pela humanidade. Em certa medida, esboça-se nesse sentido a figura do erudito. Dois exemplos dessa forma são Franz Kafka e Clarice Lispector, escritores mais preocupados com a própria subjetividade do que com a intervenção na realidade social, embora o próprio texto possa realizar intervenções políticas que não eram originalmente previstas por seu autor. Como Michel Foucault apontou, o autor não é responsável pela plenitude de sentidos e usos que emergem da obra por ele produzida.¹⁴

A distinção entre os dois tipos de intelectual é analítica, podendo se combinar perfeitamente. Três dos mais importantes pensadores brasileiros, Florestan Fernandes, Celso Furtado e Antonio Candido de Mello e Souza, assumiram ambas as facetas em momentos de sua existência. Em determinado período de sua maturidade, Moniz Bandeira também conseguiu combiná-las.

No entanto, o jovem Moniz Bandeira não produziu grandes estudos voltados à interpretação da realidade e nem conseguiu mobilizar grandes movimentos políticos. O seu poder de escrita, reflexão e mobilização mostrava-se em formação, mas isso não quer dizer que seus textos sejam desimportantes. Possui uma produção que estava associada aos seus vínculos sociais. Compreendê-la nessa dinâmica mostra-se capaz de revelar diversos nuances de todo um universo da esquerda que estava em plena transformação nos anos 1950 e 1960 e do processo de formação de uma série de intelectuais que ganharia notoriedade mais tarde. Dispõe-se, portanto, mais interessante dedicar-se principalmente aos vínculos e projetos de Moniz Bandeira, buscando identificar aspectos do processo formativo de uma geração de pensadores brasileiros.

Por isso, uma metodologia que privilegia a dimensão *externalista* foi utilizada. Nessa investigação, recorreu-se aos conceitos de Pierre Bourdieu, no entanto não se realizou um transplante literal. O pensador francês possui um rico acervo de categorias para se pensar a ação de um sujeito dentro de um campo social profundamente organizado. Por exemplo, sua obra *Homo academicus* oferece importantes considerações de como se desenvolve a carreira de um professor universitário, de como

¹³ GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia: Que é a Sociologia?* São Paulo: Difel, 1967.

¹⁴ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

progressivamente ele vai acumulando prestígio – o que ele chama de “capital” e distingue em variados tipos como “social”, “econômico”, “cultural” etc. – ao longo do tempo para alçar posições mais altas em sua profissão.¹⁵ Realiza um movimento semelhante em outros estudos sobre estética. Debruça-se sobre como o conceito de arte e artista vai se construindo diante de procedimentos de seleção e consagração de autores e intérpretes por instituições autorizadas.¹⁶ São horizontes ricos para uma análise da história intelectual.

Nessa interessante aproximação e rearticulação das categorias originárias da Economia, Bourdieu cria um rico mapa analítico para se pensar como um sujeito se insere e intervém nos espaços em que convive e também como é afetado por ele, o que está posto como estruturado e o que é o estruturante. Forja um instrumento que, se utilizado em um conjunto de fontes adequado, pode auxiliar no entendimento da construção de uma trajetória, oferecendo indicativos de como um ator se construiu e foi construído.

Os âmbitos enfrentados por Bourdieu nas suas pesquisas, os chamados “campos”, são profundamente institucionalizados e isso é um problema se transposto para a realidade brasileira dos anos 1950 e 1960 sem o devido cuidado. No horizonte do sociólogo, estava posto o campo universitário francês que possuía regras sociais muito claras para todos os seus membros já na metade do século XX.¹⁷ Contudo, o Brasil do mesmo período tinha poucos espaços tão socialmente fechados nas suas próprias regras, por exemplo a USP ainda era uma universidade de pequenas proporções e relativamente nova.

A maior parte dos locais em que Moniz Bandeira interveio na sua juventude não podem ser considerados como campos devido à extrema maleabilidade de suas regras. Todavia, isso não quer dizer ausência de competição e distinções sociais. Essas eram substantivas e profundas. A questão é que com a ausência de uma estrutura de regras claras, a competição torna-se mais incerta, fazendo os competidores de posições menos consagradas mais dependentes dos postos diretivos, caracterizando assim um ambiente onde os capitais herdados ganham grande relevância diante dos capitais empreendidos

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Florianópolis: UFSC, 2011.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte dos museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk, 2016. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁷ Para uma análise do campo acadêmico francês por parte de Bourdieu, cf. BOURDIEU, Pierre. Campo Intelectual e Projeto Criador. In: POUILLON, Jean; et al. *Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105-145.

pela ação individual. Em outros termos, o “capital social” torna-se ainda mais relevante do que aparentemente já é.

Como conceber a vasta comunidade de jornais e jornalistas brasileiros naquela época como um campo? No seu interior, vários atores com formações profundamente distintas – de bacharéis de todos os tipos a indivíduos sem ensino superior – coexistiam com profunda liberdade de escrita. O grande jornalista destaca-se por sua capacidade de escrita, mas também pelos vínculos que conseguiu construir ou foi auxiliado na construção. Somente a partir da década de 1960, houve uma maior uniformização no âmbito podendo assim se pensar na constituição de um campo jornalístico no Brasil. De forma semelhante, pode-se questionar a imensa gama de partidos e movimentos de esquerda no contexto estudado. Sua fragmentação não possibilita pensá-los em um sistema comum, mas como uma rede de interações.

As categorias de investimento social utilizadas por Bourdieu podem ser úteis para analisar a convivência que as personagens desenvolviam umas com as outras. Todavia, parece mais produtivo pensar os espaços frequentados por Moniz Bandeira como redes – o mundo jornalístico, os grupos de esquerda, o parlamento etc. – nas quais as suas vinculações assumiram fundamental relevância. Tais redes se conectariam mais intensamente em determinados momentos e espaços do que em outros. Tudo isso em uma forma capitalista profundamente desigual, em um capitalismo atravessado por estamentos a utilizar o horizonte analítico de Florestan Fernandes,¹⁸ na qual os recursos sociais são uma espécie de eficiente catalizador para a consagração.

1.2 Fontes utilizadas

Ao longo da pesquisa, muitos arquivos foram utilizados, alguns públicos e outros privados. Mostrar-se-ia extensivo elencar todos eles de uma vez. Ao longo das notas do trabalho todos são identificados. No entanto, mostra-se prudente destacar dois fundos uma vez que foram os núcleos fundamentais dessa pesquisa.

O primeiro é o arquivo privado de Luiz Alberto Moniz Bandeira. O primeiro contato do pesquisador com esse material deu-se quando Moniz Bandeira era vivo. Nesse momento, o autor dessas linhas era estudante do Departamento de História da USP e trabalhava como assistente de pesquisa do professor, tendo a oportunidade de o

¹⁸ FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. São Paulo, Zahar, 1981.

auxiliar na elaboração de alguns livros. Foi uma época de grande aprendizado. Após seu falecimento em 2017, o contato com esse material manteve-se. Não mais por meio de Moniz Bandeira, mas via seu filho Egas, a quem se deve um inestimável auxílio para a construção desse trabalho e uma grande amizade.

O segundo arquivo está intimamente ligado à principal atividade econômica que Moniz Bandeira desenvolveu nos anos 1950 e 1960. Embora tenha se aposentado como docente da UnB, teve uma longa carreira jornalística nos anos 1950 e 1960, assumindo altas posições em publicações influentes como o *Correio da Manhã*. Moniz Bandeira teve uma extensa produção jornalística na juventude. Grande parte delas está digitalizada e disponível para consulta no site da Biblioteca Nacional. Trata-se de um recurso que teve grande valor para a construção dessa pesquisa.

Há de se considerar também os diversos depoimentos colhidos. Interlocutores, contemporâneos e amigos de Moniz Bandeira foram consultados. Suas considerações foram fundamentais, tanto para dar sustentação a determinados documentos, quanto para contestá-los e aprofundar o conhecimento das circunstâncias que os deram origem. As entrevistas foram realizadas de diversas maneiras: telefone, e-mail, Skype, presencialmente etc.

1.3 Organização dos capítulos

Redigiu-se sete capítulos que circunscrevem um universo temporal entre 1935 e 1962. Na prática, contemplou-se entre o nascimento e a redação do primeiro livro de Moniz Bandeira plenamente voltado a pensar a política. Sinteticamente o primeiro capítulo circunscreve a infância e juventude de Moniz Bandeira em Salvador; o segundo a sua transição para o Rio de Janeiro; o terceiro as suas primeiras atividades políticas no Rio de Janeiro e em São Paulo; o quarto a sua aproximação de Erich Sachs e de Agildo Barata; o quinto a sua ligação com a criação da Juventude Socialista e da Mocidade Trabalhista; o sexto o seu envolvimento com as campanhas de governador e presidente no ano de 1960; e o sétimo a sua prática durante a renúncia de Jânio Quadros.

A história e a historiografia são ambos processos de seleção.¹⁹ No primeiro âmbito, desdobra-se a seleção da própria existência, estando uma parte sob agência humana e outra não. No segundo, dá-se a seleção posta na própria construção da narrativa histórica. Em outros termos, é o procedimento posto na realização do ofício do historiador no qual o autor seleciona, descreve e problematiza, a partir da análise de conjunto de fontes, uma série de eventos criando no procedimento uma imagem a respeito do passado. O historiador, assim, não reproduz o transcorrido, mas produz a sua descrição, estando, portanto, seu texto profundamente atravessado por opções do seu autor. Conceitos e premissas teórico-metodológicas trazem postos horizontes os quais são inevitáveis, intrínsecos ao próprio trabalho historiográfico.

A partir de tais considerações, emerge uma questão no trabalho apresentado. Por que decidiu-se analisar a trajetória de Moniz Bandeira entre 1935 e 1962? O ponto inicial é autoexplicativo. Foi quando se deu o nascimento da personagem. No entanto, o encerramento em 1962 acarreta dúvidas. Em certa medida, as limitações temporais do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado dificultam pretensões mais amplas uma vez que o tempo da pesquisa não é necessariamente o tempo dos prazos acadêmicos.

Dessa maneira, optou-se por 1962 por dois motivos fundamentais. O primeiro relaciona-se com a fundação da POLOP em janeiro de 1961 que, de fato, foi o evento político de maior relevância da juventude de Moniz Bandeira no âmbito social. Deu-se o ápice do estabelecimento de um acúmulo de interações sociais, da constituição de redes que se converteram em uma, que o jovem Moniz Bandeira se inseriu e interviu, constituindo uma organização que, embora tenha um impacto social limitado, teve grande influência intelectual, tanto na contestação de predicados e concepções do PCB, quanto na formação de uma série de personagens da Nova Esquerda. É o ápice do capital social na esfera da esquerda do Moniz Bandeira não maduro.

O segundo motivo está ligado a publicação do seu primeiro livro plenamente voltado a política, *O 24 de agosto de Jânio Quadros*.²⁰ Fechou-se com o primeiro grande feito de consagração constituído por Moniz Bandeira que caracterizaram a figura do intelectual. Não há como conceber tal fenômeno a partir das definições postas sem se

¹⁹ RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 455. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2013, p. 485.

²⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O 24 de agosto de Jânio Quadros*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

considerar uma produção escrita. Com tal obra, Moniz Bandeira não se converteu em um intelectual, estava longe de tal condição. No entanto, o aparecimento de tal título expressa um passo importante nessa direção. Adentrava mais fortemente em um âmbito que para ser reconhecido como tal tinha que apresentar certas exigências.

Capítulo I. Juventude em Salvador

Luiz Alberto Moniz Bandeira²¹ nasceu em 30 de dezembro de 1935 em um sobrado no bairro de Nazareth²² em Salvador, Bahia. Era filho de uma elitizada família regional. Entre seus parentes, havia um governador da Bahia, Antônio Ferrão Moniz de Aragão, que administrara o estado entre 1916 e 1920 e antes fora senador. Os outros senadores da Bahia na década de 1910 foram Ruy Barbosa e Antônio Moniz Sodré de Aragão, sendo este também parente de Moniz Bandeira.²³ Seu pai, Custódio, era formado em Engenharia e trabalhava como um alto funcionário público do Departamento de Terras e Proteção à Natureza da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio da Bahia.²⁴ Em uma sociedade com profundas desigualdades e permeada por uma forma de sociabilidade regida por privilégios de classe, a origem familiar não é algo a ser desconsiderada quando se defronta uma personagem. Um sobrenome produz muitas coisas para um indivíduo; nunca é somente um substantivo quando se origina dos lugares certos. Está diretamente associado à consagração, a abertura de oportunidades, incontornáveis. Ouvia-se Luiz Alberto e em seguida ouvia-se uma referência a uma tradicional família com expressivo capital econômico e social. O próprio ato de nascimento de Moniz Bandeira oferece indicativos da sua posição social. O jornal da cidade noticiou o seu nascimento.

O lar feliz e abençoado de nosso distinto conterrâneo, sr. Custódio Ferreira de Vianna Bandeira e de sua exma. e virtuosa esposa d. Ophelia Moniz Dias Lima Bandeira acha-se, desde ontem, repleto de justas alegrias, com o nascimento de seu gracioso e robusto primogênito, que tomou o nome de Luiz Alberto²⁵

²¹ Seu nome completo registrado em cartório era Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira. Luiz Alberto Moniz Bandeira foi o nome que se tornou conhecido, pois assim assinava os seus livros.

²² “Nazareth” na ortografia antiga, ou “Nazaré” como se escreveu depois, é um termo um pouco ambíguo, às vezes utilizado para designar apenas a região em torno do Jardim de Nazaré em um dos extremos da Avenida Joana Angélica, outras vezes em sentido mais amplo que abrangia toda a Avenida Joana Angélica. No sentido amplo, “Nazaré” incluía o Desterro e até mesmo a Saúde. É só nesse sentido amplo que se pode dizer que Moniz Bandeira era de Nazaré. No sentido estrito, ele era da área em frente ao Colégio Central, que fica distante do Jardim de Nazaré e mais próxima do Jardim da Piedade (o outro extremo da Avenida Joana Angélica, oposto ao Jardim de Nazaré). Todavia, a praça em que fica o Central, o Desterro e a Saúde eram áreas relativamente próximas entre si.

²³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Resumo genealógica. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira. ARAGÃO, Antonio Ferrão Moniz de. *A Bahia e os seus Governadores na República*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1923, p. 599.

²⁴ Relato de Maria da Conceição Moniz Silva em 2018.

²⁵ S. A. Nascimento. Arquivo pessoal de Elias da Rocha Barros, São Paulo. Provavelmente a chamada origina-se do tradicional jornal *A Tarde*, no entanto não há como saber uma vez que o recorte está sem nenhuma identificação.

O Brasil possuía baixíssimas taxas de alfabetização no período, aproximadamente 65% da população com até 15 anos era analfabeta no ano de 1940.²⁶ Ter o privilégio de transpor as barreiras da formação básica significava alcançar possibilidades facilitadas de ocupar alguns cargos públicos e/ou profissões liberais. Trata-se do exato caso do jovem Moniz Bandeira. Frequentou algumas instituições educacionais de Salvador, sendo instrumentalizado com operações cognitivas básicas, raras naquele contexto. Sua primeira escola foi o Lyceu Salesiano, situado na Praça Conselheiro Almeida Couto, instituição ligado à Igreja Católica. Contudo, pouco relevância tal espaço tem para sua trajetória dentro de um espectro que vá além do domínio de habilidades do currículo educacional. O local de aprendizagem mais importante certamente foi o Colégio Estadual da Bahia, situado na Praça Carneiro Ribeiro, onde fez o Clássico entre 1952-1954.²⁷ O Colégio Central, como é informalmente chamado pelas ruas de Salvador, coloca-se como uma das instituições escolares mais antigas do Brasil, tendo sido fundado em 7 de setembro de 1837. Nesse ambiente, Moniz Bandeira cursou as seguintes disciplinas: português, latim, francês, matemática, história geral, geografia geral, desenho, música e trabalhos manuais. Comportou-se como um aluno mediano, alcançando notas razoáveis, não obstante algumas vezes matasse aulas com a sua prima e colega Maria da Conceição Moniz Silva.²⁸

A relevância desse colégio para a biografia de Moniz Bandeira coloca-se nos primeiros acúmulos de capital social e educacional realizados dentro de suas paredes. Foi ali que seu mundo começou a se tornar um pouco mais amplo, deixando de interagir exclusivamente com familiares. Deu os primeiros passos rumo a maturidade. O jovem começou a relacionar-se com outras personagens que com ele estariam concatenadas no futuro, possibilitando a abertura de portas. Para se ter uma dimensão da relevância desse espaço, algumas pessoas que também frequentaram a instituição foram Cid José Teixeira Cavalcante, Raimundo de Oliveira Borges, José Júlio de Calasans Neto, Antônio Carlos Magalhães, Carlos Marighella, Maurício Grabois, Jacob Gorender,

²⁶ BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. *Revista online de Gestão Educacional*, v. 21, n. 1, 2017, p. 26.

²⁷ Sobre o período de permanência de Luiz Alberto Moniz Bandeira no Central da Bahia, foi consultado a sua pasta de aluno no Arquivo do Colégio Estadual da Bahia, em Salvador.

²⁸ Sobre as disciplinas cursadas, fichas de Luiz Alberto Moniz Bandeira no arquivo do Central da Bahia. Sobre a conduta do estudante, relato de Maria da Conceição Moniz Silva em 2018.

Waly Salomão, Carlos Nelson Coutinho etc.²⁹ Jovens e futuros poetas, intelectuais, políticos, militantes que transitaram pelos mesmos corredores.

A relação professoral também deve ser considerada nesse momento de formação de Moniz Bandeira. Pois, trata-se de tutores que pela primeira vez rompem o paradigma familiar em uma relação de maioridade. São os primeiros exemplos de admiração que estão além das figuras do pai e da mãe. Entre os professores de Moniz Bandeira, houve dois intelectuais que constantemente mencionou como referências: o geógrafo Milton Santos e o historiador Luis Henrique Dias Tavares.³⁰ Tais escritores, que se tornariam importantes intelectuais – o primeiro reconhecido pelos seus estudos na geografia humana e o segundo por suas investigações da história da Bahia – passaram pelas salas do Colégio Central formando gerações.

Nesses primeiros estudos, emergiram dois interesses fundamentais do moço Moniz Bandeira. Essas curiosidades modulariam os seus próximos anos, oferecendo um roteiro no gasto de seu tempo: a faceta de *jovem poeta* e de *militante político*. Mostra-se interessante que nos dois casos a ingerência familiar foi incontornável. Sem tais parentes não haveria possibilidade de percorrer os itinerários optados.

Em 1952, quando Moniz Bandeira transitava entre os 16 e 17 anos, o jovem alcançou um tipo de maturidade que o fez deixar de ser um receptor cultural, pelo menos segundo os critérios de sua prima Isa Moniz. Luiz Alberto mantinha o costume de escrever cadernos com comentários literários e poesias. Após realizar uma visita domiciliar, sua prima tomou contato com esses escritos e elaborou um projeto. Isa Moniz, mulher formada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, optou por lhe levar para colaborar no tradicional periódico de Salvador *Diário da Bahia*. A moça começara a redigir nesse meio de imprensa porque, entre 1949 e 1954, trabalhara como locutora em duas rádios locais (Excelsior e Sociedade da Bahia) e conquistara algum capital social entre os proprietários de meios de comunicação e artistas da cidade. Condição que lhe abriu portas no periódico. No *Diário da Bahia*, “escrevia sobre o mundo glamoroso do rádio [...] e sobre artistas iniciantes como

²⁹ Informações passadas por Jonildo Bacelar por e-mail em 10/10/2017. Trata-se do documento “Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado da Bahia. Central Completa 178 anos promovendo protagonismo juvenil”.

³⁰ Moniz Bandeira também recordou de outros professores: “Aqui, na Bahia, onde fui aluno de excelentes mestres – meu saudoso amigo Milton Santos, Luis Henrique Dias Tavares, Acácio Ferreira, Galásio Farias e Sócrates Marback”. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Discurso Doutor h. c. UFBA, 2009, p. 2. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Gilberto Gil, João Gilberto e Batatinha. Assinava, também, uma coluna semanal feminina, falando da moda, beleza e afins”.³¹

Fundado em primeiro de janeiro de 1856 por Demétrio Ciríaco Tourinho e Manuel Jesuíno Ferreira, o *Diário da Bahia* era uma histórica publicação que longamente se colocou como porta voz do Partido Liberal em Salvador. Nas suas páginas, colaboraram escritores consagrados como Ruy Barbosa – que chegou a ser seu diretor –, Rodolfo Dantas, Sátiro Dias, Belarmino Barreto, Manuel Vitorino Pereira, Augusto Guimarães e Xavier Marques. Obtivera o ápice do seu prestígio durante o Império, todavia passou por diversas crises e interrupções de impressão na República. O definitivo colapso ocorreu em 30 de maio de 1957, quando saiu do prelo pela última vez após 80 anos de existência.³²

No princípio dos anos 1950, o *Diário da Bahia* encontrava-se com as suas atividades interrompidas. Situação que mudou nos fins de 1951, quando foi reativado pelo PSD da Bahia, tendo à frente Tarcilo Vieira de Melo como o diretor. Tal homem foi uma personagem de grande importância na história política da Bahia do século XX, sendo eleito deputado, assumindo pastas no executivo e chegando a ser candidato a governador. Durante os mandatos dos governadores Otávio Mangabeira e Luís Régis Pacheco, Melo atuou como Secretário da Educação e Saúde, estando portanto presente no estado na época que Luiz Alberto começou a escrever no *Diário da Bahia*.³³

A coordenação de Melo expressava-se somente nas decisões fundamentais uma vez que o seu cargo e a sua carreira como figura pública tomavam-lhe uma parcela substancial de tempo. A cabeça do jornal, os seus verdadeiros administradores já que lá estavam cotidianamente, eram Octacílio Lopes e Aderbal Ribeiro Costa, esse como redator-chefe e este como gerente. Vieira de Melo trouxe-os porque desejava instituir jovialidade e experiência administrativa à publicação. Quando Lopes assumiu o cargo não possuía 30 anos, enquanto que Costa era uma figura mais experimentada. Ocupara a direção de dois jornais de Salvador (*Diário de Notícias e Estado da Bahia*) pertencentes aos *Diários Associados* e era de uma família com tradição jornalística, o que lhe fazia

³¹ PEREIRA, Ana Cristiana. Histórias de uma mulher à frente de seu tempo. *Correio da Bahia*, Salvador, 16 de março de 2000, p. 3. Arquivo de Geraldo Moniz.

³² SAMPAIO, Consuelo Novais. *Diário da Bahia*. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

³³ CPDOC. Tarcilo Vieira de Melo. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

conhecer o meio. Seu irmão, Adroaldo, era um cronista aclamado e reconhecido na cidade pelo seu programa na rádio *A Hora da Criança*.³⁴

Isa e Luiz Alberto foram dois colaboradores incorporados ao editorial na tentativa de rejuvenescimento. Das mãos de sua prima, o jovem Moniz Bandeira recebeu a coluna *Letras e Artes* na qual lançou ao público os seus primeiros textos. Na parte da manhã, fazia o curso Clássico no Colégio Estadual da Bahia e, no período da tarde, dirigia-se para a prensa na rua Carlos Gomes. Naquele momento, ao começar a ocupar espaço dentro do jornal, ocorreu um outro salto qualitativo na condição de Moniz Bandeira. Há uma expansão na esfera de contatos e na forma de relações que desenvolvia até então. O seu mundo dilatou-se. Dialogaria com diversas figuras e os seus escritos estariam dispostos à prova. As pessoas lê-lo-iam. Tal desdobramento teria uma série de consequências.

Na sua coluna no *Diário da Bahia*, principiou um processo de publicação semanal. Seriam três anos dentro do jornal (1952-1955), utilizando a pena de diversas maneiras. No primeiro momento, trataria fundamentalmente de assuntos literários e filosóficos, somente mais tarde o seu leque de temáticas expandir-se-ia. Contudo, não desenvolveria apenas comentários, disporia também as suas primeiras poesias ao público e elaboraria entrevistas com os escritores tradicionais da cidade.

No *Diário da Bahia*, Moniz Bandeira dialogou e forjou contatos enquanto produzia as suas colaborações. Relacionou-se com diversos escritores: Elpídio Bastos, João Moniz Barreto de Aragão, Camilo de Jesus Lima, José Luiz de Carvalho Filho e Arthur de Sales.³⁵ Todos eles cruzaram e interagiram com Luiz Alberto de maneiras variadas. Todavia, os três últimos foram os mais importantes uma vez que bancaram a sua carreira, tecendo elogios publicamente, indicando-lhe obras e oferecendo conselhos no recorte da métrica. Ter a chancela dessas pessoas constituíam-no de uma legitimidade que o autorizava como poeta e jornalista, algo fundamental para um principiante.

O vice-presidente da Academia de Letras da Bahia José Luiz de Carvalho Filho era um desses autores. Carvalho Filho foi um advogado que fez carreira dentro do judiciário baiano, além de lecionar na Universidade Católica de Salvador. Tornou-se procurador, desembargador, presidente do Tribunal de Justiça e Secretário de Justiça do

³⁴ COSTA, Aramis Ribeiro. A Crônica de Adroaldo Ribeiro Costa. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 56, 2018, p. 15.

³⁵ MALDONADO, Luccas Eduardo; et al. Entrevista: Luiz Alberto Moniz Bandeira. *Epígrafe*, São Paulo, v. 4, 2017, p. 208.

estado. Uma coleção de cargos de notável prestígio. A prática literária também era palco de suas atenções. Desde primeira hora, estava inserido nas experimentações modernistas da Bahia na revista *Arco & Flexa*, juntamente com Eugênio Gomes, Pinto de Aguiar, Eurico Alves, Hélio Simões, Godofredo Filho e Carlos Chiacchio. Possui muitos livros editados, entre eles *O Deserto e a Loucura*³⁶, no entanto a maior parte de sua obra está publicada em periódicos.³⁷

Na livraria Civilização Brasileira, situada na Rua Chile, os dois reuniam-se de tempos em tempos para conversar. A relação não era simplesmente uma amizade, configurava-se algo mais profundo: uma postura de professor e aprendiz. A diferença de quase 30 anos impunha a forma. O mais velho, que usava terno branco como convinha ao seu ofício, e o mais novo, de calça e camisa sem gravata – em um intento de dandismo –, encontravam-se nos balcões da loja para dialogar, ou melhor, para Luiz Alberto ouvir os conselhos e as ponderações do autor mais experimentado.³⁸ O mundo literário de Salvador tinha aquele espaço como o seu epicentro. Um lugar obrigatório para todos aqueles que desejavam lançar uma obra, comprar um título das editoras do Sul ou interagir com a inteligência artística da cidade tomando alguma coisa no café Adamastor que estava logo à frente. Ali passaram Jorge Amado, Zélia Gattai, João Ubaldo Ribeiro e outros.

A primeira publicação da vida de Luiz Alberto deu-se em 28 de junho de 1952, quando iniciou a circulação de sua coluna *Letras e Artes*. No seu corpo, não assinava com o seu nome completo, apenas rubricava “M. B.” – costume que mudaria mais tarde, provavelmente pelo acúmulo de confiança, encerrando então com Moniz Bandeira. O primeiro texto que produziu para essas linhas intitulou-se “Carvalho Filho”. O começo da escrita, de saída, remetia ao seu professor. O que não se mostra possível responder é se o relacionamento dos dois era pretérito à publicação ou a partir de então houve o acercamento. Independentemente da resposta, nesse texto o jovem teceu um elogio considerável ao poeta, reconhecendo-lhe a capacidade de construção de imagens elaboradas, a tanger admiravelmente a vida, a morte, o amor e outras temáticas

³⁶ CARVALHO, José Luiz de Filho. *O Deserto e a Loucura*. Salvador: Edições Macunaíma, 1976.

³⁷ RAMOS, Luis Antonio Cazajeira. Carvalho Filho – Vida e Obra. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/carvfilho.html>>. Acessado em 18/7/2018.

³⁸ Relato de Altamirando Borges Camacam em 2018.

abstratas. No encerrar, taxa-lhe como “uma das joias raras que abrilhantarão a atual literatura brasileira”.³⁹

Uma pessoa que igualmente influenciou Luiz Alberto nesses primeiros momentos foi, o também imortal da Academia de Letras da Bahia, Artur de Sales. Escritor de mais idade, acabou por conviver por menos tempo com o rapaz, somente os seus últimos anos. No entanto, isso não quer dizer que sua influência tenha sido menor, na verdade o marcou expressivamente. Poeta simbolista e tradutor, Sales interagiu com ele de diversas maneiras quando se encontravam na Biblioteca Pública de Salvador. Em uma oportunidade, aconselhou os rumos da leitura recomendando os surrealistas franceses Paul Éluard e Louis Aragon.⁴⁰ Em outra ocasião, dialogaram sobre o bardo inglês, William Shakespeare, autor que Sales mantinha razoável conhecimento e admiração, já que traduzira *Macbeth*.⁴¹ Ao observar-se a própria obra poética de Moniz Bandeira, é possível notar a presença de algumas matizes simbolistas, principalmente a invocar a cor branca em condições de admiração. Existe uma dimensão de presença de Sales no jovem Moniz Bandeira.⁴² A conexão entre eles fora anterior a 1952. Dessa forma, quando Luiz Alberto começou a colaborar no *Diário da Bahia*, Sales já acompanhava os seus passos havia algum tempo. Todavia, pouco pode observar a progressão dos seus escritos. A segunda publicação do rapaz, em 29 de junho, noticiava o falecimento do poeta.⁴³ A quinta, por sua vez, também volvia ao antigo mestre, porém dessa vez para criticar os que pretendiam tomar o seu lugar na Academia de Letras da Bahia.⁴⁴

Camilo de Jesus Lima juntamente com Carvalho Filho e Sales eram os principais influenciadores no âmbito das artes de Moniz Bandeira naquele momento. Todavia, enquanto é possível ver certas semelhanças entre os primeiros, mais preocupados com o arranjo e a métricas das palavras, Lima colocava-se como um poeta de outras linhagens, voltando-se expressivamente para a tarefa de conjugar as problemáticas sociais com a

³⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Carvalho Filho. *Diário da Bahia*, Salvador, 28 de junho de 1953, p. 7.

⁴⁰ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

⁴¹ SHAKESPEARE, William. *Macbeth; Rei Lear*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948.

⁴² Sobre isso, cf. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 36; *Verticals*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959, p. 3.

⁴³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Arthur de Sales. *Diário da Bahia*, Salvador, 29 de junho de 1952, p. 7.

⁴⁴ “essas eleições para as Academias de Letras se assemelham a luta de lobos, querendo-se devorar uns aos outros para ocupar as vagas acadêmicas. Dizem que certas pessoas pedem votos desde que sabem que o acadêmico está nas últimas horas de vida, e daí por diante começam a rondar a casa do agonizante, como urubus que sobrevoam o animal moribundo, esperando a carniça”. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Cadeira n. 3. *Diário da Bahia*, Salvador, 10 de julho de 1952, p. 7.

construção dos versos. Passando boa parte da sua vida em Vitória da Conquista, cidade de segunda ordem no estado da Bahia, Lima foi um pequeno funcionário público que se dedicou a escrever sobre as mazelas do povo. Na juventude, observou a passagem da Coluna Costa-Prestes e se impressionou com a figura Luís Carlos Prestes, dedicando mais de uma vez escritos para essa personagem. Prestes sofreria diversas transformações políticas nos anos seguintes, convertendo-se na principal liderança do PCB. Lima realizou um caminho semelhante, tornando-se igualmente um comunista.⁴⁵

As problemáticas sociais foram a sua principal temática ao longo da vida em seus sete livros publicados. Chegou a trabalhar em dois jornais em Salvador (*A Tarde* e *Diário da Bahia*) nos anos 1950, jornais esses que Moniz Bandeira concomitantemente também trabalhou, sendo provavelmente desse contexto a origem da conexão entre eles, a qual se manteve por um longo período. A questão é que repetidamente Luiz Alberto escreveu sobre e interagiu com Camilo de Jesus Lima, redigindo de maneira elogiosa e com ele fazendo entrevistas.⁴⁶ Certamente o rapaz cultivava admiração para as preocupações sociais que Lima apresentava em suas poesias. Orientação, embora secundário naquele momento de sua vida, que manteve permanentemente.

Os caminhos dessa conexão derivavam-se em grande medida de um capital social que Luiz Alberto trazia tacitamente conjugado. Há diversos membros de grande importância para a sociedade baiana entre os seus familiares, porém um dos seus parentes tivera grande prestígio com os escritores de Salvador. O avô de sua prima Isa, Egas Moniz, fora um homem central na geração de intelectuais do limiar do século XIX para o XX na Bahia. Egas, mais conhecido por seu pseudônimo Pethion de Villar, era um médico de formação que se notabilizou por seus conhecimentos de línguas estrangeiras, especialmente francês e alemão, e por suas poesias. A nomeação para uma cadeira quando a Academia de Letras da Bahia instalou-se em 1917 foi um indicativo desse prestígio. Homem múltiplo, foi professor do Ginásio da Bahia e da Faculdade de Medicina da Bahia, além de diretor de importantes publicações, como a *Revista do Grêmio Literário* e o jornal *Diários de Notícias*. Sua importância literária refletia-se na

⁴⁵ Sobre a trajetória de Camilo de Jesus Lima, cf. MEIRA, Esmeralda Guimarães. Um lugar para o poeta baiano Camilo de Jesus Lima: entre nós. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 3, n. 1, 2010.

⁴⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A Poesia e o Poeta devem ser atuais e surpreender! *Diário da Bahia*, Salvador, 4 de janeiro de 1953, p. 7. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A poesia de Camilo Jesus de Lima. *A Tarde*, 7 de julho de 1955, p. 7.

sua correspondência cultivada com personagens que iam de Euclides da Cunha a Émile Zola.⁴⁷

Dessa forma, nas interações com Luiz Alberto quase sempre se estava em jogo uma percepção de que ele não era simplesmente um rapaz, entretanto um rapaz originário da família do antigo governador Moniz Aragão, do poeta Pethion de Villar e de alguns outros notáveis. Via-se um pouco, indiretamente, tais personagens em sua pessoa e isso lhe auxiliava na abertura de possibilidades. Percepção que inclusive era reforçada e reelaborada pelo próprio Luiz Alberto nas oportunidades que redigiu a respeito de Egas e outros parentes no *Diário da Bahia*.⁴⁸ Por exemplo, parte da estima que Artur Sales cultivou para com ele, estava ligada ao carinho e as relações que mantivera com Egas Moniz. Ambos foram expoentes da recepção do simbolismo na Bahia, colaborando nas mesmas publicações. A própria entrada de Luiz Alberto no *Diário da Bahia* vinculou-se parcialmente a essa conexão uma vez que o redator-chefe do jornal, Octacílio Lopes, fora aluno de Egas no ginásio e na Faculdade de Medicina da Bahia. A grande consideração que mantivera pelo mestre refletiu-se na chancela da entrada dos seus descendentes, Isa e Luiz Alberto.⁴⁹

1.4 Virada Política

O interesse político precocemente esteve em Moniz Bandeira e tal característica expressou-se nos textos que redigiu para o jornal. Mostra-se interessante que no seu acervo de trabalhos jornalísticos dispõe-se dois polos temáticos. Por um lado, aloca-se uma atenção frequente para o modernismo, tanto o nacional, quanto o europeu. Por outro, arranja-se um olhar para a política, contudo em uma dimensão precisa. O rapaz atentava-se para autores clássicos que a pensaram como problemas filosóficos e literários.

No entanto, o garoto naquele momento não se dispunha a redigir sobre as diversas tensões que envolviam a política nacional e regional. Nesses anos iniciais, seu horizonte de escrita remetia aos séculos pretéritos, somente mais tarde ocorreria uma virada para o tempo presente. Isso não quer dizer que não observasse um cotidiano

⁴⁷ Para um estudo biográfico de Egas Moniz Barreto de Aragão, cf. VEIGA, Claudio. *O poeta Pethion de Villar: uma figura romanesca*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁴⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Letras Baianas. *Diário da Bahia*, Salvador, 3 de agosto de 1952, p. 1. _ . A Visão Política de Pethion de Villar. *Diário da Bahia*, Salvador, 1 de novembro de 1952, p. 7.

⁴⁹ Idem., p.164-165.

debate sobre essas questões. A Bahia do Estado Novo e da 4ª República era um ambiente envolto de disputas nas quais Getúlio Vargas e suas influências sempre estavam postas, tendo a linhagem de Moniz um papel frequente nesses enfrentamentos. A família de Luiz Alberto era uma aliada histórica de José Joaquim Seabra, oligarca regional que fora governador do estado no início da década de 1910 – seu sucessor no executivo seria Antonio Moniz.⁵⁰ Com a Revolução de 1930, Seabra e seus correligionários apoiaram Getúlio Vargas, esperando ser recompensados. A chapa que derrotara Vargas antes do levante, encabeçada por Júlio Prestes, mantivera entre seus membros um vice que era opositor a Seabra. Tratava-se do então governador da Bahia Vital Soares, ligado a outra família da oligarquia regional, os Goes Calmon. Em consequência da ríspida conduta ao seu governo, que junto de São Paulo marca os dois estados mais antagonistas ao novo presidente, Vargas decidiu nomear um interventor na Bahia extremamente alinhado com suas pretensões. Nessa esteira, o tenente Juracy Magalhães foi indicado, acarretando o profundo desagrado das oligarquias regionais, entre elas a dos Seabras. Com tal opção, estabeleceu-se o “autonomismo”, movimento das famílias abastadas estaduais que não acatavam a ingerência do governo federal ou outra instância exógena na Bahia, sendo a família Moniz um dos seus adeptos, embora de segunda hora.⁵¹ Moniz Bandeira cotidianamente ouvia a respeito desses acontecimentos e de seus desdobramentos, mas não se sentia ainda disposto a ponderar nos jornais.

O primeiro texto jornalístico de Moniz Bandeira sobre política era uma breve consideração sobre o Café Procope, onde diversos intelectuais franceses encontravam-se durante a Revolução Francesa para debater e dialogar.⁵² Emerge então nos seus escritos uma fixação constante por autores iluministas e críticos sociais contemporâneos. Nessa esteira, Lord Byron⁵³ seria de longe a sua mais constante referência. Em algumas publicações, os dois polos de redação confundiam-se, explorando as críticas que alguns autores modernistas conceberam aos problemas sociais do século XX. Federico García Lorca foi mais de uma vez requisitado de tal maneira, sendo personagem comum de

⁵⁰ ARAGÃO, Antonio Ferrão Moniz de, op. cit., 1923, p. 599.

⁵¹ RISÉRIO, Antonio. *Uma história da Cidade da Bahia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004, p. 484-489.

⁵² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Café Procope. *Diário da Bahia*, Salvador, 5 jul. 1952, p. 7.

⁵³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Ideologia de Byron. *Diário da Bahia*, Salvador, 27 ago. 1952, p. 7. _ . Caim... Justificação e Revolta. *Diário da Bahia*, Salvador, 2 set. 1952, p. 7. _ . Lord Byron e os poetas brasileiros. *Diário da Bahia*, Salvador, 22 nov. 1952, p. 7.

suas atenções.⁵⁴ A curiosidade pelo poeta revolucionário espanhol seria muito presente em Moniz Bandeira nesse momento, fazendo-lhe preservar as suas *Obras Completas* em sua biblioteca pessoal.⁵⁵

Coloca-se relevante que Moniz Bandeira não cultivava então atenção para o conjunto de autores que Antonio Candido de Mello e Souza definiu como “Intérpretes do Brasil”, pelo menos isso não se explicitava em seus textos. O estudioso das Letras ponderou que, para sua geração, homens nascidos nas primeiras décadas do século XX, os escritos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior foram um itinerário fundamental para aprender e interpretar a realidade brasileira.⁵⁶ Em grande medida, eram caminhos incontornáveis que ainda não despertavam a atenção do jovem.

Todavia, há de se considerar que tal bibliografia destacada pelo crítico literário se refere a uma espécie de circuito bibliográfico e intelectual ligado fundamentalmente ao Sudeste. Esses textos eram considerados em grande medida referências comuns de homens de cultura que habitavam São Paulo e Rio de Janeiro. Estariam nas mãos de acadêmicos da USP e da Universidade do Brasil. Seriam postos nas livrarias desses estados. As editoras paulista e carioca, José Olympio e Companhia Editora Nacional, que publicavam os livros de Freyre, Holanda e Prado Júnior oferecem uma indicação de onde era o seu espaço fundamental de circulação.

Quando Moniz Bandeira se deslocasse ao Rio de Janeiro, defrontar-se-ia mais diretamente com tal acervo de livros. Em Salvador, sua formação cultural se elaborava fundamentalmente nos autores constantemente rememorados por seus pares. Trata-se de um conjunto de nomes nacionais e estrangeiros que circunscrevem fundamentalmente a literatura e a filosofia. As Ciências Sociais davam seus primeiros passos no Brasil, somente mais tarde adentraria a cultura de Salvador. Seus escritos de juventude, os quais fazem rápidas considerações a respeito de um conjunto desses autores literários e filósofos, são a expressão latente desse processo formativo.

Os interesses políticos de Moniz Bandeira, todavia, não se resumem a curiosidades exclusivamente derivadas do passado. Existe uma fundamental característica social nessa relação que se desdobrou de caminhos curiosos. Moniz Bandeira possuía dois grandes amigos de sua idade com os quais convivía e estudava no

⁵⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Garcia Lorca – mártir do socialismo. *Diário da Bahia*, Salvador, 2 set. 1952, p. 7.

⁵⁵ Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2018.

⁵⁶ MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. “O significado de ‘Raízes do Brasil’”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9-24.

Central da Bahia. Tratam-se de João Eurico Matta⁵⁷ e Paulo Fernando de Moraes Farias.⁵⁸ Grupo que habitava a Avenida Joana Angélica ou suas proximidades no Bairro de Nazareth, não havendo mais de 100 metros de distância entre as residências.⁵⁹

Uma questão importante nessa relação é a influência do pai de João em Moniz Bandeira, Edgard Matta, importante advogado criminalista que fora uma figura central na Bahia nos anos 1930 e 1940. Em 1935, durante o governo do interventor Juracy Magalhães, Matta organizou estadualmente a ANL, sendo o seu presidente regional.⁶⁰ A ANL defendia um processo de modernização antifeudal e anti-imperialista da sociedade brasileira e se fixava como oposição ao movimento integralista que estava crescendo no país.⁶¹ Entre seus membros, havia um conjunto expressivo de comunistas, por exemplo o Presidente de Honra e o Presidente da Seção de São Paulo eram respectivamente Luís Carlos Prestes e Caio Prado Júnior.⁶²

A organização, que se constituía como uma frente, uma tentativa de mobilizar diversos espectros sociais para um fim comum, mantinha uma grande parcela de membros originários da classe média, caso preciso de Matta. Contudo, não obstante Getúlio Vargas dissolve-se a ANL em julho de 1935, os movimentos de oposição ao seu governo não se encerraram. Matta preservou uma posição crítica ao Estado Novo, participando das campanhas democráticas, e defendeu a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, sendo preso por causa do primeiro posicionamento.⁶³ Nesse período, tratando-se de um exímio orador, diversas vezes multidões reuniram-se na frente do sobrado de Edgard Matta para ouvi-lo. Em uma dessas oportunidades, o pequeno Luiz Alberto observou Matta pronunciando-se acerca

⁵⁷ João Eurico Matta atualmente é docente aposentado na UFBA.

⁵⁸ Médico e historiador, Paulo Fernando de Moraes Farias é atualmente professor na Universidade de Birmingham na Inglaterra. Trata-se de um dos mais importantes africanistas brasileiros.

⁵⁹ Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2018.

⁶⁰ “Conforme fora anunciado no Diário da Bahia. O diretório composto pelos advogados Edgard Matta (presidente), Cantídio Teixeira (vice-presidente), o engenheiro Valle do Cabral (secretário geral), doutorando Fernando Marques dos Reis (sub-secretário) e Lourival Nascimento (tesoureiro)”. PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: A Aliança Nacional Libertadora e a Política Brasileira 1934-1937*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

⁶¹ “Autodefinindo-se como ‘uma vasta e ampla organização de frente única nacional’, a ANL propõe em seu programa: a) cancelamento das dívidas para com os países imperialistas; b) a defesa das liberdades individuais e a luta contra o fascismo; c) a entrega dos latifúndios aos trabalhadores do campo; d) a liquidação das relações feudais e semifeudais. SAES, Décio. “Classe Média e Política no Brasil. 1930-1964. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996, p. 497.

⁶² PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 100.

⁶³ FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*. 2ª ed. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000, p. 28.

de fatos políticos recentes diante de um público que carregava retratos de Prestes e Stalin.⁶⁴

Houve outro evento de expressiva relevância nesse sentido. O primeiro contato que Moniz Bandeira teve com o comunismo deu-se na casa de Edgard Matta em 1950. Nesse momento, o antigo militante afastara-se da atividade política direta, dedicando-se exclusivamente a sua carreira de jurista e docente, após não ter se eleito deputado constituinte em 1945 pelo PCB.⁶⁵ Na biblioteca de Matta, Moniz Bandeira vislumbrou o livro *O Poder Soviético* do Deão de Canterbury Hewlett Johnson e o pediu emprestado, não tendo restrições.⁶⁶ Não houve indicação por parte alguma; a iniciativa simplesmente partiu do jovem que se interessou pela obra.⁶⁷ Com suas mais de 400 páginas, *O Poder Soviético* foi uma tentativa de aproximação do mundo ocidental cristão com o que estava configurado na URSS. Uma leitura profundamente simpática, apologética, da realidade russa e ao mesmo tempo a apresentação de um projeto político internacional, pois concebe que a derrota do nazismo estaria associada à composição de uma aliança entre a Inglaterra, os Estados Unidos da América e a União Soviética. *Best-seller* na Inglaterra, lá publicado com o título de *The Socialist Sixth of the World*,⁶⁸ rapidamente foi trazido para o Brasil pela editora simpática ao PCB Calvino, tendo sua primeira edição em 1943 e uma reimpressão em 1945. Na ocasião, o texto foi utilizado como propaganda para incentivar a tomada de posição de Getúlio Vargas em prol da entrada na guerra contra o Eixo.

A questão é que *O Poder Soviético* marcou Moniz Bandeira, compondo em sua pessoa uma estima, tanto pelo projeto soviético, quanto pelas suas figuras centrais. O jovem, assim, acabou por comprar algumas noções propagandísticas a respeito da URSS e de Stalin, essas derivadas em grande medida das políticas de culto à personalidade promovidas no Brasil pelo PCB. Há de se considerar também que a presença desse partido na Bahia naquele momento era expressiva. Diversos nomes vitais do Partido na Quarta República (1945-1964), que inclusive compuseram o Comitê Central, originaram-se daquele estado e lá atuavam frequentemente, entre eles Carlos Marighella, Jacob Gorender, Jorge Amado, Mário Alves e Giocondo Dias. Marighella, por exemplo, fora eleito deputado constituinte pela Bahia em 1945. No Colégio Central,

⁶⁴ MALDONADO, Luccas Eduardo; et al, op. cit., 2017, p. 211-212.

⁶⁵ FALCÃO, João, op. cit., 2000, p. 272.

⁶⁶ JOHNSON, Hewlett. *O poder soviético*. Rio de Janeiro: Calvino Limitada, 1943.

⁶⁷ MALDONADO, Luccas Eduardo; et al, op. cit., 2017, p. 211-212. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Lenin: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 10.

⁶⁸ JOHNSON, Hewlett. de *The Socialist Sixth of the World*. London: Victor Gollancz, 1939.

a atuação dos militantes do PCB também era constante, sempre compondo chapas para disputar o grêmio. A percepção de Moniz Bandeira sobre a URSS era indireta e distante, originava-se da intermediação de um entusiasta do “socialismo real”; o jovem não teve oportunidade de confrontar um teórico marxista ou um historiador especializado na temática, mas sim um divulgador profundamente engajado com a causa soviética. Todavia, logo tomaria formas extremamente distintas.

1.5 Trotskismo

No princípio de 1951, Edmundo Moniz foi visitar a família em Salvador. Edmundo era filho do advogado Antonio Moniz, integrante da elite política baiana que fora senador da República durante a década de 1920.⁶⁹ Naquela oportunidade, conheceu o sobrinho que desenvolvia os seus primeiros pensamentos políticos. A dialogar com o garoto, ouviu-lhe dizer que Stalin era “o maior homem político contemporâneo”; inconformado contestou-lhe: “Por que diz isso? Trata-se de um carnicero”.⁷⁰ Menos de um ano depois do contato com o Deão de Canterbury, dava-se uma virada qualitativa. Começava um estágio trotskista em sua trajetória uma vez que foi amplamente convencido pelo tio. Conviveriam, a partir de então, os interesses literários e políticos, permeados pela presença intelectual de Edmundo.

Arma-se, assim, um trotskista sem trotskismo, devido a total inexistência dessa corrente em Salvador naquele período; mesmo mais tarde não chegaria a se ligar à organização da IV Internacional no Brasil, o POR.⁷¹ Moniz Bandeira conectou-se intelectualmente com a *primeira geração de trotskistas brasileiros*⁷² em uma relação de aprendizagem, assumindo algumas de suas posturas teóricas. Nessa formação, Moniz Bandeira apresentava-se como trotskista em Salvador, incitando diversos enfrentamentos.⁷³ Em uma dessas oportunidades, o jovem teve uma discussão com

⁶⁹ CORREIO DA MANHÃ. Falleceu, hontem, o ex-senador Antonio Moniz. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1931, p. 3.

⁷⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., p. 10. Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2018.

⁷¹ Sobre isso, cf. LEAL, Murilo. *À esquerda da esquerda. Trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2003. —. Idéias políticas e organização partidária do POR (1952-1964). *Cadernos AEL*, v. 12, n. 22/23, 2005.

⁷² KAREPOVS, Dainis; MARQUES, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 anos 1960*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 2007, p. 146-147.

⁷³ Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2017. Relato de Altamirando Camacam em 2018.

alguns colegas ligados à UJC no último ano do Clássico do Central da Bahia a respeito do caráter autoritário de Stalin e do centralismo democrático, armando-se para isso com o conhecido Testamento de Lenin no qual o líder bolchevique realiza algumas duras críticas a Stalin, recomendando aos altos dirigentes soviéticos a remoção do cargo do então Secretário Geral.⁷⁴

Na vida de Moniz Bandeira, mostra-se inquestionável que o seu maior influenciador, a pessoa que possui a presença mais profunda em seus caminhos, foi Edmundo Moniz. O primeiro livro que o tio entregou para Luiz Alberto foi uma coletânea de textos seus sobre artes e marxismo, *O Espírito das Épocas*.⁷⁵ Escritos esses que foram quase todos editados originalmente no jornal *Vanguarda Socialista*,⁷⁶ publicação na qual Edmundo colaborara.⁷⁷ Outra obra que presenteou o jovem foi *Minha vida* de Leon Trotsky.⁷⁸

Alguns escritos que Moniz Bandeira elaborou no *Diário da Bahia* portavam uma ingerência muito grande de seu tio no que se refere a literatura. Em *O Espírito das Épocas*, Edmundo, remetendo ao conceito *Zeitgeist*, realiza análises das obras de alguns autores, como Dante Alighieri e Johann Wolfgang von Goethe, em um prisma de

⁷⁴ MONIZ BANDEIRA, op. cit., 2017, p. 10-11.

⁷⁵ MONIZ, Edmundo. *O Espírito das Épocas*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1950.

⁷⁶ Segue um depoimento de Edmundo Moniz sobre o *Vanguarda Socialista* e sua atuação dentro da publicação, “Era um jornal formado por um grupo de socialistas, divergentes da política stalinista, ou seja, do Partido Comunista e do qual eu fui um dos diretores. Eu e Mario Pedrosa pertencíamos à direção. O jornal surgiu em 1945, era uma época em que havia terminado o Estado Novo e havia uma grande divergência doutrinária e política no mundo inteiro, inclusive entre as diversas facções no movimento socialista. Tinha o Partido Comunista, tinha o Partido Socialista, tinha a IV Internacional que era inspirada em Trotsky. Trotsky já havia morrido nesta época, mas o movimento que ele criara ainda existia e, embora o *Vanguarda Socialista* não fosse um jornal que estivesse na dependência de nenhuma organização, mantendo a sua absoluta autonomia ideológica e política, ele se distinguiu, ele era mais para a crítica à política stalinista. Era um jornal sem filiação nenhuma, uma tribuna aberta a todas as tendências que quisessem debater o problema relativo à Sociologia, a Economia, a Arte, as Letras, a todos ramos de atividade cultural. Evidentemente que seus dirigentes e seus colaboradores principais davam um determinado cunho ideológico a este jornal, mas isto não impedia que ela estivesse aberta a todos aqueles que quisessem discutir os problemas sociais e políticos. Eu escrevia sobre assuntos literários. Foi aí que eu escrevi uma série de trabalhos que mais tarde publiquei no livro *O Espírito das Épocas*, em 1950”. Tal depoimento de Edmundo Moniz foi dado na Funarte, no Rio de Janeiro, em 1980. Nessa instituição, pode-se consultar o relato transcrito.

⁷⁷ “De agosto de 1945 a maio de 1948, Mario Pedrosa liderou, no Rio de Janeiro, um grupo formado em grande parte por ex-trotskistas para editar o semanário *Vanguarda Socialista*, que acabou exercendo influência sobre um círculo de esquerda fora do Partido Comunista”; sobre os seus componentes, “Plínio Mello fornece a seguinte lista: Edmundo Moniz, Antonio Candido, Barreto Leite Filho, Hilcar Leite, Hélio Pellegrino, Arnaldo Pedroso d’Horta, Paulo Emílio Sales Gomes, os irmãos Abramo, Miguel Macedo, Azis Simão, Febus Gikobate, Freitas Nobre, Patrícia Galvão, Geraldo Ferraz, Luiz Alberto Bahia”. KAREPOVS, Dainis. *Pas de Politique Mariô! Mario Pedrosa e a Política*. Cotia: Ateliê, Fundação Perseu Abramo, 2017, p. 82.

⁷⁸ TROTSKY, Leon. *Minha vida*. São Paulo: Sudermann, 2017. MALDONADO, Luccas Eduardo; et al, op. cit., 2017, p. 211-212.

comparação texto-contexto. Nessa esteira, o veterano trotskista postula que todo escrito reflete o tempo no qual está inserido, desenvolvendo argumentos a partir de uma série de premissas marxistas definidas como “dialética da ficção”. Trata-se de uma abordagem que, exacerbando-se a dimensão do contexto, encerra uma série de problemáticas dos Estudos Literários, ao carecer de aprofundamentos sobre a estrutura narrativa. Moniz Bandeira inspirar-se-ia no seu tio e reproduziria esse formato em muitos de seus textos nas páginas do *Diário da Bahia*, fazendo emergir, assim, um crítico literário que em alguns momentos ponderava a respeito da disputa pela cadeira vaga na Academia de Letras da Bahia e em outros desenvolvia uma consideração sobre autores consagrados recorrendo conceitualmente a Lenin⁷⁹, Karl Marx⁸⁰ e outros interpretes marxistas.

Edmundo Moniz nasceu em Salvador, mas logo rumou para o Rio de Janeiro, devido à carreira política de seu pai, onde construiu boa parte de sua vida, atuando como jornalista, crítico de arte, chefe editorial do *Correio da Manhã* e diretor do Serviço Nacional de Teatro⁸¹ durante o administração de Juscelino Kubitschek. De forma semelhante ao sobrinho, porta uma trajetória na qual se confunde dimensões artísticas e políticas. Embora seja mais lembrado por ser um dos autores dos editoriais “Chega! Basta!” e “Fora!” publicados no *Correio da Manhã* na antessala do golpe de 1964,⁸² Edmundo Moniz teve uma expressiva biografia política. É uma figura importante na história das esquerdas brasileiras, especialmente nos desdobramentos da primeira geração trotskista. Fora um quadro da LCI em 1933, junto de Mario Pedrosa, Livio Xavier, Fulvio Abramo e Rodolfo Coutinho.⁸³ Além disso, traduziu um livro de Trotsky, *Da Noruega ao México: Os crimes de Stalin*⁸⁴ e prefaciou uma antologia

⁷⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Educação e Arte. *Diário da Bahia*, Salvador, 9 de setembro de 1952, p. 7.

⁸⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Ideologia de Byron. *Diário da Bahia*, Salvador, 27 de agosto de 1952, p. 7.

⁸¹ O Serviço Nacional de Teatro foi criado em 21 de dezembro de 1937 durante a administração de Getúlio Vargas. Sua função era estimular e financiar o teatro no Brasil. Foi uma das instituições constituídas pelo ministro da Educação e Cultura Gustavo Capanema. Sobre isso, cf. CAMARGO, Angélica Ricci. Arquivos institucionais e a história do teatro no Brasil: o caso do Serviço Nacional de Teatro. *Revista Sala Preta*, vol. 17, n. 2, 2017.

⁸² Para ler os dois editoriais, cf. ANDARADE, Jeferson de. *Um Jornal Assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1991, p. 44-46. Sobre a história desses textos, cf. CONY, Carlos Heitor. Um basta no ‘basta’. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 de novembro de 2002.

⁸³ KAREPOVS, Dainis, op. cit., 2017, p. 56.

⁸⁴ TROTSKY, Leon. *Da Noruega ao México*. Rio de Janeiro: Epasa, s.a. Tal obra teria duas outras edições, uma pela Melso e outra pela Laemmert.

poética de Bertolt Brecht.⁸⁵ Apresenta, assim, uma razoável dedicação intelectual a divulgação do marxismo no Brasil.

A sua aproximação com o trotskismo deu-se permeada pela relação que cultivou com Rodolfo Coutinho, um quadro do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro no qual Edmundo atuava enquanto era estudante de Direito na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro.⁸⁶ Logo depois, acercou-se de Mario Pedrosa, com quem estabeleceu amizade e realizou alguns projetos. Ambos estiveram envolvidos no debate e na divulgação sobre as conexões entre surrealismo e marxismo. Com esse interesse, publicaram o manifesto⁸⁷, “Por uma arte revolucionária Independente”, no *Vanguarda Socialista* em 1946 que Leon Trotsky e André Breton tinham redigido no México no final da década de 1930 como uma resposta a imposição soviética do realismo socialista.⁸⁸ Tal questão colocar-se-ia como um interesse de longa data das personagens uma vez que ambos colaborariam em uma coletânea, *Breton, Trotski. Por uma Arte Revolucionária Independente*, na década de 1980 dedicada a estudar a interação entre o líder bolchevique e o artista modernista.⁸⁹

Não obstante a diferença de idade de quase dez anos, Edmundo e Mario conviveram em espaços sociais semelhantes durante as primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro. Filhos de advogados e legisladores na capital da República, circulavam por locais das elites políticas. Ambos cursaram também a carreira de Direito na Universidade do Brasil⁹⁰ e frequentavam os campos artísticos modernistas da cidade. Edmundo Moniz redigiu algumas poesias para o *Correio da Manhã* e auxiliou na fundação de um clube de cultura moderna junto de importantes personagens como Valério Konder, Edgard Roquette-Pinto, Jorge Amado, entre outros.⁹¹ Habitava, dessa maneira, espaços onde a influência comunista era significativa.

⁸⁵ BRECHT, Bertolt. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Leitura, 1977. Houve uma segunda edição desse livro pela Elo em 1983.

⁸⁶ EDMUNDO, Moniz. “Entrevista ao Jornal Inverta”. In: CALDIERI, Sérgio. *Eternas Lutas de Edmundo Moniz*. Rio de Janeiro: Dinigraf, 2011, p. 168.

⁸⁷ Em depoimento, Edmundo Moniz disse que a tradução do manifesto coube ou a Mary Pedrosa, esposa de Mario, ou a Patrícia Galvão, embora não expresse uma certeza taxativa. MONIZ, Edmundo. Entrevista com Edmundo Moniz. In: FACIOLI, Valentim (org.). *Por uma Arte Revolucionária Independente*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985, p. 132.

⁸⁸ ROCHE, Gérard. Breton, Trotski, e a F.I.A.R.I. In: FACIOLI, Valentim (org.). *Por uma Arte Revolucionária Independente*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985, p. 13.

⁸⁹ FACIOLI, Valentim (org.). *Breton, Trotski. Por uma Arte Revolucionária Independente*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985, p. 13.

⁹⁰ Atualmente a instituição chama-se Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se de uma das mais antigas instituições de ensino jurídico no Brasil, fundada em 1891.

⁹¹ O RADICAL. Club de Cultura Moderna: a fundação desta sociedade de estudos e a eleição de sua primeira diretoria. *O Radical*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1934, p. 2.

O contato inaugural com o trotskismo ocorreu quando Moniz era estudante de Direito na Universidade do Brasil na primeira metade da década de 1930 e se integrava a disputa das frações trotskista e stalinista existentes dentro do PCB naquele momento. Com a decisão da ala trotskista de se converter em uma instituição autônoma na Segunda Conferência Nacional da Liga Comunista do Brasil,⁹² Edmundo optou por se unir a nova organização.⁹³

Concomitantemente a esse processo, dava-se a ascensão do Nazismo e as esquerdas buscavam formas de contestá-lo. No Brasil, os diversos grupos marxistas também estavam envolvidos nessa iniciativa, contudo voltados contra o núcleo que assumiu o ideário totalitário no país, o Integralismo. Edmundo arregimentava-se dentro da LCI e no seu curso universitário, assim como também fazia Mario Pedrosa em outros espaços. Foi nesse momento que Pedrosa e Moniz se conheceram após um dos pontos mais altos dos enfrentamentos entre marxistas e integralistas, a batalha da Praça da Sé em 7 de outubro de 1934. Na luta, Mario saiu ferido.⁹⁴

Algum tempo depois, Edmundo Moniz participou do comitê de organização do Congresso da Juventude Operária-Estudantil em 1934. Iniciativa empreendida principalmente pela Juventude Comunista, na esteira das ações da Aliança Nacional Libertadora em 1935, que visava a criação de uma organização nacional de estudantes. O comitê era presidido por Ivan Pedro de Martins, Carlos Lacerda era seu vice-presidente, enquanto Moniz era seu secretário. O projeto não se edificou ao final, pois a escalada da repressão após o fechamento da ANL pelo governo Vargas acarretou o cancelamento do Congresso. Por causa de sua participação nesse movimento, Edmundo seria preso.⁹⁵

Alguns anos passaram e Edmundo seguiu conectado com os objetivos de Mario Pedrosa, após esse se desligar da IV Internacional e se afastar conseqüentemente do PSR de Hermínio Sacchetta. Ao renunciar a esse projeto, Pedrosa, Moniz e outros correligionários constituiriam uma organização intitulada União Socialista Popular –

⁹² KAREPOVS, Dainis; CASTILHO, José Maques Neto. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: AARÃO, Daniel Reis; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 133.

⁹³ EDMUNDO, Moniz, op. cit., 2011, p. 168.

⁹⁴ KAREPOVS, Dainis, op. cit., 2017, p. 56.

⁹⁵ SANTANA, Márcio Santos de. Juventude e Questão Social: do liberalismo ao corporativismo. *Sociedade em Debate*, Pelotas, 14 (2), jul.-dez. de 2008, p. 29-30. POERNER, Arthur José. *O Poder Jovem: história da participação políticos dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 133-135. SANT'ANNA, Iru. *O garoto que sonhou mudar a humanidade*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011, p. 56.

reunião heterogênea de personagens que tinha o fim de constituir um Partido Socialista. Tal grupo aproximar-se-ia primeiramente da UDN, oferecendo o seu apoio eleitoral ao Brigadeiro Eduardo Gomes nas eleições presidenciais de 1945 em troca que esse se comprometesse com algumas de suas pautas. Edmundo Moniz teria um papel fundamental nesse processo, tornando-se o principal articulador entre as organizações. Pedrosa, no entanto, afastou-se das negociações, dedicando-se fundamentalmente a constituir o jornal *Vanguarda Socialista*, que durou entre 1945 e 1948. O jornal e a grupo não eram a mesma organização, até mesmo porque a publicação trazia colaborações que iam além do campo trotskista, no entanto muito dos seus membros eram convergentes, reproduzindo algumas condutas políticas, como o apoio a Eduardo Gomes.⁹⁶

Juntamente de outros pequenos grupos da esquerda não-comunista como a União Democrática Socialista e a Esquerda Democrática, os integrantes do *Vanguarda Socialista* e da União Socialista Popular converteram-se em uma frente dentro da UDN, partido que logo após a sua fundação conglomerava a oposição ao Estado Novo.⁹⁷ Em 1946, Edmundo teve uma candidatura infrutífera pela UDN ao cargo de vereador na cidade do Rio de Janeiro na esteira da conexão entre as organizações. Nas páginas do *Vanguarda Socialista*, coloca-se possível observar algumas vezes na sua propaganda eleitoral o editorial lhe definindo como “Candidato Socialista”.⁹⁸

A conexão entre UDN e o maior grupo que compunha a frente de apoio eleitoral, a Esquerda Democrática, não muito duraria. Em abril de 1946, estes dedicaram converter-se em legenda partidária, preservando o mesmo nome. Tornaram-se PSB em sua segunda convenção no ano seguinte.⁹⁹ O grupo de Mario Pedrosa e Edmundo Moniz reunido no *Vanguarda Socialista* não foram unilaterais em relação a se integrar a nova organização. Uma ala ligada a Mario Pedrosa, após alguma resistência dos socialistas, decidiu pela conexão, que se concretizou em abril de 1948. Essa transição entre frente

⁹⁶ KAREPOVS, Dainis, op. cit., 2017, p. 81-82.

⁹⁷ HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (org). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 30-32.

⁹⁸ VANGUARDA SOCIALISTA. Para Vereador. *Vanguarda Socialista*, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1946, p. 1.

⁹⁹ HECKER, op. cit., 2007, p. 33.

de apoio e integração ao PSB significou a ruptura de horizontes entre Pedrosa e Moniz. Edmundo decidiu por não se pertencer aos socialistas.¹⁰⁰

Mostra-se interessante que, a partir desse momento, Moniz e Pedrosa tomaram caminhos distintos. Pedrosa teve vários conflitos no interior do PSB anos depois, sendo expulso da legenda em 1956.¹⁰¹ Realizou uma rápida e infrutífera passagem pelo MDB em 1966, quando se candidatou a deputado federal. No final da vida participaria da fundação do PT.

Edmundo afastou-se da UDN e dedicou-se a atuar como jornalista e escritor, mas ainda assim ocupou alguns cargos no Poder Federal durante o governo JK. Nos seus últimos anos, filiou-se ao PDT e ocupou o cargo de Subsecretário da Cultura, na secretaria de Darcy Ribeiro, no governo Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro entre 1983-1986.¹⁰² Seguiu uma tendência da primeira geração de trotskistas do Rio de Janeiro que em peso se conectaram ao partido trabalhista após o fim da ditadura. Pedrosa seria exceção no contexto carioca. Mostra-se interessante a diferença de opções políticas que cada um fez no encerrar da trajetória, optando por legendas distintas. Pedrosa foi convidado por Brizola para integrar o PDT, mas não aceitou.¹⁰³ Escolhas que descrevem parcialmente deslocamentos políticos e intelectuais que cada um teve durante a Quarta República e a Ditadura Militar Brasileira diante da tradição trabalhista, da figura de Getúlio Vargas e das novas esquerdas. Não obstante os horizontes distintos, reaproximaram-se após a ruptura nos anos 1940. Trabalharam juntos no *Correio da Manhã* e desenvolveram ainda alguns projetos.

1.6 Diálogos marxistas

Influenciado por Edmundo, Luiz Alberto alteraria sua maneira de lidar com o comunismo. Distanciado das posições do PCB e concatenado com tio, o rapaz desenvolveu uma curiosidade sobre o marxismo e seus interpretes. Em sua biblioteca pessoal, existem dois exemplares das *Obras escogidas* de Lenin¹⁰⁴ com a data junho de 1951 rubricada nas primeiras páginas. Da mesma época, há um título de Stalin,

¹⁰⁰ COGGIOLA, Osvaldo. O trotskismo no Brasil (1928-64). In: LAGOA, Maria Izabel; MAZZEO, Antonio Carlos (org.). *Corações Vermelhos: Os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 261.

¹⁰¹ KAREPOVS, Dainis, op. cit., 2017, p. 127.

¹⁰² CALDIERI, Sergio, op. cit., 2011, p. 198.

¹⁰³ A carta de Brizola pode ser consultada no Fundo Mario Pedrosa no CEDEM da UNESP.

¹⁰⁴ LENIN, Vladimir. *Obras Escogidas*. Moscou: Ediciones em Lenguas Estranjerias, 1948.

Cuestiones del leninismo.¹⁰⁵ Dois exemplares de remanescentes de uma coleção pessoal que foi repetidamente ceifada,¹⁰⁶ mas que oferece um indicativo parcial do que Moniz Bandeira estava lendo durante o começo dos anos 1950. Naquele momento, mostra-se relativamente simples, ainda mais para uma pessoa com expressivo capital econômico familiar, reunir edições marxistas nos sebos e nas livrarias de Salvador. Livros editados pela Calvino, Vitória, Horizonte, Unitas, Cultura Brasileira e outras casas, além de diversas edições estrangeiras editadas na França, no mundo hispano falante e na União Soviética, eram facilmente conseguíveis nos sebos da cidade.¹⁰⁷ Existia também a possibilidade de importar tal bibliografia por meio do Consulado da França e da Casa d'Itália. Instituições que permitiam a compra de obras nos seus países sedes, trazendo para o local o item encomendado, não realizando nenhuma forma de cerceamento.¹⁰⁸ Situação editorial especialmente rica se comparada com Salvador da década de 1930. 20 anos antes, Leôncio Basbaum, um militante do PCB oriundo da classe média que lá morava, reclamava da dificuldade de encontrar bibliografia marxista nas livrarias da capital.¹⁰⁹

A relação com o tio dava-se de maneira episódica em consequência da distância. No cotidiano, o principal interlocutor de Moniz Bandeira sobre o marxismo e as questões sociais era o seu vizinho e amigo Paulo Farias. Personagem extremamente interessante que de maneira semelhante a Luiz Alberto desenvolveu uma curiosidade sobre as esquerdas. Contudo, a sua trajetória conta com roteiros distintos em comparação com a de Moniz Bandeira. Não transitou pelo jornalismo e não se colocou como um trotskista. Seu percurso coloca-se mais como uma forma de jovem *intelectual orgânico* que em algumas instituições de ensino e pesquisa na cidade de Salvador disputava uma interpretação a respeito da história e dos conflitos sociais.¹¹⁰ Posição essa

¹⁰⁵ STALIN, Joseph. *Cuestiones del leninismo*. Ciudad de México: Ediciones Sociales, 1941.

¹⁰⁶ Durante o Regime Militar Brasileiro (1964-1985), Moniz Bandeira foi preso em duas oportunidades. Tais acontecimentos, nada incomum na vida dos intelectuais da época, provocaram a perda de diversos livros.

¹⁰⁷ Sobre a edição do marxismo no Brasil durante o século XX, cf. CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia; Ateliê; Belo Horizonte: UFMG, 2013. SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros: formação da Esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê, 2017.

¹⁰⁸ Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2018.

¹⁰⁹ “livros não havia muitos e na Bahia não era fácil encontrar obras de Marx e Engels e dos marxistas clássicos, nem mesmo de Lenine. Aqui ou ali se encontrava algum em francês, ou em língua espanhola edições argentinas de *Claridade*, uma editora de esquerda, de tendência trotskista. Mas era do que eu me alimentava”. BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 161.

¹¹⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p.15.

que pode ser entendida como ousada e perigosa no contexto da capital baiana uma vez que se defrontava diretamente com uma sociedade profundamente memorialista e elitizada. Tal opção de enfrentamento acarretar-lhe-ia a demissão sumária na escola onde lecionava e o exílio após o golpe de 1964, juntamente de Milton Santos e outros professores de Salvador que foram vítimas da perseguição intelectual obscurantista que marcou o país a partir da instituição da ditadura militar.

Após terminar os estudos básicos, Paulo Farias ingressou no curso de Medicina da UBA¹¹¹ devido a solicitações familiares, profissão essa que jamais exerceu. Seus interesses estavam mais vocacionados para as Ciências Humanas, especialmente nas temáticas relacionadas com a questão negra e o mundo africano. Imbuído por essa curiosidade, adentrou na carreira de História da UBA após conquistar o diploma de médico, assumindo uma cadeira de professor no Colégio Central da Bahia. Na Universidade, tornou-se um integrante e responsável pelo setor histórico do Centro de Estudos Afro-orientais. Criado em 1959 por iniciativa do filólogo português Agostinho da Silva, tal instituição foi o primeiro espaço acadêmico no Brasil dedicado a estudar a história africana e suas conexões com a história brasileira.¹¹²

A temática que Paulo Farias optou por aplicar grande parte de sua atenção contava com um apelo social muito forte no mundo pós-1945. O processo de descolonização africano e asiático lançou muitas vezes para o centro do debate público assuntos polêmicos e combativos como as desigualdades econômicas e políticas entre as raças, o desmonte da estrutura colonial, o *apartheid* norte-americano e sul-africano etc. Em suma, uma série de questões centrais da metade do século XX, sobre as quais a esquerda marxista tinha em geral uma presença intelectual e política dominante, embora não hegemônica. Para ser ter uma dimensão, um dos primeiros livros que influenciaram Farias no seu percurso acadêmico foi *L'Afrique Noire Occidentale et Centrale*, do geógrafo e historiador Jean Suret-Canale,¹¹³ membro do Partido Comunista Francês.¹¹⁴

Farias coloca-se como um professor e pesquisador disposto a manejar o pensamento marxista para interagir criticamente com as leituras que pregavam a superioridade racial, especialmente fortes na Faculdade de Medicina da Bahia, a

¹¹¹ Atualmente se trata da Universidade Federal da Bahia.

¹¹² REIS, Luiza Nascimento dos. O exílio africano de Paulo Farias (África Ocidental, 1964-1969). *Tempo*, Niterói, v. 25, n. 2, mai./ago. 2019, p. 436-438.

¹¹³ SURET-CANALE, Jean. *L'Afrique Noire Occidentale et Centrale*. Paris: Éditions Sociales, 1958.

¹¹⁴ REIS, Luiza Nascimento dos, op. cit., 2019, p. 435.

autointitulada “Escola Nina Rodrigues”,¹¹⁵ ou que desconsideravam as diferenças sociais e de classe na história do Brasil. Há de se considerar que Farias atuava nos anos subsequentes a publicação de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre,¹¹⁶ ao Estado Novo e ao Holocausto. Quer dizer, as interpretações de superioridade racial perderam força diante da leitura da “Democracia Racial” e da configuração global após a Segunda Guerra Mundial. Embora lida como progressista no momento de seu lançamento,¹¹⁷ devido a oposição que estabelecia a Oliveira Vianna com seu livro *Populações Meridionais*,¹¹⁸ a construção de Freyre dispunha-se como profundamente antitética a uma leitura marxista, pois parte fundamental do seu argumento era uma percepção de Brasil sem conflitos entre classes.

Paulo Farias engajar-se-ia em uma profunda disputa ideológica, apresentando formas distintas de ler a realidade social e influenciando um núcleo razoável de pessoas. Coloca-se interessante que chegou a lecionar para o jovem – futuro teórico marxista – Carlos Nelson Coutinho durante esse momento. Personagem atualmente reconhecido principalmente por seus trabalhos de tradução e problematização da obra de Antonio Gramsci. Em entrevista, Coutinho declarou que a primeira pessoa que lhe falou sobre o fundador do Partido Comunista Italiano foi o professor Paulo Farias no Central da Bahia.¹¹⁹ Isso em um contexto que Gramsci não contava com traduções e tinha poucas citações em língua portuguesa.¹²⁰

Outro comprometimento pedagógico e ideológico de Farias era o curso de alfabetização da UNE, baseado no método Paulo Freire, aplicado em várias cidades do país. Em Salvador, Farias era um dos seus coordenadores.¹²¹ Dessa maneira, engajava-se em uma das questões mais centrais das limitações democráticas que marcaram o Brasil durante o século XX. Os anos 1900, recortado por suas longas ditaduras, não se caracterizaram por uma estrutura representativa aprofundada quando a instável democracia prevaleceu. Em grande medida, as limitações do voto foram uma constante.

¹¹⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 247.

¹¹⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2013.

¹¹⁷ MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9-10.

¹¹⁸ VIANA, Francisco José de Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2005.

¹¹⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. *Intervenções: o marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 166.

¹²⁰ Sobre a recepção de Gramsci no Brasil, cf. SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

¹²¹ REIS, Luiza Nascimento dos, op. cit., 2019, p. 438.

Na Quarta República, com a superação do sufrágio censitário do Império e a permissão do feminino durante o governo Vargas e sua consolidação no pleito de 1945, a grande limitação democrática era a proibição do voto analfabeto que ceifava 57% do eleitorado em 1950.¹²² A empreitada da UNE era uma tentativa de limitar esse vácuo que marcava a república naquele momento, sendo Farias um dos seus expoentes engajados. Tal iniciativa foi uma entre os vários projetos estudantis que os militares desmontaram após o golpe de abril.

Há de se considerar que Farias e Moniz Bandeira nasceram no mesmo ano e foram moldando seus caminhos concomitantemente. A relação entre eles dava-se em um prisma de construção e diálogo entre contemporâneos, amigos e confidentes. Por isso, enquanto Paulo se dedicava em construir uma carreira como professor e pesquisador, Luiz Alberto tecia seus caminhos como jornalista. Mesmo após a opção deste de ir morar no Rio de Janeiro na segunda metade dos anos 1950, a relação entre eles não se desfez, mantendo apenas conexões mais esporádicas e epistolares.

1.7 Iniciativas e amadurecimento

Nesse processo de amadurecimento e influenciado por ideias de esquerda, Luiz Alberto tomou algumas decisões que, se escondendo na faceta de protesto, não passavam de traquinagens juvenis. Imbuído por um sentimento anticlerical característico da esquerda e excepcionalmente forte na Guerra Civil Espanhola, processo histórico que cultivava grande curiosidade, o rapaz realizou alguns “protestos” contra os conservadores devotos da cidade. *A Bahia de todos os santos*,¹²³ como o título do livro de memórias de Jorge Amado dá a entender, é um estado marcado profundamente pela religiosidade, seja a de matriz cristã católica, seja a de matriz negra, ou ainda formas ecléticas. Quer dizer, defrontar-se com esse estrato cultural, que gera profundo engajamento social, provocaria no mínimo reações acaloradas.

Existe uma espécie de anedota, uma memória coletiva sem fundamento documental, que circula entre os contemporâneos de Moniz Bandeira sobre um feito seu de militância na juventude. Juntamente do amigo Antônio Fernandez Vidal, os garotos planejaram um protesto contra um ato de piedade cristã feito em louvor da Nossa Senhora de Brotas. A reunião religiosa realizava-se em decorrência de um crime que

¹²² CARVALHO, José Murilo de, op. cit., 2012, p. 145.

¹²³ AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos – Guia de Ruas e Mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ocorrera tempos antes. Uma mulher, que habitava o bairro de Brotas com o seu marido, cometera um crime passionai a decepar o órgão sexual masculino de seu cônjuge, provocando uma reação insuflada e indignada da população. O fato levou a realização anual de um ato de fé nas vias municipais. Em algum momento dos anos 1950, Vidal e Moniz Bandeira decidiram opor-se a iniciativa. Quando o Andor da Padroeira passava, os jovens gritaram “Viva Nossa Senhora do Capa-Homem”, incitando a ira da multidão que os perseguiu por alguns quilômetros.¹²⁴

Prática essa que mais diz sobre uma personalidade inquieta e atrevida do que sobre as capacidades políticas do jovem. Com o amadurecimento das leituras, Luiz Alberto concatenou-se com ações melhor organizadas e mais funcionais. Nesse movimento, filiou-se ao PSB e tentou constituir, juntamente de Wilson Peixoto, Walter Costa Mercês e Gerson Pereira, uma Liga Socialista Revolucionária em Salvador.¹²⁵ A articulação não viria a se moldar organicamente, não produzindo publicações ou manifestações. Contudo, mostra-se interessante que anos depois um dos seus membros, Peixoto, estaria ligado ao núcleo da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária na Bahia.¹²⁶ Movimento de maior alcance e expressão que teve Moniz Bandeira entre seus fundadores e dirigentes.¹²⁷ Fato que revela laços e compromissos sociais que permaneceram ao longo de algum tempo.

O rapaz dava os seus primeiros passos em uma tentativa de mobilização ao mesmo tempo em que emergiu uma oportunidade de começar a escrever sobre a política. Trata-se de um momento duplamente relevante em sua trajetória. Por um lado, porque esse seria seu ofício por longa data. Até a década de 1960, Moniz Bandeira trabalharia fundamentalmente como jornalista político. Por outro, cultivou uma forma de escrever, calcada na descrição, mas levada a outro nível em outros períodos, que lhe acompanharia por toda a vida.

Moniz Bandeira permaneceu três anos colaborando no *Diário da Bahia*, encerrando suas atividades em 1955. Nesse meio tempo, o redator-chefe da publicação,

¹²⁴ Relato de Altamirando Borges Camacam em 2018.

¹²⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

¹²⁶ Idem., p. 16.

¹²⁷ Sobre a OMR-POLOP, cf. REIS, Daniel Aarão Filho. A formação da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão Filho. *Revolução e Democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão Filho. *História do Marxismo no Brasil: Partidos e Organizações dos anos 1920 aos 1960*. 2º Ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

Octacilio Lopes, optou por expandir as suas funções, utilizando-lhe também como repórter para fazer a cobertura primeiramente da Câmara de Vereadores e depois da Assembleia Legislativa. Neste espaço, conheceu o futuro governador da Bahia Antonio Carlos Magalhães que era jornalista do *Diários Associados*, responsável por acompanhar as atividades da casa legislativa estadual.¹²⁸

Nas portas da Assembleia, Moniz Bandeira aproximou-se de um membro da Guarda Civil que lá trabalhava. Era Altamirando Borges Camacam. Homem que viera do interior da Bahia e encontrara o emprego de segurança naquele espaço. Camacam, ao adentrar o ambiente de profunda disputa ideológica de Salvador, desenvolveu uma simpatia pelas ideias comunistas. Mais tarde, seria aluno de Paulo Farias em um curso de madureza, o que lhe reforçou ainda mais tais convicções. Em uma dessas oportunidades na Assembleia Legislativa, Camacam atendia uma população camponesa que se dirigira ao prédio público em busca de auxílio devido às misérias da seca. Enquanto o guarda buscava água para os flagelados, o jornalista Moniz Bandeira incitava-lhe “deixa o povo entrar stalinista”.¹²⁹ Intentava frustradamente uma pequena convulsão social. A postura trotskista permeava toda a interação, acusando o guarda constantemente de ser stalinista e realizando considerações sobre o caráter autoritário do centralismo democrático e da condição política da URSS, que não seria socialista, mas um capitalismo de Estado.¹³⁰

Tais comentários de Moniz Bandeira são extremamente relevantes uma vez que se mostra possível ver o reflexo da influência do seu tio no seu modo de pensar e argumentar. Ao optar por tais categorias, mostra-se um jovem que não estava requisitando conceitos diretamente de Trotsky, no entanto da primeira geração de trotskistas que divergiram de algumas caracterizações cultivadas pela liderança bolchevique. Entre elas, a mais importante, no presente caso, sobre o caráter político-econômico da URSS. Trotsky argumentou que se tratava de um Estado Operário Degenerado,¹³¹ enquanto que uma parte da primeira geração de trotskistas brasileiros caracterizava o país como um Capitalismo de Estado. Mais precisamente, esta posição deriva-se de um racha que ocorreu no interior da seção norte-americana da IV Internacional, denominada Socialist Workers Party, nos momentos iniciais da Segunda

¹²⁸ Entrevista gravada de Luiz Alberto Moniz Bandeira para o jornal *A Tarde*. Trata-se de um vídeo feito em 2007 que o editorial disponibilizou ao pesquisador.

¹²⁹ Relato de Altamirando Borges Camacam em 2018.

¹³⁰ Relato de Altamirando Borges Camacam em 2018.

¹³¹ O conceito remete ao livro *A Revolução Traída* de Trotsky. TROTSKY, Leon. *A Revolução Traída*. São Paulo: Globo, 1980.

Guerra Mundial que mobilizou uma série de militantes. Pedrosa inserir-se-ia dentro dessa querela defendendo a caracterização de Capitalismo de Estado para a União Soviética em um boletim interno do partido. Já fora do organismo e residindo no Brasil, reafirmou repetidamente tal posicionamento, inclusive nas páginas do *Vanguarda Socialista*.¹³² Edmundo Moniz assumiu as mesmas leituras que Pedrosa, passando para o sobrinho o seu entendimento.

Em 1954, Moniz Bandeira ascendeu um grau social a mais em Salvador. O jornal mais tradicional da Bahia e um dos mais antigos do país, o *A Tarde*, decidiu contratá-lo, acumulando assim concomitantemente o novo emprego e o antigo no *Diário da Bahia*. O *A Tarde* foi fundado por Ernesto Simões Filho em 1912, estando ainda hoje em operação. Tal instituição envolvia-se constantemente nas polêmicas da política nacional e regional, sendo um meio no qual o “autonomismo” das elites baianas era constantemente reafirmado diante das intenções de Getúlio Vargas, em um plano federal, e Juracy Magalhães, em um plano estadual, nos anos 1930 e 1940. Além disso, a publicação colocava-se como o principal veículo editorial dos intelectuais e literatos da cidade, havendo constantemente colunas desses em suas páginas.¹³³ Os caminhos de Moniz Bandeira até esse posto relacionam-se com conexões familiares. O então redator chefe da publicação, Jorge Calmon, era seu primo. O secretário de redação, Joaquim Cruz Rios, também era um familiar. A estrutura de uma das famílias abastadas da Bahia possibilitou que matutidamente o rapaz ascendesse para a mais importante publicação do estado.¹³⁴ Dentro da redação, trouxe também para colaborar o seu colega João Eurico Matta, amigo que também cultivava profundo interesse pela literatura e pela escrita.¹³⁵

O primeiro texto que Moniz Bandeira publicou no *A Tarde* foi uma poesia no dia 13 de maio de 1954. Intitulada Poeta de Argila, era um pequeno poema em versos modernos.

O poeta de argila
permaneceu parado na forma
Noturno e adâmico
Faltou-lhe o sopro da vida

¹³² Para a posição de Mario Pedrosa, cf. PEDROSA, Mario. A defesa da URSS na guerra atual. *Cadernos AEL: trotskismo*, v. 12, nº. 22/23, 2005, p. 289-318.

¹³³ CPDOC. *A Tarde*. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

¹³⁴ Entrevista gravada de Luiz Alberto Moniz Bandeira para o jornal *A Tarde*.

¹³⁵ Relato de João Eurico Matta em 2018.

Coberto de limo
 atravessou o tempo
 Mas somente imortal porque não teve em si
 um pouco de vida para morrer ¹³⁶

Naquele ano, ainda seriam publicados dois escritos de Moniz Bandeira no *A Tarde*. Uma poesia, intitulada *Alvorada Estranha*,¹³⁷ ilustrada com um desenho autoral de seu irmão Carlos Augusto, pintor profissional que repetidamente produziu ilustrações para os textos de Luiz Alberto desde o tempo do *Diário da Bahia*.¹³⁸ O outro era uma breve dissertação comentando positivamente a obra *Lições de Ruy* de Heitor Dias¹³⁹ – uma exposição a respeito dos pensamento políticos do jurista Ruy Barbosa.¹⁴⁰ Houve também o anúncio da publicação, que sairia no ano seguinte, de um ensaio de Moniz Bandeira sobre Lord Byron, o qual ganharia o título “Byron, uma época, uma revolução”.¹⁴¹ No entanto, tal trabalho jamais foi editado.

¹³⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Poeta de argila. *A Tarde*, Salvador, 13 de maio de 1954, p. 10.

¹³⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Alvorada Estranha*. *A Tarde*, Salvador, 16 de junho de 1954, p. 11.

¹³⁸ Relato de Maria da Conceição Moniz Silva em 2018.

¹³⁹ DIAS, Heitor. *Lições de Ruy*. Salvador: Progresso, s. a.

¹⁴⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Lições de Ruy*. *A Tarde*, Salvador, 3 de junho de 1954, p. 10.

¹⁴¹ A TARDE. Um ensaio de Moniz Bandeira. *A Tarde*, Salvador, 30 de junho de 1954, p. 10.

Capítulo II. Entre dois mundos

1.8 Niomar Moniz Sodré e Augusto Frederico Schmidt

O ano de 1954 foi um momento fundamental na história do Brasil e na vida de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Trata-se de uma oportunidade em que algo incontornável aconteceu. A partir de então, todos os desdobramentos configuram-se influenciados por tal episódio. É o preterir – às vezes pelo sujeito, às vezes pela contingência – de possibilidades diante de outras que se fecham e nunca mais ocorrem. Está posto e tudo doravante estará influenciado por aquele ponto da história: a opção de César de voltar da Gália para Roma; a escolha de Lenin de ir a Rússia em abril de 1917; o preterir de Getúlio Vargas por iniciar a insurreição em outubro de 1930; o subir ao poder de Hitler em 1933...

Naquele ano, Moniz Bandeira estava encerrando os seus estudos clássicos no Colégio Estadual da Bahia, receberia o seu diploma no final do período escolar. Tinha dúvidas sobre qual carreira seguir: por um lado, o ofício das letras, na época quase monopolizado pelo curso de Direito, punha-se como uma possibilidade quase evidente devido à sua presença nos jornais de Salvador e por suas linhagens familiares. Por outro, refletia sobre traçar uma trajetória dentro da Marinha, chegando inclusive a fazer os preparatórios para Escola Naval, por causa de seu avô, Francisco Ferrão Moniz de Aragão, que alcançara o posto de vice-almirante. O receio de ter que se concentrar demasiadamente em ciências exatas, como os seus gráficos, cálculos, bússolas e outros instrumentos, motivou o rapaz a seguir os rumos dos juristas.¹⁴² Prestou o vestibular para a faculdade de Direito da UBA¹⁴³ e foi aprovado em 7º lugar.¹⁴⁴ Tal escolha teria pouca relevância em seu futuro, outra lhe seria mais relevante. Desde a visita de Edmundo Moniz em 1951, projetos de mudança e viagem habitavam sua cabeça. Refletia sobre como poderia morar no Rio de Janeiro. A questão era que as possibilidades não se mostravam, pelo menos ainda não.

Em 1953, um primo do Rio de Janeiro, Evandro Moniz de Menezes, passou em sua casa quando visitava parentes em Salvador. Na estadia, o convidado rapidamente

¹⁴² MALDONADO, Luccas Eduardo; et al. Entrevista: Luiz Alberto Moniz Bandeira. *Revista Epígrafe*, São Paulo, v. 4, 2017, p. 207.

¹⁴³ Atual Universidade Federal da Bahia.

¹⁴⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. 1989. Documento disponível no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

constituiu estima pelo rapaz, decidindo levar as suas poesias para a mãe na capital da república.¹⁴⁵ Evandro era filho da jornalista e diretora do *Correio da Manhã* Niomar Moniz Sodré Bittencourt. Ela, por sua vez, era casada com Paulo Bittencourt, o proprietário do diário. O pai de Paulo, Edmundo, fundara o *Correio da Manhã* em 1901 e o administrou até 1929, quando passou o negócio definitivamente para as mãos do filho, que até então trabalhara como seu redator-chefe. O *Correio da Manhã* fez severa oposição ao governo de Arthur Bernardes, acarretando a sua prisão nos desdobramentos autoritários que marcaram o período. Em 1930, a publicação apoiou a Revolução de Getúlio Vargas, no entanto passou para a oposição em seguida, criticando as manobras do novo mandatário para se preservar no poder. Colocar-se-ia permanentemente como um opositor de Vargas e seus aliados.¹⁴⁶ Paulo preservaria a propriedade do *Correio da Manhã* até 1963. Naquela data, Niomar tornar-se-ia legalmente a detentora do periódico em consequência da morte do marido.

Niomar nasceu em Salvador, mas pouco viveu no Nordeste. Morou boa parte de sua vida no Rio de Janeiro. Seu pai era o jurista Antônio Moniz Sodré que, por causa de um mandato parlamentar no Senado durante os anos 1920, foi para a capital acompanhado da família e lá permaneceu.¹⁴⁷ Aos 17 anos de idade, Niomar casou-se com o primo Hélio Moniz Sodré Pereira, tendo quatro filhos com ele: Antônio, Sônia, Nygea e Ophélia. O matrimônio não durou muito, pois se uniria a Paulo Bittencourt pouco tempo depois.

Ela o conhecera em 1938,¹⁴⁸ quando começara a colaborar com o *Correio da Manhã*, a partir da mediação de seu pai que mantinha ligações com os proprietários. Moniz Sodré fora advogado do pai de Paulo durante os enfrentamentos do jornal com o presidente Bernardes.¹⁴⁹ Desde os 14-15 anos, Niomar contribuía com contos, crônicas e novelas em diversas publicações cariocas, como no *A noite* e na *Vamos Ler*.¹⁵⁰ Ao se ligar a Paulo e assumir um posto na direção do *Correio da Manhã*, tornar-se-ia

¹⁴⁵ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

¹⁴⁶ AREAS, Daiana Maciel. Os intelectuais do *Correio da Manhã* e a modernização da imprensa no Brasil. In: CORRÊA, Maria Letícia; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; CHAVES, Monica Piccolo Almeida (org.). *História Econômica e Imprensa*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016, p. 158-161.

¹⁴⁷ Sua mãe chamava-se Maria de Argolo Moniz.

¹⁴⁸ A data difere a depender da fonte. Moniz Bandeira pontua o contato inicial em 1938. Jefferson de Andrade, por sua vez, afirma fins de 1939. ANDRADE, Jeferson de. *Um Jornal Assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1991, p. 47-48.

¹⁴⁹ Idem., p. 79-80.

¹⁵⁰ Idem., p. 47-48. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. E-mail trocado com Wilson Tosta em 24/8/2017. Arquivo pessoal de Moniz Bandeira. CPDOC. *Niomar Moniz Sodré*. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

progressivamente uma das mulheres mais influentes do Brasil, convivendo e interagindo com as elites letradas, políticas e econômicas. Nas décadas de 1950 e 1960, o *Correio da Manhã* era um dos jornais mais importantes do país, provavelmente o mais.

Das mãos de Evandro, Niomar recebeu os escritos de Luiz Alberto e algo neles lhe agradou, talvez por enxergar uma certa semelhança de trajetórias: o jovem que procura os seus primeiros reconhecimentos. Existia um universo significativo de escritores consagrados que tinham frequentado ou frequentavam o *Correio da Manhã*. Niomar e Paulo mantinham contatos com esses indivíduos já que existia uma relação de interdependência entre eles: a consagração do jornal e a consagração dos escritores estavam associadas. Antonio Callado, Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Gondin da Fonseca, Otto Maria Carpeaux, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Jânio de Freitas, Carlos Heitor Cony e outros mais foram quadros da casa. Niomar entregou os textos de Luiz Alberto para Augusto Frederico Schmidt, que lá trabalhava como crítico literário.

Schmidt fora uma significativa figura do modernismo brasileiro. Nos anos 1930, estivera ligado ao integralismo de Plínio Salgado, posição que logo abandonou, tornando-se um liberal. Homem ambivalente, conseguiu associar a atividade administrativa com a escrita ao longo de sua vida, possuindo diversas empresas e mais de dez livros lançados, além de sua constante produção jornalística nos periódicos cariocas. Nos anos 1930, fundara uma importante casa publicadora, a Livraria Editora Schmidt que mantivera entre seus autores nomes expressivos como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Hamilton Nogueira, Sobral Pinto, Manuel Bandeira e Afonso Arinos de Melo Franco.¹⁵¹

Nos anos 1950, Schmidt deixara o papel de editor e dedicava-se a atuar politicamente e a gerir seus negócios, que iam de uma fábrica de cimento e mineralogia a redes de supermercado. Por meio do jornalismo no *Correio da Manhã*, aproximou-se de Juscelino Kubitschek após defender insistentemente a legitimidade de sua posse, que fora contestada pela UDN devido à não conquista da maioria absoluta dos votos, tornando-se um quadro no seu governo, além de amigo pessoal. Não assumiu uma pasta ministerial na gestão do presidente, porém agia como um assessor, a intermediar negociações com os setores industriais. Era um defensor da implementação dos valores

¹⁵¹ HALLWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 466-467. CARONE, Edgard. Coleção Azul. In: DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.) *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.

econômicos e administrativos norte-americanos no Brasil, fazendo a apologia da necessidade da aproximação estratégica entre esses dois países. Por causa disso, foi indicado para liderar delegações diplomáticas, tendo papel expressivo nas Nações Unidas e em negociações junto aos Estados Unidos da América.¹⁵² A sua mais importante missão foi a coordenação da Operação Pan-Americana, tentativa frustrada, capitaneada pelo governo Kubitschek, de aproximar diplomaticamente o continente americano por meio da liberação de empréstimos norte-sul e outras medidas, na sequência da malsucedida visita do vice-presidente Richard Nixon a América Latina em 1958.¹⁵³

À primeira vista, uma amalgama entre o poeta, inclusive conhecido por posições anticomunistas, e o jovem escritor não se mostraria um movimento evidente. Havia discrepâncias políticas acentuadas. A situação, todavia, configurou-se de maneira distinta. O experimentado autor muito bem recebeu o rapaz. Esboçava-se uma oportunidade na qual as vocações de Luiz Alberto se destacaram, a despeito dos seus interesses políticos, sabendo aproveitar e seguir esse caminho.

No primeiro momento, a tia Niomar enviara uma carta ao sobrinho pedindo autorização para publicar os seus textos no *Correio da Manhã*, solicitação que foi prontamente atendida. Em seguida, Schmidt também escreveu para Luiz Alberto fazendo algumas sugestões a respeito de suas poesias, aconselhava algumas trocas na disposição das palavras.¹⁵⁴

Em 3 de abril de 1954, Niomar providenciou a primeira publicação de Moniz Bandeira em seu jornal. Na página sete, era impresso o poema “Lenda”.¹⁵⁵ A estreia do rapaz ocorria no Rio de Janeiro. Iniciava a sua carreira de jornalista na capital federal em um dos mais importantes periódicos do país. Ainda no ano de 1954, sairia em mais quatro oportunidades no *Correio da Manhã*. No mesmo mês, lançou mais três poesias:

¹⁵² CALICCHIO, Vera. Augusto Frederico Schmidt. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

¹⁵³ Sobre a OPA, cf. RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)*. Rio de Janeiro: Versal, 2017, p. 401-406. BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. 5ª ed. Brasília: UnB, 2015, p. 311-317.

¹⁵⁴ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017. A correspondência de Moniz Bandeira de períodos anteriores à 1968 foi apreendida pela polícia e perdeu-se. As cartas de Niomar Moniz Sodré, um acervo de inestimável importância para a história nacional, igualmente perdeu-se devido ao incêndio que em 20 de abril de 1985 aconteceu no seu apartamento na Avenida Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Trata-se de duas expressões do próprio apagamento da história. Variados itens (cartas, quadros, livros, esculturas e outros objetos mais) que não serão recuperados.

¹⁵⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Lenda. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1954, p. 7.

“Poema Imediato”, “Trova” e “Insônia”.¹⁵⁶ Em 24 de julho, inaugurou uma outra forma de escrita naquele espaço, uma crítica literária: “Carvalho Filho e a moderna poesia baiana”.¹⁵⁷ Nela, o jovem ponderava a respeito da presença modernista entre poetas baianos de sua época. Destacou a forte influência do academicismo, mas distinguiu dois nomes como que “podem representar a vanguarda da poesia”. Na verdade, os eleva ainda mais, taxando-os de “os dois maiores nomes da poesia baiana na modernidade”. São Carvalho Filho e Camilo de Jesus Lima. Interessantemente duas personagens às quais se ligara em Salvador, sendo por eles auxiliado nos seus primeiros passos. Desdobrava-se uma certa retribuição, auxiliando-os a consagrar-se na capital da república.

Para Luiz Alberto, Carvalho Filho apresentaria em seus escritos uma percepção mais filosófica, voltada para dilemas existências como a angústia e a morte, enquanto que Lima preocupar-se-ia mais intensamente com as questões sociais, demarcando seu texto como “uma poesia de luta”. Tratam-se de focos temáticos que, apesar de distintos, estariam presentes na produção poética de Moniz Bandeira. Explicitando-se como duas influências. No final do ano, outro poema sairia, dessa vez intitulado “Alvorada estranha”.¹⁵⁸

Lenda

Em silêncio
uma estrela caída
uma esperança morta
boiando sobre o mar,
sobre o mar

Sem destino
sem razão
as gôndolas do luar
navegam tranquilamente
sobre o mar

Nas areias
ao luar
entre sargaços
e espumas
jaz uma virgem
trazida do mar.

Concha, vento, estrela e virgem

¹⁵⁶ _____. Poema Imediato. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1954, p. 7. _____. Trova. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1954, p. 7. _____. Insônia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1954, p. 7.

¹⁵⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Carvalho Filho e a moderna poesia baiana. *Correio da Manhã*, 24 de julho de 1954, p. 7.

¹⁵⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Alvorada Estranha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1954, p. 10.

Sobre o mar

Poema Imediato

Antes que eu seja um barco abandonado
 aos caprichos das ondas,
 um espelho partido, um mar sem horizontes,
 quero sentir-me em ti,
 ó mulher concebida em manhã clara de sol!
 Nesta hora incompleta
 que as flores do meu desejo desabrocham
 unicamente para o teu calor!
 E, quando as estrelas deixarem de contar,
 ou a borboleta da aurora
 sobrevoar nossas fronteiras,
 parado o tempo,
 tu, que és triste, saberás compreender
 a minha pálida solidão...

Trova

A folha morreu no outono
 como um vagido
 que cai no silêncio
 antes de ser palavra.

Insônia

Ao canto do galo
 nas tuas madrugadas,
 as estatuas
 se despiram do sono.
 Mas se buscas
 no espelho
 o teu primeiro sorriso
 encontrarás somente
 o tempo
 e o silêncio dos mortos

Alvorada Estranha

Os horizontes cresceram à tua partida
 a noite se fez sentir profundamente em mim
 afogou-me o sono
 perdeu-se o tempo no contar sonâmbulo dos galos
 restou-me apenas o eco das tuas últimas palavras
 e depois o silêncio
 o silêncio de todas as distâncias

E quando as terras se abriram sob os meus pés
 quando a última estrela desaparecer no céu de aurora
 e uma onda levar o meu adeus perdido
 morto o sonho
 além de ti verei raiar um sol sem luz

1.9 Viagem

Quando as suas férias do meio do ano chegaram, Moniz Bandeira foi para o Rio de Janeiro. O motivo da viagem derivara-se de um convite de Augusto Frederico Schmidt. O autor d'*O Galo Branco* queria conhecer o rapaz pessoalmente e, por isso, o convidou para um jantar em sua residência, um apartamento na Rua Paula Freitas, Copacabana.¹⁵⁹

Contudo, essa não seria a sua única atividade. Também frequentaria um importante evento social da elite carioca junto de sua tia Niomar no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Tal instituição, que fora fundada por uma reunião de mecenas capitaneados por Niomar em 1948, apresentava eventualmente exposições de artistas nacionais e internacionais. Na época que Luiz Alberto esteve na capital, o museu funcionava no Palácio da Cultura, localizado na Rua da Imprensa, no centro do Rio de Janeiro, e era dirigido pela própria Niomar. Em 1959, o MAM seria transferido para a presente sede na Avenida Beira Mar, sendo o seu projeto arquitetônico elaborado por Afonso Eduardo Reidy.¹⁶⁰

Nos eventos sociais do Museu, figuras importantes nacional e internacionalmente compareciam. Presidentes, ministros, empresários, diplomatas, artistas e outros membros das elites iam nesses acontecimentos. Na noite de 29 de julho de 1954, abria-se a exposição do pintor e tapeceiro francês Jean Lurçat, estando presente Luiz Alberto a acompanhar sua tia e o poeta Augusto Frederico Schmidt. Naquela oportunidade, foram o vice-presidente Café Filho; os ministros da Fazenda Oswaldo Aranha, da Justiça Tancredo Neves e da Educação Edgard Santos; os embaixadores da França, Itália, Portugal, Índia e Iugoslávia; os pintores Candido Portinari e Di Cavalcanti; o paisagista Roberto Burle Marx; além de uma série de outras personagens da política, diplomacia, artes e economia.¹⁶¹ Se antes ele convivera com os componentes mais ilustres da sociedade baiana, a partir daquele momento ele começava a dividir os espaços com os membros mais ilustres da sociedade brasileira. O seu mundo tornava-se significativamente maior.

¹⁵⁹ SCHMIDT, Augusto Frederico. *O Galo Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

¹⁶⁰ Para uma história do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, cf. PARADA, Maurício Barreto Álvares. *A Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil dos anos 50*. Dissertação Mestrado, PUC/RJ. Rio de Janeiro: 1993.

¹⁶¹ Correio da Manhã. No Museu de Arte Moderno do Rio. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1954, p. 11-12.

Concomitantemente à passagem de Luiz Alberto pelo Rio de Janeiro, desdobrava-se o final de um dos períodos mais conturbados da história brasileira: o mandato presidencial de Getúlio Vargas. Antes mesmo da presidência do gaúcho iniciar, ocorrera uma crise, a primeira de várias outras. Não aceitando o resultado do pleito, a oposição insuflou uma tentativa de golpe militar e abriu um recurso dentro do TSE tentando impugnar a votação.¹⁶² Atos que não se concretizaram. A partir do momento que Vargas adentra no Catete em 1951, desdobram-se diversas tensões que marcariam a sua gestão. Novos e antigos ressentimentos e resistências originários do seu primeiro governo (1930-1945), tanto à esquerda, quanto à direita, voltavam-se contra ele. Do PCB à UDN havia reservas para ele.

No princípio de seu mandato, Vargas tentou articular um governo que conciliasse com variadas frentes. Preservou sua estratégia histórica de manter sob sua influência principalmente o parlamento e as Forças Armadas. Para isso, entregou o Ministério de Viação e Obras Públicas para o antigo interventor de São Paulo Adhemar de Barros do PSP. Colocou nomes consolidados e respeitados dentro das armas, como o do General Estillac Leal no Ministério da Guerra, homem associado à campanha pela nacionalização do petróleo e presidente do Clube Militar. Ofereceu até mesmo para a oposição udenista uma pasta, a da Agricultura, sendo indicado o usineiro pernambucano João Cleofas. Reservou apenas o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio para a sua legenda, o PTB.

A conciliação não viria a funcionar. Progressivamente Vargas viu crescer seu isolamento, tendo que fazer uma opção distinta diante do histórico de suas práticas políticas. O ano de 1953 foi o momento da percepção. Deixou de tentar articular com a oposição e com setores incertos da situação, principalmente alocados no PSD, e dispôs uma estratégia de sustentação fundamentalmente articulada no apoio da classe trabalhadora. Tentaria se preservar no poder por meio do apoio do PTB e de suas bases. Utilizar-se dos operários como bloco de sustentação não era uma estratégia nova na sua carreira, já o fizera antes, porém tomá-los como base fundamental era uma medida inesperada.¹⁶³

As reformas ministeriais que fez entre junho e julho de 1953, colocando Oswaldo Aranha na Fazenda, Tancredo Neves na Justiça e João Goulart no Trabalho,

¹⁶² ALMEIDA, Antonio Mendes Junior. Do Declínio do Estado Novo ao Suicídio de Getúlio Vargas. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*: III. O Brasil Republicano. 6^o Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 248.

¹⁶³ GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 3^o ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 23.

representam a reorganização nesse sentido. Diante dos trabalhadores, houve uma expressiva alteração de conduta. Desde 1952, o salário mínimo estava congelado. Em uma conjuntura marcada pela crise cambial e pela inflação, a perda de seu valor ocorria rapidamente diante do crescimento dos preços. Os operários, ao observar o seu padrão de vida reduzir, realizaram uma série de greves. Na maior, 300 mil cerraram os braços em São Paulo durante março e abril de 1953. Quando Vargas nomeou João Goulart para o Ministério do Trabalho, o novo titular empregou uma distinta conduta de negociação. Pela primeira vez, operários tiveram acesso ao chefe da pasta. Intervenções deixaram de ser realizadas nos sindicatos e o ministro mediava, em pessoa, as negociações entre patronato e trabalhadores. Promover um estudo aconselhando ao presidente um aumento de 100% no salário mínimo como medida para combater o ônus da inflação, seria a sua medida mais reconhecida pelos operários e mais criticada pela oposição.¹⁶⁴

A situação piorava mês após mês. Crises eram criadas ou escândalos surgiam dos bastidores. Ainda em 1953, a UDN realizou uma campanha contra o principal jornal, *Última Hora*, apoiador de Vargas. Acusavam seu proprietário, Samuel Wainer, de ser estrangeiro e de ter conseguido um empréstimo no Banco do Brasil por meio de tráfico de influência. O ano de 1954 abria-se de maneira caótica. Em fevereiro, foi entregue para o Ministro da Guerra, logo em seguida repassado ao presidente, o Memorial dos Coronéis. Documento que, entre outras coisas, criticava a falta de investimentos nas forças armadas e a indicação do Ministro do Trabalho por um aumento de 100% do salário mínimo. Medida denunciada em um tom quase moral pelos militares: seria condenável aproximar os vencimentos de um operário aos de um oficial graduado.¹⁶⁵ As Forças Armadas, como fizera repetidas vezes na história do país, agitavam-se e interviam diretamente na política civil. Era a primeira vez na Quarta República (1945-1964), Vargas fora deposto na última. Nessa ocasião, o Ministro do Trabalho teve que deixar a pasta.

Após o pronunciamento dos Coronéis, Carlos Lacerda denunciou no *Tribuna da Imprensa* um suposto projeto entre Argentina, Brasil e Chile para organizar um bloco de resistência à hegemonia dos Estados Unidos no Cone-Sul. Tratava-se do Plano ABC. A informação originara-se de uma palestra que Juan Domingo Perón dera na Escola Superior de Guerra da Argentina tecendo considerações a respeito de tais negociações

¹⁶⁴ Para a gestão de Goulart na frente do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, cf. FERREIRA, Jorge. *João Goulart – uma biografia*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.85-125.

¹⁶⁵ Para ler o Memorial dos Coronéis, cf. CARONE, Edgard. *A Quarta República (1945-1964)*. São Paulo: DIFEL, 1980, p. 556-564.

com Vargas do Brasil e o general Carlos Ibañez del Campo do Chile. A situação ainda mais se incendiaria quando, não obstante as recusas do governo a respeito da existência de tais tratativas, o antigo chanceler, João Neves da Fontoura, as confirmou.¹⁶⁶ O escândalo resultou na abertura de um processo de impeachment no parlamento, que não se concretizaria por falta de votos.

Pouco tempo depois de Vargas aprovar o aumento de 100% do salário mínimo que fora indicado por Goulart, um disparo foi feito na rua Toneleros em Copacabana. Em 5 de agosto, ocorria um atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, que sobreviveu ao evento. No entanto, o homem que lhe acompanhava, o major Rubens Vaz, foi atingido e morto. Um acontecimento de gravíssimas proporções desdobrava-se. Vargas já se encontrava pressionado. Com o homicídio, a pressão aumentava ainda mais e as Forças Armadas eram lançadas para o centro da arena política. A Aeronáutica logo iniciou investigações para descobrir o assassino e o seu mandante. Em poucos dias, ligar-se-ia a execução à guarda pessoal do mandatário da república: uma negociata entre o guarda-costas de Getúlio, Gregório Fortunato, e um matador de aluguel, Alcino, conectado à Tenório Cavalcanti, personagem funesto do baixo escalão do legislativo do Rio de Janeiro.

De imediato, a oposição bradou exigindo a renúncia do presidente. Em 24 de agosto, após receber uma intimação das Forças Armadas para renunciar, Vargas decidiu que não abdicaria de seu governo, mas de sua vida. Às 8:30, atirou no próprio coração. Meia hora depois, sua Carta-Testamento era lida na Rádio Nacional, sendo ouvida ao longo do território nacional. O efeito foi imediato: milhares tomaram as ruas a protestar, acusando a oposição de assassinato.¹⁶⁷

Luiz Alberto Moniz Bandeira acompanhou uma parte significativa dessa última crise de Getúlio Vargas na capital do país. Durante julho e o começo de agosto de 1954, quando ocorreu o atentado contra Lacerda, o jovem estava no Rio de Janeiro. Frequentava diariamente a sede do *Correio da Manhã* na Avenida Gomes Freire, onde Edmundo, Niomar e Paulo promoviam uma intensa campanha contra o presidente. Desde o Estado Novo, o jornal de seus parentes era um forte veículo de oposição a Vargas. A famosa entrevista que Carlos Lacerda fizera com José Américo de Almeida,

¹⁶⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 478.

¹⁶⁷ Para uma descrição dos últimos dias e horas de Getúlio Vargas, cf. RIBEIRO, Darcy. *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985. SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 173-180.

na qual o escritor exigia a convocação de eleições diretas em plena ditadura, fora publicada no *Correio da Manhã*. Tal texto, divulgado em 22 de fevereiro de 1945, muitas vezes é recordado como o primeiro ato de oposição aberta ao Estado Novo.¹⁶⁸

1.10 Reflexões

Em 1954, Moniz Bandeira não produziu nada sobre o que aconteceu naqueles tão intensos dias. Todavia, não demoraria muito para se dedicar a escrever sobre os últimos dias de Vargas. No ano seguinte, disponibilizou no *A Tarde* alguns artigos de opinião refletindo sobre os desdobramentos da crise política de 1954. Nesses escritos, pensou sobre o desmonte da base de apoio parlamentar, desenvolvendo uma noção crítica a respeito do presidencialismo. Sua opinião colocou-se contrária a essa forma de organização da democracia representativa uma vez que devido à estrutura rígida de duração do mandato presidencial qualquer crise poderia levar a uma instabilidade generalizada, acarretando ou a golpes ou a impeachments. Na sua opinião, seria mais plausível para uma administração equilibrada o estabelecimento do parlamentarismo, pois a remoção de um Primeiro Ministro colocar-se-ia menos traumática para a nação em caso de perda de sustentação parlamentar.¹⁶⁹

Essa reunião de textos do jovem Moniz Bandeira é relevante. Após assistir o fim do governo Vargas no Rio de Janeiro, o rapaz colocava-se pela primeira vez a pensar e a propor uma questão latente do tempo presente. Rompia com uma certa tendência memorialística, que habitava os seus escritos nos periódicos de Salvador, de ficar se voltando permanentemente para o passado de maneira contemplativa, sem desenvolver qualquer movimento que refletisse o presente com maior substância. Mostra-se interessante que nesses escritos há uma não utilização da tradição marxista de se problematizar a política. Não se dispõe uma proposição que se tome o Estado, não existe uma revolução, no entanto diferentemente se coloca em pauta uma reforma na lógica do executivo e do legislativo, ou seja da própria estrutura democrática liberal.

¹⁶⁸ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, p. 67. LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

¹⁶⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A Crise e o Presidencialismo. *A Tarde*, Salvador, 30 de abril de 1955, p. 7. _ . Parlamentarismo ou Ditadura. *A Tarde*, Salvador, 4 de junho de 1955, p. 7. _ . A Crise e as Eleições. *A Tarde*, Salvador, 24 de setembro de 1955, p. 7. _ . A Consolidação do Regime. *A Tarde*, Salvador, 1 de novembro de 1955, p. 7. _ . A Falência do Presidencialismo. *A Tarde*, Salvador, 18 de novembro de 1955, p. 7.

Tal fato é indicativo do processo de amadurecimento que estava a construir. Percebia melhor o mundo e estava em busca de categorias para entendê-lo. Não tinha lido e refletido suficientemente material marxista para conseguir implementar seus conceitos. O que faria alguns anos depois. Manejava os conceitos mais aparentes da política que aprendia nas oficinas jornalísticas. A conduta de se apresentar como trotskista em Salvador se desdobrava mais de uma admiração cultivada pelo tio do que de um processo de leitura e sistematização. Por outro lado, demonstrava já um significativo entendimento das estruturas básicas da política formal brasileira.

1.11 Universidade da Bahia

Se o ano de 1954 trouxe um salto na carreira, um acontecimento que lhe impactou a reflexão e a oportunidade de conhecer a capital da República, 1955 trouxe o momento de refletir sobre esses desdobramentos e alçar novos postos e pretensões. Com o encerramento do Clássico, Moniz Bandeira realizou o vestibular para o curso de Direito da UBA, sendo aprovado. Adentrou uma das mais antigas faculdades jurídicas do Brasil onde o seu amigo João Eurico Matta estudava desde o ano anterior.

Tratava-se de um ambiente conservador, profundamente voltado para a tradição bacharelesca local, mas que ao mesmo tempo tinha abertura para outras correntes de pensamento. As esquerdas tinham uma presença em seu interior. Em 1935, Carlos Marighella coordenara a fundação de um célula comunista dentro da Faculdade de Direito,¹⁷⁰ na qual também atuaram Mário Alves e Jacob Gorender,¹⁷¹ demonstrando a coexistência de distintas formas de pensar e agir no mesmo espaço.

Quando Moniz Bandeira entrou no curso, não imaginava que sua estadia seria curta, estava a realizar sondagens e cultivar incertezas. Foi na virada do primeiro para o segundo semestre de 1955 que se dirigiu definitivamente ao Rio de Janeiro para morar com o seu tio em um apartamento na rua Jangadeiros, após trancar o curso da UBA. Embora o pouco tempo no curso universitário, ainda assim foi um espaço positivo para a sua construção intelectual, incitando-lhe a escrever textos nos quais dispensou maior atenção para o fenômeno político. Na universidade, adentrava o universo da academia científica desenvolvendo os seus primeiros contatos com essa forma de escrita. Em

¹⁷⁰ MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 73.

¹⁷¹ MAESTRI, Mário. Jacob Gorender. In: PERICÁ, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 254.

outras palavras, encarava pela primeira vez a estilística científica, a qual oferece métodos de trabalho conceitual e analítico mais rigorosos, além de proporções mais dilatadas, em comparação com o meio jornalístico. Seus escritos adquiriram um maior nível qualitativo a partir desse momento, contudo tudo precoce. Trata-se de um rapaz com menos de 20 anos que passava por um significativo processo de amadurecimento.

As suas noções de marxismo manifestaram-se dentro de uma das matérias do primeiro semestre. Quando no curso de Economia Política, produziu uma breve monografia argumentando que o caráter do sistema econômico da União Soviética era de um Capitalismo de Estado e não socialista.¹⁷² Volvia uma vez mais à caracterização da URSS que Mario Pedrosa optara em desacordo com a IV Internacional e que Edmundo lhe transmitira. Porém, dessa vez as suas considerações não se circunscriviam mais à oralidade, seja com jovens militantes da UJC que conheceu no Clássico, seja com outras pessoas nas vias de Salvador. Desenvolveu um exercício cognitivo de maior sofisticação, requisitando a mobilização de textos e categorias.

Nessa mesma instituição, contribuiu com a revista dos graduandos do curso de Direito, a *Ângulos*. Fundada em 1950, a publicação era ligada ao Centro Acadêmico Ruy Barbosa e aceitava colaborações de alunos, professores e autores regionais, além de traduzir escritores estrangeiros. Foi um dos mais importantes periódicos que floresceram na Bahia na Quarta República. Junto da *Cadernos da Bahia* e da *Mapa*, a *Ângulos* compunha o núcleo fundamental das publicações seriadas de Salvador.

Colocava-se esteticamente criativa, pois abria suas páginas para jovens artistas plásticos ávidos por experimentações. Contudo, o seu mais interessante viés certamente é no campo intelectual, sendo possível observar em suas páginas tanto a atenção para pensadores internacionais que então tinham grande apelo – o existencialismo de Albert Camus, o pacifismo de Romain Rolland, a poesia de Garcia Lorca, o marxismo de Paul Baran e Bertolt Brecht; quanto para escritores nacionais que davam os seus primeiros passos.¹⁷³ Carlos Nelson Coutinho, enquanto estudante, publicou o seu primeiro trabalho sobre o pensamento de Antonio Gramsci em 1961.¹⁷⁴ Caetano Veloso, que era

¹⁷² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Reunificação da Alemanha: do Ideal Socialista ao Socialismo Real*. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 2009, p. 24.

¹⁷³ Para a lista de colaboradores da revista *Ângulos*, cf. MATTA, João Eurico. Índice Geral dos Colaboradores da *Ângulos*. In: MATTA, João Eurico. *Ângulos (a vigência de uma revista universitária)*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987, p. 61-75.

¹⁷⁴ COUTINHO, Carlos Nelson. Problemática atual da dialética. *Ângulos*, Salvador, nº 17, 1961.

da carreira de Filosofia, lá apresentou um escrito sobre estética.¹⁷⁵ Glauber Rocha desenvolveu suas primeiras críticas de cinema em suas páginas.¹⁷⁶

Em agosto de 1955, saiu um texto de Moniz Bandeira na *Ângulos*. Nessa ocasião, redigiu uma poesia que exaltava a figura histórica de Leon Trotsky, “Canto a Trotsky”.¹⁷⁷ Colocava-se a expressão mais cadente da influência e da filiação de Luiz Alberto para com as ideias de seu tio. Redigida em verso moderno, a poesia lança ainda uma outra dimensão das leituras de Luiz Alberto. Conta com uma epígrafe de André Breton,¹⁷⁸ demonstrando uma curiosidade para a ala do surrealismo que se conjugou com Trotsky. O texto foi retirado de um discurso pronunciado pelo francês em um comício do *Parti Communiste Internationaliste* realizado em 11 de novembro de 1938 e publicado na revista *Quatrième International*.¹⁷⁹

Em outra perspectiva, tal escrito também dispõe duas vertentes de interesse que conviviam em Moniz Bandeira: a do poeta e a do militante. Em Salvador, obviamente que a vocação artística se colocava em primeiro plano, dedicando-a mais tempo. Não havia a possibilidade de desenvolver uma militância conjugada com as posições que cultivava, mal conseguia organizar um movimento. Todavia, a sua ida ao Rio de Janeiro mais tarde estaria também concatenada com a procura de possibilidades mais reais de atuar politicamente, mas não só. Na capital, poderia almejar se pôr como um escritor de apelo nacional e não regional. Em suma, o mundo crescia-lhe expressivamente e com isso percebia que os espaços de consagração dentro da realidade brasileira não estavam em Salvador, mas ao Sul.

1.12 Primeiras impressões e expressões

Por causa das cartas trocadas com os parentes e a viagem à capital da república, Moniz Bandeira fez a opção definitiva: foi morar no Rio de Janeiro junto de seu tio Edmundo Moniz. Essa opção acarretou-lhe a consequência de perder o emprego no *Diário da Bahia*, que no ano seguinte encerraria as suas atividades. O *A Tarde* mantinha um escritório funcionando no Rio de Janeiro, devido à cobertura nacional que realizava.

¹⁷⁵ VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 209.

¹⁷⁶ MATTA, João Eurico. Introdução. In: MATTA, João Eurico. *Ângulos (a vigência de uma revista universitária)*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987, p. 36-37.

¹⁷⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Canto a Trotsky. *Ângulos*, Salvador, n° 6, 1955.

¹⁷⁸ “Je salue le camarade Trotsky, superbement vivant et qui verra de nouveau sonner son heure, je salue le vainqueur et le grand survivant d’Octobre, je salue le theoricien immortel de la revolution permanent” Idem., p. 72.

¹⁷⁹ BRETON, André. Visite à Léon Trotsky. *Quatrième International*, n° 14/15, nov.-dez., 1938.

Dessa forma, preservou a sua colaboração, enviando esporadicamente textos ao editorial, procedimento que se manteve até 1958.

Igualmente ao ano anterior, manteve em 1955 a iniciativa de dispor colaborações no *Correio da Manhã*. Dessa vez, apresentou cinco poesias intituladas: “Crepúsculo”, “Composição”, “Tempo”, “O tempo e o retrato” e “Noite de Natal”.¹⁸⁰

Crepúsculo

O crepúsculo prolongou-se até às palmas das minhas mãos
estendidas ao vento por que te mando o meu adeus.
E tudo é silencioso.
A esta hora, companheira, vejo-te na estrela vésper,
como imagem de sonho consternado pela solidão.
Mas eu sou o cavaleiro de todos os crepúsculos,
montando palavras selvagens
a percorrer sangrando estradas que se desdobram com o surgir da noite,
em busca da tua primeira lembrança que o vento levou e o mar não devolveu.
E o crepúsculo é a outra face das velas de barcos em silhuetas,
é o meu desejo esmagado na distância pelo último momento em que,
absoluta,
te senti presente aos meus olhos de pássaro sem pouco.
Há um sabor de lágrima contida.
Crepúsculo!
E tudo mais é silêncio...

Composição

Num espaço transparente
as curvas se movimentam

E as cores sem forma
– amarelo e sombra –
se fazem claro
ao infinito.

Mas sobre um plano de luz
um vertical branco
Continua
caindo,
caindo.

Tempo

Depois de mim,
o limo vestirá meus versos,
as mulheres continuarão mulheres.
Outros homens virão.
As lágrimas da amada

¹⁸⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Crepúsculo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1955, p. 9. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Composição. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1955, p. 8. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Tempo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1955, p. 8. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. O Tempo e o Retrato. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1955, p. 9. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Noite de Natal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1955, p. 8.

serão sono e vinho
depois de mim.
Haverá um mar cheio de velas sem vento,
haverá um mar
continuando o mar e o tempo.
Depois de mim.
Ah! o tempo!

O tempo e o retrato

Se o tempo flui gravando sobre a face
o roteiro da vida, porventura
só permanece, para que ultrapasse
a ti mesma, tua imagem sempre pura.

Inviolado mistério em que perdura
das formas a nudez, e em que renasce,
entre cinzas e sombras, a amargura
de continuar de carne o desenlace.

E à morte, à inflação das horas, é o
desejo de buscar o próprio céu
que anima teus contornos, faz vivê-los.

Pois, nessa angústia que apagar não tento,
acesa a efígie de lilás e vento,
a lua escorre pelos teus cabelos.

Noite de Natal

Nesta noite
de todas as noites
dormidas silenciosamente
eu estive desperto
na vigília das horas
que passavam pesando
minhas pálpebras cansadas.

Nesta noite
ofertei ao tempo
as lembranças
que restavam
daquela que comigo
brincava no tempo da infância.

Nesta noite esperei-a
Mas em vão.
A longa noite de Natal
e de interminável espera
passou por sobre minhas mãos
sem nada me deixar

Agora
Quero um pedaço do crepúsculo
para cobrir
o reflexo
daquela quando criança.

E seguirei
no cego labirinto

das memórias
levando nos meus olhos
infinitos desdobrados
e céu sem uma estrela.

Em junho de 1955, foi publicada uma entrevista dada por Moniz Bandeira ao *Tribuna da Imprensa*.¹⁸¹ O texto demonstra algumas dos motivos da opção do rapaz de ir morar no Rio de Janeiro. Nesse sentido, o seu próprio título é muito autoexplicativo: “Na Província ninguém tem seu lugar ao sol”. Moniz Bandeira destaca a decadência cultural e econômica que a capital nordestina passava, ponderando que os novos escritores eram poucos e careciam de espaços. As diversas dificuldades faziam os mais novos conseqüentemente seguir, ou para o Rio de Janeiro, ou para São Paulo. O seu caso e também de vários outros. Afirmou ainda que da sua geração dois nomes mereciam atenção: o seu amigo João Eurico Matta no âmbito do ensaio e Raimundo Amado, na poesia. Por outro, entre os antigos demarcou as figuras de Carvalho Filho e Camilo de Jesus Lima, movimento que já realizara em outras oportunidades.

A entrevista era uma consequência direta do capital social acumulado por Moniz Bandeira nos últimos meses. As publicações no *Correio da Manhã* eram importantes, porém secundárias. A aproximação que tivera com Augusto Frederico Schmidt e Niomar Moniz de longe foi mais expressiva uma vez que resultou em um grande projeto. No princípio de 1955, o Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura lançou um plano editorial de seleção e publicação de jovens autores. A escolha seria realizada por uma comissão composta por: José Brito Broca, crítico literário e jornalista, autor de um livro de história da literatura, *A vida literária no Brasil*,¹⁸² pelo tradutor Waltensir Dutra, que verteu diversas obras para o português, entre elas a de Leo Huberman *História da riqueza do homem* e a biografia em três volumes de Trotsky feita por Isaac Deutscher,¹⁸³ e pelo jornalista Richard Quintas Perez.

A partir da indicação de Schmidt,¹⁸⁴ Moniz Bandeira foi um dos selecionados. A aprovação ocorreu em fevereiro de 1955 e foi anunciada para os meses seguintes,¹⁸⁵ mas na prática somente saiu do prelo no final de 1956, após repetidos anúncios da impressão

¹⁸¹ Tribuna da Imprensa. Na Província ninguém tem seu lugar ao sol. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16-17 de abril de 1955, p. 4.

¹⁸² BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

¹⁸³ HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

¹⁸⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 17.

¹⁸⁵ Revista da Semana. Noticiário. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1955, p. 16.

e conseguinte adiamento. O título do livro de Luiz Alberto foi divulgado inicialmente como *Palavras ao Vento*, no entanto apareceu intitulado como *Verticais*.¹⁸⁶

Trata-se de uma pequena obra com aproximadamente 50 páginas dedicada aos pais, à avó Laurinda e ao tio Edmundo. São 33 poesias elaboradas em verso moderno e expressas em variadas dimensões: soneto, trova, epigrama e balada. O material é parcialmente inédito, já que parte apareceu anteriormente em jornais. Trata-se do primeiro livro que Moniz Bandeira lançou na sua vida, iniciando-se em um gênero que encontra difícil difusão e recepção editorial. As obras de poesia demoram para esgotar, tendo uma vendagem muita lenta, ainda mais em um país com alta taxas de analfabetismo. Nesse sentido, a chancela de Augusto Frederico Schmidt e o apoio estatal foram fundamentais para a concretização da empreitada.

A fortuna crítica da obra foi morna, havendo poucas reações e quase todas matizadas por contatos diretos e indiretos. José Condé, um crítico literário e escritor que trabalhava no *Correio da Manhã*, demarcou o estreante como detentor de um “bom lastro de sensibilidade” e portador de uma “comunicação lírica”, não indo muito além disso.¹⁸⁷ Trata-se de um texto breve e publicado em um negócio familiar. Também no mesmo jornal saiu a crítica de Joaquim Ribeiro, que pouco fala da obra e mais expõe sobre o valor da construção das imagens na feitura das poesias.¹⁸⁸ No *Diário da Noite*, um texto assinado pelas iniciais “F. C.” e ilustrado com um desenho do rosto de Moniz Bandeira elogia a capacidade lírica do autor, mas não muito mais se aprofunda.¹⁸⁹ Repete-se o elogio. Algo importante a ser considerado sobre essa crítica, de janeiro de 1957, é que ela apareceu ao mesmo tempo em que Moniz Bandeira trabalhava no *Diário da Noite*. Não que esses espaços de publicação anulem as qualidades destacadas pelos críticos, mas apresentam vinculações sociais no mínimo imediatas.

No *Diário Carioca*, um antigo amigo de Moniz Bandeira, o poeta Elpídio Bastos, redigiu uma crítica elogiosa, destacando-lhe o talento e a maturidade.¹⁹⁰ Outro amigo dos tempos de Salvador, Camilo de Jesus Lima, igualmente dedicou comentários à nova obra de Luiz Alberto no *Jornal do Brasil* e também no *Diário Carioca*. Em dois textos distintos, Lima renova elogios a *Verticais*, destacando semelhanças estilísticas

¹⁸⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Verticais*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1956.

¹⁸⁷ CONDÉ, José. Escritores e Livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1957, p. 12.

¹⁸⁸ JOAQUIM RIBEIRO. Os valores plásticos e a poesia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 de junho de 1957, p. 10.

¹⁸⁹ F. C. Moniz Bandeira: *Verticais*. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1957, p. 11.

¹⁹⁰ ELPÍDIO BASTOS. *Verticais*. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1957, p. 3.

entre o jovem e Federico García Lorca.¹⁹¹ A única crítica negativa que recebeu foi publicada na *Revista da Semana* e não era assinada. Nela coloca-se uma posição assertiva, taxando como “mediocre”: “Em ‘Verticais’, a poesia quase sempre está ausente; a temática é comum; a técnica inexpressiva. Falta a Moniz Bandeira maior personalidade poética, contentando-se ele com repetir, banalmente, os poetas maiores do modernismo brasileiro. Talvez, com o tempo, essa personalidade hoje ausente venha a manifestar”.¹⁹²

Em outubro daquele ano, Moniz Bandeira assinaria junto de outros jornalistas uma carta de solidariedade da ABI a Paulo Bittencourt,¹⁹³ o marido de sua tia e proprietário do *Correio da Manhã*. O documento se constituiu em consequência da escalada de conflitos entre Paulo e o senador Juracy Magalhães, antigo interventor da Bahia. Por consequência, um desafeto histórico da família Moniz, adepta do autonomismo. Magalhães, irritado com a forma que o editorial lhe tratava, inicialmente desafiou Bittencourt para um duelo, prontamente recusado por conceber tal prática como arcaica.¹⁹⁴ O parlamentar, não satisfeito, foi tirar satisfações com o jornalista em um evento do Museu de Arte Moderna, resultando em um enfrentamento com punhos cerrados.¹⁹⁵

O segundo semestre de 1955 foi um momento conturbado para a vida de Moniz Bandeira. O rapaz estava transferindo-se definitivamente para o apartamento do tio Edmundo e se adaptando ao novo contexto. Teve que resolver diversos detalhes, entre eles o trancamento da faculdade em Salvador. Somente no ano seguinte transferiria sua matrícula para a Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas. Nos deslocamentos, mobilizou alguns contatos, a pedido da direção do PSB, ligados ao movimento estudantil em Salvador para apoiar a candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República.¹⁹⁶ Em 3 de outubro ocorreu o pleito com vitória do político mineiro com

¹⁹¹ LIMA, Camilo de Jesus. Autor sobre autor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1957, p. 3.

¹⁹² LIMA, Camilo De Jesus. Verticais. *Diário Carioca*, 14 de abril de 1957, p. 2.

¹⁹³ Revista da Semana. Livros em Destaque. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 6 de abril de 1957, p. 11.

¹⁹⁴ Correio da Manhã. Solidariedade a Paulo Bittencourt. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1955, p. 3.

¹⁹⁵ O padrinho de Magalhães oferece um relato sobre os motivos de sua ira: “O Senador Juracy Magalhães e o *Correio da Manhã* mantinham profunda divergência. O jornal omitia sistematicamente do noticiário o nome do senador. Abriu, entretanto, certa vez, uma exceção à regra e o criticou acerbamente”. KRIEGER, Daniel. *Desde as missões... saudades, lutas, esperanças*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 137-138.

¹⁹⁶ ANDRADE, Jeferson de, op. cit., 1991, p. 93-94.

¹⁹⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira (depoimento, 2003)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 3.

35% dos votos, derrotando Juarez Távora da UDN, Adhemar de Barros do PSP e Plínio Salgado do PRP.

Tal opção provavelmente realizou-se devido à influência que sofria de Augusto Frederico Schmidt e Edmundo Moniz, que nas páginas do *Correio da Manhã* constituíram uma defesa incessante de Kubitschek. O jornal não apresentava um apoio institucional formal, mas o poeta frequentemente engrandecia a imagem do mineiro, enquanto que o trotskista desenvolvia um ataque incisivo a Távora.¹⁹⁷

¹⁹⁷ LEAL, Carlos Eduardo, op. cit., 2010.

Capítulo III. Cidade Maravilhosa

1.13 Entre nordeste e sudeste

Assim como Edmundo Moniz fizera antes, Luiz Alberto Moniz Bandeira deixou Salvador. Entre 1954 e 1955, realizou várias movimentações entre os dois espaços, necessitando resolver diversos detalhes. Seria no ano de 1956 que se conectaria de fato com o Rio de Janeiro, quando já tinha iniciado seu curso universitário na cidade e já estava plenamente alocado na casa de seu tio. Ser-lhe-ia profunda a mudança de contexto. Deixava uma cidade de importância regional e decadente economicamente, não obstante tivesse um significativo movimento artístico, para habitar o centro político e cultural do país. De um universo de aproximadamente 650 mil pessoas dirigiu-se para uma cidade com 3 milhões e 300 mil.¹⁹⁸

A opção pelo deslocamento não o singulariza. Trata-se de mais um exemplar entre tantos outros de uma geração de nordestinos que se dirigiram para o Sudeste em busca de melhores oportunidades em meados da metade do século passado. Contudo, existem no mínimo dois estratos de indivíduos nesse processo. Por um lado, um conjunto de marginalizados que procuravam melhores condições de sobrevivência, muito bem expressos pela pintura *Os Retirantes* de Candido Portinari, que se convertiam na classe trabalhadora na economia em expansão do Rio de Janeiro e especialmente de São Paulo. Por outro, um núcleo de menor proporção, principalmente originário das classes mais abastadas, que ia para as capitais do Sul em busca de maior reconhecimento ou postos mais prestigiados no exercício do seu ofício. Configurava-se, assim, uma espécie de fuga ou remanejamento de cérebros dentro do próprio país.

Diversos são os exemplos no segundo âmbito: médicos, advogados e outras carreiras mais formadas na UBA e outras instituições de ensino superior nordestinas mudaram-se visando melhores salários e/ou aprofundar outros interesses no sul do país. Não obstante seja mais rememorado o acervo de artistas que fizeram isso, tanto em Salvador, quanto em outras capitais da região, como por exemplo Caetano Veloso, Antonio Carlos Belchior, Raimundo Fagner etc.

¹⁹⁸ A maior cidade era São Paulo com seus 3 milhões e 800 mil habitantes. As projeções referem-se ao ano de 1960. Dados retirados do site do IBGE.

Restringindo-se aos intelectuais marxistas que teriam destaque no Brasil na segunda metade do século XX, pode-se destacar dois além de Moniz Bandeira que elaboraram tal movimento. Apesar de origens sociais humildes, mas ainda com possibilidades para ascender socialmente até ingressar na Faculdade de Direito da UBA, Jacob Gorender realizara uma década antes o itinerário, deixando Salvador pelo Rio de Janeiro em busca de maiores posições dentro do PCB.¹⁹⁹ Na década de 1960, Carlos Nelson Coutinho, outro intelectual ligado ao comunismo, deslocar-se-ia igualmente para a capital carioca. No entanto, o seu caso coloca-se um pouco mais complexo. O abandono da terra materna deu-se fundamentalmente em consequência da escalada repressiva ocorrida em Salvador contra os militantes de esquerda no pós-golpe de 1964. Após abandonar uma vaga de assistente de professor em uma Cátedra de Filosofia na UBA, foi para o Rio de Janeiro por causa de um inquérito aberto contra ele, consolidando-se no novo espaço primeiramente como tradutor e depois como teórico.²⁰⁰ Processo esse semelhante ao de Paulo de Moraes Farias, amigo e interlocutor de Moniz Bandeira que igualmente sofreu perseguição, indo para a África e mais tarde para a Inglaterra em vez de para o Rio de Janeiro ou outra cidade do Sudeste. Na verdade, processos comuns entre uma série de intelectuais que mantinham ligações com o marxismo na segunda metade do século XX.

O Rio de Janeiro permanecia como um horizonte até a chegada de fato, quando se podia ver as representações materializadas. Na região sul da cidade, dispunha-se a autoridade presidencial com o Palácio do Catete, mas que em abril de 1960 mudaria para o centro do Brasil com o encerramento da construção de Brasília. O legislativo e o judiciário federal mantinham os seus prédios lá, fazendo morar na cidade deputados de todo o território nacional. Alguns dos maiores e mais importantes jornais (*O Globo*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* etc.) e editoras (Civilização Brasileira, José Olympio) tinham ali suas sedes. Da mesma forma, os consulados e as embaixadas de nações estrangeiras dispunham-se em prédios. O Belmond Copacabana Palace, o mais importante hotel do país, já se colocava à frente da Praia de Copacabana, estando também levantado o Estádio do Maracanã, na zona norte do município. O Cristo

¹⁹⁹ Sobre a vida e obra de Jacob Gorender, cf. QUADROS, Carlos Fernando de. *Jacob Gorender, um militante comunista: um estudo de sua trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. MAESTRI, Mário. Jacob Gorender. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 253-273.

²⁰⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. *Intervenções: o marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 169.

Redentor ocupava o Corcovado desde 1931 e o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, uma das construções do projeto da reforma municipal do prefeito Pereira Passos, instalava-se irresoluto na praça da Cinelândia nas proximidades da Biblioteca Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes.

Claro que São Paulo igualmente se mostrava como um polo expressivo, mais econômico do que político, especialmente após a instalação das indústrias automobilísticas no ABC paulista no governo Juscelino Kubitschek. Jornais como *A Folha de São Paulo* e o *Estadão*, editoras como a Martins e a Companhia Editora Nacional e a instituição de ensino superior mais importante do país, a USP, tinham suas instalações na cidade. Todavia, optar pelo Rio de Janeiro ou por São Paulo não significava, por conseguinte, uma vida exilada da outra grande metrópole. Fazê-lo acarretava colocar-se somente em uma preferência geográfica, uma vez que a distância entre as cidades, de aproximadamente 436 quilômetros, possibilitava um deslocamento relativamente fácil entre elas. Existia a possibilidade de interação, diferentemente da situação de um ambiente de uma capital nordestina.

1.14 Poeta na cidade

No começo de 1956, Moniz Bandeira não tinha trabalho, apenas escrevia como *freelancer* para o *Correio da Manhã* de tempos em tempos. Sua produção seria pouco numerosa no editorial, embora significativamente interessante em determinados momentos devido às relações sociais que apresentava. Redigia em geral sobre temáticas que estavam concatenadas com seu itinerário. Todavia, sua rotina estava mais voltada a outras demandas. Dedicava-se fundamentalmente ao curso de direito na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas e a uma nascente organização socialista em São Paulo.

No *Correio da Manhã*, a sua primeira contribuição ocorreu em janeiro, sendo uma vez mais um texto sobre Carvalho Filho, seu antigo preceptor. Requentaria escritos repetidas vezes em 1956.²⁰¹ No mês seguinte, ofereceu duas contribuições. A primeira era a reelaboração de uma temática que já tinha aparecido em suas colunas em Salvador,

²⁰¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Nota sobre Carvalho Filho. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1956, p. 9.

“O Papel Histórico de Junqueira Freire”²⁰²; a segunda foi uma breve poesia intitulada “Poema do Encantamento”.²⁰³

Poema do Encantamento

Baixe o crepúsculo
e que as formas não ressuscitem.

As ondas apaguem
os últimos rastros que deixaste na areia.

Mas um pássaro cantará
no horizonte queimado dos teus seios

No âmbito poético, sua produção se manteve constante, fazendo aparecer diversos poemas. A partir de fevereiro, foram mais quatro: “Apelo”;²⁰⁴ “Sonetos”;²⁰⁵ “Soneto”;²⁰⁶ e “Soneto para a que ficou”.²⁰⁷ A aprovação da publicação do seu primeiro livro, *Verticais*, ocorrera em 1955 e após repetidos anúncios apareceu no final de 1956.²⁰⁸ Fato que se soma às suas conquistas recentes no campo lírico. Estava estimulado a se projetar como um escritor, sendo assim publicamente reconhecido. A questão é que Moniz Bandeira tentou se deslocar nesse universo artístico específico que sobrevivia nas editoras, nas páginas de jornais, nos eventos acadêmicos e museológicos. Para isso, realizava uma produção poética nas páginas do *Correio da Manhã*. Tentava ingressar nesse mundo a partir da plataforma do jornal de sua família.

Apelo

Desnuda-te de prata e violeta
que te quero pura
como nas origens.

Antes da morte,

²⁰² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. O Papel Histórico de Junqueira Freire. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1956, p. 9.

²⁰³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Poema do Encantamento. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1956, p. 12.

²⁰⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Apêlo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1956, p. 9.

²⁰⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Sonetos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1956, p. 9.

²⁰⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Soneto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1956, p. 9.

²⁰⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Soneto para a que ficou. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1956, p. 9.

²⁰⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Verticais*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1956.

vem a mim.
 Só meu coração dobra
 para que a música contorne
 tua nudez.

A carne se faz espuma
 e se dissipam as formas.
 Mas nem o vento
 nem a água das fontes
 jorrando na noite
 pode apagar teus gemidos

Antes da morte,
 desnuda-te de prata e violeta,
 que te quero pura
 como nas origens.

Sonetos

Não mais te olhei nem vi que te afogavas
 nas profundas distâncias da partida.
 O último adeus nos lábios apagou-se
 e a aurora se desfez nos teus cabelos.

As horas desgastaram-te a presença,
 o calor do teu corpo no meu corpo.
 Apenas conservei tua imagem
 modelada em manhãs de lírios brancos .

Partiste e me deixaste só, morrendo
 como um grito sem eco, voz extinta
 neste deserto verde de minha alma.

Busquei libertação no esquecimento,
 mas trazia, rasgado o céu dos sonhos,
 uma estrela chorando no meu peito.

Soneto

Contemplo-te ao meu lado em véus de espuma,
 queimando a solidão das madrugadas,
 como sombra sem forma e sem contornos,
 sono, música, orvalho e pensamento.

Estás como presente nos meus versos,
 no fluir das águas, no cantar das horas,
 mas tuas cartas não chegaram ainda
 para encher de calor este vazio

Escreva-me, porque, desfeito o tempo,
 arde a tua silhueta para sempre.
 no horizonte fechado de desejos

E, quando, à dor de todas as distâncias,
 as palavras sangrarem de tristeza,
 as flores nascerão de teu silêncio

Soneto para a que ficou

A que ficou, a que ficou tão longe,
adornada de branco e de neblina,
guarda a angustia das fontes sufocadas,
da voz que anseia por tornar-se canto.

Seus olhos não encontram outros olhos
os horizontes mortos dos espelhos.
afogam-se as palavras no silêncio,
a esperança no sono da saudade.

A que ficou lutando na memória
só ressuscita efêmeros instantes
de uma aurora que nunca fez dia.

Mas, ao correr dos ventos e das chuvas,
a estrada absorve todas as lembranças
e a noite apaga formas e paisagens.

1.15 Alberto Moniz da Rocha Barros

Em algum momento entre 1955 e 1956, Luiz Alberto Moniz Bandeira foi para São Paulo junto de seu tio Edmundo Moniz. O tio mantinha uma agenda apertada, impondo-se viagens esporádicas e um intenso trabalho de gabinete, além de uma colaboração que nunca cessou com o *Correio da Manhã*. Edmundo era diretor do Serviço Nacional de Teatro, órgão do Ministério da Educação e Cultura, que tinha como fim o estímulo e financiamento do teatro nacional.²⁰⁹ Permaneceu no cargo entre 9 de fevereiro de 1956 e 18 de fevereiro de 1961, tendo também uma segunda passagem entre 17 de outubro de 1961 e 11 de julho de 1963 durante o mandato de João Goulart.²¹⁰ Moniz Bandeira constantemente estava com o tio em suas atividades. Inclusive foi no prédio do SNT, no número 179 da avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, que Luiz Alberto conheceu a sua primeira esposa, Dulce Maria, funcionária do jurídico da instituição.²¹¹

Em uma das viagens do sobrinho com o tio, Luiz Alberto foi para São Paulo e aprofundou a relação com um parente que morava na capital. No número 579 da Rua Tupi, bairro Santa Cecília, o rapaz começou a frequentar a casa de um outro tio, Alberto Moniz da Rocha Barros, expoente da família que também remetia a Salvador, mas que viera para o estado de São Paulo. Edmundo e Alberto eram amigos havia muito tempo e

²⁰⁹ CAMARGO, Angélica Ricci. Arquivos institucionais e a história do teatro no Brasil: o caso do Serviço Nacional de Teatro (SNT). *Revista Sala Preta*, v. 17, n. 2, 2017, p. 167-171.

²¹⁰ SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO. S.N.T. Trinta anos de atividades. *Dionysos*, v. 6, p. 162-163, 1955.

²¹¹ Relato de Isadora Moniz em 2018 e Thais Portinho em 2020.

constantemente se encontravam para dialogar, conversas que se estendiam durante várias horas. A partir do momento que Moniz Bandeira mudou-se para o Rio de Janeiro, inseriu-se nessa relação. Rocha Barros possuía três filhos – Alberto Luiz, Elias e Valdemar – os quais logo se aproximaram do primo.²¹² Alberto Luiz, que se tornaria um físico notável e professor da USP, foi um parceiro constante de atividades políticas de Luiz Alberto em sua juventude.

Alberto Moniz da Rocha Barros nasceu em Jaboticabal, interior de São Paulo, e mudou-se para a capital para cursar Direito no Largo do São Francisco,²¹³ formando-se em 11 de agosto de 1927.²¹⁴ No princípio de 1930, ingressou no setor público no Departamento Jurídico do governo do Estado de São Paulo, tornar-se-ia Procurador na ascensão de sua carreira. Manteve-se nesse ofício até 1959, quando solicitou sua aposentadoria. Em 1955, começou a lecionar o curso de Introdução à Ciência do Direito na Faculdade de Direito da USP,²¹⁵ inicialmente substituindo o docente Goffredo da Silva Telles Junior, sendo efetivado no cargo em 1967. Sua permanência deu-se até 1968, quando faleceu.²¹⁶

Trata-se de uma personagem intelectualmente rica que, além da função docente, trabalhou como tradutor, vertendo para o português o texto de John Stuart Mill *On Liberty*,²¹⁷ e redigiu alguns trabalhos sobre legislação trabalhista.²¹⁸ No âmbito do marxismo, era um leitor extensivo, acumulando uma grande biblioteca de aproximadamente 10 mil volumes.²¹⁹ Sua produção escrita não foi vasta, no entanto possui o ponto interessante de ter realizado uma matutina referência a Antonio Gramsci em uma palestra proferida no interior paulista sobre o fascismo em 1935. Décadas mais tarde a fala converter-se-ia no livro *Que é fascismo?*.²²⁰ Tal pronunciamento foi uma das primeiras referências ao líder comunista italiano feitas no Brasil.²²¹ Contudo, essa não

²¹² Relato de Elias da Rocha Barros em 2020.

²¹³ Atual Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

²¹⁴ Dados da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

²¹⁵ A nomeação foi publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, assinada pelo governador Jânio Quadros, em 10 de março de 1955. O documento encontra-se presente no Processo de Contagem do Tempo de Serviço da Universidade de São Paulo, referenciado na nota a seguir.

²¹⁶ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Processo nº 24.853-67. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo.

²¹⁷ MILL, John Stuart. *Sobre a Liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

²¹⁸ BARROS, Alberto Moniz da Rocha. *Origens e evolução da legislação trabalhista*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

²¹⁹ A biblioteca foi dividida entre seus familiares. Relato de Elias da Rocha Barros em 2020.

²²⁰ BARROS, Alberto Moniz da Rocha. *Que é fascismo?* Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

²²¹ SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 15.

se trata da parte mais interessante de sua biografia. Assim como Edmundo, Alberto foi um ator histórico do trotskismo brasileiro, mas de uma linhagem distinta.

Ainda como jovem advogado que dividia a sua rotina entre um escritório particular e o serviço público, Rocha Barros entrou no PCB na década de 1930 e assumiu um papel importante na ANL. Seu discurso sobre o fascismo publicado como livro concatena-se com essa atividade política. O rapaz fazia parte da direção estadual da organização. Era um profissional liberal que se converteu em membro da célula comunista de São Paulo. Outro advogado que um pouco antes entrara no partido e igualmente ascendera na ANL, tornando-se seu presidente regional, era Caio Prado Júnior. Nos primeiros anos da década de 1930, o PCB passava por um processo de rápido crescimento na capital paulista, atraindo diversos quadros, principalmente da classe operária, mas também alguns expoentes elitizados como por exemplo Rocha Barros e Prado Júnior.²²² Nos anos 1930, Rocha Barros tinha um papel estratégico nessas organizações. Nas negociações com classes abastadas na ANL, constantemente era posto como intermediário. Seu ofício de advogado atuante dava-lhe crédito para tal. Foi ele que intermediou com Armando Salles de Oliveira, candidato presidencial nas eleições previstas pela Constituição de 1934, em nome da organização.²²³

Após a tentativa de levante em novembro de 1935, configurou-se uma situação na qual os núcleos comunistas estaduais perderam o contato com sua coordenação nacional, uma vez que boa parte de seus membros estavam presos, exilados ou escondidos. Isso possibilitou a constituição de uma grande autonomia de ação das regionais. Na sequência desse vácuo, compuseram-se dois grupos que disputaram quais diretrizes estratégicas deveriam ser tomadas diante do governo Getúlio Vargas. Em outros termos, a coordenação da legenda estava em disputa. Dispõe-se, assim, um núcleo sediado entre Rio de Janeiro e Salvador, tendo à frente principalmente Lauro Reginaldo da Rocha, contraposto a outro de São Paulo, liderado por Hermínio Sacchetta e integrado por Rocha Barros. Essas facções disputavam a hegemonia dos partidários, buscando a sua legitimação por meio da chancela do Secretariado Latino Americano e da Internacional Comunista. No final, o grupo carioca saiu vitorioso e o paulista foi expulso, acusado de ser adepto do trotskismo. Na prática, mil militantes do estado de

²²² PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 32-33.

²²³ KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2003, p. 164-165.

São Paulo foram removidos de um dia para o outro, grande parte deles não tendo muita consciência do que estava ocorrendo.²²⁴

Até a exclusão do grupo de Sacchetta, o conjunto de atores paulistas não mantinha ligações diretas com os trotskistas brasileiros, oriundos do primeiro racha organizado por Mario Pedrosa em 1929 e principalmente sediados no Rio de Janeiro. O termo estava sendo utilizado meramente como ofensa, uma estratégia para desqualificar o opositor. Todavia, com a escalada da fissura, uma ala mínima do universo de paulistas afastados aproximou-se do grupo trotskista de Pedrosa, gerando uma cisão dentro da cisão, pois a parte majoritária não estava de acordo com tal acercamento. Sacchetta e Rocha Barros foram personagens que se ligaram à ala trotskista de Pedrosa e constituíram fortes laços com esse grupo. Um dos motivos para isso eram as semelhanças estratégicas entre eles em relação ao posicionamento diante da ditadura varguista. Na esteira desses acontecimentos, Rocha Barros chegou a publicar uma carta anunciando a sua posição trotskista.²²⁵

Assim como Edmundo Moniz, Rocha Barros tornou-se um quadro do PSR, organização filiada à IV Internacional constituída para conglomerar os trotskistas cariocas e uma parte da ala expulsa do PCB de São Paulo. Mais tarde, Rocha Barros afastou-se da atuação partidária, deixando o PSR e voltando-se mais extensivamente para sua carreira de jurista e docente. Não obstante tal distanciamento, manteve conexões com diversos atores da esquerda e intelectualidade paulista, entre eles Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Emílio Sales Gomes, Pedro de Alcântara Marcondes, Orlando Gomes, Arnaldo Pedroso e outros.²²⁶ Moniz Bandeira começou a frequentar a casa de Rocha Barros quando ele já era professor universitário e recebia especialmente no período noturno esses amigos. Foi em uma dessas ocasiões que conheceu Hermínio Sacchetta, com quem Rocha Barros manteve afeição ao longo de toda sua vida.²²⁷ Luiz Alberto igualmente desenvolveria carinho e admiração por tal homem.

1.16 Sacchetta

²²⁴ Sobre tal questão, cf. KAREPOVS, Dainis, op. cit., 2003.

²²⁵ Idem, p. 375.

²²⁶ COMISSÃO DA VERDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. A Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo durante o Regime Militar. [S. l.: s. n.], 2018, p. 188-189.

²²⁷ ABRAMO, Cláudio. Mais um amigo. In: SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos*. Campinas: Pontes: Unicamp, 1992, p. 158.

Hermínio Sacchetta é uma das personagens mais interessantes que passaram pelo PCB e pelo trotskismo brasileiro no século XX. Jornalista destacado, transitou por diversas redações, assumindo mais de uma vez a posição central de diretor editorial. Na sua carreira, trabalhou na *Folha de São Paulo*, *Jornal de São Paulo*, *Diário da Noite*, entre outros periódicos. No âmbito intelectual, não foi reconhecido por sua obra. Produziu fundamentalmente artigos nos quais o fôlego interpretativo tinha diversas limitações. Mostra-se como um quadro formador e articulador. O seu poder retórico e o seu poder de coordenação eram significativos. Na década de 1940, enquanto dirigia o PSR, participou da direção de uma editora chamada Flama que se tornou conhecida por traduzir ou reeditar importantes obras de autores marxistas. No seu catálogo, constavam: *Contribuição à crítica da economia política*²²⁸ e *Miséria da Filosofia* de Karl Marx;²²⁹ *Reforma ou Revolução?* de Rosa Luxemburgo;²³⁰ e *A questão agrária* de Karl Kautsky,²³¹ Obras teoricamente relevantes que demonstram a vocação intelectual do empreendimento²³².

Contudo, foi no âmbito da formação que Sacchetta destacou-se dentro do mundo intelectual das esquerdas. É impressionante como vários intelectuais de distintas matizes referem-se a ele de maneira elogiosa, ressaltando o seu papel nas suas trajetórias. Nesse sentido, o texto de Florestan Fernandes publicado na coletânea de homenagens a Sacchetta, *O Caldeirão das Bruxas e outros escritos políticos*, é representativo.²³³ O sociólogo paulista pondera que na sua formação cultural o jornalista foi-lhe fundamental. Sua opção de se dedicar plenamente à vida acadêmica estava associada à ingerência de Sacchetta.²³⁴ Em um texto de memórias, Maurício Tragtenberg repetidamente se refere a Sacchetta de maneira carinhosa, afirmando semelhante contributo em sua formação. Seria ele uma das suas “faculdades”.²³⁵ Mesmo que com certo afastamento, Michael Löwy destaca os diálogos críticos que desenvolveram na

²²⁸ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Flama, 1946.

²²⁹ MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Flama, 1946.

²³⁰ LUXEMBURG, Rosa. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Flama, 1946.

²³¹ KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Flama, 1946.

²³² As obras citadas integram, respectivamente, os volumes 3, 2, 5 e 4 da Coleção Pensamento e Ação da Editora Flama.

²³³ Tal texto foi reeditado no último livro de Florestan Fernandes *A contestação necessária*. As referências foram feitas a partir desse texto. FERNANDES, Florestan. Depoimento sobre Hermínio Sacchetta. In: SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas: Unicamp; Pontes, 1992.

²³⁴ FERNANDES, Florestan. Hermínio Sacchetta: um amigo e companheiro de jornada. In: FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

²³⁵ TRAGTENBERG, Maurício. *Memórias de um autodidata no Brasil*. São Paulo: Escuta, 1999, p. 57, 96-97.

década de 1950 quando ambos estavam na mesma organização.²³⁶ Até mesmo um intelectual como Luiz Carlos Bresser-Pereira, expoente de nuances intelectuais que estão aquém do marxismo, afirma a sua dívida para com ele.²³⁷

1.17 Liga Socialista Independente

Constituiu-se uma interação inicial entre Moniz Bandeira e Sacchetta sediada inicialmente na casa de Rocha Barros. Essa conexão expandiu-se com o tempo, associando-se a projetos mais amplos. Nesse movimento, Moniz Bandeira integrou-se em uma das iniciativas mais interessantes que o velho trotskista ajudou a desenvolver, a LSI. Tal grupo jamais alcançou projeções significativas, sempre mantendo um universo de militantes que não passava de três ou quatro dezenas.

Sua relevância na história das esquerdas encontra-se fundamentalmente no âmbito intelectual: em quais autores destacou em suas leituras e escritos; na contestação à hegemonia interpretativa do PCB; e principalmente na formação inicial de uma série de escritores que na segunda metade do século XX teriam significativa relevância para o pensamento brasileiro. Entre seus membros, encontram-se Paul Singer, Michael Löwy, Emir e Eder Sader, Maurício Tragtenberg, Alberto Luiz da Rocha Barros, Gabriel Cohn, Renato Caldas, Milton Taccolini, Renato Pompeu e o próprio Luiz Alberto Moniz Bandeira. A organização tinha uma pequena sede, uma salinha minúscula na rua Asdrubal do Nascimento, quase na esquina da Brigadeiro Luis Antonio.²³⁸

A criação da LSI é parcialmente documentada. Em um relato coletado pelo professor Osvaldo Coggiola, Moniz Bandeira apontou que a LSI começou a ser construída a partir de uma reação crítica que ele e alguns dos seus colegas tiveram à IV Internacional. Tal resistência fez ele aproximar-se de outras personagens que optaram por formar uma nova organização em oposição às existentes. Em suma, Sacchetta

²³⁶ LÖWY, Michael. Testemunho. In: SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos*. Campinas: Pontes; UNICAMP, 1992, p. 81-82.

²³⁷ “No jornal eu segui uma carreira. Comecei como revisor, depois passei para repórter e afinal me tornei crítico de cinema entre 1953 e 1955. Eu fazia críticas todos os dias. Lá eu tive uma relação importante com o secretário da redação do jornal, um grande jornalista marxista, trotskista, o Hermínio Sacchetta. Eu, com meus 16 e 17 anos, tive grandes conversas com ele. No final da tarde, voltávamos para casa para jantar em uma caminhonete do jornal. Depois ele voltava para fechar o jornal e eu ia estudar. Lembro-me então argumentando com ele sobre a existência de Deus usando as provas de São Tomás de Aquino. Que paciência Sacchetta tinha comigo!”. O presente trecho faz parte de um livro de memórias de Luiz Carlos Bresser-Pereira que em breve será publicado. Bresser-Pereira de maneira solícita me ofereceu o presente trecho. Relato de Luiz Carlos Bresser-Pereira em 2020.

²³⁸ GUIMARÃES, Juarez. Entrevista Emir Sader. *Revista Democracia Socialista*, n. 1, dezembro de 2013, p. 7.

afastara-se progressivamente do PSR no início dos anos 1950 devido a um acúmulo de divergências com o Bureau Latino-Americano da IV Internacional.²³⁹ Concomitantemente se aproximava da leitura da caracterização da URSS como “capitalismo de Estado”, que Mario Pedrosa apresentara anos antes. Mostra-se impressionante como tal questão repete-se como um fator disruptivo na história do trotskismo brasileiro.

Nesse movimento, foi deixando de ser uma liderança para se colocar como um mero simpatizante, participando tangentemente dos debates e reuniões. A divergência fundamental ocorreu em 1954 com a estratégia política que o BLA decidiu empreender: o entrismo. Tal acontecimento foi o divisor de águas para Sacchetta, afastando-se plenamente.²⁴⁰ Sobre isso, a principal liderança trotskista no Brasil naquele período, o argentino Guillermo Almeyra, possui uma posição interessante. Declara que em suas memórias que Sacchetta e Rocha Barros tinham abandonado a IV Internacional no início dos anos 1950. No entanto, continuavam a fazer pequenas colaborações, dando dinheiro ou ajudando os colegas a arranjar emprego.²⁴¹

Sem seu principal articulador, a IV Internacional decidiu enviar um emissário para ser o secretário-geral e coordenar o partido. Em 1952, chegou ao Brasil um militante que usava o codinome Manuel. Na realidade, tratava-se do argentino Guillermo Almeyra, um jovem de 24 anos que ingressara na IV Internacional em seu país natal e rapidamente ascendera como um importante quadro. Ficaria entre 1952 e 1955 no Brasil e décadas mais tarde se tornaria professor de Ciência Política da Universidade Autônoma do México e da Universidade de Buenos Aires.²⁴² No

²³⁹ Para a história da IV Internacional e das organizações trotskistas na América Latina, cf., COGGIOLA, Osvaldo. *O trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984; ALEXANDER, Robert J. *Trotskyism in Latin America*. Stanford: Hoover Institution Press, 1973.

²⁴⁰ LEAL, Murilo. *À esquerda da esquerda: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p. 75.

²⁴¹ “Aunque algunos historiadores mal informados lleguen a decir que Sacchetta fue dirigente del POR nada menos que hasta 1958 y otros que recién rompió después del IV Congreso Mundial, rechazando la visión de Pablo sobre la crisis del estalinismo y la necesidad de intervenir en ella actuando sobre los partidos comunistas, Sacchetta, Rocha Barros y otros viejos militantes del trotskismo de los años 30-40 en realidad habían abandonado hacía rato la Internacional por sus divergencias sobre el carácter de la Unión Soviética (que consideraban capitalismo de Estado). Pero todavía en 1952 colaboraban esporádicamente, contribuyendo con no demasiado dinero o dando contactos pues eran, sobre todo, antiestalinistas. Apenas mejoré mi portugués pude así escribir artículos de análisis internacional para O Tempo gracias a Sacchetta, y otros sobre literatura latinoamericana para O Estado de São Paulo, gracias a Lívio Xavier, un personaje culto y gentil pero amargado quizás por su salud frágil y que era todo lo contrario del exuberante y teatral Hermínio Sacchetta, que estaba creando un periodismo moderno”. ALMEYRA, Guillermo. *Militante crítico: una vida de lucha sin concesiones*. Buenos Aires: Continente, 2013, p. 121-122.

²⁴² LEAL, Murilo, op. cit., 2003, p. 34-35.

desenvolvimento desse plano, o enviado reuniu-se com uma série de integrantes da esquerda brasileira, buscando cooptar quadros.

Edmundo Moniz, na presença de Luiz Alberto, foi um desses contatos. Outro que Almeyra dialogou, conseguindo-lhe cooptar, foi José Maria Crispim, antigo militante comunista que há pouco fora expulso do PCB e anunciou a entrada no POR em setembro de 1955.²⁴³ Foi nessas negociações que Moniz Bandeira também conheceu Crispim.²⁴⁴ Concentrado na sua carreira, Edmundo ofereceu pouca atenção à empresa, diferentemente do sobrinho que se atentou ao projeto, chegando a fazer parte de algumas reuniões. A iniciativa resultaria no POR constituído para demarcar a mudança de estratégia posta pela IV Internacional. Estavam envolvidos Boris e Ruy Fausto, Leôncio Martins Rodrigues e outros mais. Nas reuniões que Moniz Bandeira participou, estava acompanhado do primo Alberto Luiz da Rocha Barros.²⁴⁵

Moniz Bandeira apresentaria desacordos teóricos e táticos com esse grupo. Entre eles, explicitou-se a divergência a respeito da caracterização da URSS como “Estado operário degenerado”. Havia também questões de organização, ligadas ao centralismo democrático bolchevique assumido pela IV Internacional, que também eram contestadas. O mundo literário de Moniz Bandeira expandira-se significativamente desde que deixara Salvador e, nesse itinerário, tomou consciência das críticas que Rosa Luxemburgo estabelecera à política revolucionária russa.²⁴⁶ As bibliotecas dos seus tios estavam diretamente associadas a isso. Tratam-se de dois bibliógrafos de esquerda. A já mencionada biblioteca de Alberto Moniz da Rocha Barros contava com 10 mil volumes; Edmundo Moniz, com quem Luiz Alberto morava, tinha 25 mil, estando amplamente à sua disposição.²⁴⁷ O mundo social igualmente se dilatou, começando a conviver com pessoas que cultivavam tais reservas teóricas.

A origem da LSI possui uma dimensão social e uma dimensão intelectual. A segunda funda-se em um processo de leitura e debate dos críticos do bolchevismo, com especial destaque para Rosa Luxemburgo. Mostra-se interessante que o próprio

²⁴³ Idem., p. 85.

²⁴⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

²⁴⁵ COGGIOLA, Osvaldo. O trotskismo no Brasil (1928-64). In: LAGOA, Maria Izabel; MAZZEO, Antonio Carlos (org.). *Corações Vermelhas: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 267.

²⁴⁶ Essas considerações da revolucionária polonesa foram publicadas postumamente em 1922 no livro *A Revolução Russa*. LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.

²⁴⁷ CALDIERI, Sérgio. *Eternas Lutas de Edmundo Moniz*. Rio de Janeiro: DINIGRAF, 2011, p. 180.

Hermínio Sacchetta fez esse movimento, provavelmente por isso atraiu parte desses jovens. Michael Löwy diversas vezes destacou essa influência intelectual da revolucionária polonesa dentro do grupo, assinalando o papel de Paul Singer, outro membro da organização, na introdução de Luxemburgo no acervo de suas leituras.²⁴⁸ A questão seria a crítica ao autoritarismo do centralismo democrático.²⁴⁹ Eder Sader, um dos membros introduzidos por Löwy na LSI juntamente do seu irmão Emir quando eram estudantes secundaristas em 1959,²⁵⁰ também destaca essa característica, mas vai além. Taxa que as críticas ao nacionalismo, também caras à pensadora, explicitavam-se na atuação política do grupo.²⁵¹

Em grande medida, demarca-se uma tensão explícita entre as bases teóricas que fundam a LSI e o grupo hegemônico da esquerda naquele momento, o PCB. A oposição no âmbito de como organizar o movimento socialista é explícita. Em relação ao nacionalismo, adentra-se um problema caro e complexo do movimento marxista em toda sua história. Existe um claro mal-estar, posto que diversas das crises do marxismo, tanto na Segunda, quanto na Terceira internacionais, estão diretamente ligadas ao nacionalismo. Na realidade brasileira, também se constituem problemáticas. Em grande medida, o PCB durante a Quarta República assumiu leituras políticas sobre a revolução brasileira que se assemelhavam com as dos grupos desenvolvimentistas do ISEB e da CPEAL. A Revolução Democrática Burguesa dos comunistas acerca-se em alguns âmbitos com as leituras dos teóricos desenvolvimentistas-nacionalistas.²⁵²

A dimensão social também explicita os conflitos de diversos membros da LSI com o PCB. Provavelmente Hermínio Sacchetta seja a melhor expressão desse problema, profundamente difamado pelos comunistas desde a década de 1930, sendo o

²⁴⁸ Para os interesses de leitura marxista do jovem Paul Singer, cf. SINGER, Paul. *Paul Singer: militante por uma utopia*. São Paulo: COM-ARTE, 2013, p. 24-26.

²⁴⁹ GOMES, Ângela de Castro; REIS, Daniel Aarão Filho. Um intelectual marxista: entrevista com Michael Löwy. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 167-168. FESTI, Ricardo. Um jovem marxista nos primórdios da sociologia do trabalho: entrevista com Michael Löwy. *Caderno CRH*, Salvador, v. 31, n. 83, maio-agosto de 2018, p. 222. QUERIDO, Fabio Mascaro. *Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 50-51.

²⁵⁰ Eder e seu irmão Emir, dois importantes intelectuais da esquerda brasileira, foram introduzidos na LSI em 1959 por Michael Löwy. Relato de Michael Löwy em 2019.

²⁵¹ “A partir disso, entrei em contato com diversas tendências do movimento secundarista e depois mais particularmente, no fim de 1959, com um pequeno grupo, que fora maior, mas naquele momento estava em uma certa decadência, chamado Liga Socialista Independente. Esse grupo se formou com uma visão socialista crítica, fundava-se em Rosa Luxemburgo. Pegava em Luxemburgo o aspecto principal de articular o socialismo com a democracia. No entanto, ao mesmo tempo, tinha uma visão do nacionalismo, que era a ideologia dominante na esquerda”. SADER, Eder. Entrevista cedida a Edgard Carone. 1 CD de áudio disponível no Arquivo histórico do Museu Republicano de Itu/USP. Relato de Emir Sader em 2020.

²⁵² Para um exercício de historicização das leituras sobre a revolução brasileira, cf. PERICÁS, Luiz Bernardo (org). *Caminhos da Revolução Brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.

livro *Os subterrâneos da liberdade* de Jorge Amado a materialização dessa animosidade.²⁵³ Maurício Tragtenberg também teve uma passagem conturbada pela legenda.²⁵⁴ Há um cultivar constante, que se molda em posições intelectuais e na sociabilidade, entre as duas organizações. Löwy pondera taxativamente que houve a construção de uma anteposição ideológica da LSI ao PCB.²⁵⁵ O comentário de Moniz Bandeira em relação à IV Internacional pode oferecer um sentido distinto de conflito se lido apressadamente, no entanto, ao analisar a história e a posição dos seus diversos membros, constata-se um movimento inicial de oposição aos trotskistas, fazendo-os acercar a um outro grupo que mantinha anteposições explícitas aos comunistas. Foi apenas uma centelha inaugural o conflito com o POR que foi logo abandonado para se concentrar em opositores mais estratégicos do PCB. Obviamente que na prática da disputa política trata-se de uma tensão irrisória, pois o LSI jamais contestou a hegemonia do PCB. Um único operário fez parte dos quadros da organização.²⁵⁶

A primeira publicação da LSI foi o “Projeto de Programa e Estatutos da Liga Socialista Independente”.²⁵⁷ Trata-se de um panfleto com aproximadamente 30 páginas. No seu corpo, é informado que foi redigido por duas comissões “escolhidas em reunião plenário dos fundadores da LSI, realizada em São Paulo”. O trabalho realizou-se a partir de várias mãos de origens distintas. Sacchetta era um quadro rompido da IV Internacional e militante originário do PCB. Paul Singer e Moniz Bandeira eram filiados ao PSB, sendo o primeiro um quadro com relativa importância em São Paulo. Há de se considerar as ligações históricas com o trotskismo brasileiro que Moniz Bandeira e seu primo Alberto Luiz tinham por causa de vínculos familiares. Maurício Tragtenberg passara por diversas organizações socialistas e anarquistas, mas jamais conseguira se engajar plenamente em nenhuma – mais tarde isso se manifestaria nas tendências autonomistas presentes em sua obra. Essa gama de horizontes está presente no documento.

Na prática, o principal redator foi Sacchetta, contando com colaborações dos outros membros. A sua experiência mais dilatada acarretava isso. O texto está dividido

²⁵³ AMADO, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Martins, 1954.

²⁵⁴ TRAGTENBERG, op. cit., 1999, p. 92-93.

²⁵⁵ Relato de Michael Löwy em 2019.

²⁵⁶ LÖWY, op. cit., 1992, p. 81.

²⁵⁷ O panfleto pode ser encontrado na Biblioteca Edgard Carone no Museu Republicano de Itu, órgão da Universidade de São Paulo.

em três partes: “Declaração de Princípios”, “Programa de LSI” e “Estatutos”.²⁵⁸ No seu corpo, estão presentes diversas posições teóricas do grupo. De saída, existe a caracterização da União Soviética como um capitalismo de Estado, demonstrando a transmissão de uma categoria crítica ao trotskismo. Claramente se trata de uma demarcação de espaços diante da IV Internacional. Tal reação estava na origem da organização do grupo.

No entanto, ao mesmo tempo recorria a Trotsky para caracterizar a realidade brasileira como um elo fraco no plano internacional do capitalismo. Em suma, entendia o Brasil dentro de uma configuração do desenvolvimento desigual e combinado, taxando claramente o caráter reacionário da burguesia brasileira e reivindicando uma revolução socialista. Nessa esteira, destaca-se a presença intelectual de Trotsky, não revelando a presença de Rosa Luxemburgo no âmbito da análise da realidade social, que tanto rememora-se quando a organização é referida. Vislumbra-se o pensamento da revolucionária polonesa somente na forma de organização da LSI, marcada por uma grande autonomia de debate e ausência e diversas reservas ao papel diretivo. Em grande medida, há uma renúncia explícita no que se refere aos autores bolchevistas na forma de organização do movimento socialista, não se mencionando partido de vanguarda, centralismo democrático, comitê central ou outras características.

A LSI chegou a constituir um jornal intitulado *Ação Socialista* em 1958. O projeto foi breve e era principalmente coordenado por Sacchetta. Circulou durante dois anos e teve nove números. A tiragem sempre se manteve entre os 500 exemplares.²⁵⁹ Trata-se de um documento interessante uma vez que, não obstante a sua pequena proporção, com entre duas ou quatro páginas, circulou alguns textos iniciais de intelectuais que se destacariam mais tarde e materializou a posição de alguns dos seus membros. Em uma dessas oportunidades, Michael Löwy escreveu, com o pseudônimo Antônio I. Martinz,²⁶⁰ defendendo a candidatura de operários e contestando os presidenciais do pleito de 1960.²⁶¹

²⁵⁸ Para uma análise detalhada desse documento, cf. BANDOLI, Mabelle. Na “contracorrente” do desenvolvimentismo: autonomia organizativa, democracia partidária e o socialismo radical da Liga Socialista Independente (1956-1960). *Teoria & Pesquisa*, v. 22, n. 2, jul./dez., 2013, p. 50-70.

²⁵⁹ BANDOLI, op. cit., 2013, p. 52.

²⁶⁰ QUERIDO, op. cit., 2016, p. 51.

²⁶¹ MARTINEZ, Antonio T. Candidatura operária ou voto em branco. *Ação Socialista*, São Paulo, agosto de 1960, p. 3. O jornal *Ação Socialista* pode ser encontrado no Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP.

Alberto Luiz da Rocha Barros também chegou a colaborar no impresso, assinando com A. Barreto.²⁶² Em junho de 1959, o futuro professor da USP lançou um texto intitulado “O capitalismo de Estado e o programa da LSI”.²⁶³ Trata-se de uma exposição sintética do programa da organização, refletindo sobre o caráter da revolução no Brasil e nos países subdesenvolvidos. O escrito é relevante pelo acervo de categorias que mobiliza, demonstrando as mesmas influências intelectuais que estavam postas no programa. A amálgama não se diluiu como orientação política nesse texto mais tardio. Ainda mostra a ingerência da leitura trotskista no âmbito da realidade do capitalismo internacional, taxando a necessidade de uma revolução socialista internacional, e reforça a forma de organização democrática direta inspirada em Rosa Luxemburgo.

Além dos dois citados, poucos escritos eram assinados no *Ação Socialista*, sendo difícil identificar em detalhe os seus colaboradores. Moniz Bandeira aparentemente não participou. A sua ausência pode ter-se dado ao rápido afastamento que teve da LSI. Estava acostumado a escrever para jornais havia alguns anos. No entanto, a distância geográfica e a consolidação de outros projetos no Rio de Janeiro removeram-lhe da iniciativa. A falta de engajamento é uma questão a ser considerada. Luiz Alberto não foi uma exceção. O poder de atração e manutenção da organização era muito limitado. Michael Löwy ponderou que após um ano Paul Singer, Maurício Tragtenberg, Alberto Moniz da Rocha Barros e Moniz Bandeira não frequentavam mais a LSI, deixando a atuação para Sacchetta e alguns jovens. O que restringiu ainda mais o número de membros da organização.²⁶⁴

1.18 Benjamin Péret

O contato com os organizadores do POR ofereceu a oportunidade para Moniz Bandeira tomar contato com a terceira geração de trotskistas brasileiros. Até então, convivera com alguns antigos militantes dessa corrente política oriundos da primeira e da segunda gerações, mas em um universo ainda muito familiar.²⁶⁵ Conhecer Hermínio

²⁶² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

²⁶³ BARRETO, A. O capitalismo de Estado e o programa da LSI. *Ação Socialista*, São Paulo, junho de 1959, p. 2. Documento disponível no CEDEM da UNESP.

²⁶⁴ Relato de Michael Löwy ao autor em 2019.

²⁶⁵ KAREPOVS, Dainis; MARQUES, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: REIS, Daniel Aarão Filho; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2007, p. 146-147.

Sacchetta foi uma expansão significativa nesse sentido. Em abril de 1956, ocorreu uma dilatação ainda mais expressiva devido a um evento no mínimo inesperado.

Em 1956, o escritor Victor Maurice Paul Benjamin Péret decidiu retornar ao Brasil após uma passagem inicial de três anos entre 1929 e 1931. Péret foi um dos surrealistas franceses que ingressaram no movimento comunista, acercando-se em seguida da Oposição de Esquerda. Chegou ao Brasil por meio de conexões familiares que tinha com Mario Pedrosa. As suas esposas eram irmãs. Durante a sua estadia, Péret convertera-se em um quadro da Liga Comunista no Rio de Janeiro, articulando a organização naquela cidade. A sua atividade política, contudo, provocou a atenção da polícia do município, vindo a ser preso em novembro de 1931 sob acusação de atividades subversivas. Pouco tempo permaneceria encarcerado, pois o presidente Getúlio Vargas assinou em dezembro um decreto o expulsando do Brasil. No mesmo mês, um navio levou o escritor de volta a França.²⁶⁶

Em 1956, Péret não tinha mais ligações com organizações trotskistas. Dedicava-se a sua carreira de escritor. Veio ao Rio de Janeiro após conseguir regularmente o visto no consulado brasileiro em Paris. Foi preso pelo Ministério da Justiça por causa do decreto assinado 25 anos antes. Na prisão, decretou greve de fome em protesto.²⁶⁷ O acontecimento provocou a mobilização de uma ampla camada de intelectuais e políticos, indignados com a situação. Ao longo do processo, Moniz Bandeira conheceu Mario Pedrosa, Lívio Xavier e outros trotskistas da primeira geração por causa das conexões de seu tio Edmundo.²⁶⁸ Pedrosa reuniu em seu apartamento alguns intelectuais, entre eles Edmundo acompanhado de seu sobrinho, para redigir um manifesto exigindo a libertação do poeta francês.²⁶⁹ No texto publicado em diversos jornais,²⁷⁰ é possível ver o nome de Moniz Bandeira disposto entre uma série de outros.²⁷¹ O ministro da Justiça Nereu Ramos rapidamente prometeu resolver a situação, sendo Péret libertado em seguida.

²⁶⁶ Sobre a presença de Benjamin Péret no Brasil na década de 1930, cf. KAREPOVS, Dainis. Benjamin Péret: surrealismo e trotskismo no Brasil. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

²⁶⁷ DIÁRIO CARIOCA. Péret fará greve de fome; apelo dos intelectuais. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1956, p. 3.

²⁶⁸ Sobre a prisão de Benjamin Péret, cf. KAREPOVS, Dainis. Benjamin Péret: surrealismo e trotskismo no Brasil. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

²⁶⁹ COGGIOLA, Osvaldo, op. cit., 2003, p. 245.

²⁷⁰ TRIBUNA DA IMPRENSA. Benjamin Péret ameaça greve de fome. Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*, 15 abr. 1956, p. 2.

²⁷¹ Assinaram o manifesto: Manuel Bandeira, Antônio Callado, Murilo Mendes, Raquel de Queiroz, Carlos Castelo Branco, Mario Pedrosa, Lívio Xavier, Odilo Costa Filho, Fernando Sabino, Paulo de

1.19 Arte

Difícil demarcar taxativamente o que motivou o interesse de Moniz Bandeira sobre as conexões entre arte e marxismo ao longo do ano de 1956. Essa temática já estava no seu horizonte reflexivo fazia algum tempo. O encontro com Mário Pedrosa e Benjamin Péret provavelmente incitou-lhe. Uma certa consolidação na vida artística, mesmo que de primeiros passos, também lhe deve ter motivado. A questão, no entanto, é que em 1956 desenvolveu alguns interessantes textos sobre a temática com um bom nível de qualidade.

Em 1954, uma notícia publicada em *A Tarde* de Salvador anunciava que seria publicado um ensaio de Moniz Bandeira sobre Lord Byron com o título “Byron – uma época, uma revolução”.²⁷² O escrito, porém, jamais foi editado. Ainda assim o pensador inglês não deixou de ser foco de suas atenções, repetidamente produziu sobre ele. Em grande medida, esse interesse derivava-se de uma admiração compartilhada, já que o seu tio Edmundo Moniz também dedicou um texto ao autor no seu livro *O Espírito das Épocas*.²⁷³ Provavelmente anunciou o lançamento do ensaio e não conseguiu terminá-lo, publicando parcialmente no *Diário Carioca* – jornal em que realizou algumas pontuais colaborações ao longo de 1956.

Em 15 de julho de 1956, “Byron – uma época, uma revolução” apareceu no *Diário Carioca*, ocupando largamente uma única página.²⁷⁴ Breve escrito no qual busca identificar em exercício de texto-contexto a expressão do Iluminismo na obra de Byron, destacando suas participações no parlamento e em movimentos de libertação nacional, sem muito se aprofundar devido às limitações espaciais. Alguns meses depois de

Castro, Helio Pelegrino, José Fernando Carneiro, Otto Lara Resende, Tiago de Melo, Armando Nogueira, Marco Aurélio Matos, Newton Carlos, Iberê Camargo, Hilcar Leite, Ferreira Gullar, Jânio Freitas, Evandro C. de Andrade, Berredo de Meneses, José Carlos Oliveira, Gustavo Corção, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Bittencourt, Paulo Emílio Sales Gomes, Ana Verônica Mautner, Milton da Costa, Lígia Clark, Ivan Serpa, Franz Weissmann, Oliveira Bastos, Otavio Tarquínio de Sousa, Maria Leontina, Aluísio Carvão, Raimundo Sousa Dantas, José Auto, Danton Jobim, Renato Jobim, Eurivaldo Canabrava, Gilson Campos, Antônio Bento, Jota Efegê, Deodato Maia, José Ramos, Rui Duarte, Gilvan Carvalho, Pompeu de Sousa, Pedro Gomes, Luís Luna, Luís Santa Cruz, Estáquio Duarte, Hermes Lima, Aníbal Machado, Maria Clara Machado, Antonio Candido, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado, Jorge Leão Teixeira, Lívio Abramo, Claudio Abramo, Tarsila do Amaral, Berenice Xavier, Maria Eugênia Franco, Hilde Weber, Francisco Matarazzo Sobrinho, Paulo Duarte, Maria Martins, José Lins do Rego, Prudente de Moraes Neto, Osorio Borba, Heráclio Sales e Luiz Alberto Moniz Bandeira.

²⁷² A TARDE. UM ENSAIO de Moniz Bandeira. *A Tarde*, Salvador, 30 jun. 1954, p. 10.

²⁷³ MONIZ, Edmundo. *O espírito das épocas*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1950.

²⁷⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Byron – uma época, uma revolução. *Diário Carioca*, 15 de julho de 1956, p. 2.

conhecer Benjamin Péret, foi publicado “André Breton e o movimento surrealista” no *Correio da Manhã*.²⁷⁵ No artigo, faz uma síntese da biografia do escritor. Em seu corpo, além de explicitar uma profunda admiração por sua vanguarda – “O surrealismo foi, sem dúvida, o mais sério movimento literário deste século” –, desenvolve uma exposição histórica da construção do movimento.

No final do ano, repetiria essa sequência de trabalhos sobre a temática, lançando “Arte e Marxismo” no *Diário Carioca*.²⁷⁶ O escrito é significativo para a trajetória de Moniz Bandeira. Não tanto para a tese que dispõe, uma vez mais apresentando uma leitura em demasia mecanicista da obra de arte como expressão da realidade que está inserida. Sua virtude encontra-se na preposição de realizar uma breve dissertação das perspectivas sobre a arte de alguns autores marxistas, passando por Karl Marx, Friedrich Engels, Rosa Luxemburgo e Karl Kautsky. As exposições em sequência, usadas para fazer apologia da liberdade criativa, são breves, mas apresentam quais caminhos bibliográficos estava tomando em seu cotidiano.

Um dos principais motivadores de sua redação foi a intenção de problematizar uma das consequências do XX Congresso do PCUS que acontecera em fevereiro daquele ano. Em tal evento, uma série de críticas e revisões foram realizadas aos processos autoritários constituídos no período stalinista. Nessa esteira, não só assuntos relacionados ao cerceamento político foram tangidos, mas também ao artístico. Em seu texto, Moniz Bandeira argumentou que volver às considerações sobre a arte dos pensadores marxistas poderia oferecer um roteiro mais livre para a produção dos artistas na URSS.

Provavelmente a atividade mais interessante que realizou na sequência dessas explorações foi a entrevista com Pablo Neruda, para o jornal *Diário Carioca*, publicada em 18 de novembro de 1956.²⁷⁷ O poeta chileno veio ao Brasil repetidas vezes em sua trajetória. Em suas memórias, relembra uma oportunidade nos anos 1940 quando foi ao Rio de Janeiro para se encontrar com Luís Carlos Prestes. Quando a mãe do secretário-geral do PCB falecera em 1943, Prestes estava preso, portanto impossibilitado de

²⁷⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. André Breton e o movimento surrealista. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1956, p. 9.

²⁷⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Arte e Marxismo. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1956, p. 3.

²⁷⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Liberdade para a poesia: proclama Pablo Neruda. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1956, p. 3.

comparecer à cerimônia de despedida no México.²⁷⁸ Visando fazer pressão pela sua liberação, uma série de atos foram constituídos em solo mexicano, solicitando a soltura do prisioneiro para participar do velório. Pablo Neruda integrou-se as atividades, redigindo um poema de homenagens à matriarca da família, “Dura elegia”. Nesse processo, conseguiu-se que o presidente do México, Lázaro Cárdenas, se comprometesse a transladar e devolver Prestes ao governo brasileiro, sendo a proposta recusada por Getúlio Vargas. A primeira visita do poeta ao Brasil foi um convite de encontro feito por Prestes como um agradecimento por sua solidariedade.²⁷⁹

Em 1956, o escritor chileno uma vez mais veio ao Brasil. Dessa vez, vinha para gravar um *long play*. O diálogo com Moniz Bandeira foi breve, mas resultou em uma entrevista e em uma foto na qual aparecem ambos sentados dialogando.²⁸⁰ O autor de *Canto general* respondeu algumas perguntas para o entrevistador.²⁸¹ Em resumo, seguiu-se algumas indagações sobre a liberdade artística e necessidade ou não de um escritor estar engajado socialmente. Moniz Bandeira ia na esteira do seu texto “Arte e Marxismo”, que apareceria uma semana depois. Estava refletindo constantemente sobre a matéria. Na entrevista, Neruda taxa como valor incontestável a liberdade criativa, reivindicando a espontaneidade. A política poderia ser perfeitamente e belamente trabalhada, citando como ilustração os escritos do poeta brasileiro Castro Alves. Para ele, a questão era que “os poetas, com liberdade de criação, não devem agir como políticos e sim sofrer e amar como todos os homens”.

1.20 Sérgio Magalhães e o trabalhismo

Em 1956, Moniz Bandeira conheceu uma das pessoas que mais lhe seriam relevantes nos dez anos seguintes, Sérgio Nunes de Magalhães Júnior. A aproximação teve diversos espaços para ocorrer, como no prédio do *Correio da Manhã* onde ambos colaboravam. Todavia, o caminho fundamental era a conexão familiar. Sérgio era casado com Maria de Lurdes Portinho, irmã de José Velasco Portinho. Este por sua vez era casado com Norma Moniz, irmã de Edmundo Moniz.²⁸² Havia uma convivência em

²⁷⁸ Para um relato desse evento, cf. PRESTES, Anita Leocadia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 40-41.

²⁷⁹ NERUDA, Pablo. *Confieso que he vivido: memórias*. Barcelona: Seix Barral, 1976, p. 140-142.

²⁸⁰ A foto está no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

²⁸¹ NERUDA, Pablo. *Canto general*. Buenos Aires: Losada, 1995.

²⁸² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira (depoimento, 2003)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 4.

comum das famílias de Sérgio e Edmundo, inclusive com um frequentando a casa do outro constantemente. Havia um certo círculo familiar imediato no qual Luiz Alberto se inseriu.²⁸³

Sérgio Magalhães era um pernambucano radicado no Rio de Janeiro que acabara de se tornar deputado federal pelo PTB, situação que se repetiria duas vezes. Sua família tinha consideráveis ligações políticas. Seu pai fora um magistrado de Pernambuco eleito deputado estadual e federal nas duas primeiras décadas do século XX. No entanto, seu irmão mais velho, Agamenon, tivera muito mais prestígio social, sendo um aliado de Getúlio Vargas. Atuara como interventor federal em Pernambuco (1937-1945), ministro da Justiça (1945) e governador do mesmo estado entre 1951-1952, ano em que falecera.²⁸⁴

Após se formar em engenharia civil na Escola de Engenharia de Pernambuco,²⁸⁵ Sérgio mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937 e, provavelmente por indicações familiares, ocupou alguns cargos no serviço público. Exerceu inicialmente a direção do Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do Distrito Federal, permanecendo no cargo entre 1939 e 1945.²⁸⁶ Em 1951, desdobrou-se um evento que mudou as suas possibilidades. Foi indicado para ocupar a diretoria da Montepio dos Empregados Municipais do Distrito Federal.²⁸⁷ Sua administração durou até 1954, ganhando relativa popularidade devido à sua bem-sucedida gestão que reduziu as dívidas da instituição. Nas páginas do *Correio da Manhã*, a sua responsabilidade econômica foi destacada.²⁸⁸

Foi um colaborador desse editorial, o que realça ainda mais as ligações entre as famílias Magalhães e Moniz, redigindo textos entre 1952 e 1954. Apresentava em seus escritos uma postura crítica ao liberalismo ortodoxo, insistindo na necessidade da intervenção estatal na economia.²⁸⁹ O abandono da coluna provavelmente ocorreu em consequência do aumento da quantidade de trabalho que o cargo legislativo acarretou. Como parlamentar, não se colocava estratégico renunciar a uma presença em um dos

²⁸³ Relato de Thais Portinho em 2020.

²⁸⁴ CPDOC. Verbete Agamenon Magalhães. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/agamenon-sergio-de-godoi-magalhaes>. Acesso em: 20/6/2018.

²⁸⁵ Atualmente é um órgão da Universidade Federal de Pernambuco.

²⁸⁶ MAGALHÃES, Sérgio. *MAGALHÃES, Sérgio (depoimento, 1978)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1983, p. 20.

²⁸⁷ Trata-se de um Instituto da Previdência dos servidores públicos da capital federal.

²⁸⁸ SILVA, Roberto Bitencourt da. *Sérgio Magalhães e suas trincheiras: nacionalismo, trabalhismo e anti-imperialismo – uma biografia política*. Jundiaí: Paco, 2017, p. 27-30.

²⁸⁹ Idem., p. 31.

jornais mais influentes do país. Por isso, ao conhecer o jovem Moniz Bandeira, rapaz que ansiava por novas possibilidades e posições, um pacto foi estabelecido, concatenando interesses em comum. A curiosidade política, o curso de Direito em andamento, o envolvimento com alguns movimentos socialistas e o trabalho como jornalista no *Correio da Manhã* e no *Diário Carioca* ofereceu para Magalhães a garantia de um bom quadro em formação que seria capaz de lhe auxiliar. A conexão aparentemente foi funcional. Décadas mais tarde, o deputado fez uma declaração elogiosa a respeito da interação: “o Moniz era uma daquelas esquerdas que chegavam, faziam e aconteciam”.²⁹⁰

Vale mencionar que Sérgio Magalhães também mobilizava na sua equipe assessores de outras origens, alguns bem mais experimentados intelectual e politicamente. Por exemplo, o deputado se destacou por produzir intervenções e propostas de lei fundamentalmente circunscritas ao campo econômico, especialmente no que se refere a fluxos de capital, requisitando para tal uma assessoria especializada, embora ele mesmo tenha se dedicado intelectualmente à área, redigindo quatro livros sobre a matéria.²⁹¹ Com esse objetivo, solicitou o auxílio de Roland Corbisier e Gilberto Paim, dois docentes do ISEB.²⁹²

No primeiro momento, a atuação de Moniz Bandeira com Sérgio estava fundamentalmente conectada ao jornalismo. Costumavam se encontrar pela manhã nas praias cariocas, para organizar as declarações que seriam feitas pelo deputado no plenário e as manchetes que seriam colocadas por Moniz Bandeira nos jornais.²⁹³ Com o passar do tempo, Moniz Bandeira também articulava estratégias políticas das campanhas de Sérgio Magalhães, tentando mobilizar a aproximação do PTB e do PSB, além de algumas outras forças políticas de esquerda em torno da figura do deputado. Todavia, tais procedimentos ainda estavam no início em 1956. O jovem ainda adentraria com maior força no mundo editorial e no mundo político, enquanto que Magalhães era um novato dentro do parlamento, estava aprendendo detalhes do funcionamento da casa e acumulando maior capital político e social.

²⁹⁰ MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 241.

²⁹¹ MAGALHÃES, Sérgio. *Prática da emancipação nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964; Idem. *Problemas do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960; Idem. *Novo regime para os investimentos estrangeiros*. Rio de Janeiro: Itambé, 1959. Idem. *Pela abolição dos privilégios às empresas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Itambé, 1959.

²⁹² MAGALHÃES, Sérgio, op. cit., 1983, p. 22.

²⁹³ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

Até então, Sérgio Magalhães tivera uma passagem na volátil Liga de Emancipação Nacional, sociedade civil que defendia a reforma agrária e a nacionalização de setores estratégicos da economia. A iniciativa, principalmente orquestrada por comunistas, logo foi posta na ilegalidade.²⁹⁴ Sua participação demonstrava claramente o viés nacionalista de esquerda que estava a assumir, que seria notório na sua carreira posteriormente. Mais precisamente, existia naquele momento histórico uma transformação significativa dentro do PTB ao qual Sérgio se ligou e em pouco tempo se tornaria uma das principais expressões.

Após o suicídio de Getúlio Vargas em 1954, o PTB entrou em um período de acentuada transformação, pois diversas figuras centrais começaram a disputar os rumos e projetos da organização.²⁹⁵ A questão central que se impunha era um enfrentamento pelo domínio ideológico e programático, estando em cena personagens como João Goulart, Fernando Ferrari, Lúcio Bittencourt, Leonel Brizola, San Tiago Dantas etc. Entre as matizes e tendências concorrentes, havia um setor que especialmente após a Revolução Cubana se mostrou influente: o “grupo compacto”. Ala mais nacionalista e radical que se propunha a fazer reformas estruturais do país pressionando o poder executivo e o legislativo ou a despeito deles. Tal vertente contaria com dois nomes especialmente conhecidos: o governador do Rio Grande do Sul e depois deputado Leonel Brizola e o também deputado Sérgio Magalhães.

Magalhães era um dos componentes do PTB que mais radicalmente lutou pelo avanço dessas reformas. Seu nome destacar-se-ia principalmente associado à defesa de um projeto identificado com essas transformações estruturais: a regulação das remessas de lucro, projeto apresentado na Câmara em 1959. Contudo, nos anos iniciais de seu mandato dedicou-se fundamentalmente a dois objetivos. O primeiro era o desarquivamento e a aprovação de uma lei antitruste originalmente posta por seu irmão Agamenon em uma legislatura anterior. A proposta visava constituir punições legais

²⁹⁴ SILVA, Roberto Bittencourt da, op. cit., 2017, p. 41.

²⁹⁵ Angela de Castro Gomes entende esse momento de disputas como *o segundo tempo do trabalhismo*. “Dessa forma, na década que vai de 1954 a 1964, o PTB viveu um duplo esforço: de afirmação e de renovação. Não é casual que esse tenha sido um período de imensa competição entre lideranças pela hegemonia dentro da máquina partidária. Não é casual também que essas lutas, muitas vezes, antropofágicas, surgissem como propostas de um ‘novo e verdadeiro’ trabalhismo, opondo-se a um ‘velho e fisiológico’ trabalhismo. Entretanto, não importa tanto que, substantivamente, a disputa fosse mais organizacional do que ideológica. O fundamental é que, politicamente, a luta partidária assumiu a forma de uma luta simbólica pelo controle do mais importante recurso de poder desse partido: a ideologia trabalhista”. GOMES, Angela de Castro. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1964): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 75.

para empresas que abusassem do seu poder econômico para conquistar vantagens no mercado.²⁹⁶ O segundo era a organização da Frente Parlamentar Nacionalista, entidade suprapartidária que visava fazer avançar as reformas estruturais. Magalhães foi um dos seus fundadores quando foi anunciada no parlamento em 1956. Naquela legislatura, apenas 55 deputados engajaram-se com a iniciativa, porém ela ganharia mais força em pouco tempo.²⁹⁷

Ao longo da Quarta República, o PTB teve uma história marcada só por crescimento proporcional na representação, passando de 22 deputados em 1945 para 116 em 1962.²⁹⁸ Embora a Frente Parlamentar Nacionalista não fosse composta exclusivamente por trabalhistas, esse aumento dava o tom da intensificação da força da organização, uma vez que esse grupo era o seu núcleo duro. Sérgio Magalhães cresceu conectado com a Frente uma vez que se tornaria uma das suas principais lideranças, chegando a ser o seu presidente na década de 1960 e um dos mais influentes deputados do país.

1.21 Contradições entre nacionalismo e socialismo

Moniz Bandeira aproximou-se do trabalhismo por meio de Sérgio Magalhães, tornando-se um importante assessor. Seria reconhecido com o tempo por outros grupos políticos do Rio de Janeiro por esse trabalho. Todavia, essa aproximação não significou

²⁹⁶ CPDOC. *Verbetes Sérgio Magalhães*. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sergio-nunes-de-magalhaes-junior>. Acesso em: 31/3/2020.

²⁹⁷ “A primeira manifestação oficial da Frente Parlamentar Nacionalista aconteceu em 1956, quando o deputado Abgvar Bastos, do Partido Trabalhista Brasileiro, anunciou no plenário da Câmara dos Deputados, através de um documento assinado por 55 deputados, um programa que propunha 13 linhas de ação, dentre as quais se destacaram: políticas efetivas para ampliação da participação brasileira no mercado externo; controle das remessas de divisas para o exterior; defesa das reservas de capital do país; defesa da indústria brasileira; proteção do país contra atuação de trustes e cartéis internacionais; defesa das instituições estatais de monopólio já constituídas ou que viessem a se constituir; melhoramento da frota e da capacidade de transportes para melhor escoamento e distribuição da produção nacional; estímulo à eletrificação; estímulo à desobstrução dos rios que pudessem servir de meios de transporte; defesa da cultura brasileira no que diz respeito à tradição, herança étnica-social, valores históricos, patrimônio documental e valores civilizadores da nacionalidade; estímulo e defesa da indústria do cinema nacional; estímulo à formação de grupos de debates e de estudo sobre a economia, justiça social e dispositivos constitucionais, que pudessem contribuir para a defesa do patrimônio e da soberania nacionais”. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista. In: FERREIRA; REIS, Daniel Aarão Filho (org.). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 368.

²⁹⁸ O número de senadores foi de 2 em 1945 para 12 em 1962. Sobre a história partidária brasileira e os números de parlamentares, cf. SCHMITT, Rogério. *Partidos Políticos no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 23-24.

a sua aderência ao ideário trabalhista. Mantinha ligações, mesmo que afastadas, com a LSI e era filiado ao PSB.

No nível mais aparente das ideias, esboçavam-se tensões entre o anti-nacionalismo exacerbado cultivado por diversos membros da Liga e as posições cultivadas pelos membros do PTB que Moniz acerceu-se. A considerar a formação trotskista que tivera com seus tios, o atrito mostra-se ainda mais explícito. Contudo, como um ditado popular enuncia: “as ideias não são como metais que se fundem”. Quer dizer, no âmbito da reflexão, os movimentos cognitivos não se expressam tão mecanicamente como a criação de aço, determinado pela porcentagem de carbono e ferro em uma liga. As ideias quando mudam de contexto podem assumir distintas cargas semânticas. Trata-se do processo de “recepção” e “adaptação” desses conhecimentos.²⁹⁹

O nacionalismo, em geral ligado aos espectros da direita no velho continente, uma reivindicação tradicionalmente assumida pela burguesia em oposição aos supostos direitos naturais da aristocracia, tornou-se na segunda metade do século XX na América Latina, especialmente após a Revolução Cubana, uma noção comum entre as esquerdas. Não era a primeira vez que tal associação acontecia no globo, o teórico austro-húngaro da II Internacional Otto Bauer publicou uma obra teorizando as compatibilidades entre socialismo e nacionalismo, *A questão nacional e a social-democracia*.³⁰⁰ Durante a Segunda Guerra Mundial, a URSS usou o nacionalismo russo como uma estratégia para mobilizar forças e aumentar o carisma popular.³⁰¹

A questão é o caráter central e profundamente relevante que tal conexão de ideias assumiu, tornando-se questão programática e teórica. Não foi um momento excepcional e nem um problema teórico de um intelectual pouco rememorado. Para dar um exemplo, um dos principais autores do comunismo brasileiro, Nelson Werneck Sodré, constituiu uma obra de vários volumes defendendo o aprofundamento da formação do Estado-Nacional brasileiro.³⁰² Uma pauta conectada aos ideólogos

²⁹⁹ Está se dialogando com as categorias do historiador argentino Horacio Tarcus sobre o processo internacional de circulação de ideias. TARCUS, Horacio. A história intelectual e a problemática da recepção: A propósito da recepção argentina de Marx. *Revista Outubro*, n. 30, maio de 2018, p. 3-56.

³⁰⁰ No original, *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*. ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 9-11.

³⁰⁰ REIS, Daniel Aarão. *Uma Revolução perdida: a história do socialismo soviético*. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 160-161.

³⁰¹ *Ibidem*, p. 160-161.

³⁰² Sobre isso, cf. o livro *Introdução à Revolução Brasileira* de Sodré, especialmente a página 9 na qual ele estabelece o seu entendimento de “revolução brasileira”. SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Revolução Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

burgueses na Europa era por ele transposta como uma demanda central a ser constituída, sendo sua consideração assumida pelo PCB na virada dos anos 1950 para os 1960.

Essa operação de mudanças de sinais valorativos do nacionalismo, que se maquinou profundamente na América Latina entre as décadas de 1950 e 1960, atravessam a vida de Moniz Bandeira, todavia há de se tomar um certo cuidado. Progressivamente o seu conjunto de noções e pressupostos políticos sintetizam-se na defesa de uma aliança privilegiada entre socialistas e trabalhistas. Porém, tal aliança não se desenvolveria com o fim de se articular as ideologias nacionalista e socialista. Não buscava essa amálgama como outros atores da época. Na verdade, queria se utilizar dela para desenvolver outros fins. Manteria uma posição crítica ao nacionalismo. Só após a década de 1970 que sua leitura mudaria profundamente. Acreditava que tal ideologia podia ser usada taticamente com o fim de ensinar os preceitos socialistas para a classe operária e para fazer avançar projetos anti-imperialistas no parlamento. Desejava oferecer um conteúdo socialista às diversas bases que os trabalhistas mobilizavam. Foi nesse sentido que se articulou com Magalhães. Essa perspectiva ficaria mais clara com os textos que Moniz Bandeira publicou nos anos seguintes.

1.22 Erich Czaczkes Sachs

Ao mesmo tempo em que Moniz Bandeira se aproximava do PTB, também se conectou a um outro grupo de esquerda. Em 1956, conheceu uma figura fundamental na sua vida: Erich Czaczkes Sachs.³⁰³ Tal homem nascera em Viena em um pequeno núcleo familiar com origens judaicas. Após diversos deslocamentos na Europa em consequência de perseguições étnicas e políticas, chegou ao Brasil em 1939 com 17 anos de idade. No novo país, dominou a língua portuguesa, conseguindo trabalhar como jornalista e tradutor de alemão na embaixada austríaca. Antes disso, exerceu temporariamente o ofício de gráfico em São Paulo. Em 1949, colaborou como autônomo no *Correio da Manhã*, sendo efetivado mais tarde em outros jornais.³⁰⁴

Os espaços comumente frequentados no mundo jornalístico possibilitaram o encontro entre Moniz Bandeira e Sachs em 1956. Mostra-se difícil ser taxativo a

³⁰³ Erich Sachs assinava de diversas maneiras seus textos no Brasil com o fim de dar um tom mais nacional ao seu nome: Eric, Érico, Eurico etc. Deu-se preferência a utilizar o nome Erich.

³⁰⁴ Para informações sobre a trajetória jornalística de Erich Sachs, cf. SACHS, Érico Czaczkes. Curriculum Vitae. In: PAIVA, Sérgio (org.). *Érico Sachs/Ernesto Martins: um militante revolucionário entre a Europa e o Brasil*. Salvador: CVM, 2016. p. 384-386.

respeito da primeira interação. Moniz Bandeira recorda que o conheceu em uma conversa no bairro de Copacabana. Algo deve ser considerado nesse sentido: o tio de Luiz Alberto, Edmundo Moniz, sempre manteve uma certa preferência por Sachs, convidando-lhe repetidamente para com ele trabalhar, tanto no *Correio da Manhã*, quanto no Serviço Nacional de Teatro.³⁰⁵

O fundamental é que houve uma aproximação entre os dois rapazes que em pouco tempo levaria à constituição de um projeto político. A afinidade deveu-se em grande medida por causa das conexões das posições socialistas, especialmente críticas ao stalinismo. O primeiro diálogo tratou a respeito do XX Congresso do PCUS, que ocorrera em fevereiro daquele ano, e dos diversos conflitos que se produziam dentro da esquerda brasileira naquele momento: o racha de Agildo Barata no PCB e a vigente situação do POR, órgão da IV Internacional.³⁰⁶

A amizade entre eles estabeleceu-se e uma das primeiras consequências foi o convite de Sachs para Luiz Alberto com ele trabalhar. Desde 1951, Sachs era redator do *Diário da Noite*, órgão dos Diários Associados, sendo responsável pela seção de política internacional. Questão de relativa importância para sua trajetória, uma vez que décadas mais tarde Moniz Bandeira tornar-se-ia um estudioso da área. Iniciava-se uma aproximação com o campo. Em dezembro, sairia uma nota divulgando a contratação e a atribuição de uma coluna para Moniz Bandeira no *Diário da Noite*.³⁰⁷ Assumia o ofício de jornalista profissionalmente pela primeira vez, não mais como colaborador periódico ou como atividade complementar. Sachs declarou que foi ele o responsável em grande medida por ensinar a profissão de jornalista para Luiz Alberto.³⁰⁸ A consideração é um pouco exagerada, mas possui alguma verdade. Na prática, Moniz Bandeira adentrava sem mediações familiares em um ambiente de imprensa.

A experiência política de Sachs era consideravelmente maior do que de Moniz Bandeira e isso foi significativo para o desenvolvimento da amizade. A diferença de idade de um pouco mais de 10 anos era fundamental para isso. Nos anos que passara na Europa quando criança, residira na União Soviética, observando o terror policial do stalinismo e consumindo distintas doutrinas políticas. Em grande medida, sua posição

³⁰⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ DIÁRIO CARIOCA. NOTÍCIAS. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1956, p. 3.

³⁰⁸ A informação origina-se do depoimento dado por Erich Sachs entre os dias 8 e 9 de outubro de 1969 ao DOPS do Rio de Janeiro, quando estava preso. O arquivo original, intitulado “termo de perguntas ao indiciado”, está no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Uma cópia existe no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira, sendo essa consultada.

crítica ao comunismo soviético derivava-se dessas primeiras vivências. Quando chegou ao Brasil em 1939, era influenciado pelas ideias de Heinrich Brandler, militante que rompera com o seu Partido Comunista Alemão devido à ascensão autoritária na legenda na virada dos anos 1920 aos 1930. Apesar de algumas aproximações com as ideias da IV internacional, jamais a integrou, constituindo um outro grupo.

Antes de trabalhar como jornalista e tradutor no Rio de Janeiro, Sachs passou por diversas cidades brasileiras.³⁰⁹ Entre 1939 e 1942, permaneceu em São Paulo, atuando como gráfico e vendedor no setor livreiro. Em plena ditadura do Estado Novo, envolveu-se com o Grupo Radical de Ação Popular, uma pequena iniciativa de alguns jovens universitários ligados principalmente à Faculdade de Direito do Largo do São Francisco que se reuniam para estudar, debater e manifestar-se.³¹⁰ Entre eles, estava o professor e crítico literário Antonio Candido de Mello e Souza. Seu relato sobre a presença de Sachs mostra-se interessante devido ao destaque que lhe oferece. Realça seus horizontes intelectuais, trazendo distintos livros e referências, e sua capacidade organizativa. Além de estimulá-lo a conhecer August Thalheimer, Brandler e escritores clássicos do marxismo, conseguiu convencer o grupo a constituir um jornal intitulado *Política Operária*, o qual era entregue principalmente para os trabalhadores do Sindicato dos Gráficos, organização a que Sachs pertencia.³¹¹ A organização se envolveria mais tarde com a Frente de Resistência, projeto ao qual Sachs não se integraria, preferindo se centrar no movimento operário, iniciativa mais ampla que teve importante papel na oposição à ditadura varguista. Diversos dos seus membros viriam a compor as bases do PSB e da UDN em pouco tempo.

³⁰⁹ No arquivo pessoal de Moniz Bandeira, existe o protocolo de solicitação de nacionalidade brasileira feito por Erich Sachs – o original permanece depositado no Arquivo Nacional. Junto desse documento está uma cópia da Carteira de Trabalho de Sachs, sendo possível visualizar nessa fonte todas as cidades que habitou até 1953. Morou de 1939 até junho de 1942 em São Paulo; de junho de 42 a junho de 1947 no Rio de Janeiro; de junho de 1947 a junho de 1948 em São Paulo; de junho de 1948 a dezembro de 1948 em Porto Alegre; de dezembro de 1948 a novembro de 1950 no Rio de Janeiro; de novembro de 1950 a maio de 1951 em Minas Gerais; de maio de 1951 a outubro de 1951 no Rio de Janeiro e de outubro de 1951 até 1953, em Petrópolis.

³¹⁰ “Esse grupo era de seis pessoas. Era formado pelo Antonio Costa Correa, Germinal Feijó, Paulo Emílio Salles Gomes, eu [Antonio Candido] e um operário gráfico austríaco chamado Erich Sachs que nunca participou da Frente de Resistência, só do GRAP, mas que inspirava muito a nossa ação. Ele era muito culto e tinha experiência de luta política, tinha vivido na União Soviética inclusive”. Relato de Antonio Candido para Edgard Carone. Áudio existente no Arquivo do Museu Republicano de Itu. Há também uma consideração de Antonio Candido a respeito no texto Paulo Emílio: a face política. MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Paulo Emílio: a face política. In: MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013, p. 260.

³¹¹ SADER, Eder; BUCCI, Eugênio. Memória: Antonio Candido. *Teoria e Debate*, 2 de março de 1988. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1988/03/01/a-militancia-por-dever-de-consciencia>. Acesso em: 27/08/2020.

Capítulo IV. Maturidade

1.23 Introdução

O ano de 1957 se inicia com Moniz Bandeira empregado formalmente em um editorial, indo além das colaborações esporádicas, e plenamente envolvido com a

construção de um projeto político. Ao mesmo tempo continuava frequentando os círculos sociais que suas ligações familiares possibilitavam. Por exemplo, foi em janeiro na inauguração de uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.³¹² Uma vez mais sua tia Niomar Moniz possibilitava-lhe conviver em espaços das elites. Desdobrava-se a presidência de Juscelino Kubitschek, momento caracterizado por um certo ânimo entre as elites. Esse acúmulo de convivência entre as classes abastadas logo se derivaria em conquistas econômicas. Comprou a sua primeira propriedade, um apartamento na Avenida Copacabana onde foi morar.³¹³ A saída da casa do tio pode ser entendida como uma representação de um processo mais amplo: sua vida adulta começava na prática. Engajava-se mais plenamente em planos que tinham menos ingerências de seus parentes comparado com períodos anteriores quando era totalmente dependente. Assumia uma maior autonomia.

Em grande medida, pode-se vislumbrar um investimento pessoal em três espaços fundamentais. Em um âmbito, pensava em se projetar como poeta, ser publicamente reconhecido como tal. No fim do ano anterior, seu primeiro livro de poesias fora publicado, *Verticais*.³¹⁴ Assim, aparecia em diversas colunas, sendo criticado ou dando entrevistas. Também tentaria se envolver na definição do fazer artístico, entrando em uma celeuma sobre o que são os contornos do legítimo fazer poético.

Em outro, buscava sua consolidação econômica trabalhando como jornalista, enquanto não terminava o curso de Direito essa era sua única possibilidade. Já possuía vencimentos razoáveis e conseguia se sustentar. Almejava ir além disso, projetando-se como um profissional relevante desse mundo cultural.

No terceiro, emergiam seus objetivos políticos. Desde a juventude em Salvador, preservava interesses nesse âmbito. Todavia, tudo que fizera até então tivera pouco fôlego. As ligações com Erich Sachs e Sérgio Magalhães eram o início de empreitadas que se tornariam significativamente mais profundas. Esses três pontos de atuação são obviamente distinções analíticas que na prática da vida social se confundiam. Utilizava suas prerrogativas de jornalista para conseguir consolidar intenções no âmbito político. O mesmo fazia para validar a sua faceta de poeta. A questão é o quanto foi possível equilibrar, manter conciliável, cada objetivo quando eles se tornavam contraditórios.

³¹² Correio da Manhã. MUSEU de Arte Moderna no Rio. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1957, p. 10.

³¹³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

³¹⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Verticais*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1956.

1.24 Jornais

Contratado pelo *Diário da Noite*, rapidamente apareceu uma outra oportunidade, assumindo dois empregos. Chamou-lhe também o *Jornal do Comércio*. O primeiro periódico pertencia ao grupo de Assis Chateaubriand, os Diários Associados, e caracterizava-se por fazer constantes críticas ao trabalhismo.³¹⁵ Moniz Bandeira estava lá principalmente para auxiliar Sachs na redação da seção de notícias internacionais e por isso pouco se envolvia nas matérias locais, embora viesse a assumir algumas pautas, sendo em geral breves entrevistas com alguns atores do mundo cultural ou político. Um dos principais critérios para ter ganho o emprego foi seu domínio da língua inglesa, ou seja, a habilidade que possibilitava a leitura do material das agências de notícia internacionais.³¹⁶

O *Jornal do Comércio*, por outro lado, situava-se em um espectro político distinto. O periódico passava por uma etapa nacionalista. Sua origem remetia ao século XIX e fora conhecido por ser uma publicação especializada em negócios, apresentando um viés liberal. Todavia, o negócio tornou-se propriedade do jurista Francisco Clementino de San Tiago Dantas entre 1957 e 1959.³¹⁷ San Tiago Dantas tornara-se há pouco um quadro importante do PTB. Eleito deputado federal por Minas Gerais, tinha uma carreira consolidada no serviço público brasileiro, servindo inclusive em missões diplomáticas estratégicas. Mais tarde assumiria posições centrais no governo federal como o Ministério da Fazenda e das Relações Exteriores.

Dantas comprou o *Jornal do Comércio* para modernizá-lo e dá-lo um matiz nacionalista, conectando-o ao seu projeto político que estava sendo reorganizado. Sua eleição como deputado se colocava dentro de uma crescente influência na realidade brasileira e especialmente no PTB. Colocava-se como um quadro a disputar a hegemonia do trabalhismo pós-Vargas, diante de outras personagens como João Goulart, Leonel Brizola, Fernando Ferrari e Lúcio Bittencourt.³¹⁸ Utilizava-se do jornal

³¹⁵ MOREIRA, Maria Ester Lopes. Verbete Diário da Noite. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite>. Acesso em 28/08/2020.

³¹⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. 1989. Documento disponível no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

³¹⁷ LEAL, Carlos Eduardo; SANDRONI, Cícero. Verbete Jornal do Comércio. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>. Acesso em 28/08/2020.

³¹⁸ GOMES, Angela de Castro. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 74-75.

como um veículo para divulgar suas pautas. Por exemplo, a defesa do petróleo como uma questão estratégica se tornou uma de suas principais demandas.

Moniz Bandeira foi contratado nesse momento específico e o responsável direto por fazê-lo foi o chefe da redação, Luís Paulistano.³¹⁹ Um outro jornalista da casa era Felipe de San Tiago Dantas, sobrinho do proprietário. Rememorando o período, Felipe relatou o talento de Moniz Bandeira para o ofício, constantemente demonstrando capacidade de buscar matérias e “furos”.³²⁰ Contudo, a presença de Moniz Bandeira não seria muito longa na empresa. O negócio se desmantelaria rapidamente a partir de 1º de outubro de 1958. Naquela data, um incêndio destruiu parte do prédio da publicação. O acidente levaria San Tiago Dantas a vender no ano seguinte o editorial para Assis Chateaubriand, tornando-se mais um componente dos Diários Associados.³²¹ Moniz Bandeira já não estava mais na casa quando o evento se desdobrou.

Uma pergunta que deve ser feita é: quais eram as conexões de Moniz Bandeira com San Tiago Dantas? Obviamente que se questiona isso no nível mais direto, no âmbito das relações sociais. Pois existe uma interação significativa no nível das ideias, ainda que viesse a se expressar anos mais tarde, já que Moniz Bandeira se tornaria um dos principais historiadores das relações exteriores brasileiras, oferecendo um papel destacado ao seu antigo patrão, um dos chanceleres e teóricos da Política Externa Independente.

Um possível contato designaria uma aproximação ainda maior com um dos principais quadros do trabalhismo, excedendo o vínculo imediato de Sérgio Magalhães. Conheceu San Tiago Dantas no prédio do *Jornal do Comércio* uma vez que era seu diretor, mantendo ali um escritório. Todavia, a interação dos dois não passou da formalidade, jamais se aprofundando. Não existe qualquer correspondência no arquivo do chanceler³²² e no arquivo de Moniz Bandeira. A ausência é sistemática.

Além disso, havia uma certa barreira no nível político. Magalhães e San Tiago Dantas podiam ser do mesmo partido, mas ainda assim disputavam a sua hegemonia. O deputado carioca estava longe de ser um concorrente significativo para San Tiago,

³¹⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. 1989. Documento disponível no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

³²⁰ Relato de Felipe de San Tiago Dantas em 2018.

³²¹ LEAL, Carlos Eduardo; SANDRONI, Cícero. Verbete Jornal do Comércio. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>. Acesso em 28/08/2020.

³²² Relato de Felipe de San Tiago Dantas em 2018.

somente na década de 1960 tornar-se-ia uma figura com mais força. No entanto, já se projetavam reservas, as quais certamente se estendiam para o seu assessor.

1.25 Polêmicas poéticas

Moniz Bandeira continuou a fazer algumas entrevistas, mas agora as entregava na maior parte para os editoriais nos quais trabalhava cotidianamente. Em janeiro, dialogou com o prefeito de São Paulo, Wladimir de Toledo Piza, sobre os projetos de construção de um metrô.³²³ Texto esse sem muita relevância, no entanto pouco tempo depois estabeleceria um contato mais significativo. Sua interação com o jovem poeta maranhense José Ribamar Ferreira, conhecido por seu pseudônimo Ferreira Gullar, em fevereiro daquele ano, foi muito interessante.

Desde a publicação de *A luta corporal* em 1954,³²⁴ Ferreira Gullar “abriu caminho para a afirmação da poesia concreta no Brasil”.³²⁵ Naquele ano, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos juntamente de Décio Pignatari iniciaram uma publicação voltada ao debate e divulgação do concretismo no suplemento literário do *Jornal do Brasil*, publicação com ampla circulação.³²⁶ Trata-se de um sinal da consagração de um grupo que promovia um debate a respeito do caráter da produção artística brasileira, questionando alguns cânones nesse movimento e propondo uma distinta estética. Ao longo da segunda metade da década de 1950, desdobrou-se tal debate no interior da cultura brasileira, que se manifestava principalmente nas páginas dos jornais, mas extrapolava para a elaboração das Bienais e das exposições dos Museus de Arte Moderna. O crítico Mario Pedrosa e Niomar Moniz Sodré, tia de Luiz Alberto e uma das principais promotoras do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, eram dois debatedores da questão e defensores da posi o concretista.³²⁷

A conversa, portanto, circunscreve-se em uma disputa do campo artístico e sintetiza-se pela tentativa de estabelecer defini es mais claras do movimento literário no qual Gullar se inseria. Obviamente que tudo isso, dentro dos limites de uma página de jornal, sendo atravessado por duas personalidades que tencionavam se projetar como

³²³ MONIZ BANDEIRA. Cessar as conversações e dar o metro a S. Paulo. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1957, p. 3.

³²⁴ GULLAR, Ferreira. *A luta corporal*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1954.

³²⁵ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 473.

³²⁶ RIBEIRO, Darcy. *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

³²⁷ VILLAS-BÔAS, Glaucia. Estética e ruptura: o concretismo brasileiro. *Vis*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 13, jan./jun. 2014.

escritores-poetas renomados. Moniz Bandeira era uma figura quase desconhecida, enquanto que Gullar tinha algum impacto, mas ainda muito limitado. Delimitar o que é uma corrente literária como o concretismo, qualificando-a ou desqualificando-a, projeta uma relevância ao seu expositor.

Em sua fala, Gullar questiona a “academização” da crítica literária especializada que se manifestava nos principais jornais do país. Para ele, tais personagens eram incapazes de perceber os avanços trazidos pelos concretistas à feitura do poema. Estariam presos a padrões antiquados. Afirma o seu movimento como uma reação ao caráter “racionalista” da estética, fazendo uma apologia da plena autonomia da arte como uma forma de pensamento que se distingue da ciência e da filosofia.³²⁸

Os poetas concretos reuniram-se num grupo em virtude da identidade de preocupações que orientam suas experiências. Sua intenção comum de delimitar o campo da poesia como invenção e não como mais simples expressão de conteúdos sentimentais. Vem trazer para o trabalho do poeta elementos que a ciência moderna descobriu e conceituou: a noção de tempo-espço, contínuo-descontínuo, forma e fundo, agora introduzidos na construção do poema são exemplos disso. Os valores do conhecimento racionalista, que vinham pouco a pouco retomando as suas posições na poesia, são agora definitivamente expulsos pelos poetas concretos. Daí se poderia partir para uma definição filosófica de nossa atitude, que coincide com a prevalência do fazer sobre o indagar e que dá de real a uma visão equivalente à dos físicos-matemáticos. No mais não se deve perder de vista que a arte já é em si mesma uma ética e um modo de conhecimento.

Os limites do texto projetam dificuldades na compreensão. São assuntos complexos tangidos de maneira breve. No entanto, existe um possível diálogo com um fenômeno identificado por David Harvey em *Condição pós-moderna*. Em suma, o geógrafo britânico vislumbra uma reação aos pressupostos racionalistas, que marcam as formas de pensamento ocidental desde o século XIX, a partir da metade do século XX. O grupo que contesta essas premissas racionais na construção do saber, destacando ao mesmo tempo características fugidias e subjetivas, são sintetizados por Harvey pelo termo “pós-moderno”. Iniciados na estética, logo se espraíram para distintos campos do saber.³²⁹ Gullar parece trazer nas suas declarações uma dimensão desse fenômeno histórico. Mostra-se possível ver também tal dimensão nas críticas que o autor concretista Haroldo de Campos faria à obra *Formação da Literatura Brasileira* de

³²⁸ MONIZ BANDEIRA. Os concretos exigem renovação da crítica. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1957, p. 3.

³²⁹ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Loyola, 2016.

Antonio Candido de Mello e Souza³³⁰ em *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira* algumas décadas depois.³³¹

A interação com Gullar certamente estimulou ou até mesmo irritou Moniz Bandeira. Uma semana mais tarde, o jornalista fez uma declaração jocosa em relação ao movimento concretista nas páginas de um jornal:³³²

A poesia concreta procura valorizar os aspectos sensoriais do poema. Principalmente os seus elementos visuais. A propósito, o jovem poeta (não concretista) Moniz Bandeira propôs ontem: ‘Seria preferível, no entanto, que não só utilizassem os elementos ‘focovisuais’, mas também o olfato e o paladar, como formas de comunicação sensorial, fazendo bolos e doces com estruturação de sílabas, palavras e poemas.

A consideração foi um pequeno assopro. Mais rico nesse sentido foi o texto que publicou no *Correio da Manhã* ainda naqueles dias, “Poesia concreta e futurismo”.³³³ Nele Moniz Bandeira aproxima o futurismo do concretismo, esboçando-os como expressões de determinadas épocas. Realiza uma dialética exacerbada entre texto e contexto, procedimento que já fizera repetidamente em escritos anteriores, para questionar um movimento estético diante de suas relações sociais em um determinado período histórico. Projeta-os, escolhendo precisamente a postura social de cada um a partir de suas premissas ideológicas, como reações às transformações sociais que se desdobravam. Obviamente que o socialismo é adjetivado como a faceta do futuro na sua construção. Assim, futurismo e concretismo seriam posições conservadoras, resistentes às transformações, manifestas na estética. Para assim afirmar, não constitui nenhum aprofundamento. Trata-se de uma visão muito superficial.

No caso do futurismo, a reação dirigiu-se às revoluções socialistas no início do século XX, estando, portanto, conectado ao regime conservador fascista. Nesse movimento, discrimina exclusivamente a vanguarda italiana, não considerando por exemplo o expoente russo do futurismo Vladimir Maiakovski, bolchevique russo que participou da revolução de outubro e autor do poema “À Plena Voz”, uma defesa do engajamento do poeta.³³⁴

Os poetas concretos “vem desempenhando, entre nós, o mesmo papel que os futuristas: a vanguarda da contra-revolução literária. Os problemas que trazem são os

³³⁰ MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 16 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

³³¹ CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

³³² EDGARD, Luis. Esquina. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1957, p. 12.

³³³ MONIZ BANDEIRA. Poesia Concreta e Futurismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1957, p. 11.

³³⁴ MAIAKOVSKI, Vladímir. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Leitura, s.a, p. 211-205.

mesmos. O estilo de sua arte exprime o espírito de uma classe agonizante”. Moniz Bandeira questionava a reivindicação da autonomia artística expressada por Ferreira Gullar. Não concebe que a estética esteja além dos conflitos sociais. Essa posição se derivaria em uma conduta antirrevolucionária porque abriria um livre caminho para os conservadores. Mostra-se interessante que para o desenvolvimento dessa argumentação se utilize Mario Pedrosa como uma referência, citando o texto “Arte, necessidade vital”, no qual o crítico afirma a impossibilidade da independência da arte, sempre se inserindo em um plano de disputas sociais.³³⁵

O escrito se apresenta como uma resposta, não abertamente declarada, às considerações de Ferreira Gullar. É possível ponderar que se trata de uma contestação à dimensão fugidia, crítica ao racionalismo, que então ganhava força, utilizando os argumentos de Harvey como horizonte analítico. Por outro ângulo, vislumbra-se também uma disputa de definições de uma arte entre dois iniciados, mas ainda principiantes, de um mundo literário que constantemente se reforjava nas diversas publicações das grandes editoras e nas colunas de crítica literárias. Nesses dois textos, projetavam-se filiações. Moniz Bandeira colocava-se de maneira mais conservadora, reivindicando a manutenção do cânone mais cristalizado do fazer poético. Ao mesmo tempo, queria-se revolucionário, ligado ao futuro. O que nos dá a hipótese de um revolucionário conservador. Na prática, concatenava-se a um amigo próximo, Augusto Frederico Schmidt, expoente de um modernismo já profundamente institucionalizado. Fugir dessa posição em grande medida era renunciar aos seus círculos sociais imediatos.

Também demonstrava uma certa dimensão voluntarista por parte da arte, querendo reivindicar às últimas consequências as suas ligações com a política. O problema, no entanto, é que às vezes fazia tal aproximação de maneira muito mecanicista, não enxergando as manifestações mais sutis que envolvem a interação entre o lírico e o político. Transforma o mundo social em oposições quando na realidade se configuram relações mais complexas. Tal visão pelo menos em uma oportunidade o atrapalhou na concretização de um projeto. O escritor Telmo Padilha anunciou no início daquele ano que faria uma coletânea de poemas com escritores jovens e consagrados da Bahia, convidando diversas personagens para participar, entre elas Moniz Bandeira.³³⁶

³³⁵ PEDROSA, Mario. *Arte, necessidade vital*. Rio de Janeiro: Livraria da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

³³⁶ A lista anunciada de poetas convidados era: Carvalho Filho, Godofredo Filho, Sosigenes Costa, Wilson Rocha, Jorge Amado, Santos Morais, Jacinta Passos, Jorge Medauar, Enoch Santiago Filho, Ilka Sanches, Levinia Machado, Jair Gramacho, Jesus Homes dos Santos, Florisvaldo Mattos, James Amado,

O envolvimento com grupos políticos nos últimos tempos provavelmente o fez radicalizar suas posições, dificultando-lhe as conciliações de interesses quando oposições se expressavam. Em tempos anteriores, sua vontade de harmonizar com distintos espectros lhe possibilitara concretizações de variados objetivos. Renunciou de integrar a coletânea publicando uma nota pública³³⁷ após o seu escrito de juventude “Canto a Trotsky” ser recusado.³³⁸ As preocupações profundamente líricas de Telmo Padilha não possibilitaram tal conciliação,³³⁹ impossibilitando a participação do jovem na coletânea.³⁴⁰

Distintamente se apresentava Ferreira Gullar. Lançava-se como um expoente mais inovador da estética, apresentando outros horizontes. Obviamente que tal tensão entre as partes não se projetava com grande relevância nas disputas mais amplas que permeavam o fazer artístico daquela época. Mostra-se como um mero detalhe diante de enfrentamentos muito mais relevantes para a história da literatura. Todavia, é uma minúcia que em certa medida demonstra a longo prazo quais contornos a estética assumiria no Brasil. Ferreira Gullar seria conhecido por ser poeta, acumulando grande prestígio. O poeta Moniz Bandeira seria fundamentalmente esquecido, sendo notório por outros motivos.

Em certa medida, tal resultado se revela parcialmente nos próprios limites da crítica feita por Moniz Bandeira a Ferreira Gullar. Diz pouco a respeito da forma e apela para questões conjunturais. No fundo, apresenta a tendência da personalidade de Moniz Bandeira de se voltar plenamente para a política, seja para pensá-la, seja para nela atuar. Uma consideração que Mário Faustino – colega de Ferreira Gullar no movimento

Hélio Simões, Eugênio Homes, Pinto de Aguiar, Elvira Foeppel, Fernando Leite Mendes e Moniz Bandeira. TELMO PADILHA. Não houve proteção na Antologia dos Poetas Baianos. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1957, p. 3.

³³⁷ Segue a nota: “O poeta Moniz Bandeira escreve ao noticiário: ‘Gostaria que noticiasse, através de sua coluna, que eu não participo de uma anunciada antologia dos modernos poetas baianos, que seria publicada pela Livraria Progresso (de Salvador), uma vez que pedi [sic] fosse meu nome excluído, ao verificar que os critérios do seu organizador não são estéticos nem literários. Não sou eu, aliás, o primeiro a tomar semelhante atitude. O poeta Camillo de Jesus Lima, um dos melhores da Bahia, procedeu da mesma forma e, segundo me consta, outros também o farão”. JOSÉ CONDÉ. Carta ao Noticiário. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1957, p. 14.

³³⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Canto a Trotsky. *Ângulos*, Salvador, n° 6, 1955.

³³⁹ PADILHA, Telmo. Vida Literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 de março de 1957, p.8.

³⁴⁰ Tal coletânea, anunciada pelo selo da Livraria Progresso de Salvador, aparentemente jamais foi publicada. Cyro Pereira de Mattos, um amigo próximo de Telmo Padilha, não sabe nada de sua existência. Florisvaldo Mattos, um dos colaboradores anunciados, também desconhece a existência de um resultado. Relatos de Cyro Pereira de Mattos e Florisvaldo Mattos em 2020.

concretista e importante crítico literário no *Jornal do Brasil*³⁴¹ – destinou ao seu texto sintetiza em certa medida os limites de argumentos no âmbito do lírico.³⁴²

O sr. Moniz Bandeira assina, no Suplemento do ‘Correio da Manhã’, um artigo intitulado ‘Poesia Concreta e Futurismo’, no qual acusa os concretistas de uma coisa gravíssima: de serem uma expressão de sua época. Considera-os, por outro lado, uma contra-revolução, esquecendo-se, contudo, de definir qual a revolução contra a qual são os concretistas. Como se vê, como esse tipo de argumentação, o sr. Moniz Bandeira, muito embora o tom severo, não consegue preencher uma lacuna: uma crítica séria ao movimento concretista

A consagração entre os artistas cobrava preços mais profundos do domínio e da execução do *métier*. Todavia, sempre imperam mediações. Em pouco tempo, Ferreira Gullar se distanciaria da visão tão autônoma e independente da estética e se conectaria profundamente com a política, filiando-se ao PCB. Obviamente que não por causa de Moniz Bandeira. A América Latina seria outra depois de 1º de janeiro de 1959, atravessando as posições mais autonomistas da arte e os espíritos menos engajados.

A vida literária de Moniz Bandeira seguiu agitada. Nos anos 1950, os constituidores da Semana de Arte Moderna de 1922 encontravam-se plenamente inseridos nos mais prestigiosos meios culturais do país. Tal consideração é válida tanto no sentido da trajetória dos seus membros – com a exceção daqueles que já tinham falecido, como por exemplo Mário de Andrade –, quanto no sentido da sua forma de produção artística. De posições secundárias nos anos 1920, tendo que pagar para editar suas obras e sendo foco de poucas atenções, os modernistas e sua forma de *savoir-faire* converteram-se em arautos da arte nos anos 1930 e 1940. Tal consolidação esteve profundamente associada aos papéis centrais que os modernistas paulistas e cariocas de distintas estéticas assumiram no governo do Estado Novo, especialmente no Ministério da Educação e Saúde Pública de Gustavo Capanema.³⁴³

Na segunda metade do século XX, tais personagens eram constantemente convidadas a definir questões estéticas para legitimar ou não determinadas práticas. Inclusive ao mesmo tempo se operava a consagração no âmbito das Ciências Sociais e da História desse conjunto de autores. Foi então que Antonio Candido de Mello e Souza

³⁴¹ MÁRIO Faustino. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2844/mario-faustino>. Acesso em: 10 de outubro de 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

³⁴² FAUSTINO, Mário. Personae. *Jornal do Brasil: Suplemento Dominical*, Rio de Janeiro, 3 de março de 1957, p. 5.

³⁴³ Sobre esse processo de consagração, cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; SCHWARTZMAN, Simon *et al.* *Tempos de Capanema*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: FGV, 2000.

redigiu um trabalho, *Literatura e Sociedade*,³⁴⁴ que se tornaria cânone interpretativo do movimento modernista paulista. Obra a qual esboça tal corrente como um momento decisivo da formação da cultura nacional.³⁴⁵ Em outros termos, estavam consagrados socialmente, ao ocupar posições centrais, e extrapolavam sua legitimação intelectual ao assumir posições privilegiadas dentro da bibliografia acadêmica, indo além dos ambientes anteriormente frequentados.

Nessa condição, o prestígio de um novo livro passava muitas vezes pela ponderação de personagens como Carlos Drummond de Andrade, Guilherme de Almeida e outros. Na sequência da interação com Ferreira Gullar, Moniz Bandeira conseguiu uma entrevista com um dos principais nomes do modernismo, Manuel Bandeira. Os sobrenomes próximos não indicam ligações familiares. Apesar de serem nordestinos, originaram-se de grupos distintos, vindo Moniz Bandeira a conhecer o poeta por meio de Augusto Frederico Schmidt e não por qualquer mediação familiar.³⁴⁶ No dia 3 de março, saiu o resultado nas páginas do *Diário Carioca*.³⁴⁷ O texto é breve, mas traz algumas informações interessantes. O poeta destaca qualidades entre os concretistas e expressa uma simpatia pela sua ação contestatória:

A minha posição em face do movimento concretista é bem clara, como o demonstrei, várias vezes, através da imprensa. Respeito todo e qualquer movimento que se faça honesto, visando uma revolução literária. Os jovens concretistas, na minha opinião, são sérios. Podemos divergir deles, entrar em nossas divergências. Isto não importa. O que é necessário, entretanto, é um exame das questões que levantaram e da situação atual da arte e da literatura. E concluindo: Fique bem claro, porém, que não sou concretista

Por outro lado, revela uma distinção com certas concepções concretistas, destacando a relevância e a admiração por alguns antigos padrões. Em certa medida, pode-se vislumbrar a presença de um questionamento mediado pela perspectiva de Moniz Bandeira que dava contorno à conversa.

Não abro mão da riqueza cultural da humanidade. A rima e o verso são valores que não podemos desprezar nem abolir com simples decretos. Escrevo tanto verso sem rima como o poeta sem verso. Mas, quando a inspiração me vem em forma de soneto, não deixo de fazê-lo dentro de suas formas tradicionais. E ninguém até hoje conseguiu decretar a morte do soneto.

³⁴⁴ MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

³⁴⁵ Sobre as fases do modernismo e as suas transformações qualitativas ao longo do tempo, cf. SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Perspective*, 19 fev. 2016. Disponível em: www.journals.openedition.org/perspective/5539. Acesso em: 11 set. 2020.

³⁴⁶ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

³⁴⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Manuel Bandeira defende a rima e o verso. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 3 de março de 1957, p. 2.

No que se refere ao mundo poético, 1957 teria um princípio de ano agitado e o restante com poucos desdobramentos, a desconsiderar o conjunto de críticas ao seu livro *Verticais*. Publicaria um texto sobre as poesias de Ivan Goran Kovacic em março,³⁴⁸ escritor iugoslavo ligado à resistência ao nazismo quase totalmente desconhecido no Brasil, e duas poesias nos últimos meses do ano: “Canto” e “Elegia da Paz”.³⁴⁹

Canto

Que ficou de teu mundo?
Onde estão aqueles que te ajudaram a construí-lo?
Os muros tragaram balas e palavras
e a erva cresceu sobre os lábios dos mortos
que a noite ocultou.

Sempre noite, sempre inverno,
flocos de neve caindo
na memória dos que marcaram
as estradas do tempo.

Os mortos.
Sangue, pólvora, cinza e pedra
e um século preso nos seus dentes

Mas, vê a alvorada,
a alvorada que vem,
que ainda vem,
que surgirá de lágrimas e de sonhos,
quando nos campos, verdes campos,
ainda cobertos de neve,
as sementes brotarem e as árvores florescerem,
quando todas as vozes,
rasgando túmulos e quebrando espelhos,
vibrarem nos subterrâneos do mundo.
Vê quantos homens
Caminham pela madrugada?
Eles esperam por ti.
Esperam que os relógios sangrem
À dor das horas.
Que os rios contidos
desemboquem pela boca dos mortos
despertados ao canto das aves
e dos clarins de fogo da alvorada.

E o sol,
O sol que tu levaste nas mãos,
Será de todos.

³⁴⁸ MONIZ BANDEIRA. Ivan Goran Kovacic e a libertação da Iugoslávia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1957, p. 9.

³⁴⁹ MONIZ BANDEIRA. Canto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1957, p. 10. MONIZ BANDEIRA. Elegia da Paz. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1957, p. 11.

Elegia da Paz

Não deixem que ela durma a hora presente.
Que palavras articuladas ao acaso
dos ventos e dos mares
lhe sangrem a solidão

Seus cabelos não ostentam nem flores
nem coroas,
apenas longínquo rumor de astros que se apagam
perturba o pálido silêncio de seu sono

Ela é simples e pura.
Mulher de madrugadas mornas.
Árvore perdida em meio da floresta.
Silêncio e cinza na mudez de um fogo extinto.

Surda harmonia para os desgraçados,
para todos que não têm pátria,
que não conhecem lar
nem o repouso abstrato dos afortunados.

Eu sei quem é,
Mulher envolta em horas de agonia
Sim. Sei que todos os desesperados
Chamam-na simplesmente:

PAZ.

1.26 A política: nacionalismo

Se as iniciativas ligadas ao mundo artístico de Moniz Bandeira começaram agitadas e perderam força ao longo do ano, uma situação muito diferente organizou-se com os seus projetos políticos. Houve um aumento constante dessa forma de interação, tendência que só veio a ser suprimida após o golpe de 1964. Tais mediações podem ser fundamentalmente localizadas em dois nichos ideológicos que se manifestavam no campo político: um núcleo trabalhista e um núcleo marxista. Apesar das diversas estratificações existentes no interior desses campos, pode-se perceber, com a própria vida de Moniz Bandeira, mediações entre os espaços.

Naquele momento, um dos seus protetores, Augusto Frederico Schmidt, chegava ao ápice da sua influência ao se tornar uma espécie de assessor para assuntos internacionais do presidente Juscelino Kubitschek. A interação resultaria em abril do ano seguinte na Operação Pan-Americana.³⁵⁰ O parlamentar para quem trabalhava, Sérgio Magalhães, também crescia em relevância. Assumiu em maio a vice-liderança do

³⁵⁰ Sobre isso, cf. BOJUNGA, Claudio. A licença poética de Schmidt. In: BOJUNGA, Claudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 663-682.

PTB na câmara. Tornava-se uma poderosa figura do bloco da situação que ajudava a dar sustentação ao governo Kubitschek.³⁵¹ A questão é que seus contatos imediatos, para dar dois exemplos, cresciam e isso possibilitava o estabelecimento de novas interações por meio das antigas.

Foi via essas redes que Moniz Bandeira conseguiu realizar uma entrevista com o conterrâneo Rômulo Almeida.³⁵² Tal homem fora um importante quadro do segundo governo Getúlio Vargas, estando diretamente ligado à construção de uma série de instituições fundamentais do Estado brasileiro como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e a Petrobras.³⁵³ Era um dos profissionais especializados na área econômica mais prestigiados do Brasil na época.

Após o suicídio de Vargas, candidatou-se ao cargo de deputado federal pelo PTB, conseguindo uma vaga. Todavia, pouco permaneceu no parlamento. No ano seguinte, assumiu a Secretaria da Fazenda do governo da Bahia, então governada por Antônio Balbino (1955-1959), posição na qual “inaugura o planejamento sistemático em nível estadual no país”. O Centro Industrial de Aratu e o Polo Petroquímico de Camaçari, dois espaços fundamentais da economia baiana, foram frutos de sua administração.³⁵⁴ Permaneceria na pasta até 1961, sendo convidado pelo governador conseqüente, Juracy Magalhães, a seguir com o seu projeto. Indicativo de seu prestígio, uma vez que o antigo tenentista pertencia a um partido de oposição, UDN.

Em 20 de maio, foi publicada a entrevista no *Diário da Noite*.³⁵⁵ A oportunidade ocorreu devido a uma visita de Almeida ao Rio de Janeiro. As possibilidades para o estabelecimento do contato foram diversas. Por um lado, a família de Moniz Bandeira possuía grande capital social em Salvador, facilitando os caminhos da interação. Por outro, Almeida detinha extensa interlocução com o trabalhismo, especialmente com

³⁵¹ AREAS, Daiana Maciel. Os intelectuais do *Correio da Manhã* e a modernização da imprensa no Brasil. In: BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; CORRÊA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida (org.). *História Econômica e Imprensa*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016. p. 168-172.

³⁵² Agradece-se ao professor Alexandre de Freitas Barbosa, especialista na vida e obra de Rômulo Almeida, que gentilmente ajudou em tudo que podia a respeito dessa personagem.

³⁵³ Sobre a trajetória de Rômulo Almeida, cf. BARBOSA, Alexandre de Freitas. Rômulo Almeida. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 305-323. BARBOSA, Alexandre de Freitas; KOURY, Ana Paula. Rômulo Almeida e o Brasil desenvolvimentista (1946-1964): ensaio de reinterpretção. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, número especial, dez. 2012, p. 1075-1113.

³⁵⁴ BARBOSA, Alexandre de Freitas; KOURY, Ana Paula, op. cit., 2012, p. 1078-1079.

³⁵⁵ MONIZ BANDEIRA. A crise econômica ameaça dar origem a ditadura demagógica que usa o nome do operariado. *Diário da Noite*, 20 de maio de 1957, p. 3.

peças que o jornalista convivia. O seu patrão San Tiago Dantas tinha uma ligação histórica com Rômulo Almeida, talvez facilitando a interação.³⁵⁶

O diálogo entre os dois foi breve e atravessado por algumas pautas do seu tempo. Almeida falou da necessidade de mobilizar forças para o desenvolvimento nacional, indo além da dominância de determinada linhagem partidária. Os constantes enfrentamentos entre os três grandes partidos da Quarta República e as insubordinações das Forças Armadas colocavam em evidência oposições que muitas vezes se manifestavam inconciliáveis, prejudicando a mobilização de projetos diretos visando a industrialização.

Almeida faz a apologia da necessidade de superação dessas distinções em prol do desenvolvimento do país forjado pelas lideranças políticas, “congregarem as elites dirigentes, dentro de um sentido de responsabilidades comum e num clima de convivência pacífica, para o combate a esses males”. Também destaca os perigos do comunismo em seu pronunciamento. Nas suas palavras, a ausência de um consenso poderia fazer surgir um contexto propício para o surgimento de uma ditadura que manipulasse as massas. Impossível não rememorar a argumentação utilizada por Kubitschek para a legitimação da OPA: as mazelas sociais como possíveis combustíveis para a influência comunista.

A superação da crise que o Brasil atravessa, senão houver uma congregação de todas as forças e a autoridade do governo não se consolidar em torno de um programa básico de desenvolvimento, só poderá ser alcançada por um regime em nome do proletariado. [...] Temo que possa surgir uma ditadura que explore o nome do proletariado e derrape por uma demagogia míope e retrógrada retardando efetivamente, o levantamento econômico e social das massas brasileiras

Coloca em questão a necessidade da constituição de uma reforma agrária no país, afastando-a de qualquer acepção que a ligasse ao socialismo. Necessário era suprimir as áreas improdutivas, visando-se assim aprofundar o capitalismo: a reforma agrária “é uma reforma essencial do capitalismo brasileiro, se estendida no sentido de legitimar a posse da terra que não está aproveitada ou conservada adequadamente, pode e deve ser resultado dessa congregação de forças”.

Impossível não rememorar algumas considerações de Celso Furtado,³⁵⁷ um dos principais interlocutores de Rômulo Almeida, do livro *Formação econômica do Brasil*

³⁵⁶ BARBOSA, Alexandre de Freitas, op. cit., 2014, p. 305-307.

³⁵⁷ Para uma visão de conjunto da vida e obra de Celso Furtado, cf. MALLORQUIN, Carlos. *Celso Furtado: um retrato intelectual*. São Paulo: Xamã; Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

de 1959.³⁵⁸ Tais autores possuem expressivas aproximações e são considerados dois expoentes do pensamento desenvolvimentista brasileiro.³⁵⁹ O livro de Furtado é posterior à entrevista, mas em certa medida sintetiza algumas questões caras às duas personagens. Nesse sentido, é também significativo que Furtado, o coordenador da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, tinha em Almeida um dos seus principais aliados, responsável pela empreitada na Bahia. Além disso, é um dos primeiros pontos de uma série de obras que se seguiriam refletindo o Brasil a partir de um conjunto de categorias mais ou menos comuns.

De maneira sintética, Furtado argumenta que a história do Brasil é atravessada pela interação de uma série de unidades produtivas. Algumas entre elas tendiam a formação de uma economia monetária. Categoria que circunscreve a generalização de uma organização econômica na qual a circulação de mercadorias de entes privados é predominante. O aprofundamento do capitalismo no Brasil com conseqüente industrialização estaria associado à supressão de áreas “atrofiadas”. Em outros termos, ao desaparecimento de espaços estruturados a partir de uma produção voltada para a subsistência. Necessário seria o desenvolvimento de uma agricultura comercial, voltada à produção de excedente, possibilitando a especialização econômica. No pensamento de autores como Furtado e Almeida, a reforma agrária estaria plenamente ligada à constituição de uma forma capitalista, articulando-se uma complementariedade entre áreas rurais e setores industriais. Desmobilizar e reorganizar setores “atrofiados” no Nordeste por meio da reforma agrária seria uma questão fundamental.

Ao longo do ano publicaria mais alguns textos. Em maio, dialogou com o coronel Valentin Irigoyen. Figura quase totalmente obscura, havendo pouquíssimas informações a seu respeito.³⁶⁰ Irigoyen fora adido militar durante o mandato de Juan Domingo Perón e, após o golpe de Estado argentino de 1955, permaneceu exilado no Brasil. Na entrevista, o coronel nega qualquer planejamento ou mobilização entre os exilados argentinos para recolocar Perón no poder.³⁶¹

Em junho, Moniz Bandeira publicou um texto após realizar viagem a Brasília, que começara a ser construída em fevereiro daquele ano. Trata-se de um breve relato

³⁵⁸ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 18. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982 [1959].

³⁵⁹ “Rômulo de Almeida, que seria, juntamente com [Celso] Furtado, o líder dos desenvolvimentistas nacionalistas nos anos 50”. BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p. 77-81.

³⁶⁰ Agradece-se ao auxílio do professor Horacio Tarcus por levantar informações sobre tal personagem.

³⁶¹ MONIZ BANDEIRA. Não há trama peronista com base no Brasil. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1957, p. 1, 6.

das obras que estavam sendo feitas. Destaca entre outras coisas os 3 mil e 500 habitantes já instalados no centro do país e os diversos prédios rapidamente levantados.³⁶²

Mais rico sobre esse evento foi uma entrevista que Moniz Bandeira deu em 1990 para o projeto de História Oral da Memória da Construção de Brasília do Arquivo Público do Distrito Federal.³⁶³ Conta que, após descer de avião em Goiânia e ir de carro até a futura capital, encontrou boa parte das obras ainda no estado de terraplanagem. O pó levantado pela construção seria tanto que “teria ficado com o cabelo tão vermelho de terra, da poeira que se levantava por causa da terraplanagem, que ao voltar para o Rio de Janeiro lá permaneceu uma semana ruivo”.

Dirigiu-se para Brasília juntamente de uma comissão chefiada pelo deputado Wagner Estelita Campos do PSD com o fim de fiscalizar os custos e as obras de Brasília. Havia um debate significativo sobre esse amplo investimento na época. A oposição udenista denunciava que o projeto poderia causar crises inflacionárias no país. O parlamento não ficou alheio às denúncias e por isso a presença de Estelita Campos era uma tentativa de abafar a pressão, tentando-se demonstrar que tudo estava regularizado.

Essa foi a primeira vez que Moniz Bandeira esteve em Brasília. Repetidas vezes iria à nova capital nos anos seguintes devido ao seu trabalho de jornalista, dando o número de no mínimo duas ou três vezes por ano. Conta que repetidamente acompanhou Juscelino Kubitschek em visitas que o presidente fazia com convidados oficiais de outros países. Cita dois nomes. Em um caso, relata a passagem do presidente da Itália, Giovanni Gronchi em setembro de 1958. Em outro, aponta a presença do Secretário de Estado John Foster Dulles em 1958, quando veio escolher o terreno onde seria instalada a embaixada dos EUA em Brasília.

Moniz Bandeira trabalhava fundamentalmente na seção de Política Internacional do *Diário da Noite* juntamente de Erich Sachs, realizando esporadicamente algumas atividades como repórter. Todavia, não assinara nenhum texto sobre esse campo, apenas auxiliava na elaboração das notícias que em geral não possuíam autor declarado. A condição que assumiria mais tarde de importante escritor associado ao estudo das relações internacionais pode gerar um certo estranhamento nesse sentido se um certo

³⁶² MONIZ BANDEIRA. Brasília ou Maracangalha, a Cidade Prometida. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1957, p. 7.

³⁶³ O áudio da entrevista está depositado no Arquivo Público do Distrito Federal.

olhar anacrônico for assumido. No entanto, pode-se observar em junho daquele ano a primeira vez que Moniz Bandeira escreveu razoavelmente sobre diplomacia, embora muito distante dos recortes que assumiria.

O texto “O Petróleo da Bolívia Pagará a Construção da Estrada de Ferro” faz uma superficial consideração a respeito de um conflito diplomático entre Brasil e Bolívia que uma vez mais se despertava e tomava grandes proporções.³⁶⁴ As relações entre as partes remetiam ao século XIX, tendo pontos relevantes como a anexação do Acre pelo Brasil. A interação nesse caso específico era um desdobramento de um acordo firmado em 1938 sobre a vinculação ferroviária entre os países, que resultou na ferrovia Corumbá–Santa Cruz de la Sierra, e a estruturação de um projeto comum de exploração de petróleo no país andino. Em 1952, o acordo foi renegociado estabelecendo-se uma Comissão Mista Brasileiro-Boliviana de Petróleo. Objetivava-se a viabilização de uma iniciativa que possibilitasse a extração do combustível fóssil a partir de investimento brasileiro. O acordo não avançou, travando devido à falta de verbas e crises sociais nos dois países. Em 1957, o assunto ressurgia, pois o presidente do Conselho Nacional do Petróleo, o coronel José Alexínio Bittencourt, denunciou a estratégia administrativa da Petrobras como responsável por agravar a crise cambial brasileira, gerando entre outras coisas desabastecimento.³⁶⁵

Nessa conjuntura, insere-se o texto de Moniz Bandeira. Na sequência da declaração de Bittencourt, os tratados com a Bolívia assumiam o centro do debate público, sendo as negociações diplomáticas retomadas em seguida. O jornalista tentava oferecer ao leitor alguns dados sobre o arranjo, dispondo a impossibilidade da Bolívia de sair do acordo, e as tensões nacionais que atravessavam o país boliviano, dando intensidade às negociações. Seu conteúdo mostra-se interessante, pois demonstra um Moniz Bandeira aprendendo as particularidades das relações internacionais, atento aos nomes dos chanceleres e aos secretários-gerais. A querela entre Brasil e Bolívia não se resolveria naquele momento histórico. Estender-se-ia ainda por significativo tempo. No ano seguinte, aconteceria um dos seus eventos mais explosivos e uma vez mais Moniz Bandeira estaria atento.

³⁶⁴ MONIZ BANDEIRA. O petróleo da Bolívia pagará a construção da estrada de ferro. *Diário da Noite*, 24 de junho de 1957, p. 4.

³⁶⁵ Sobre os acordos de Roboré, cf. BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. 5. ed. Brasília: UnB, 2015, p. 323-329; VILARINO, Ramon Casas. *Os acordos de Roboré: Brasil, Bolívia e as questões do petróleo, desenvolvimento e dependência no final dos anos 1950*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

Ainda naqueles dias Moniz Bandeira convidaria o poeta e também industrial Augusto Frederico Schmidt para dar uma declaração sobre a questão. O amigo e protetor possuía pontos de vista muito distintos daqueles de seu protegido, colocando-se como um liberal e defensor da livre iniciativa. Acreditava que a industrialização estava concatenada ao amadurecimento do setor privado. Parecia-lhe estranho a presença exacerbada do Estado em toda iniciativa que envolvesse o produto fóssil. Questionava um suposto dogma de se pensar o petróleo como um assunto exclusivo do Estado. Contrariava o monopólio da Petrobras, estendendo uma crítica à Comissão Mista Brasileiro-Boliviana de Petróleo, temática que estava em alta no momento.³⁶⁶

Liberdade para discutir o problema do petróleo. Isso é o que devemos defender no momento. Não sou contra a Petrobras. Desejo de todo o coração que essa experiência seja vitoriosa. Mas, insisto no direito de falar toda vez que meus raciocínios me levam a conclusões que não se coadunam com a política nacional.

1.27 A política: marxista

Se Moniz Bandeira interagira constantemente com uma série de atores do campo trabalhista principalmente por caminhos que estabeleceu por meio do jornalismo e do trabalho com Sérgio Magalhães, as conexões com a esquerda se desdobrariam dos seus vínculos familiares, especialmente dos seus dois tios que eram militantes históricos do trotskismo, e da amizade constituída com Erich Sachs.

A década de 1950 é um momento extremamente relevante para as esquerdas marxistas da América Latina. Configura-se uma espécie de entretempos no qual uma estratégia de convivência pacífica difundida pela URSS seria diversas vezes contestada para em seguida ser quase totalmente suplantada por demandas revolucionárias. Ao observar o contraste, Michael Löwy estabeleceu uma periodização: dispondo um momento stalinista entre 1930 e 1959 e um revolucionário após essa data.³⁶⁷ Em grande medida, a distinção da prática se funda na contestação da autoridade soviética e no horizonte revolucionário apresentado por Cuba após sua revolução.

Tal processo atravessa todo o globo, alcançando também os debates da esquerda brasileira. Um dos principais eventos que incitaram a mudança de rumos ocorreu na própria URSS. Após a morte de Josef Stalin em 1953, abriu-se um caminho para o

³⁶⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Liberdade para discutir o problema do petróleo. *Diário da Noite*, 1 de julho de 1957, p. 1-2.

³⁶⁷ LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016, p. 11-12.

questionamento da sua figura e de diversos preceitos de sua política. A manifestação mais forte dessa transformação ocorreu no XX Congresso do PCUS em fevereiro de 1956. O evento, no qual se acusou entre outras coisas os expurgos de grande parte da velha guarda do partido bolchevique, contava com diversas personagens de todas as partes do mundo, acarretando rápida difusão internacional do que foi enunciado e debatido.

O acontecimento é complexo e produziu várias consequências ao redor do globo, reequilibrando tendências diversas. O Partido Comunista Italiano, por exemplo, reordenaria profundamente sua estratégia com Palmiro Togliatti defendendo a plena independência diante da URSS.³⁶⁸ O levante popular da Revolução Húngara e o seu esmagamento com tanques soviéticos ainda naquele ano acirrou ainda mais as tensões.³⁶⁹

No Brasil, o episódio foi catalizador de oposições que se cultivavam dentro e fora do PCB. Houve lentidão em se debater o assunto devido à demora do retorno do representante brasileiro no XX Congresso, Diógenes de Arruda Câmara. Em vez de voltar imediatamente, o enviado passou cinco meses viajando, indo a diversos países da Europa e a China. Só chegaria ao Brasil em julho.³⁷⁰

A passividade fomentou divergências e insatisfações que logo começariam a se manifestar. Em outubro de 1956, o periódico do partido *Voz Operária* publicou um texto de João Batista de Lima e Silva, destacando a necessidade de se debater o problema. A partir dessa primeira expressão, iniciou-se uma série de publicações desdobrando o assunto e provocando um vulcão de contestações.³⁷¹ Diversos intelectuais do partido interviram na temática ampliando o seu impacto, entre eles Jorge Amado, Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck de Castro etc. O conterrâneo de Moniz Bandeira, Jorge Amado, deixaria a legenda naquele momento profundamente desiludido. Dedicara grande energia ao comunismo nos anos anteriores. Provavelmente

³⁶⁸ Sobre o PCI e as ideias de Palmiro Togliatti, cf. TOGLIATTI, Palmiro. *O caminho italiano para o socialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

³⁶⁹ Sobre esse processo, cf. PONS, Silvio. *A Revolução global: História do comunismo internacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 381-458; REIS, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 187-211.

³⁷⁰ PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 309.

³⁷¹ SANTOS, Raimundo. Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 50. In: REIS, Daniel Aarão; MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2007, p. 208.

era o intelectual do PCB mais conhecido nacional e internacionalmente.³⁷² Era o princípio de uma querela que acarretaria em uma profunda reorganização do Comitê Central, uma reestruturação na estratégia política e dois rachas.

Um dos principais atores que se envolveram na questão foi o carioca Agildo Barata. Em fevereiro de 1957, o *Voz Operária*, órgão oficial do Comitê Central do PCB, publicou um extenso artigo dessa personagem, intitulado “Pela renovação e o fortalecimento do partido”, no qual entre outras coisas questionava a estratégia partidária e propunha eleições para todos os cargos da organização.³⁷³ Membro histórico e integrante de sua direção, Barata era um militar oriundo do movimento tenentista que entrara no PCB nos anos 1930. Tivera um papel importante na ANL, sendo vice-presidente na Comissão Estadual do Rio Grande do Sul e mais tarde uma das lideranças no levante do 3º Regimento da Infantaria na Praia Vermelha.³⁷⁴ Trata-se de um quadro antigo que acumulara grande prestígio, além de ser o responsável pelo setor financeiro, cargo estratégico.

As diversas contestações levaram a uma disputa dentro do PCB. Em um lado, organizou-se um grupo que defendia uma plena renovação partidária, tendo como principal líder Agildo Barata.³⁷⁵ O jornalista Osvaldo Peralva, autor do livro *O Retrato*, que entre outras coisas descreve esse processo,³⁷⁶ também estava entre seus membros. Essa linhagem, automeada de “renovadora”, exigia mudanças substantivas, incluindo a queda de Luís Carlos Prestes da posição de secretário geral.

Por outro lado, havia um núcleo de “conservadores” pertencente à Comissão Executiva que defendia a limitação do debate, visando blindar o partido de maiores questionamentos. Seus membros principais eram João Amazonas, Pedro Pomar e Maurício Grabois. Tal linhagem saiu vitoriosa no primeiro momento, pois Prestes assumiu suas posições e conquistaram maioria no Comitê Central. Em 20 de novembro de 1956, o secretário geral divulgou uma carta na qual afirmava a existência de um contexto de plena abertura ao debate no partido, mas ao mesmo tempo dispunha alguns limites aos questionamentos. Não se poderia criticar o “internacionalismo proletário”, o

³⁷² Sobre o afastamento de Jorge Amado, cf. AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018, p. 256.

³⁷³ Para uma análise do texto, cf. SANTOS, Raimundo, op. cit., 2007, p. 216-217.

³⁷⁴ LEMOS, Renato. *Verbetes Agildo Barata*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barata-agildo>. Acesso em: 01/09/2020.

³⁷⁵ Barata descreve o processo de ruptura em suas memórias, *Vida de um revolucionário (memórias)*. BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário (memórias)*. Rio de Janeiro: Melso, s.a., p. 352-360.

³⁷⁶ PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

“marxismo-leninismo” e o “partido e os seus princípios”. Na prática, a amplitude dos termos impossibilitava qualquer outra discussão.

Todavia, essa oposição não sintetizou todo o enfrentamento. Pouco tempo depois, uma terceira fração, encabeçada por uma geração mais jovem de militantes oriundos principalmente da Bahia, saiu vitoriosa com uma posição intermediária. Um dos seus membros era Jacob Gorender que fez um breve relato do processo em *Combate nas Trevas*.³⁷⁷ Tal linhagem instituiu uma profunda reorganização do Comitê Central. Os “conservadores” perderam suas posições centrais, com a exceção de Prestes, que se converteu em aliado do novo grupo. Diversas dessas personagens desprestigiadas estariam diretamente ligadas ao racha que deu origem ao PC do B em 1962. Os “renovadores” cessaram suas demandas ou foram expulsos. Agildo Barata saiu fazendo declarações polêmicas a imprensa.³⁷⁸ O fato não impediu que fosse formalmente expulso. Uma publicação de agosto de 1957 no *Voz Operária* anuncia sua remoção.³⁷⁹ Saíram com Agildo boa parte dos editores do *Voz Operária* e da *Imprensa Popular*, entre eles Osvaldo Peralva e Dagoberto Salles.³⁸⁰

1.28 Aproximações

Moniz Bandeira atentou-se para o processo de ruptura. Estava curioso para com o que ocorria. A atenção resultou em duas notícias. Diversos estratos da esquerda reagiram à crise e os militantes do POR, órgão da IV Internacional no Brasil, não ficaram passivos. O grupo de Barata seria expulso em agosto de 1957 e os trotskistas já colocavam em circulação sua posição a respeito da cisão com um editorial de Marcelo Mota, pseudônimo de Leôncio Martins Rodrigues, intitulado “Marcha para a Direita – A cisão de Agildo”, no jornal do partido *Frente Operária*. Em suma, os trotskistas criticavam os desvios nacionalistas de Barata e sua ação de, em vez de transformar por dentro o PCB eliminando suas características stalinistas, sair e constituir uma nova

³⁷⁷ GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 5. ed. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2014, p. 29-37.

³⁷⁸ REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 273.

³⁷⁹ CARONE, Edgard. *O P. C. B. (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982, p. 320-325.

³⁸⁰ SALES, Jean Rodrigues. Partido Comunista do Brasil. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *História do Marxismo no Brasil: partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007, p. 66; BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 237.

organização.³⁸¹ Vigorava a estratégia do entrismo no POR e seus membros viam o conflito partidário como uma oportunidade de fazer pressão para transformá-lo internamente.

Moniz Bandeira fez um breve texto sintetizando as posições dos trotskistas a respeito do conflito, “Também os trotskistas atacam Agildo Barata”, sendo impresso em 7 de agosto.³⁸² A notícia saiu n’*O Jornal*. O rapaz não trabalhava nesse editorial, entretanto, como tal título pertencia aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, existia a possibilidade de transmissão entre veículos. O grupo tinha o costume de republicar textos em distintos jornais da rede.

Mais rico foi o texto publicado dois dias depois, “Briga de Prestes com Agildo”. O título em si não é muito explicativo, porém quando se lê o material se descobre que Moniz Bandeira conheceu e entrevistou mais um trotskista histórico, Aristides Lobo.³⁸³ O jornalista questionou Lobo sobre o atual racha do PCB e sobre suas ligações históricas com Luís Carlos Prestes. O contato provavelmente estabeleceu-se por meio de um amigo em comum, Hermínio Sacchetta. Moniz Bandeira fez uma declaração sobre a amizade que os dois desenvolveram após uma primeira intriga nos anos 1930.³⁸⁴ O filho de Sacchetta, Vladimir, lembra da presença constante de Aristides na sua casa e da amizade profunda entre ele e seu pai.³⁸⁵ Todavia, há de se considerar que Lobo pertencia ao PSB, existindo a possibilidade de interação institucional.

No texto, são publicadas partes de algumas cartas que Lobo trocara com Prestes,³⁸⁶ dando informações sobre a posição do secretário geral antes de ingressar no partido e depois do fim da Coluna Costa-Prestes. Revela-se um pouco do contexto da interação que tiveram durante alguns meses de 1930, antes de estourar o levante que

³⁸¹ LEAL, Murilo. *À esquerda da esquerda: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p. 88.

³⁸² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Também os trotskistas atacam Agildo Barata. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1957, p. 1.

³⁸³ MONIZ BANDEIRA. Briga de Prestes com Agildo. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1957, p. 3.

³⁸⁴ “A LCI [Liga Comunista Internacionalista] cindiu-se em 1935. Sacchetta publicou em A Classe Operária um artigo intitulado ‘A Liga se desliga’. Em outro artigo chamou Aristides Lobo de ‘velho gagá, de cujo cérebro escorre pus’. Os dois terminaram amicíssimos. Quase que diariamente estavam juntos na redação do Shopping News, onde Aristides, ao sair do trabalho na Folha de S. Paulo, indo para casa, parava para conversar com Sacchetta”. COGGIOLA, Osvaldo. O trotskismo no Brasil (1928-64). In: LAGOA, Maria Izabel; MAZZEO, Antonio Carlos (org.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 251.

³⁸⁵ Relato de Vladimir Sacchetta em 2020.

³⁸⁶ Segundo Moniz Bandeira, tal correspondência foi entregue por Aristides Lobo ao brasilianista Timothy Fox Harding, autor de um livro sobre o movimento operário brasileiro, *The political history of organized labor in Brazil*. HARDING, Timothy Fox. *The political history of organized labor in Brazil*. Stanford: Stanford University Press, 1973. COGGIOLA, Osvaldo, op. cit., 2003, p. 244.

colocou Getúlio Vargas no poder. O material mostra-se interessante no sentido em que demonstra uma relação que em pouco tempo seria obscurantizada por parte do militar. Prestes assumiu idealmente a cartilha da Internacional Comunista, que exigia o afastamento de qualquer figura que se ligasse ao trotskismo.

Quando morei com Prestes em Buenos Aires, já estava em conflito com a direção do Partido Comunista. Ele concordava com as minhas críticas, apesar de não pertencer ainda aos seus quadros. Quando cheguei ao Brasil, clandestinamente, encontrei uma carta-circular do Comitê Central insultando-me e também Luís Carlos Prestes. Enviei-lhe uma cópia da carta-circular recebendo essas palavras de resposta. [...] Li a carta do Partido que juntasse à tua. Incrível. Policial... Uma lástima. Ou muita burrice ou safadeza desmedida, concordo. Mostrei-a aqui a quem de direito. Causou sensação e revolta. Bem imagino, pela amostra, quanta burrice ou safadeza igual teremos ainda de aguentar. Mas continuo com a mesma opinião. [sic.] Fora do Partido a direção o representa e combatê-la é fazer o trabalho de seus mais encarniçados adversários. Podes dizer a todos os companheiros aí que continuo prestigiando a obra do Partido e da direção, não só com palavras, mas principalmente que desejo prestigiá-las com atos [...] Quando cheguei a Buenos Aires, em agosto de 1930, [...] já encontrei Prestes como simpatizante comunista e chefe de uma organização chamada Liga de Ação Revolucionária, constituída por Silo Meireles, Emídio Miranda e apoiada por vários elementos prestistas residentes no Brasil. Imediatamente fui contra a existência dessa organização, que se apresentava como concorrente pequeno-burguesa e golpista do Partido Comunista, do qual havia sido expulso, mas continuava a apoiar como membro da fração trotskista. [...] Em outubro, redigi um pequeno manifesto, dissolvendo a tal Liga, que Prestes assinou, assim como um documento em que ele protestava contra o uso demagógico de seu nome, pelos elementos que fizeram a revolução de 30, e no qual devolve indignado os seus galões de capitão. Foi nessa época que me surgiu a ideia da Coluna Vermelha.

Relata também a existência de um projeto jamais concretizado. Na verdade, estabeleceu-se mais uma troca de ideias sobre uma segunda coluna armada. Dessa vez, dedicada a promover a agitação social.

Informou Aristides Lobo que perguntou então a Prestes se ele era capaz de reproduzir a sua façanha da Coluna, caso necessário, com uma orientação nova, aproveitando-se das lutas que se travavam no litoral do Brasil. Era outubro de 1930. ‘Não fiz façanha alguma’ – repetiu Aristides Lobo a resposta de Prestes. ‘Todo o meu sucesso foi resultado de serem umas bestas os nossos generais’. Revelou Prestes que ele apenas se limitava a romper o cerco e a fugir. A Nova Coluna – retomou o fio da narração – entraria no Brasil pelo Oeste, talvez por Mato Grosso sem, no entanto, o objetivo de tomar o poder, tendo apenas um caráter permanente de agitação e propaganda até que estourasse a revolução social. Em cada cidade ou aldeia que passasse, realizaríamos comícios, deixaríamos material de propaganda e organizaríamos núcleos operários e camponeses. A Coluna Vermelha realizaria, no Brasil, a tarefa para a qual o PC se mostrava incapaz, como instrumento de agitação armada e propaganda, indispensável na época em face da traição dos dirigentes stalinistas.

Naquele ano, ainda realizaria uma entrevista com mais uma personagem conectada às esquerdas. Publicaria um texto resultado de um diálogo que estabelecera

com Anita Leocádia Prestes. A filha do secretário geral acabara de voltar ao Brasil após passar alguns anos na União Soviética. Saíra do país devido à cassação do registro do PCB no governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) e à perseguição judicial instalada contra seus membros. Desde outubro de 1950, o STF autorizara a prisão de seu pai. O início do mandato de Juscelino Kubitschek possibilitou um regime de semilegalidade para os comunistas.

Nas declarações, Anita faz pressão para que o judiciário derrube um mandado de prisão firmado contra seu pai, para que assim pudesse sair da clandestinidade e com ela se reencontrar.³⁸⁷ A entrevista não era nenhum furo. Na realidade, Anita deu diversas naquele momento, sendo essa mais uma. Quando indagada sobre a ocasião, Anita não se recordava do encontro.³⁸⁸ Diversos depoimentos foram dados como uma estratégia estabelecida pelo próprio partido para fazer pressão no judiciário.³⁸⁹

Toda essa atenção que Moniz Bandeira demonstrava para o PCB e seu racha estava diretamente conectada aos vínculos sociais que estava cultivando. Estabelecera uma amizade com Erich Sachs e planejara constituir um novo projeto político com ele. No entanto, os planos não estavam claros ainda. Existiam distintas possibilidades, mas sempre se apresentavam dificuldades para concretizá-las. Uma que emergiu foi a aproximação com o grupo de Agildo Barata que fora expulso do PCB. Os rapazes devem ter pensado que as críticas ao stalinismo que o núcleo apresentou podiam resultar em projetos interessantes. Barata tentou criar uma linhagem alternativa ao PCB, o PCN.

Moniz Bandeira e Sachs não integraram a organização. Flutuaram nas suas margens interagindo e estando presente nas suas reuniões. Os membros da IV Internacional possuíam substantivas críticas ao projeto, principalmente ao seu caráter nacionalista e por isso apresentaram uma posição crítica no primeiro momento. No

³⁸⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Espero que a Justiça me deixe passar meu próximo aniversário junto a papai. *Diário do Paraná*, Curitiba, 22 de novembro de 1957, p. 1.

³⁸⁸ Relato de Anita Leocadia Prestes em 2020. “A partir de setembro de 1957, ganhava alento em todo o país uma nova campanha, com objetivos mais modestos, voltada para a revogação da ordem de prisão preventiva existente contra Luiz Carlos Prestes e demais dirigentes comunistas. Nessa nova mobilização, foi importante a intensa participação da filha – essa autora que ora lhes escreve – e da irmã de Prestes, Anita Leocádia e Lygia, recém-chegadas de um exílio de sete anos na União Soviética. Suas declarações à grande imprensa em numerosas entrevistas contribuíram para comover a opinião pública e sensibilizá-la para a causa da revogação da referida ordem de prisão, afinal decretada em 19 de março de 1958 pelo juiz de direito da 3º Vara Criminal do Distrito Federal, José Monjardim Filho, apesar das vacilações por ele reveladas diante da decisão a tomar. Os dirigentes comunistas continuaram, entretanto, a responder em liberdade o processo perante o Supremo Tribunal Federal até seu arquivamento, ocorrido somente em 1962”. PRESTES, Anita Leocadia, op. cit., 2015, p. 309.

³⁸⁹ PRESTES, Anita Leocadia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 84-85.

entanto, isso não impossibilitou que também constituíssem uma aproximação do projeto editorial empreendido pelos ex-membros do PCB.

Nas suas memórias, o militante trotskista Boris Fausto, que mais tarde se tornaria professor de Ciência Política da USP, declarou que houve um acercamento de sua organização com a de Agildo Barata. Aglutinação que se expressou nas páginas da *Novos Tempos*.³⁹⁰ Tal vínculo carece de aprofundamentos, mas há indicativos do processo.

Provavelmente o estímulo para a aproximação com o grupo de Barata se desdobrou pela iniciativa de uma das principais lideranças da organização, José Maria Crispim. Esse entrara no grupo em 1955 e certamente conhecia Barata por ambos terem sido quadros graduados do PCB.³⁹¹ No momento da produção da revista *Novos Tempos*, chegava ao limite a passagem de Crispim no POR. Seria expulso em outubro de 1958 devido às aproximações que desenvolveu com o grupo de Barata. O motivo formal de sua remoção foi uma retomada ao “nacionalismo”.³⁹² Em pouco tempo, Crispim se tornaria militante do PCN.³⁹³

Nesse período, alguns trotskistas colaboraram com a *Novos Tempos*. A posição que Leôncio Martins Rodrigues expressara em “Marcha para a Direita – A cisão de Agildo” no primeiro momento seria substituída por uma tentativa de mobilização em um grupo que interferia dentro do PCB, tentando tomar o local da ala dominante do Comitê Central. Na prática, os trotskistas buscavam aliados para se tentar praticar o entrismo no PCB por meio de alguns integrantes prestigiados que foram recentemente expulsos.³⁹⁴

Dessa maneira, Moniz Bandeira e Erich Sachs do Rio de Janeiro, os trotskistas do POR, os grupos de Barata e Crispim conviveram em torno dessa revista. Obviamente que nem todos os militantes desses grupos, apenas alguns expoentes intelectualizados, mais preocupados com os usos das palavras escritas na prática política. A questão é como tais diferenças se desenvolveram, uma vez que a ruptura foi inevitável em pouco tempo.

³⁹⁰ “Não obstante nítidas diferenças entre o POR e o grupo de Agildo, cujo nacionalismo era visível, os contatos entre ambos existiram, e tiveram mesmo uma episódica importância, incluindo a publicação de artigos na revista do grupo, *Novos Tempos*”. FAUSTO, Boris. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 124.

³⁹¹ LEAL, Murilo, op. cit., 2003, p. 85.

³⁹² *Ibidem*, p. 86-87.

³⁹³ FAUSTO, Boris, op. cit., 2010, p. 123-124.

³⁹⁴ LEAL, Murilo, op. cit., 2003, p. 85.

O PCN foi breve, mas produziu alguns debates e projeto editorial. A organização possuía um jornal, *O Nacional* e a revista *Novos Tempos*,³⁹⁵ tendo Moniz Bandeira e Sachs como colaboradores. Mostra-se difícil identificar por quais meios a relação estabeleceu-se pontualmente. O caminho provavelmente desdobrou-se das interações feitas no mundo jornalístico carioca. Mais precisamente, Moniz Bandeira devia ser conhecido do jornalista Osvaldo Peralva. O fato de ambos serem originários da Bahia também é algo a ser considerado. Os dois se aproximaram substancialmente nos anos seguintes, tendo o rapaz desenvolvido uma confiança substantiva em Peralva. Tanto Moniz Bandeira, quanto seu tio Edmundo Moniz foram os responsáveis por levar Peralva para assumir a chefia da redação e a superintendência do *Correio da Manhã* em 1963.³⁹⁶ A questão é que houve uma relação que extrapolou projetos políticos imediatos.

Peralva era o diretor da *Novos Tempos*. Os projetos editoriais do PCN foram constituídos para serem mais abertos do que os dos comunistas, havendo maiores possibilidades de colaboração. A própria revista declarava que era uma publicação “marxista sem vinculação orgânica com qualquer entidade política”. Prática que era uma espécie de resposta ao cerceamento do debate posto pelo PCB após o XX Congresso. Colaboradores e editores da *Novos Tempos* possuíam origens partidárias distintas. Por exemplo, dois membros do seu conselho de redação eram militantes históricos do PCB que não romperam com a legenda: Leôncio Basbaum e Roberto Morena. Esse caráter em certa medida é sintetizado por Basbaum em suas memórias: “Nossa revista [*Novos Tempos*] pretendia cultivar um marxismo antidogmático, aberto a todas as discussões, a ponto de admitirmos que alguns trotskistas manifestassem seus pontos de vista”.³⁹⁷ A presença de um intelectual com vinculações com o PTB como Roland Corbisier no editorial em certa medida expressa a abertura que se configurou em alguns dos seus momentos.³⁹⁸

A revista estreou em setembro de 1957 e duraria até o ano seguinte, tendo seis números no total.³⁹⁹ Sua primeira edição contava com textos de Leôncio Basbaum,

³⁹⁵ REIS, Daniel Aarão, op. cit., 2014, p. 275.

³⁹⁶ ANDRADE, Jeferson de. *Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 223. Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2016.

³⁹⁷ BASBABUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 240.

³⁹⁸ CORBISIER, Roland. A propósito de “Sortilégio”. *Novos Tempos*, n. 5, 1958, p. 6-8.

³⁹⁹ Os cinco primeiros números estão disponíveis para consulta na Biblioteca Edgard Carone no Museu Republicano de Itu. Uma coleção completa, inclusive com o sexto número, está na coleção Roberto Morena no Asmob da UNESP. Para uma análise da revista, cf. FALCÃO, Frederico José. *Novos Tempos: os 50 anos de uma revista por um marxismo nacional?* XIII Encontro da ANPUH-Rio de Janeiro.

Horácio Macedo, Agildo Barata, Armênio Guedes etc. Ao se observar esse primeiro volume, destaca-se a afirmação frequente da necessidade de uma maior abertura no marxismo brasileiro. O texto inaugural da publicação era de Horácio Macedo e dispõe uma posição semelhante: o marxismo deve romper sua dimensão dogmática, transformando-se em ciência.⁴⁰⁰

A revista possuía uma interessante característica de publicar alguns documentos icônicos da história da esquerda brasileira. No volume quatro por exemplo, trazia transcrito “O Relatório Canellas”,⁴⁰¹ havendo outras fontes. Além disso, também trazia traduções. O filósofo marxista francês Henri Lefebvre apareceu em suas páginas com “O Marxismo e o Pensamento Francês”.⁴⁰²

Moniz Bandeira colaborou duas vezes, no segundo e no quinto volume. Ambas as intervenções são expressivas porque se articulam em um debate mais amplo, ou seja, tratam-se de textos que não se encerram neles mesmos. O primeiro, assinado apenas com Luiz Alberto, intitula-se “O Caráter Socialista da Revolução no Brasil” e foi publicado entre outubro e novembro de 1957.⁴⁰³ Rubricou dessa maneira porque tinha relutância de que o escrito poderia lhe prejudicar no trabalho.⁴⁰⁴

Em 2019, tal título foi mencionado como uma expressão de uma ampla lista de textos que problematizavam o caráter da revolução no Brasil. Seria ele um exemplo de um debate intelectual que buscava identificar o vigente modo de produção do país. Conhecer tal formação acarretaria por consequência a determinação de uma estratégia política adequada, levando a escolhas de aliados ou opositores. A querela é ampla historicamente e atravessa autores de distintas linhagens, indo além do marxismo.

Esse breve texto de juventude de Moniz Bandeira seria responsável por destacar uma estratégia política específica nesse amplo quadro que era minoritária naquele momento, só ganhando mais expressão nos anos seguintes. Tal texto caracterizaria o Brasil como um modo de produção capitalista plenamente desenvolvido, colocando por consequência na ordem do dia uma revolução socialista. Dessa maneira, rejeitava-se qualquer aliança do proletariado com a burguesia. Da mesma forma, questionava-se o

Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213620109_ARQUIVO_NOVOS%2520TEMP_OS.pdf. Acesso em 28/9/2020.

⁴⁰⁰ MACEDO, Horácio. Marxismo e Dogmatismo. *Novos Tempos*, n. 1, 1957, p. 3-8.

⁴⁰¹ CANELLAS, Antonio Bernardo. O Relatório Canellas. *Novos Tempos*, n. 4, 1958, p. 40-44.

⁴⁰² LEFEBVRE, Henri. O Marxismo e o Pensamento Francês. *Novos Tempos*, n. 3, 1957, p. 1-15.

⁴⁰³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. O Caráter Socialista da Revolução no Brasil. *Novos Tempos*, n. 2, 1957, p. 23-25, 33.

⁴⁰⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Entrevista. *Margem Esquerda*, n. 22, 2013, p. 13.

nacionalismo como uma ideologia “pequeno-burguesa”, destacando o socialismo plenamente, tanto como ideologia, quanto como programa.⁴⁰⁵

Embora Moniz Bandeira não entre em um assunto caro ao debate, não tangendo o caráter do campo brasileiro, se semifeudal ou capitalista desde o princípio, destaca, por outro lado, o pleno desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Argumenta que o Estado assumiu a posição central dessa função e não a iniciativa privada. A burguesia brasileira por si só não seria capaz de articular tal processo e por isso sustentava o empreendimento estatal. Sua debilidade a fazia dependente. Conclui, assim, que o momento da revolução era socialista, portanto, os operários deveriam se levantar e derrubar o regime capitalista vigente.

Existem divergências que podem ser encontradas em vários autores. Para citar um, Nelson Werneck Sodré por exemplo caracterizaria o campo e a burguesia de maneira muito distintas em seu *Introdução à Revolução Brasileira*.⁴⁰⁶ No entanto, não é preciso recorrer a outras publicações para encontrar divergências. Na própria *Novos Tempos*, existem artigos que se debruçam sobre a questão desenvolvendo posições variadas. No artigo “O que é a corrente renovadora?” de Evaldo Martins e Pedro Salústio, é exposta uma espécie de posição oficial sobre as ideologias socialista e nacionalista do PCN. Em suma, busca-se uma conciliação entre elas, afirmando que o nacionalismo devia assumir um conteúdo socialista.⁴⁰⁷ Trata-se de um exemplo entre diversos outros dentro da publicação.

O texto de Moniz Bandeira, diante do de Martins e Salústio, destaca uma divergência estratégica e de concepção do movimento socialista. Erich Sachs também colaborou, dispondo um texto que se concatenava com o do amigo. Em “O comunismo nacional nas democracias populares”, Sachs, utilizando o pseudônimo Eurico Mendes, demonstra um conhecimento mais cosmopolita do que Moniz Bandeira, uma vez que se dedica a pensar as revoltas que se desdobravam no Leste Europeu nos últimos tempos. Apesar da diferença do objeto trabalhado, segue um caminho semelhante: a caracterização do nacionalismo como um desvio pequeno-burguês que trava a construção do socialismo.⁴⁰⁸

⁴⁰⁵ PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caminhos da Revolução Brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 43-44.

⁴⁰⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Revolução Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

⁴⁰⁷ MARTINS, Evaldo; SALÚSTIO, Pedro. O que é a corrente renovadora. *Novos Tempos*, n. 1, 1957, p. 14-18.

⁴⁰⁸ MENDES, Eurico. O comunismo nacional nas democracias populares. *Novos Tempos*, n. 2, 1957, p. 17-19.

Movimento que Sachs repetiria uma vez mais no número quatro da revista com “O movimento revolucionário brasileiro na encruzilhada”. Deslocando sua reflexão para o Brasil, afirma que existia um momento propício na esquerda para se repensar o movimento operário. Destaca outra vez a problemática do nacionalismo, argumentando que não é conciliável com o movimento socialista. Dever-se-ia educar as massas para saberem identificar cada ideologia. No entanto, dispõe algo interessante que em grande medida sintetiza o que ele estava fazendo ali: é possível usar o nacionalismo no movimento operário como uma tática momentânea com o fim de ensinar o marxismo, obviamente tendo sempre muitas reservas e pensando em uma ruptura imediata.⁴⁰⁹

Em grande medida, tal consideração sintetiza o que os dois jovens tentavam fazer naquela publicação: estavam abrindo-se ao debate e ao convencimento. Também pode ser utilizado para entender o trabalho de Moniz Bandeira junto ao deputado trabalhista Sérgio Magalhães. Sua atuação era um intento de intervir mais diretamente nos sindicatos, base eleitoral do parlamentar, e na atuação do próprio político para transformá-los em socialistas.

Demarca-se uma divergência explícita de estratégias entre o grupo de Barata e o pensamento dos dois jovens. O desacordo e o afastamento foram inevitáveis. Todavia, a ruptura não se desdobrou, pelo menos no nível aparente, dos debates a respeito da estratégia política a ser implementada. Na verdade, o âmago do conflito surgiu de algo que foi anunciado e não construído.

No início da publicação, destacou-se a posição aberta que o editorial assumiria, aceitando a colaboração de distintas linhagens marxistas. No entanto, não foi isso que ocorreu ao longo do tempo. Um dos seus colaboradores e também seu proprietário rapidamente começaria a se mostrar totalmente contrário a qualquer influência intelectual que não se conjugasse com a sua, apresentando especial reserva às ingerências vindas do trotskismo. Calvino Filho, detentor de um conjunto de editoras que possuíam ligações históricas com o PCB,⁴¹⁰ era o dono formal da publicação e desde o princípio apresentou uma postura intransigente.

O editor Osvaldo Peralva buscou manter a iniciativa aberta enquanto foi possível. Porém, a conduta de Calvino Filho, ainda muito ligado ao mandonismo

⁴⁰⁹ MENDES, Eurico. O movimento revolucionário brasileiro na encruzilhada. *Novos Tempos*, n. 3, 1958, p. 5-10.

⁴¹⁰ Para um estudo do editorial, cf. JUBERTE, Vinícius de Oliveira. O PCB e os livros: a Editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948). 2016. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

stalinista, levou o projeto ao seu fim. Estava incomodado com a presença de trotskistas no editorial. Moniz Bandeira era enxergado dessa maneira por muitos militantes daquela época, embora não pertencesse à IV Internacional.

O segundo texto de Moniz Bandeira, “A verdade sobre Leon Trotsky”,⁴¹¹ foi uma resposta a um escrito de Calvino Filho publicado em duas partes.⁴¹² O velho editor, baseado em informações difundidas em propagandas stalinistas, fez uma série de ofensas a Trotsky, associando-lhe ao oportunismo e à reação capitalista. Trata-se de uma reunião de ataques, visando na prática tolher a presença de um debate com ideias originárias do revolucionário russo que se manifestava na revista. Moniz Bandeira escreveu um artigo para entre outras coisas ponderar sobre a ausência de fundamentação histórica de Calvino Filho e para denunciar a postura stalinista do editor. Disponha uma resposta direta, como o próprio subtítulo do texto anunciava.

No primeiro momento, os ataques do editor e o enfrentamento do jovem não colocaram fim à publicação. No número seis, o militante do POR Ruy Fausto – futuro docente do Departamento de Filosofia da USP – lançou um artigo expondo seu entendimento de revolução no Brasil, “A burguesia nacional e as tarefas da revolução”.⁴¹³ O texto estava repleto de ideias trotskistas. Esse foi o limite. Distintas linhagens da esquerda brasileira estavam ocupando aquelas páginas. No entanto, Calvino Filho conseguiu o que desejava: o debate com qualquer ideia trotskista cessou, mas não só, toda a interação acabou com o encerramento da revista.

Todavia, o fim de um projeto lança a possibilidade de se constituir novos. Na última página do sexto volume era enunciado o fim do editorial.⁴¹⁴

Novos Tempos encerra número sua circulação, o que foi determinado pela necessidade de devolver o título, de propriedade do Sr. Calvino Filho, que desde o n. 4 já se havia retirado da direção desta revista. [...] Alguns dos atuais redatores de *Novos Tempos*, juntamente com outros socialistas, editarão, em breve a revista *Cadernos Socialistas* que por entendimento com a atual direção de *Novos Tempos*, respeitará as assinaturas feitas com essa última publicação.

A nova publicação sairia com outro nome, *Movimento Socialista*, no ano seguinte. Grande parte da equipe que ajudara a constituir a *Novos Tempos* não quis

⁴¹¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A verdade sobre Leon Trotsky. *Novos Tempos*, n. 5, 1958, 23-25.

⁴¹² CALVINO FILHO. I: Trotskismo: Fantasma que quer materializar-se. *Novos Tempos*, n. 3, 1957, p. 30-35. CALVINO FILHO. II: Trotskismo: Fantasma que quer materializar-se. *Novos Tempos*, n. 4 1958, p. 18-22.

⁴¹³ FAUSTO, Ruy. A burguesia nacional e as tarefas da revolução no Brasil. *Novos Tempos*, n. 6, 1958, p. 26-29. LEAL, Murilo, op. cit., 2003, p. 92-93.

⁴¹⁴ NOVOS TEMPOS. Comunicação Aos Leitores. *Novos Tempos*, n. 6, 1958, p. 50.

adentrar a nova empreitada. Na realidade, só Moniz Bandeira e Erich Sachs empreenderam no novo projeto.

Os enfrentamentos no interior da *Novos Temos* foram um sinal para Moniz Bandeira e Sachs que aquela interação com os membros do PCN não se desenvolveria. Não existia a possibilidade de convencimento. Decidiram se afastar e pensar nos próprios projetos que desenvolveriam nos anos seguintes.

Capítulo V. Juventude Socialista

1.29 Lírico

No âmbito das poesias, 1958 foi um ano muito pobre para Moniz Bandeira. Se anteriormente entrevistara personagens fundamentais, envolvera-se em polêmicas e recebera críticas em jornais prestigiosos devido ao seu primeiro livro, no novo momento só publicou três poemas ao longo de todo o ano – “O sacrificio do pássaro”, “Noite

Branca” e “Sono” – e não entrevistou ninguém.⁴¹⁵ Aparentemente seu entusiasmo diminuiu, dedicando-se fundamentalmente a outros campos.

O sacrifício do pássaro

Passam as multidões de criaturas humanas mutiladas
Passam as multidões dos cegos,
dos insanos da morte.

Nem céus nem montanhas.

Desdobra-se a paisagem fechada da cidade.
O abismo das máquinas,
floresta de concreto e de cimento armado.
E ao apito das fábricas,
mais um sol se apaga no coração dos homens.

Essa, a hora do sacrifício do pássaro ao crepúsculo.
O bico cerrado esmaga o eco de um canto extinto.
Canto das multidões cansadas pelos séculos.
Das multidões que a morte não venceu.
Canto dos que não têm voz
– apelo dos condenados.

Os sonâmbulos arrastam o manto do silêncio
enquanto as sombras descem sobre a superfície do tempo
A noite cairá como fruto maduro,
Como a folha no outono.

Mas, quando os punhais florescerem sobre a terra,
O sangue dos lírios derramado
far-se-á luz
Aos olhos do homem.

Noite Branca

Úmida face dos mortos onde o orvalho caiu
e a noite branca baixou.
Noite branca de sono
Sobre um horizonte de cruces.

O tempo flui na superfície do espelho
e lágrimas fecundam sepulturas.

Somente as estátuas guardam a sua dor de mármore

Sono

Luiz fluindo na sombra
água no branco
som no silêncio

⁴¹⁵ MONIZ BANDEIRA. O Sacrifício de um pássaro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958, p. 9. MONIZ BANDEIRA. Noite Branca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1958, p. 9. MONIZ BANDEIRA. Sono. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1958, p. 10.

Branco som no silêncio

Branco
sono
silêncio

Nesse sentido, há de se destacar que o período foi mais feliz para o seu antigo professor José Luiz de Carvalho Filho, eleito para integrar a Academia de Letras da Bahia. Moniz Bandeira foi questionado a respeito. Deu uma entrevista ao crítico literário José Condé na qual elogiou o amigo. Pouco tempo depois redigiria um texto comemorando os 50 anos de Carvalho Filho.⁴¹⁶

1.30 Novo emprego no *Correio da Manhã*

Foi na política que grande parte de sua energia foi gasta, tanto escrevendo sobre ela como jornalista, quanto nela atuando. No ano anterior, recebera uma proposta de emprego do *Correio da Manhã*. Desde 1954, colaborava periodicamente com o editorial, no entanto surgiu a oportunidade de se tornar contratado formalmente pela casa. Assim, deixou o *Diário da Noite* e o *Jornal do Comércio* e iniciou o ano novo trabalhando na empresa de sua tia Niomar Moniz Sodré Bittencourt. O redator-chefe era Antônio Callado.

Ocorria um salto na sua carreira. O *Correio da Manhã* era o jornal mais influente do país no período da presidência de Juscelino Kubitschek. Nas publicações anteriores, Moniz Bandeira atuava ou como subeditor ou como jornalista geral. Assumiria a posição de repórter especial no novo emprego, tornando-se em pouco tempo o chefe de reportagem e editor interino do noticiário internacional.⁴¹⁷ Era o terceiro jornal que assumia como contratado no Rio de Janeiro. Existiam 22 em circulação na capital carioca naquele momento.⁴¹⁸

No novo editorial, pouquíssimas reportagens eram assinadas por Moniz Bandeira, somente em oportunidades excepcionais, obviamente com exceção das

⁴¹⁶ JOSÉ CONDÉ. Escritores e Livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1958, p. 16. MONIZ BANDEIRA. Carvalho Filho Cinquentão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1958, p.10.

⁴¹⁷ MONIZ BANDEIRA. Luiz Alberto. Memorial. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴¹⁸ MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 239.

críticas literárias, dos editoriais e das poesias que há muito fazia. Um dos trabalhos mais importantes que conseguiu não foi rubricado, sendo possível reconhecer que o texto era seu exclusivamente por uma foto nele publicado. A imagem apresentava Moniz Bandeira apertando a mão de Luís Carlos Prestes. Conseguiu um furo de reportagem em 26 de março de 1958.⁴¹⁹ O secretário geral PCB estava na clandestinidade desde outubro de 1950, quando o STF autorizara sua prisão preventiva.⁴²⁰ Trata-se de uma das medidas judiciais desencadeadas após a cassação do registro da legenda em maio de 1947.

Em 19 de março de 1958, o juiz José Epaminondas Montajardim Filho revogara a prisão preventiva de Prestes. Em seguida, Moniz Bandeira realizou uma das primeiras entrevistas com a antiga liderança do movimento tenentista. O texto não se mostra muito interessante pelo seu conteúdo. Está mais para um anúncio do que para uma entrevista. Trata-se de uma rápida descrição da condição física de Prestes, destacando-lhe a idade e aproximando-lhe de Getúlio Vargas, e do seu entusiasmo em sair da clandestinidade, visando reintegrar-se à vida política brasileira. Era uma espécie de recado de retomada, de alerta de retorno, que os dois acordaram dispor nas páginas do *Correio da Manhã*.

Os traços fisionômicos de Prestes fazem lembrar um pouco Getúlio Vargas, talvez porque esteja mais gordo e mais velho. E enquanto falava da situação nacional, o repórter observou-lhe a disposição de luta, o desejo de voltar ao convívio direto com os homens de todas as tendências ideológicas e de participar, abertamente, da vida política.

Os caminhos para o estabelecimento de tal relação são um pouco difíceis de identificar taxativamente. Em relato, Moniz Bandeira declarou que foi seu conterrâneo Carlos Marighella que o levou até Prestes em um apartamento de um advogado no bairro de Ipanema.⁴²¹ O futuro líder da ALN já fazia algum tempo que era membro do Comitê Central. Após os rachas desencadeados com o XX Congresso do PCUS, integraria também a Comissão Executiva, tornando-se um dos membros mais influentes da legenda. Suas atividades estavam ligadas à Secretaria de Finanças, que antes pertencera a Agildo Barata. Nessa posição, desenvolvia uma relação constante com o mundo jornalístico uma vez que parte do dinheiro mantedor da organização se originava

⁴¹⁹ MONIZ BANDEIRA. Prestes diz ao repórter que espera o momento de apresentar-se ao juiz. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1958, p. 1-9.

⁴²⁰ REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 265.

⁴²¹ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

da venda de suas publicações.⁴²² Dessas interações sociais estabelecidas com profissionais da imprensa é que emergiu a possibilidade de Moniz Bandeira encontrar Prestes a partir da mediação de Marighella.

Existe um outro dado a ser considerado. Moniz Bandeira trabalhava como assessor parlamentar de Sérgio Magalhães. Durante 1956, esse deputado apresentou um projeto de lei que concedia anistia para todos os comunistas brasileiros. Tal iniciativa visava restituir a legalidade aos membros do PCB.⁴²³ A proposta, embora tenha reunido mais de um milhão de assinaturas e conquistado razoável apoio popular, foi rejeitada pelo parlamento.⁴²⁴ Marighella deve ter enxergado naquele jornalista e assessor de um aliado uma pessoa em quem podia confiar quando Prestes, ele e algumas outras lideranças comunistas estavam saindo da clandestinidade e necessitavam ressurgir nas páginas dos noticiários. Conexões que demonstram um Moniz Bandeira, no decorrer dos seus 20 anos de idade, transitando por diversos espectros da esquerda brasileira: trabalhista, comunista, socialista, trotskista etc.

Um outro campo jornalístico em que Moniz Bandeira interveio e teve impacto foi na atualização do tratado entre Bolívia e Brasil estabelecido em 1938, os chamados Acordos ou Atas de Roboré.⁴²⁵ Sua atenção ao tema já se manifestara no ano anterior quando redigira sobre as possibilidades diplomáticas postas entre os dois países e entrevistara Augusto Frederico Schmidt pedindo sua opinião sobre a exploração de petróleo.⁴²⁶ Na realidade, sua curiosidade ia mais longe. Volta-se para os desdobramentos da Revolução Boliviana de 1952, quando o Movimento Nacionalista Revolucionário ascendeu ao poder, para refletir a respeito das possibilidades revolucionárias do movimento nacionalista. Na prática, concebia-la como um exemplo de manifestação pequeno-burguesa, destacando a impossibilidade da constituição de

⁴²² MAGALHÃES, Mário, op. cit., 2012, p. 248. Relato de Anita Leocadia Prestes em 2020.

⁴²³ SILVA, Roberto Bitencourt da. *Sérgio Magalhães e suas trincheiras: nacionalismo, trabalhismo e anti-imperialismo – uma biografia política*. Jundiá: Paco, 2017, p. 48-49.

⁴²⁴ PRESTES, Anita Leocadia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 322.

⁴²⁵ Agradece-se ao embaixador Rubens Ricupero. Solicitamente ajudou o pesquisador a compreender tal fenômeno histórico, inclusive indicando bibliografia e debatendo alguns pontos.

⁴²⁶ MONIZ BANDEIRA. O petróleo da Bolívia pagará a construção da estrada de ferro. *Diário da Noite*, 24 de junho de 1957, p. 4. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Liberdade para discutir o problema do petróleo. *Diário da Noite*, 1 de julho de 1957, p. 1-2.

uma sociedade socialista por seu meio. Dessa maneira argumentara no seu artigo “O Caráter Socialista da Revolução no Brasil”, publicado na *Novos Tempos*.⁴²⁷

Em março de 1958, sua curiosidade surgia novamente quando saiu uma atualização do acordo que regularizava a exploração do petróleo na Bolívia pelo Brasil. Em resumo, o resultado da rodada foi um tanto inesperado se for cotejado com as leis brasileiras sobre a exploração de petróleo. No país, a legislação colocava como monopólio estatal tal atividade. Os acordos dispunham uma situação distinta: a exploração na Bolívia seria realizada por empresas privadas brasileiras.⁴²⁸ A posição que Schmidt defendera na entrevista para Moniz Bandeira – talvez por estar por dentro do desenvolvimento da diplomacia do governo – se institucionalizava.

Quando o resultado foi divulgado, uma crise rapidamente se configurou. Por um lado, amplos setores nacionalistas o denunciaram, acusando-o de “entreguista” e “imperialista”. Acreditavam ser inaceitável a retirada da Petrobras de um negócio estratégico como aquele. Por outro, a legalidade do acordo foi questionada. Na prática, tratava-se de uma renovação de tratados estabelecidos originalmente em 1938 durante o Estado Novo, não passando por consequência pela aprovação do congresso. Diversos parlamentares questionaram o caráter de renovação, argumentando que as muitas alterações no tratado exigiam uma passagem pelo parlamento, acusando uma feição autocrática das mediações.

Rapidamente diversos setores da esquerda tomaram as ruas. A campanha “O Petróleo é nosso!”, constituída durante o segundo governo Vargas (1951-1954), que reuniu um grande número de apoiadores, permanecia ativa. Vários dos seus membros ainda atuavam politicamente defendendo a monopolização estatal do petróleo e assim se manifestaram. No cenário internacional, há pouco ocorrera a Guerra do Chaco (1932-1935) entre Paraguai e Bolívia. Seu motivo fundamental fora a disputa por territórios supostamente detentores de petróleo. Circulava uma grande expectativa de que a Bolívia possuía extensas reservas desse hidrocarboneto, em condição semelhante à Venezuela na Bacia do Orinoco.

Armava-se uma condição propícia para um escândalo. A UNE foi especialmente intensa. Em uma oportunidade, realizou um enterro simbólico de Roberto Campos,

⁴²⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. O Caráter Socialista da Revolução no Brasil. *Novos Tempos*, n. 2, 1957, p. 23-25, 33.

⁴²⁸ Sobre o acordo de Roboré e suas crises, cf. BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. 5^o ed. Brasília, 2017, UnB, p. 323-329. VILARINO, Ramon Casas. Os acordos de Roboré – Brasil, Bolívia e as questões do petróleo, desenvolvimento e dependência no final dos anos 1950. Tese de doutoramento em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica, 2006.

presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, instituição que Kubitschek designara para realizar as negociações.⁴²⁹ No parlamento, o resultado foi uma Comissão Parlamentar de Inquérito instalada em 18 de novembro de 1958 na qual diversos membros da Frente Parlamentar Nacionalista envolveram-se.⁴³⁰ Seu principal articulador foi o deputado da UDN de Minas Gerais, Gabriel Passos.

Sérgio Magalhães não era membro da comissão, porém teve um papel fundamental nela. O deputado foi o responsável por requerer a sua criação. Havia uma praxe de que nesses casos o solicitante não deveria integrar a comissão, decidindo assim atuar nos bastidores. Nesse sentido, foi o responsável por trazer o deputado da UDN Carlos Lacerda para a questão. Com isso, desejava trazer um distinto espectro ideológico para o assunto, intensificando sua difusão. Em depoimento, Lacerda rememora que Magalhães foi à sua casa pedir auxílio dando dados sobre os tratados,⁴³¹ os quais eram levantados por Moniz Bandeira na sua atividade jornalística.

Como assessor de Magalhães, Moniz Bandeira acompanharia todo o processo, tanto atentando-se para os desdobramentos no parlamento, quanto como jornalista, liderando a equipe de reportagem sobre o assunto no *Correio da Manhã*.⁴³² Moniz Bandeira ouvia as declarações de Magalhães sobre os acordos entre Brasil e Bolívia no plenário da Câmara e as publicava no jornal, espalhando-as. Tática que preservaram até o fim do mandato parlamentar utilizando-a em distintas temáticas. Costumavam se

⁴²⁹ Para uma descrição do encarregado institucional das negociações, cf. CAMPOS, Roberto. *A Lanterna na popa: memórias*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994, p. 365-375.

⁴³⁰ Seus membros eram Antonio de Oliveira Brito (presidente), Unírio Machado (relator), Clóvis Pestana, José Martins Rodrigues, Raimundo de Carvalho Neto, Carlos Lacerda, João Machado, Colombo de Sousa e Bento Gonçalves. BARROS, Francisco Reinaldo. *Verbete Frente Parlamentar Nacionalista*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/frente-parlamentar-nacionalista-fpn>. Acesso em 19/11/2020.

⁴³¹ “Tivemos debates parlamentares variadíssimos. Como os da famosa questão do acordo do Roboré. O Brasil tinha feito um acordo para explorar petróleo na Bolívia. O Deputado Sergio Magalhães apresentou um requerimento para uma comissão parlamentar de inquérito. Havia uma praxe na Câmara, que eu sempre achei estúpida, mas foi sempre seguida, de que o autor do requerimento não podia participar da comissão [...]. Havia um *quorum* para requerer a comissão, como até hoje. Eu mesmo assinei a proposição e começou a discussão em torno do acordo do Roboré. Sergio Magalhães me procurou em casa – nós tínhamos relações muito cerimoniais, porque ele era muito ligado à esquerda, enfim, nacionalista exaltado e além disso era irmão do Agamenon. Mas ele me procurou e disse: ‘Olha, eu vim lhe fazer um apelo. O nosso pessoal na comissão é muito fraco. O pessoal da UDN, confesso e você vai me desculpar, mas não confio neles. E esse inquérito vai fracassar. E como você tem jeito para esse negócio, já participou de vários inquéritos, queria pedir-lhe que se indicasse’ – o líder podia se indicar a si mesmo – ‘para a comissão’. Tomei um certo susto. Um deputado nacionalista, desses que me acusavam de servir ao imperialismo americano, vem me pedir auxílio. Que negócio é esse? Mas disse: ‘Pois não, topo’. E me indiquei para a comissão. Eu não sabia grande coisa dos acordos do Roboré e nem tinha acompanhado o assunto direito. O próprio Sergio Magalhães começou a me dar os elementos”. LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3^o ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 227.

⁴³² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

encontrar na praia de Copacabana durante a manhã para se planejar e à tarde o deputado ia para seus deveres públicos.⁴³³ Uma relação complementar se apresentava. No caso específico dos acordos de Roboré, a crise se estendeu, inviabilizando uma decisão naquele momento, embora tenha cobrado o cargo de Roberto Campos. A querela só seria resolvida no mandato de João Goulart (1961-1964) quando Francisco Clementino de San Tiago Dantas era Ministro das Relações Exteriores. Um fato que indica a interação bem-sucedida entre o parlamentar e o jornalista foi a reeleição de Magalhães na Câmara dos Deputados nas eleições gerais em três de outubro daquele ano.

1.31 Juventude Socialista

Se a atuação com o parlamentar nacionalista se mostrava construtiva, a interação com o grupo de Agildo Barata trouxe muitas frustrações. A tentativa de aproximação e convencimento se mostrou inviável. A situação fez ele e seu amigo Erich Sachs procurar distintos caminhos.

Moniz Bandeira pertencia à LSI e existia a possibilidade de criar a organização no Rio de Janeiro. Todavia, a distância de São Paulo o afastou do projeto, além disso ainda teriam que mobilizar uma base de quadros do zero. Optaram por fundar um movimento dentro do PSB focando em seus membros mais novos e radicais. O resguardo legal da legenda e a sua presença consolidada no cenário político foram considerados como motivos viabilizadores da empreitada. Tal organização se colocava como de esquerda no cenário político brasileiro, assumindo a consigna “socialismo e liberdade”, no entanto possuía uma grande fluidez ideológica dentro desse espectro.⁴³⁴ A iniciativa dos rapazes era tentar estabelecer uma maior unidade doutrinária na organização, dispondo um viés claramente marxista.

Durante a segunda metade de 1957, Sachs filiou-se ao PSB e os rapazes iniciaram a constituir a Juventude Socialista no Rio de Janeiro. A “fundação” foi um evento informal, mais uma reunião de amigos, no apartamento de Moniz Bandeira, estando presente também Aluizio Leite Filho, Piragibe de Castro, Agilberto Pires e

⁴³³ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

⁴³⁴ VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. O Partido Socialista Brasileiro e o marxismo. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos anos 1960*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2007, p. 167.

Henrique Miranda Sá Neto.⁴³⁵ Mais tarde uma ala da UJC ingressaria na Juventude Socialista, entre eles estava Bóris Nicolaewsky.⁴³⁶

Uma das suas primeiras iniciativas enquanto grupo foi criar um jornal, intitulado *Esquerda Socialista*. Já que ambos eram jornalistas com razoável experiência, não deve ter sido difícil edificá-lo. Saíram três edições, todas impressas no ano de 1958. Formalmente Moniz Bandeira era o seu diretor, assinando como Luiz Alberto Dias Lima, dois sobrenomes que não costumava utilizar. Tais impressos, no entanto, só foram citados por um único documento e não foi possível encontrar sequer um único exemplar.⁴³⁷ Provavelmente as tiragens foram tão pequenas que o apagamento histórico fez seu processo de seleção.

Em diferente situação se encontra um outro projeto editorial que os dois se propuseram a constituir em 1959, a revista *Movimento Socialista*. Essa publicação foi por eles produzida durante apenas um ano resultando em dois volumes. Seus exemplares são relativamente fáceis de localizar. Astrojildo Pereira foi um dos seus compradores.⁴³⁸ Michael Löwy as recebia e lia com muita atenção.⁴³⁹ Theotônio dos Santos destacou o papel do editorial em criticar as posições nacionalistas do PCB.⁴⁴⁰ Eder Sader relatou que mantinha contatos com o grupo que a produzia.⁴⁴¹ Em suma, a publicação era responsável por aprofundar alguns vínculos sociais. Novamente Moniz Bandeira foi seu editor formal. O endereço da publicação era a Rua 13 de maio, número 29, nono andar. Na prática, o local não tinha nada a ver com os grupos políticos

⁴³⁵ LEAL, Leovegildo Pereira. *História da Polop: da fundação à aprovação do Programa Socialista para o Brasil*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2011, p. 86.

⁴³⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴³⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴³⁸ Diversos dos seus exemplares podem ser encontrados no Asmob onde está o arquivo de Pereira da Unesp.

⁴³⁹ Relato de Michael Löwy em 2019.

⁴⁴⁰ “Mientras los liberalistas se disolvían, la nueva izquierda se agrupó en torno a la revista *Movimiento Socialista* que tenía como dirigente a un grupo de la Juventud Socialista en Río de Janeiro. En esta época (1959), el PCB ya se agrupaba al lado de Jango y Juscelino para contener el movimiento obrero en nombre del frente único. El *Movimiento Socialista* realizó una importante tarea crítica del nacionalismo del PCB, el cual acabó por tomar las tesis revisionistas de la división del 57”. SANTOS, Theotônio dos. *La Izquierda Brasileña: Historia Y Perspectiva*. Trata-se de um texto escrito em espanhol por dos Santos em 1966 quando estava exilado no Chile e nunca publicado. O texto foi passado ao pesquisador pelo seu próprio autor em 2017 e está publicado no seu blog pessoal.

⁴⁴¹ “Acontece que, ao mesmo tempo, estava havendo uma articulação, que vai acabar dando na POLOP, de alguns setores que já se manifestavam na revista *Movimento Socialista*. Eu estou na LSI durante o ano de 1960 e tomo contato com esse pessoal que era do *Movimento Socialista*. Era gente que vinha da Juventude Comunista e rompera; tinha também ex-trotskistas – não sei qual a relação que ele tem com trotskismo no sentido de ideologia, mas havia também Luiz Alberto Moniz Bandeira. Mantínhamos contato como se fossemos um grupo próximo”. Entrevista de Edgard Carone com Eder Sader. Disponível no arquivo de Edgard Carone no Museu Republicano de Itu.

imediatos que o rapaz frequentava. Lá funcionava o Centro de Estudos Professor José Oiticica, organização anarquista do Rio de Janeiro.

A autorização para colocar esse espaço como sede foi dada por um dos principais organizadores do CEPJO, Roberto das Neves. Trata-se de um anarquista português que estava exilado no Brasil desde os anos 1940 por causa de sua oposição à ditadura salazarista.⁴⁴² Moniz Bandeira o conheceu por meio de seu tio Edmundo Moniz.⁴⁴³ O anarquista era uma personagem conhecida na esquerda e entre os intelectuais por ter repetidas vezes realizado atos, eventos e publicações contestatórios à ditadura de António Salazar.

Moniz Bandeira interagiu com diversas linhagens da esquerda, mantendo vínculos razoáveis com todas elas. A conexão com os anarquistas era uma exceção, pelo menos até aquele momento. Tal condição se transformou após o contato com Roberto das Neves. A partir de 1958, participaria de diversos eventos organizados pelo CEPJO, tomando a palavra em várias oportunidades para representar a Juventude Socialista. O contato demonstra uma preocupação de sua pessoa: aproximar seu grupo de outras organizações de esquerda, tentando radicalizá-las.

O dia do trabalho de 1959 foi a expressão mais clara desse objetivo. No primeiro de maio, Moniz Bandeira, como representante da Juventude Socialista, juntou-se aos anarquistas da Aliança Libertária, aos trotskistas do POR e aos membros da LSI para celebrarem a data no Centro Democrático Espanhol em São Paulo.⁴⁴⁴ O evento destinava-se a atacar a legislação do Estado Novo, exigir liberdade de organização dos operários e estabelecer que a data tinha um conteúdo socialista e não varguista-trabalhista. Essas oposições se encarnaram no vice-presidente João Goulart, político para o qual direcionaram várias das suas contestações. Os atos foram descritos pela mídia. A notícia, que saiu no *Correio da Manhã*, pode ter sido publicada por ingerência de Moniz Bandeira.⁴⁴⁵

⁴⁴² Para mais informações sobre Roberto das Neves, cf. FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: elementos de uma biografia. Disponível em: <https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2014/05/06/roberto-das-neves-elementos-de-uma-biografia/>. Acesso 2/10/2020. BRAGA, Francisco Victor Pereira. Roberto das Neves: anarquismo, antifascismo e exílio na trajetória de um “cidadão do mundo”. *Revista Latino-americana de História*, v. 7, n. 19, jan./jun. de 2018.

⁴⁴³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴⁴⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴⁴⁵ *Correio da Manhã*. O Partido Socialista assusta João Goulart. Rio de Janeiro, 3 de maio de 1959, p. 1.

Uma ofensiva do PSB, cobrindo a cidade de faixas vermelhas e lançando milhares de volantes com reivindicações da classe operária, deu um novo colorido às comemorações do Primeiro de Maio. Direito de greve, autonomia e liberdade sindical, extinção do fundo sindical, gestão operária nas empresas estatais e uma central operária, estas foram as principais palavras de ordem apresentadas nas faixas e nos volantes socialistas. Os socialistas acusaram o ministro do Trabalho de corromper e acorrentar os sindicatos através do fundo e enquadramento sindical. Assim, duas grandes faixas vermelhas, colocadas em frente ao Teatro João Caetano, onde os trabalhistas realizaram a sua convenção para o lançamento de candidatura do sr. João Goulart, conclamavam: “abaixo o fundo sindical” e “pelo direito de greve”. No Largo de São Francisco, onde teve lugar a concentração dos favelados, os trabalhistas tiveram que modificar a colocação do seu palanque por causa das faixas socialistas. Ativistas da Juventude Socialista, por outro lado, distribuíram volantes junto às massas mobilizadas pelos pelegos do sr. João Goulart, volantes esses que afirmavam que “os sindicatos continuavam acorrentados ao Ministério do Trabalho” e que “enquanto o movimento operário não se libertar do controle oficial, enquanto não for conquistado o direito de greve, toda a legislação trabalhista terá valor de circunstância”. Também na assembleia das associações sindicais, no Palácio dos Metalúrgicos, os Ativistas da Juventude Socialista fizeram circular volantes e o jornal “Esquerda Socialista”. À noite, na sede do PSB, a Juventude promoveu um ato público para a comemoração do Primeiro de Maio, quando homenagearam os operários mortos em Chicago.

Ao longo do ano de 1959, Moniz Bandeira interagiu com os anarquistas em outras quatro oportunidades. Em março, esteve presente quando um membro da resistência ao regime salazarista, o capitão Fernando Queiroga,⁴⁴⁶ deu uma palestra no prédio da UNE do Rio de Janeiro. A ocasião deu-se pelo lançamento do livro *Portugal Oprimido*.⁴⁴⁷ Dessa vez, Moniz Bandeira, juntamente de uma série de outras pessoas, foi convidado pelo presidente da organização estudantil, Raimundo Eirado, para estar na mesa da cerimônia.⁴⁴⁸

Em julho de 1959, intelectuais de variadas linhagens reuniram-se para homenagear o general português Humberto Delgado, importante liderança que fez frente ao salazarismo no ano anterior e fora candidato a presidente em Portugal, sendo derrotado em uma eleição fraudada. O evento aconteceu na Churrascaria Recreio no Rio de Janeiro e estavam presentes: Jorge Amado, Eneida, Homero Homem, Edmundo Moniz, José Saldanha Coelho, Zélia Gattai, Raimundo Eirado, Roberto das Neves e Moniz Bandeira.⁴⁴⁹

⁴⁴⁶ Para descrição da trajetória de tal personagem, cf. FARINHA, Luís. Fernando Queiroga: um revolucionário no exílio. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, n. 16, 1995, p. 87-105.

⁴⁴⁷ QUEIROGA, Fernando. *Portugal oprimido*. Rio de Janeiro: Germinal, 1958.

⁴⁴⁸ Diário de Notícias. Portugueses e brasileiros unidos no combate à ditadura salazarista. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de março de 1959, p. 2.

⁴⁴⁹ Última Hora. Pela primeira vez, o General Luso Tomou Chopp. *Última Hora*, Curitiba, 4 de maio de 1959, p. 4.

Ainda naquele mês uma vez mais se integraria a uma atividade do CEPJO ligada à UNE. Nessa oportunidade, os militantes se voltaram ao outro país ibérico, dedicando um evento à Guerra Civil Espanhola no prédio da UNE do Flamengo. Moniz Bandeira fez uma fala em nome da Juventude Socialista. Também se pronunciaram Sérgio Gomes, representante do governo espanhol no exílio; Serafim Porto, professor do CEPJO; Edgard Leuenroth do Centro de Cultura Social de São Paulo; e o dirigente do PSB Osório Borba.⁴⁵⁰

No mesmo ano, ocorreu um ciclo de palestras no CEPJO dedicado a contestar uma vez mais a ditadura portuguesa. Um dos seus oradores foi Francisco Oliveira Pio, também membro da oposição salazarista exilado no Brasil. A conferência desse homem foi transcrita e se tornou um dos livros da editora de Roberto das Neves, a Germinal. A obra, intitulada *Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico*, relata rapidamente a ocasião anunciando que Moniz Bandeira foi um dos seus oradores:⁴⁵¹

Nelas usaram da palavra os seguintes oradores: Prof. Seraphim Porto, presidente do Centro de Estudos José Oiticica, que abriu os atos; Sérgio Gómez Rodriguez, representante, no Brasil, do Governo Republicano Espanhol no Exílio; Dr. Luís Abreu Carvalhal, presidente da Associação General Humberto Delgado; Luis Alberto Moniz Bandeira, em nome da Juventude Socialista; Raimundo Eirado e Carlos Matias, pela União Nacional dos Estudantes; comandante Oliveira Pio, heroico defensor de Madrid; Prof. Roberto das Neves, pelo Grupo de Ação Libertária; e general Humberto Delgado, que presidiu.

Se nos eventos Moniz Bandeira interagiu com os anarquistas, esse grupo não teve presença no *Movimento Socialista*. A revista era administrada fundamentalmente pelos membros da Juventude Socialista do Rio de Janeiro. Apesar do movimento se considerar distinto da publicação, as partes se confundiam. A questão é que colaborações eram abertas para qualquer pessoa, não havendo restrições, com a única exceção de que se deveria debater a partir de um prisma marxista.

Sua intenção era: “divulgar, debater e propagar a doutrina e os princípios do materialismo histórico e do socialismo científico”. Só textos que se baseassem nas ideias de Karl Marx, não importando que isso fosse um pouco generalista, poderiam adentrar a publicação. Nessa esteira, declarava em seu texto inaugural que tinha a

⁴⁵⁰ Diário de Notícias. Comemoração do Aniversário da Guerra Civil Espanhola. *Diário de Notícias*, 7 de julho de 1949, p. 3.

⁴⁵¹ PIO, Francisco de Oliveira. *Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959, p. 6. Devo a descoberta da existência desse livro e de sua citação a Moniz Bandeira à tese de doutoramento de Allyson Bruno Viana. VIANA, Allyson Bruno. Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945-1968). Tese de doutoramento em História Social na Universidade Federal do Ceará, 2014.

função de difundir a ideologia revolucionária do operariado, questionar os movimentos “reboquistas” e romper com as tradições stalinistas.⁴⁵² Em grande medida, o projeto era uma resposta ao sectarismo de Calvino Filho, que colocara fim a *Novos Tempos*, e um esboço das posições da Juventude Socialista.

O seu primeiro número é pequeno, tem menos de 100 páginas. Todavia, mostra-se significativo. Possui apenas seis artigos assinados, os quais mostram diversas filiações intelectuais. Entre eles, dois são traduções de conhecidos autores: Rosa Luxemburgo com “Estancamentos e Progressos da Doutrina” e Isaac Deutscher com “A Tragédia do Comunismo Polonês entre as Duas Guerras”.⁴⁵³

Tais textos são capazes de esboçar parcialmente algumas filiações intelectuais. As opções destacam um vínculo com uma autora que defendia a via revolucionária como solução para o projeto socialista e criticava ao mesmo tempo os caminhos autoritários que o movimento bolchevista assumiu, especialmente na forma de organização partidária com o centralismo democrático. Luxemburgo era e se tornaria cada vez mais uma leitura convergente para toda gama de personagens que se vincularam à Juventude Socialista e às organizações que mais tarde dela se desdobraram. Desde a participação de Moniz Bandeira na fundação da LSI, essa pensadora estava no seu radar.

A escolha de se publicar esse texto concatena-se com o objetivo de se fazer uma crítica indireta aos movimentos socialistas que o grupo entendia como sectários, destinando-se na prática ao PCB. Nesse artigo, a autora questiona os usos do marxismo de maneira dogmática e não como método científico. A opção por Deutscher vai em uma direção semelhante, embora as crises no leste europeu fossem uma temática com apelo em consequência das recentes revoltas húngara e polonesa de 1956. A seleção está posta na profunda capacidade desse autor de estudar a história da esquerda a partir de um prisma analítico que rompe a dualidade das publicações oficiais soviéticas e dos *cold warriors* da Guerra Fria.⁴⁵⁴ O texto é uma longa entrevista, publicada

⁴⁵² Movimento Socialista. As razões e a missão do “Movimento Socialista”. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 1-5.

⁴⁵³ LUXEMBURGO, Rosa. Estancamentos e Progressos da Doutrina. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 63-66. DEUTSCHER, Isaac. A Tragédia do Comunismo Polonês Entre as Duas Guerras. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 67-94.

⁴⁵⁴ Sobre esse conjunto bibliográfico, cf. SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*, São Paulo, n. 41, 2010, p. 63-92.

originalmente em *Les Temps modernes*,⁴⁵⁵ na qual o autor relata diversas características do stalinismo e dos movimentos de esquerda na Polônia no entre guerras.

Os textos originais do primeiro volume são quatro. Dois entre eles são relevantes. O primeiro, intitulado “Marxismo ou Apologética Nacionalista?”, é assinado por Eurico Mendes, pseudônimo de Erich Sachs. De maneira sintética, é uma longa exposição monográfica sobre a relação dos marxistas com o nacionalismo, apresentando os perigos da presença dessa ideologia entre o operariado brasileiro. Assim afirma, pois, as eleições gerais de 1958 tiveram o nacionalismo como pauta constante, sendo debatido e utilizado por diversos partidos. Não se produzia uma análise nova por parte de Sachs ou Moniz Bandeira. Repetia-se a leitura do nacionalismo como expressão pequeno-burguesa que colocava os trabalhadores a reboque da burguesia.⁴⁵⁶

O outro texto é mais interessante. Seu título é “Verso e Reverso do desenvolvimento” e foi assinado por Agripino Soares Thomas, pseudônimo de Ruy Mauro Marini.⁴⁵⁷ O escrito mostra-se mais rico pelos vínculos sociais que revela do que por sua construção: repete-se a percepção da necessidade de uma revolução socialista no Brasil devido ao pleno desenvolvimento do capitalismo estabelecido pela estrutura estatal de uma burguesia fraca, incapaz de se industrializar por meio da livre iniciativa.

No entanto, existem algumas influências teóricas que devem ser destacadas uma vez que revelam características da trajetória de Marini. No seu interior, apresenta-se uma preocupação substantiva com a leitura das ideias desenvolvimentistas do ISEB, inclusive fazendo críticas ao seu professor e militante comunista Nelson Werneck Sodré. Em memorial, Marini declarou que tal escrito foi um ajuste de contas com o nacional-desenvolvimentismo.⁴⁵⁸

Há de se ressaltar também a reflexão sobre a organização do capitalismo internacional, sobre a maneira que se dispunha o fluxo econômico entre suas partes, entre centro e periferia. A construção não é exatamente original, Caio Prado Júnior foi em um sentido semelhante em seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo* de 1942 e ainda antes Mario Pedrosa e Lívio Xavier também assim desenvolveram em “Esboço de

⁴⁵⁵ DEUTSCHER, Isaac. La tragédie du communisme polonais entre les deux guerres. *Les Temps modernes*, n. 145, março de 1958.

⁴⁵⁶ MENDES, Eurico. Marxismo ou Apologética Nacionalista? *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 38-54.

⁴⁵⁷ THOMAS, Agripino Soares. Verso e Reverso do desenvolvimento. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 11-33.

⁴⁵⁸ MARINI, Ruy Mauro. Memória: por Ruy Mauro Marini. In: STEDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta (org.). *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. 2.º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 60.

uma análise da situação econômica e social do Brasil” nos anos 1930.⁴⁵⁹ Todavia, o escrito ainda é relevante porque demonstra a primeira expressão de um problema central que se reelaboraria na trajetória intelectual de Marini, resultando mais tarde em construções originais como a exposta em *Dialéctica de la dependencia*.⁴⁶⁰

Ruy Mauro Marini não foi militante da Juventude Socialista até os anos 1960, suas demandas sociais não possibilitaram tal conexão, mas isso não impediu de se aproximar do projeto editorial e de se tornar um dos seus principais organizadores e colaboradores. Era aluno da EBAP, órgão da Fundação Getúlio Vargas que estava instalado na praia do Botafogo, e atuava como uma espécie de discípulo e depois professor-assistente de Alberto Guerreiro Ramos. O que explica sua aproximação com as ideias desenvolvimentistas. Em 1958, receberia uma bolsa do governo francês para estudar no Instituto de Estudos Políticos, permanecendo fora do país até 1960. Somente quando retornou da França em 1960 pôde engajar-se na Juventude Socialista.⁴⁶¹

O que aconteceu inicialmente foi sua aproximação com alguns membros desse grupo no espaço em que trabalhava. Por meio desses contatos, conheceria e tornar-se-ia um grande amigo de Erich Sachs.⁴⁶² Um aluno, Aluizio Leite Filho, e um professor, Piragibe de Castro Alves, da EBAP pertenciam à Juventude Socialista. Foram os responsáveis por estabelecer essa ponte que se iniciou no Rio de Janeiro e manteve-se até mesmo quando estava em Paris, de onde enviou suas colaborações para a *Movimento Socialista*.⁴⁶³

O segundo volume da revista esboça ainda mais essas conexões com autores críticos às posições do PCB. Uma vez mais Marini ofereceu uma colaboração, “Atualidade do Manifesto Comunista”. O escrito era uma resposta a uma publicação que tecia críticas a *Movimento Socialista*.⁴⁶⁴ O tom ácido ao PCB por parte da revista logo foi percebido por seus membros, causando reações. O jornal da legenda *Novos Rumos* editou um texto de Rui Facó criticando o radicalismo dos organizadores da

⁴⁵⁹ PRADO, Caio Junior. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. PEDROSA, Mario; XAVIER, Lívio. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. In: ABRAMO, Fulvio; KAREPOVS, Dainis (org). *Na Contracorrente da História: Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 66-82.

⁴⁶⁰ MARINI, Ruy Mauro. *Dialéctica de la dependencia*. México: Era, 1973.

⁴⁶¹ MARINI, Ruy Mauro., op. cit., 2011, p. 58-59.

⁴⁶² Idem., p. 60.

⁴⁶³ LEAL, Leovegildo Pereira, op. cit., 2011, p. 99.

⁴⁶⁴ THOMAS, Agripino Soares. Atualidade do Manifesto Comunista. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 17-22.

publicação.⁴⁶⁵ Para ele, eram incapazes de conquistar aliados e organizar projetos devido ao seu radicalismo. Nesse movimento, faz uma espécie de controle de citações para os jovens usando o *Manifesto Comunista*⁴⁶⁶ como uma chancela para justificar posições mais amenas.⁴⁶⁷ Em resposta, Marini contesta Facó por suas simplificações. O comunista concebeu a revista como um movimento unitário e não como um acervo de distintos colaboradores. Questiona também a vulgarização da leitura do *Manifesto Comunista*, acusando o interlocutor de não ter lido o texto citado. Pondera que Facó ofereceu um tom reformista inexistente ao manifesto.

Projetavam-se diversas disputas de, por um lado, um movimento que não acatava ligações com o nacionalismo como uma posição legítima e, por outro, de um movimento que se concatenou fortemente com o nacionalismo especialmente após 1958 com a Declaração de Março.⁴⁶⁸ Em outros termos, um pequeno grupo de militantes e estudantes da Juventude Socialista questionava a política desenvolvida por trabalhistas e comunistas.

No segundo volume da *Movimento Socialista*, saiu um texto de um outro membro do PSB fazendo considerações sobre o nacionalismo. Todavia, esse colaborador não pertencia ao grupo do Rio de Janeiro, mas ao de São Paulo. Paul Singer fora convidado por Erich Sachs para contribuir,⁴⁶⁹ oferecendo “Esboço de uma Análise Marxista do Nacionalismo”.⁴⁷⁰ Nele o economista destaca as oposições de interesse entre burguesia nacional e estrangeira no Brasil, esboçando como resultado dessa disputa o desenvolvimento do nacionalismo.

O roteiro analítico é semelhante a outros textos do círculo social imediato de Moniz Bandeira e Sachs. A ideia permeava toda essa rede de sujeitos. Em suma, a classe operária não pode assumir a ideologia nacionalista uma vez que ela não resolve sua condição. Deveria apresentar uma conduta socialista, visando uma revolução para se

⁴⁶⁵ Para uma breve análise da vida e obra dessa personagem, cf. PINHEIRO, Milton. Rui Facó. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 117-127.

⁴⁶⁶ ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁴⁶⁷ FACÓ, Rui. MOVIMENTO SOCIALISTA... Para trás. *Novos Rumos*, 28 de agosto a 3 de setembro de 1959, p. 9.

⁴⁶⁸ REIS, Daniel Aarão. Entre Reforma e Revolução. A trajetória do Partido Comunista Brasileiro no Brasil entre 1943 e 1964. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. 2º ed. Campinas: Unicamp, 2007, p. 90-93.

⁴⁶⁹ VANNUCHI, Paulo; SPINA, Rose. O economista Paul Singer é um dos raros exemplos de alguém que soube aliar atividade acadêmica à militância política. *Teoria e Debate*, n. 62. Disponível em: <https://teoriadebate.org.br/2005/04/10/paul-singer/>. Acessado em 1 de outubro de 2020.

⁴⁷⁰ SINGER, Paul. Esboço de uma Análise Marxista do Nacionalismo. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 6-11.

emancipar da lógica desigual do capitalismo. Eram ideias e conceitos que estavam sendo frequentemente debatidos entre eles e servindo para questionar a política em desdobramento. É um ponto em comum que os fazia dialogar e desdobrar a questão a partir de distintos prismas. O próprio Sachs faria isso no segundo volume da revista, usando tais percepções para analisar as últimas transformações da conduta do PCB diante da própria história do partido,⁴⁷¹ “Luiz Carlos Prestes e seus Aliados”.⁴⁷²

No âmbito das traduções, o segundo volume apresenta um acervo mais amplo, dispondo uma ingerência significativa de Sachs, já que traz diversos autores europeus, sendo esses mais circunscritos ao seu universo de leituras. Há uma tradução de August Thalheimer, importante referência de Sachs, “Marxismo e Existencialismo”.⁴⁷³ Esse texto fora anteriormente publicado no *O Estado de S. Paulo* em 1948.⁴⁷⁴ Existem dois artigos de autores poloneses: “Socialismo contra Mitologia” de Bienskowski e “Crítica de Poemas para Adultos” de Adam Wazyk.⁴⁷⁵

Há também contribuições do latino-americano Manuel Agustin Aguirre, “A América Latina e o Socialismo”,⁴⁷⁶ do ibérico Andres Nin, “A Natureza da Revolução Espanhola”,⁴⁷⁷ e do norte-americano Bertham Wolfe, “A Guerra Civil na Espanha”.⁴⁷⁸ O primeiro era um equatoriano ligado ao PSR. O segundo um espanhol, assassinado por agentes da polícia secreta soviética, que atuava no Partido Operário de Unificação Marxista, organização de linhagem trotskista na Espanha. O terceiro um americano que fundou o Partido Comunista dos EUA e se tornou um opositor do stalinismo. Uma marca crítica ao stalinismo soviético atravessava todo o editorial.

1.32 1959

⁴⁷¹ Sobre tal artigo Theotônio dos Santos declarou: “Merece ser destacado también, el artículo de Eurico Mondes en el n. 2 de la Revista *Movimiento Socialista*, “Luis Carlos Prestes y sus aliados”, donde hace interesante balance de la experiencia comunista de 1930 a 1959”. SANTOS, Theotônio dos. *La Izquierda Brasileña: Historia Y Perspectiva*. Arquivo pessoal de Theotônio dos Santos. Arquivo privado de Theotônio dos Santos.

⁴⁷² MENDES, Eurico. Luiz Carlos Prestes e seus Aliados. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 23-34.

⁴⁷³ THALHEIMER, August. Marxismo e Existencialismo. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 90-113.

⁴⁷⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴⁷⁵ BIENSKOWSKI, Wladislaw. Socialismo contra Mitologia. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 82-85. WAZYK, Adam. Crítica do Poema para Adultos. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 86-87.

⁴⁷⁶ AGUIRRE, Manuel Agustin. A América Latina e o Socialismo. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 35-48.

⁴⁷⁷ NIN, Andres. A Natureza da Revolução Espanhola. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 125-136.

⁴⁷⁸ WOLFE, Bertham. A Guerra Civil na Espanha. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 114-124.

O ano de 1958 foi relativamente calmo para Moniz Bandeira e 1959 não seria muito diferente. No âmbito da poesia, a situação seria semelhante no interior dos jornais: não entrevistaria ninguém, só faria três publicações no *Correio da Manhã*: “A Tempestade”, “Exortação” e “Canto para Música”.⁴⁷⁹

A Tempestade

Aproxima-se a hora em que todos os pássaros cantarão,
Em que os ventos levarão pelos vales e montanhas,
De um mar a outro mar, o canto da tempestade.

Breve as muralhas da noite se despenharão
E a silhueta da vida se desenhará sobre o abismo das sepulturas,

Sobre a face dos mortos

O mundo se fará sol

Exortação

Com os pés sobre a terra, os punhos cerrados,
o homem vê os tempos se precipitarem
no espelho de si mesmo

Se não tiveres trincheira,
Ergue a barricada com o cadáver do teu próximo

Cristo, quebra a tua cruz

Canto para Música

O galo cantou ao vento
madrugada fez-se aurora
debruçado no teu corpo
sou como o barco no mar.

Branca estrela da manhã
Surgindo na tua frente
Guia do nauta perdido
Sou como o barco no mar

Úmido de sono e orvalho
sargaços sobre o teu ventre
és como a espuma das ondas
sou como o barco no mar.

As velas na calmaria
correm águas flui o tempo
és a concha praia e noite
sou como o barco no mar.

Tristeza dos horizontes
saudade dos outros portos
na terra ficou a âncora

⁴⁷⁹ MONIZ BANDEIRA. A Tempestade. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de março de 1959, p. 9. MONIZ BANDEIRA. Exortação. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de março de 1959, p. 9. MONIZ BANDEIRA. Canto para Música. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1959, p. 9.

sou como o barco no mar.

O galo cantou ao vento
madrugada fez-se aurora
debruçado no teu corpo
sou como o barco no mar.

O galo cantou ao vento
Branca estrela da manhã
Úmida de sono e orvalho
Sou como o barco no mar.

As velas na calmaria
tristeza dos horizontes
o galo cantou ao vento
sou como o barco no mar.

Contudo, havia indicativos de que sua vida poética ganharia um novo fôlego em um futuro próximo. No final de maio, Moniz Bandeira deu uma breve entrevista para o crítico literário José Condé na qual divulgou duas novidades.⁴⁸⁰ A primeira seria o lançamento do segundo livro de poesias pela editora Progresso, de Salvador. Relatava que no próximo ano um novo título de sua autoria chegaria às livrarias. Mal ele sabia que tal título sofreria retardamentos na sua produção, assim como ocorreu com seu primeiro título.

A outra novidade que Moniz Bandeira anunciou era uma tradução sua de *A Revolução Permanente* de Leon Trotsky pela mesma editora.⁴⁸¹ A edição sairia com um prefácio “mostrando a atualidade da obra e a situando-a no tempo”. No entanto, o anúncio jamais se concretizou. Não há o menor indício de sua existência. A tradução não apareceu em outro lugar.

Se houve um fato relevante internacionalmente em 1959, esse foi a Revolução Cubana. A pequena ilha caribenha encontrava-se há anos em uma guerra civil. Em janeiro de 1959, a situação mudou com a entrada dos revolucionários em Havana. A guerrilha tomava o Estado e depunha Fulgencio Batista. Rapidamente o evento influenciaria toda a América Latina. Poucos acontecimentos geraram tanto engajamento quanto esse, especialmente entre os jovens. Fidel Castro e Ernesto Guevara, o Che, sintetizariam em pessoa todo o processo revolucionário sendo foco de constante atenção.

⁴⁸⁰ JOSÉ CONDÉ. *Escritores e Livros. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1959, p. 18.

⁴⁸¹ TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. Lisboa: Antídoto, 1977.

Moniz Bandeira estava atento à guerra civil desde 1956, quando os revolucionários desembarcaram no oriente cubano com o iate Granma. O ofício de jornalista responsável pelo caderno de relações internacionais fazia-lhe conhecer os eventos da América Latina em desdobramento. Apresentava uma curiosidade distante, sem qualquer engajamento. Os rebelados escondidos nas montanhas da ilha não atraíam tanta atenção. Todavia, quando essas figuras ascenderam ao poder, sua condição alterou-se. A derrubada de um ditador por uma série de jovens, vários entre eles sem 30 anos completos, foi capaz de mobilizar o imaginário de toda uma geração. Seu discurso anti-imperialista e depois socialista rapidamente fez a cabeça de muita gente.⁴⁸²

Moniz Bandeira teve seu primeiro contato real com a Revolução Cubana em maio de 1959. No dia seis, Fidel Castro fez um discurso de duas horas na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, em um ato organizado pela UNE e por sindicatos no qual 30 mil pessoas compareceram. Durante a ocasião, Moniz Bandeira esteve do lado do primeiro-ministro, ouvindo suas palavras. Também acompanhou alguns diálogos que o guerrilheiro desenvolveu com os estudantes.⁴⁸³

A passagem de Castro pelo Brasil era um ponto de um circuito de viagens internacionais que se iniciara em 15 de abril com o fim de se divulgar a revolução e mobilizar aliados no estrangeiro. No seu deslocamento, o guerrilheiro passou pelos EUA, Canadá, Argentina, Uruguai e Brasil.⁴⁸⁴ Em Buenos Aires, participou do Comitê dos 21, organização criada com o fim de estabelecer a Operação Pan-Americana. Fidel veio ao Brasil para se encontrar com o presidente Juscelino Kubitschek. Os mandatários assinaram um acordo bilateral e visitaram as obras de Brasília.⁴⁸⁵

A ida de Moniz Bandeira à Esplanada do Castelo deriva-se de dois motivos fundamentais: um profissional e outro político. O primeiro é que a presença do primeiro-ministro cubano no Brasil é um evento relevante para qualquer caderno de relações exteriores, fazendo o jornalista Moniz Bandeira estar presente para realizar a cobertura. O segundo está conectado com os vínculos políticos que sua organização, a

⁴⁸² Sobre a influência da Revolução Cubana na realidade brasileira, cf. BARÃO, Carlos Alberto. A Influência da Revolução Cubana sobre a Esquerda Brasileira nos anos 60. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil: Teorias. Interpretações*. 2º ed. Campinas: Unicamp, 2007.

⁴⁸³ “Conheci Castro em 1959, quando ele passou pelo Brasil, após a reunião do Comitê dos 21, realizada em Buenos Aires. Estive ao seu lado durante o discurso que ele pronunciou na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, e assisti algumas conversas que ele manteve com os estudantes na ocasião”. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 42.

⁴⁸⁴ FUENTES, Norberto. *A autobiografia de Fidel Castro*. Rio de Janeiro: Leya, 2017, p. 609.

⁴⁸⁵ BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Da Revolução ao reatamento: a política externa brasileira e a questão cubana (1959-1986)*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012, p. 44-46.

Juventude Socialista, estabeleceu com diversos outros grupos, sendo Moniz Bandeira um quadro importante. Entre 1957 e 1961, a Juventude Socialista participou de diversos eventos da esquerda carioca e paulista, interagindo com anarquistas, trabalhistas, socialistas, trotskistas etc.

Essa rede de contatos foi a origem da constituição da OMR em 1961, mais conhecida pelo nome do seu jornal e depois revista *Política Operária*. Não se está afirmando que Moniz Bandeira foi o grande articulador desse processo. Seria demasiadamente incorreto assim dizer. Todavia, coloca-se que ajudou no estabelecimento de uma teia de contatos entre diversos grupos, de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que tinha na Juventude Socialista carioca um ponto convergente. Por meio da variada rede constituída, os socialistas do Rio de Janeiro eram o único núcleo que tinha ligações com todos os outros grupos. Moniz Bandeira e principalmente Erich Sachs assumiram um importante papel como mediadores. Este último frequentemente mais lembrado pelos antigos militantes como uma figura central.

Essas conexões podem ser vislumbradas nos eventos em que a Juventude Socialista participou nos últimos anos da década de 1950 e no começo da década seguinte. O já citado primeiro de maio de 1959 foi talvez o mais importante, mas não o único. O laço com a UNE que repetidamente se verificou se derivou principalmente da atuação do estudante da EBAP Aluizio Leite Filho. O universitário foi o responsável por colocar a Juventude Socialista como uma das principais colaboradoras da UNE e da UME, possibilitando a presença de seus membros nos eventos da organização.⁴⁸⁶ Leite Filho tinha uma longa trajetória de militância estudantil que viabilizou tal projeto. Atuara no movimento secundarista em 1956 quando ganhou as eleições da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários. Nessa chapa, ocupou o posto de secretário geral.⁴⁸⁷ Na universidade, não cessaria suas atividades utilizando sua experiência para dar maior penetração à Juventude Socialista.

Em 1958, a Juventude Socialista esteve em um ato da ABI no qual se comemorou a quebra do monopólio da empresa Light do fornecimento de energia no Rio de Janeiro. O jornalista do *Correio da Manhã* Henrique Miranda Sá Neto fez uma fala em nome da organização. Aluizio Leite Filho estava lá e compôs a mesa. Fez-se

⁴⁸⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴⁸⁷ Diário Carioca. Nova diretoria. Rio de Janeiro, *Diário Carioca*, 2 de novembro de 1956, p. 10.

presente no evento uma outra organização que seria fundamental mais tarde para a criação da OMR, a Mocidade Trabalhista de Belo Horizonte.⁴⁸⁸ Essa não seria a única vez que Leite Filho e Sá Neto estariam nos eventos da ABI. Rotineiramente a instituição promovia iniciativas semelhantes como aconteceria no mês seguinte. Dessa vez para defender os trabalhadores, uma vez mais a Juventude Socialista estaria representada. Na ocasião, também foram Roland Corbisier, José Joffily e Bento Gonçalves.⁴⁸⁹

Em atividades mais restritas ao universo intelectual, a Juventude Socialista também atuaria, embora sempre articulada com fins políticos. Jamais fez uma ação meramente contemplativa. Ainda em 1958, promoveu um curso no Grupo de Estudos e Debates do PSB, usando a sede da legenda na avenida Rio Branco como espaço para o evento. As temáticas tangidas seriam “Luta de Libertação dos Povos Afro-Asiáticos, Industrialização, Socialismo e Nacionalismo e Caminho Brasileiro para o Socialismo”.⁴⁹⁰ No ano seguinte, manteria o projeto de oferecer aulas e conferências periódicas, convidando o deputado Aurélio Vianna e o professor Guerreiro Ramos.⁴⁹¹ Nesse mesmo contexto, Erich Sachs também ofereceu palestras de formação sobre “Tendência da Política Internacional” em abril de 1959, podendo-se ver nas páginas do *Diário de Notícias* um convite para o evento.⁴⁹²

Até mesmo em querelas do ISEB os jovens se posicionaram. Em 1958, Hélio Jaguaribe publicou um livro, *Nacionalismo na atualidade brasileira*, que defendia a presença da iniciativa privada no setor petrolífero e a limitação do crescimento das estatais.⁴⁹³ A obra rapidamente provocou reações acaloradas, especialmente no setor nacionalista e no movimento estudantil que acusou seu autor de ser entreguista. Dentro do próprio ISEB, houve contestações, acarretando um racha. Uma ala, liderada por Roland Corbisier, ponderava que Jaguaribe rompera com algumas premissas pétreas do ISEB, devendo conseqüentemente ser afastado. Outra ponderava que tal consideração

⁴⁸⁸ O Semanário. A mocidade vem aí... Rio de Janeiro, *O Semanário*, 5 a 12 de junho de 1958, p. 11.

⁴⁸⁹ José Frejat. Vigorosa manifestação nacionalista dos trabalhadores cariocas. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 10 a 17 de julho de 1958, p. 16.

⁴⁹⁰ O Semanário. A Juventude Socialista... Conferências. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 19 a 26 de junho de 1958, p. 11.

⁴⁹¹ O Semanário. Em síntese. *O Semanário*, Rio de Janeiro, 26 de março a 1 de abril de 1959, p. 7.

⁴⁹² Diário de Notícias. Tendências da Política Internacional. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1959, p. 2.

⁴⁹³ JAGUARIBE, Hélio. *O nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

feria a liberdade de cátedra da organização. Após diversos movimentos e polêmicas, Jaguaribe deixaria o ISEB.⁴⁹⁴

N' *O Semanário*,⁴⁹⁵ jornal editado pela Frente Parlamentar Nacionalista, diversas críticas foram feitas ao livro de Jaguaribe. Uma página inteira de uma edição de dezembro foi dedicada a apresentar reações críticas à obra. Foram colhidas ponderações de Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier, Nelson Werneck Sodré, Guerreiro Ramos e de diversas organizações estudantis, estando entre elas a Juventude Socialista.⁴⁹⁶

Outro telegrama foi passado pela Juventude Socialista – Grupo da Base Regional do D. F.: ‘Em nome dos jovens socialistas das escolas e das fábricas manifestamos nosso repúdio a publicação do livro entreguista do Professor Hélio Jaguaribe. Aguardamos pronunciamento e atitude firme do ISEB em defesa do nacionalismo e da Petrobras.

Tal atuação da Juventude Socialista dispõe algumas dúvidas a respeito de sua organicidade, da comunhão das ideias dos seus membros. Mais precisamente, destaca-se uma certa ligação exacerbada com diversas organizações que se apresentavam como nacionalistas, especialmente após a Revolução Cubana, quando tal ideologia assumiu cada vez mais facetas de esquerda na América Latina. As críticas que Moniz Bandeira e Erich Sachs tinham feito em algumas publicações, ponderando como uma corrente pequeno-burguesa e indicando para dela se utilizarem taticamente para ensinar o socialismo aos operários, parecem não ter sido unânimes dentro da Juventude Socialista. Existiam setores mais dispostos a interagir com os nacionalistas, como a própria nota crítica publicada pelo *O Semanário* indica.

Há de se considerar também a possibilidade de uma leitura anacrônica e rígida a respeito de Moniz Bandeira e Sachs. Uma realidade se colocava quando escreviam para a *Novos Tempos* com quase nenhuma penetração social. Outra se projetava após a constituição da Juventude Socialista. Nesse segundo momento, conseguiram estabelecer diversas ligações com distintos estratos da esquerda. Provavelmente a oposição ao nacionalismo foi diluindo para se possibilitar a constituição de seus projetos. Deviam acreditar que estavam convencendo os seus adeptos de se tornarem plenamente socialistas. De qualquer maneira, mostra-se difícil oferecer uma resposta taxativa,

⁴⁹⁴ Para uma análise da disputa dentro do ISEB, cf. ABREU, Alzira Alves. Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (org). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 409-431.

⁴⁹⁵ Para uma análise d' *O Semanário* e das publicações nacionalistas do Brasil nos anos 1950 e 1960, cf. BRITO, Leonardo. *A Imprensa Nacionalista no Brasil: o periódico O Semanário*. Jundiaí: Paco, 2010.

⁴⁹⁶ O Semanário. Jaguaribe escreveu (e o ISEB publicou) livro entreguista. Rio de Janeiro, 11 a 18 de dezembro de 1958, p. 11.

embora haja um indicativo de conciliação maior com os nacionalistas radicais. A presença de Moniz Bandeira, Aluizio Leite Filho e Bóris Nicolaewsky nas páginas d'*O Semanário* materializa essa penetração.

O ápice da influência da Juventude Socialista no Rio de Janeiro deu-se nos anos de 1959 e 1960. Inicialmente houve uma pequena expansão do grupo. Moniz Bandeira viajou para Salvador no primeiro semestre de 1959 e junto de alguns colegas constituíram a Juventude Socialista. Mais tarde, esse núcleo originário serviria de base para a criação da POLOP em Salvador. Alguns dos seus membros originários foram José Luiz Pamponet Sampaio e Wilson Peixoto.⁴⁹⁷ O primeiro era um sociólogo que lecionou na Universidade Federal da Bahia.⁴⁹⁸ O segundo era um bancário que atuava no movimento sindical. A criação da Juventude Socialista em Salvador foi noticiada pelo *O Semanário*: “Visando ‘a vitória do socialismo no Brasil e em consonância com as ideias de libertação da classe operária’, um grupo de estudantes e operários fundou, em Salvador, a Juventude Socialista da Bahia”.⁴⁹⁹

Outro acontecimento que indica a capacidade de mobilização foi a organização da I Conferência Nacional da Juventude Socialista em agosto de 1959 no Rio de Janeiro. Mobilizavam-se nacionalmente os diversos grupos da juventude do PSB visando forjar maior unidade entre eles, congregando o grupo de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.⁵⁰⁰ Tal evento seria fundamental porque reunia as alas jovens mais radicalizadas do PSB no mesmo espaço.

Além de servir de sede para o encontro, a Juventude Socialista do Rio de Janeiro teve grande influência na decisão do PSB carioca de não apoiar a candidatura de Jânio Quadros à presidência nas eleições de 1960, oferecendo seu apoio de forma condicionada ao candidato do PS Marechal Henrique Teixeira Lott. A escolha foi tomada em plenária, vencendo por 92 votos a um. Em seguida, encaminhou-se ao comitê nacional do PSB para se tirar uma diretiva para todo o país. Todavia, o apoio não seria incondicional uma vez que foram colocadas nove condições. Essas foram

⁴⁹⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁴⁹⁸ SAMPAIO, José Luiz Pamponet. *A inserção da Bahia na evolução nacional (1850-1889)*. Salvador: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, 1978.

⁴⁹⁹ Newton Macedo. Bahia: Manifesto (de Fundação) da J. S. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 13 a 19 de junho de 1959, p. 9.

⁵⁰⁰ José Frejat. Brazilianas. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 16 a 22 de abril de 1959, p. 2.

sugeridas e redigidas pelos membros da Juventude Socialista presentes. Seguem as condições redigidas por Moniz Bandeira e seus colegas.⁵⁰¹

1. Autonomia e liberdade sindicais – abolição da Comissão de Enquadramento e do Fundo Sindical;
2. Cessação das remessas de lucros para o exterior como medida de emergência para vencer a crise cambial – regulamento drástico para as remessas a longo prazo;
3. Aprovação da Lei de Greves do deputado Aurélio Viana;
4. Publicação e denúncia dos tratados militares com os Estados Unidos e a reintegração de Fernando de Noronha;
5. Nacionalização das fontes de energia e dos serviços públicos;
6. Co-gestão operária nas empresas estatais;
7. Expropriação dos latifúndios e entrega das terras a quem as trabalhe – extensão da legislação trabalhista ao campo;
8. Abolição das leis de exceção – legalidade para todos os partidos políticos – direito de voto aos analfabetos e praças de pré;
9. Relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo.

Menos de dez dias depois do estabelecimento da posição do PSB do Rio de Janeiro, militantes da Juventude Socialista seriam recebidos por Lott. O candidato encontrava-se com os jovens para debater as condições do apoio e sacramentar sua ligação com o PSB carioca.⁵⁰² Pouco depois se cristalizaria o apoio nacional do PSB ao militar. O PSB de São Paulo, que fora um apoiador de Quadros na sua candidatura a governador, rompera publicamente com o político em 1958. O desentendimento da legenda no local de origem de Quadros daria um estímulo a mais para a tomada de posição nacional do PSB em favor de Lott.⁵⁰³

Há de se fazer uma consideração a respeito desse evento. Existem dúvidas a seu respeito que ainda não foram esclarecidas e requerem aprofundamentos. A partir da consulta dos jornais da época, há a impressão de que foi um processo sem conflitos no interior do PSB, caracterizado por uma grande presença da Juventude Socialista. As condições que foram postas pelos socialistas a Teixeira Lott são muito parecidas com a minuta que Moniz Bandeira escreveu para Jânio Quadros no seu discurso de primeiro de maio. Na prática, Moniz Bandeira apenas transcreveu diversos pontos do programa da Juventude Socialista para o presidenciável citar.

Todavia, não é isso que textos memorialísticos de dois importantes atores envolvidos afirmam. Em escrito redigido no século XXI, Moniz Bandeira afirma que: “A Juventude Socialista (Esquerda Socialista), no Rio de Janeiro, decidiu não apoiar,

⁵⁰¹ Diário de Notícias. PSB Carioca Indica Lott. Rio de Janeiro, *Diário Notícias*, 1 de julho de 1959, p. 4.

⁵⁰² O Semanário. Em síntese. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 11 a 17 de julho de 1959, p. 11.

⁵⁰³ GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. *Semeando a democracia: a trajetória do socialismo democrático no Brasil*. Contagem: Palesa, 1995, p. 78-80.

nas eleições de 1960, nenhuma das candidaturas, nem a do marechal Henrique Lott, apoiada pelo PSB, nem a de Jânio Quadros à presidência da República”.⁵⁰⁴ Erich Sachs, por sua vez, vai em uma direção semelhante em texto feito quase 20 anos depois dos fatos: “O grupo do Rio tinha sido originado da Juventude do Partido Socialista, tornando-se independente por não endossar a candidatura do Marechal Lott à presidência da República”.⁵⁰⁵

De qualquer maneira, existe um certo desencontro entre a memória e os documentos de época. Os desdobramentos se ligam com os apontamentos feitos por Sachs e Moniz Bandeira. Em pouco tempo, a Juventude Socialista se tornaria independente do PSB. A situação mais provável é que os jovens, vendo a impossibilidade de influenciar os rumos de escolha no executivo federal na legenda, decidiram por interferir ao máximo nas negociações, puxando as demandas para a esquerda. Após essa ação, ao conquistar as cartas de condição, desligaram-se do partido. Outra possibilidade é que tenha ocorrido um racha, porém não há nenhum indicativo.

1.33 Mocidade Trabalhista

Mostra-se necessário se aprofundar em uma conexão que começou a se estabelecer entre Mocidade Trabalhista e Juventude Socialista no interior do movimento estudantil. Tais vínculos teriam importantes consequências mais tarde, ajudando na constituição da POLOP. A figura fundamental foi Aluizio Leite Filho.⁵⁰⁶ Simon Schwartzman, membro da Mocidade Trabalhista, lembra de reuniões realizadas no seu apartamento para se articular os militantes do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte.⁵⁰⁷

Constituída no ano de 1957 em Belo Horizonte,⁵⁰⁸ a Mocidade Trabalhista possuía diversas semelhanças com a Juventude Socialista do Rio de Janeiro e a LSI de São Paulo. Era uma reunião de principalmente jovens estudantes, em geral nascidos na década de 1930 ou no início dos anos 1940, fortemente influenciados por ideias marxistas que rompiam com os paradigmas interpretativos do PCB. Contudo, não

⁵⁰⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁵⁰⁵ MARTINS, Ernesto. Introdução. *Marxismo Militante*, edição especial: 20 anos, 1981, p. 61.

⁵⁰⁶ OLIVEIRA, Joelma Alves de. POLOP: as origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967). Dissertação de mestrado em Sociologia na Universidade Estadual Paulista, 2007, p. 50.

⁵⁰⁷ SCHWARTZMAN, Simon. *Falso mineiro: memórias da política, ciência, educação e sociedade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, no prelo.

⁵⁰⁸ OLIVEIRA, Sérgio Luiz Santos de. A Mocidade Trabalhista do PTB. As origens do ativismo radical em Belo Horizonte (1957-1961). *Projeto História*, São Paulo, v. 63, 2018, p. 158.

apresentavam a resistência ao nacionalismo que certas alas da Juventude Socialista e a LSI tinham.⁵⁰⁹ A Mocidade Trabalhista se formou legalmente como a juventude do PTB em Minas Gerais, havendo em outras unidades da federação organizações homônimas que reuniam jovens integrantes da legenda.

Na prática, o grupo não foi criado pelo partido, mas principalmente pela reunião e mobilização de um conjunto de alunos da UMG⁵¹⁰ juntamente com alguns movimentos sociais da cidade.⁵¹¹ Tal realidade rememora os diversos estudantes da USP que se integraram à LSI, embora no caso paulista a convivência dentro do ensino superior tenha sido menos relevante para se formar a união.⁵¹²

Os mineiros fizeram uma aproximação com o PSB, no entanto essa se mostrou infrutífera. Optou-se pelo PTB devido à quase inexistência da organização socialista no estado e à força dos trabalhistas em Belo Horizonte. Entre 1959 e 1964 dois prefeitos desse partido governaram a cidade: Amintas Ferreira de Barros e Jorge Carone.⁵¹³ Isso não significa também que os trabalhistas fossem especialmente fortes em Minas Gerais, somente na capital alcançavam maior expressão. A unidade foi hegemônica pela UDN e pelo PSD ao longo da Quarta República. Replicava-se no estado a aliança entre PTB e PSB que elegeu vários presidentes desde o início da Quarta República.

Na UMG, havia uma série de estudantes que conjugavam profundamente a sua formação com a militância em diversas organizações, havendo comunistas, socialistas, católicos progressistas etc. Alguns desses alunos, que integravam os cursos de sociologia, economia, administração e engenharia, eram Vinícius Caldeira Brant, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos, Simon Schwartzman, Arnaldo Mourthé, Jair Ferreira de Sá, Herbert de Sousa, Bolívar Lamounier, José Murilo de Carvalho, Juarez Guimarães de Brito, Maria do Carmo de Brito e José Nilo Tavares. Ao ingressar na faculdade, para uma parte dos universitários era reservada uma bolsa para poderem se dedicar plenamente aos estudos, além de terem à disposição toda a estrutura

⁵⁰⁹ Sobre a posição crítica da Liga Socialista Independente ao nacionalismo, o comentário de Eder Sader, um dos seus membros, ao historiador Edgard Carone é ilustrativo: “Eu sei que, de todo modo, uma das máximas da LSI era uma atitude extremamente intransigente com relação ao nacionalismo”. Entrevista de Edgard Carone com Eder Sader. Disponível no arquivo de Edgard Carone no Museu Republicano de Itu.

⁵¹⁰ Para a origem dessa instituição e sua relevância para a ciência social brasileira, cf. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *A Modernidade Possível: Ciências Sociais em Minas Gerais*. In: MICELI, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil: volume 1*. São Paulo: Vértice, 1989, p. 188-216.

⁵¹¹ Após ser federalizada em 1949, a UMG se tornou a Universidade Federal de Minas Gerais em 1965.

⁵¹² Gabriel Cohn, Michael Löwy, Emir e Eder Sader, Maurício Tragtenberg foram todos estudantes da USP.

⁵¹³ Relato de Simon Schwartzman em 2020.

universitária com ampla biblioteca e salas privadas de leitura.⁵¹⁴ Mostra-se interessante como diversos entre eles se tornaram intelectuais conhecidos. Certamente tiveram ali momentos fundamentais de sua formação.

Vários desses estudantes atuavam no movimento estudantil da universidade. Tal articulação resultou em vários projetos. Um entre eles foi a criação de uma revista em 1958 pelo DCE da UMG intitulada *Mosaico*. O principal apoiador da iniciativa foi o presidente do DCE, José Nilo Tavares, que se tornaria professor da Universidade Federal Fluminense e desenvolveria estudos sobre a história do marxismo no Brasil.⁵¹⁵

O seu quarto volume, que foi dirigido pelo futuro professor da UFMG e pesquisador do CEPRAB Vinícius Caldeira Brant, tinha entre seus redatores Theotônio dos Santos, Ivan de Otero Ribeiro, Herbert de Sousa, Gilson Assis Dayrell, Fernando Guedes de Mello, Warton Monteiro, Guido Antonio de Almeida, Antônio Octávio Cintra, Simon Schwartzman e o próprio Brant. Essa publicação é particularmente interessante porque expressa parte de um processo de leitura de Karl Marx que estava sendo desenvolvida por aqueles alunos.⁵¹⁶

No título, há uma série de artigos sobre “os diversos tipos de alienação que subjogavam o povo brasileiro, seguindo a leitura de Marx feita por Jean-Yves Calvez – social, agrária, econômica, técnico-científica, filosófica, religiosa e política”. Os textos não eram assinados, todavia um dos colaboradores, o professor universitário Simon Schwartzman, rememora que o escrito sobre religião era de Antônio Octávio Cintra e o sobre política era seu.⁵¹⁷ O dedicado à questão agrária, “Aspectos da estrutura agrária brasileira”, não é tão interessante pela exposição que explora, argumentando em favor

⁵¹⁴ O relato de Theotônio dos Santos é esclarecedor a respeito: “Em decorrência da bolsa, nós tínhamos, talvez, um dos melhores locais de trabalho que eu já tive na minha vida. Naquele ano, nós tínhamos um grupo com bolsa de uns cinco ou seis em ciências sociais, mais uns cinco ou seis em economia, uns três ou quatro em administração, ao todo uns doze alunos que tinham bolsas. Tínhamos um local com máquinas de escrever, impressionante, eu nunca mais vi algo parecido. Depois eu ganhei uma sala sozinho, com banheiro, todos os livros, máquina de escrever”. SANTOS, Theotônio dos. Entrevista com Theotônio dos Santos. Disponível em: https://ceppes.org.br/revista/versao-imprensa/4/copy_of_entrevista-com-theotonio-dos-santos. Acesso em 1/11/2020.

⁵¹⁵ “No movimento estudantil fundei em 1958 a revista *Mosaico* do DCE de Belo Horizonte, que propunha um programa de lutas para o movimento estudantil a partir da constatação do caráter privilegiado do estudante universitário e seu conseqüente compromisso ético com um ensino e uma atividade profissional voltada para a solução dos problemas básicos da população. Propunha-se aí a Aliança Operário-Camponesa-Estudantil que passou a ser, nos anos 1960, a orientação estratégica do movimento estudantil. O segundo número da *Mosaico* foi coordenado por Vinicius Caldeira Brandt e dedicou-se às reformas de base”. SANTOS, Theotônio dos. Memorial. Arquivo privado de Theotônio dos Santos.

⁵¹⁶ Agradece-se ao professor Simon Schwartzman pelo envio de uma cópia do volume quatro da revista *Mosaico* e por esclarecimentos ao seu respeito.

⁵¹⁷ SCHWARTZMAN, Simon, op. cit., no prelo.

da realização da reforma agrária no Brasil, mas pela atenção que desenvolve para as Ligas Camponesas. Haveria uma conexão tanto da Mocidade Trabalhista, quanto da POLOP com as Ligas Camponesas na cidade de Belo Horizonte, que em certa medida tal texto oferece um indicativo.

A publicação foi um projeto comum dos integrantes do DCE da faculdade. No entanto, os alunos podiam pertencer a distintas organizações. A Mocidade Trabalhista é uma ala desses alunos que se vinculou ao PTB. Sua composição é particularmente interessante porque traz características semelhantes e distintas dos outros grupos que constituiriam a POLOP. Por exemplo, a posição crítica à tradição pelega do trabalhismo, favorável ao controle dos sindicatos por via estatal, era convergente. Tal condição mostra a expressão de um movimento ligado ao PTB que rompera com diversas premissas varguistas. Otavino Alves da Silva, um dos poucos militantes de origem operária da Mocidade Trabalhista e da POLOP, que atuava no sindicato dos marceneiros, declarou que um dos objetivos da organização era romper com o reformismo do PTB intervindo na legenda por dentro.⁵¹⁸

Por outro lado, havia no seu interior membros conectados ou pertencentes ao movimento católico progressista, fortemente influenciados pelas ideias reformistas do papa João XXIII e pelas obras de Jacques Maritain e Emmanuel Mounier, algo que era inexistente nos grupos carioca e paulista. Em grande medida, a Mocidade Trabalhista era uma reunião de estudantes universitários que se marcavam pela caracterização de duas linhagens: uma influenciada pelas ideias católicas progressistas e outra por ideias mais tradicionais de organização de esquerda, mas que não se concatenavam com os parâmetros de atuação do PCB.

Nesse sentido, o modo de se lidar com o nacionalismo se coloca particularmente interessante. Jamais esse grupo tomou posições tão críticas para tal ideologia quanto os membros da Juventude Socialista ou da LSI. A conexão que eles estabeleceriam mais tarde é tanto sinal da diminuição da resistência dos grupos paulista e carioca a tal ideologia, quanto de sua radicalização pelo setor mineiro em uma conjuntura de influência da Revolução Cubana. Sinal dessa posição mais amena ao nacionalismo é a

⁵¹⁸ “Em 58, conheci um grupo de jovens que militavam na mocidade trabalhista do PTB: o Simon Schwatm [sic], de origem judaica, sua namorada Suzana, Artur Mota, que hoje é advogado, Teotônio dos Santos Júnior, Vânia Bambirra, Betinho, Vinicius Caldeira Brant, Jair Ferreira de Sá, que depois foi da AP (Ação Popular), entre outros. O Teotônio nunca foi do Partido. Nessa época discutia-se uma intervenção no PTB e, ao mesmo tempo, um projeto político de combate ao reformismo”. POMAR, Walter. Otavino Alves da Silva. *Teoria e Debate*, n. 24, 1994. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1994/03/01/otavino-alves-da-silva/>. Acesso em 11/11/2020.

ausência de Rosa Luxemburgo como referencial teórico por parte dos mineiros. Situação muito distinta se manifestava principalmente entre os paulistas e em menor medida entre os cariocas.

O grupo católico da Mocidade Trabalhista fazia uma significativa amálgama entre Jesus Cristo e marxismo, sendo vários dos seus membros da JEC e da JUC. Uma das suas principais lideranças era o sociólogo Herbert de Sousa, mais conhecido pelo apelido Betinho, que seria mais tarde um dos fundadores da AP.⁵¹⁹ Esse grupo de católicos, que também contava com Vinícius Caldeira Brant e Jair Ferreira de Sá, era significativamente mais influente devido às suas ligações com o clero progressista da cidade. Os alunos mantinham vínculos especialmente com Frei Matheus, um dos principais aliados de uma liderança progressista de Belo Horizonte, o padre Francisco Lage Pessoa.⁵²⁰

Esse religioso, que usava o púlpito de sua igreja no bairro da Floresta para denunciar a desigualdade entre os homens, pleiteou alguns cargos durante sua vida pública. Rememorando o período, Theotônio dos Santos afirmou que Lage alcançou a posição de vereador,⁵²¹ no entanto o religioso em suas memórias não cita tal fato e ao seu analisar os jornais da época não há qualquer indicativo de ter assumido um cargo público. Era uma presença constante nos movimentos sociais e uma voz ouvida extensivamente, inclusive ocupando várias páginas do jornal nacionalista *O Semanário* e de outras publicações. De qualquer maneira, era uma grande liderança população carente que devido às suas ações sociais era chamado de “padre comunista” e “padre do capeta” pelos setores mais conservadores da sociedade belo-horizontina. Por tais ações, acabaria preso após o golpe de 1964. No final da vida, tornar-se-ia professor universitário de filologia no México e filiado ao PT.

O líder religioso possuía vínculos com as Ligas Camponesas e esteve envolvido no I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas. Quando esse

⁵¹⁹ Sobre a história da AP, cf. RIDENTI, Marcelo. REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos anos 1960*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2007, p. 227-302.

⁵²⁰ Tal padre redigiu um livro de memórias no qual relata parte de sua trajetória em Belo Horizonte, *O padre do diabo*. LAGE, Padre. *O padre do diabo: a igreja ausente na hora de mudar*. São Paulo: EMW editores, 1988.

⁵²¹ Correspondência entre Sergio Luiz de Oliveira e Theotônio dos Santos. Agradece-se a Oliveira por ter disponibilizado essa correspondência na qual Theotônio dos Santos discorre sobre a história da Mocidade Trabalhista. A tese de doutoramento de Sergio Luiz Santos de Oliveira também possui algumas informações sobre tal organização. OLIVEIRA, Sergio Luiz Santos. *Caminhando com os próprios pés. A formação política e teórica da ORM-POLOP (1956-1967)*. Doutorado em História Social na Universidade de São Paulo, 2016. A carta encontra-se em anexo na dissertação.

evento se realizou em novembro de 1961 em Belo Horizonte, foi uma das personagens que discursou em defesa da regularização do trabalho no campo e da reforma agrária, junto de sua principal liderança Francisco Julião.⁵²² Na oportunidade, mais de 1600 delegados estavam presentes, sendo em sua grande maioria representantes dos trabalhadores rurais.⁵²³ Havia também alguns representantes estudantis, entre eles alguns originários da POLOP. Simon Schwartzman foi ao evento e rememorou o seu radicalismo.⁵²⁴ Ruy Mauro Marini também esteve, realizando uma cobertura pelo *Prensa Latina*, agência de notícias cubana.⁵²⁵

Reunidas, as alas católicas e marxistas fizeram diversos projetos conjuntos. A Mocidade Trabalhista lançou Betinho como candidato a presidente da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais. O projeto também foi empreendido pela JUC, sendo a principal responsável por dar musculatura à empreitada em consequência de sua maior influência.⁵²⁶ Em relato, Betinho aponta que perdeu por apenas quatro votos.⁵²⁷ Apesar da derrota, o fato não foi entendido de maneira negativa. Tratava-se de um indicativo do crescimento da força dos católicos no meio estudantil. Nos anos 1960, tal linhagem seria dominante nas eleições da UNE,⁵²⁸ fazendo três presidentes, entre eles o já não mais militante da Mocidade Trabalhista, mas da AP, Vinícius Caldeira Brant que ficou

⁵²² Folha de Ituiutaba. Alcançou êxito incomum o I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas. *Folha de Ituiutaba*, 25 de novembro de 1961, p. 3.

⁵²³ Para uma análise desse evento, cf. AGUIAR, Claudio. *Francisco Julião: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 371-379.

⁵²⁴ “O ano de 1961 foi também o do I Congresso Brasileiro de Lavradores e Trabalhadores Sem Terra, que juntou as Ligas Camponesas de Julião com a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. O encontro foi organizado em Belo Horizonte por José Thiago Cintra, irmão mais velho de Antônio Octávio, também ex-seminarista que, depois de 1964, asilou-se no México e lá desenvolveu uma importante carreira acadêmica e política. Sob a liderança de Julião, o congresso aprovou teses radicais, exigindo reforma agrária ‘na lei ou na marra’. Muitos acharam que já era o caso de conseguir armas para treinar e dar início ao foco revolucionário que repetiria no Brasil a façanha de Fidel Castro e seus amigos. Foram feitos contatos com pessoas próximas de Julião e, em certo momento, apareceu um personagem misterioso, Clodomir de Moraes. Ele dizia ter vínculos diretos com Cuba, acesso a recursos e estar disposto a financiar o movimento. Para mim, tudo isso parecia um delírio – se não, pior – e comecei a me afastar. SCHWARTZMAN, Simon, op. cit., no prelo.

⁵²⁵ MARINI, Ruy Mauro., op. cit., 2011, p. 62.

⁵²⁶ Correspondência de Theotônio dos Santos com Sergio Luiz de Oliveira. Texto em anexo.

⁵²⁷ SOUZA, Herbert de. Betinho (Herbert José de Souza). In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (org.). *Memórias do exílio, 1964-19??*. São Paulo: Livramento, 1976, p. 72.

⁵²⁸ Sobre a presença e influência do grupo católico na UNE vale conferir as memórias do presidente dessa instituição José Serra, *Cinquenta anos esta noite*. Nessa obra, há referências constantes a Herbert de Souza, destacando-se sua importância. SERRA, José. *Cinquenta anos esta noite*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

no cargo entre 1962 e 1963. Os outros dois presidentes foram Aldo Arantes e José Serra, ambos da AP.⁵²⁹

A Mocidade Trabalhista também foi uma das forças envolvidas na campanha de Tancredo Neves do PSD nas eleições de Minas Gerais de 1960, seu vice era o trabalhista San Tiago Dantas. Theotônio dos Santos era o presidente do Comitê Juvenil da campanha. Apesar do esforço, saíram derrotados no pleito. José de Magalhães Pinto da UDN assumiria como governador e Clóvis Salgado da Gama do Partido Republicano PR como vice. Nessas mesmas eleições, a Mocidade Trabalhista decidiu apoiar o marechal Teixeira Lott no nível federal, fazendo um movimento semelhante à Juventude Socialista no Rio de Janeiro.⁵³⁰

Todavia, a ligação das duas alas não seria longa. Como o próprio Betinho ponderou em mais de uma oportunidade, havia um contexto de disputa⁵³¹ que acarretou um afastamento entre as facções com uma se integrando a POLOP e outra a AP mais tarde.⁵³² Situação semelhante descreveu o estudante de Sociologia e Política José Murilo de Carvalho que ingressou no curso logo após o afastamento das alas da Mocidade Trabalhista. Carvalho aponta a existência de uma profunda disputa entre as diversas linhagens da esquerda e até mesmo da direita no interior do curso universitário nos momentos em que frequentou a UMG entre 1961 e 1964.⁵³³

⁵²⁹ Para uma breve análise da etapa católica da UNE, cf. POERNER, Arthur José. *O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 197-214.

⁵³⁰ Correspondência de Theotônio dos Santos com Sergio Luiz de Oliveira. Texto em anexo. Simon Schwartzman rememora de ter participação da campanha. Relato de Simon Schwartzman em 2020.

⁵³¹ “Ali, no mesmo edifício da Faculdade de Ciências Econômicas, onde estavam os fundadores da Ação Popular, estavam também os fundadores da Polop (Política Operária). Teotônio dos Santos Júnior, Simon Schwartzman etc. Era o conflito entre cristãos e marxistas, que, de alguma forma, levou o grupo cristão a estudar marxismo. Eu não li primeiro Marx, li sobre Marx através de um jesuíta. Mas Teotônio e os outros já estavam lendo direto Marx. O nosso grupo nasceu e teve que debater com os novos marxistas, com o Partidão, com este grupo cultural que infernizava a nossa vida e com a Igreja tradicional”. FERREIRA, Sérgio; SIMÕES, Renato. Betinho. *Teoria e Debate*, ed. 16, disponível em: <https://teoriadebate.org.br/1991/10/11/betinho/>. Acesso em 20/11/2020.

⁵³² “O contexto de surgimento de um grupo da AP é interessante. Vivíamos uma miniatura de intensa experiência política na Faculdade de Ciências Econômicas de Belo Horizonte, que passou em dois ou três anos a ser o centro político do movimento estudantil mineiro. Além de exercer liderança no DCE, passou a ter influência também na UEE, que era de direita... Os acontecimentos políticos gerados nessa faculdade vinham basicamente da minha turma. Daí saem alguns que vão fundar a AP e, outros, a POLOP. Participação na Liga da Juventude Trabalhista, agitação de ruas, mobilizações, campanhas pela reforma universitária, pela criação de faculdades, promoções culturais, apoio a Cuba, solidariedade com o movimento operário, tudo isso jorrando da Faculdade de Ciências Econômicas. Foi um aprendizado da prática política para a nossa geração”. SOUZA, Herbert de. Betinho (Herbert José de Souza). In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (org.), op. cit., 1976, p. 73-74.

⁵³³ “A Faculdade de Ciências Econômicas era o centro de agitação estudantil e forneceu líderes ao movimento nacional. Digladiavam-se grupos de esquerda e direita, embora a esquerda brigasse mais entre si do que com a direita. Eram, na esquerda, a JUC, a AP, o PCB, a POLOP; e os reacionários, os ‘donzelos’ da TFP, na direita”. CARVALHO, José Murilo de. José Murilo de Carvalho. In: MORAES,

Os motivos do fim da Mocidade Trabalhista são um pouco incertos. As vinculações sociais e as ideias que cada grupo possuía apresentavam certas divergências que poderiam se mostrar inconciliáveis e assim se mostrariam em pouco tempo. As posições religiosas de um grupo e as leituras marxistas de outro não constituem uma combinação que em geral tende a se manter em equilíbrio. Ainda assim isso não foi impeditivo para aproximações episódicas entre a AP e a POLOP no futuro, manifestando-se na UNE e na resistência ao golpe de 1964. Os membros da POLOP ajudaram a garantir o domínio dos católicos da UNE compondo a suas chapas. Em outras palavras, deu-se uma ruptura na instituição, até mesmo porque os católicos ligavam-se mais intimamente com a JUC, mas não uma ruptura total entre os seus membros. Compartilhavam alguns objetivos políticos, estando dispostos a atuar conjuntamente a depender da situação.

A questão, no entanto, é se houve uma cisão ou um progressivo afastamento no qual foram se revelando objetivos inconciliáveis. Um dos membros da ala marxista, Theotônio dos Santos, apontou que o motivo do fim da Mocidade Trabalhista foi um desacordo a respeito de qual candidatura se deveria apoiar nas eleições municipais de 1958. Os católicos teriam saído em defesa do padre Francisco Lage Pessoa, que teria sido impedido de participar do pleito pela hierarquia católica. Talvez dos Santos tenha confundido os fatos devido a distância dos acontecimentos. Em suas memórias, o padre Lage relata que chegou a disputar um cargo público, no entanto o de deputado federal pelo PTB nas eleições de 1962 e não o de prefeito por Belo Horizonte em 1958. Relata inclusive que membros da AP “assumiram como sua a minha e outras candidaturas”. Lage não seria eleito.⁵³⁴ As notícias da época que tangem o nome do padre ou da escolha de candidato à prefeitura de Belo Horizonte tampouco enunciam tal pretensão.

Os marxistas, por sua vez, teriam apoiado Fabricio Soares da Silva, um marxista declarado que assumia posições materialistas e deputado estadual pela UDN. Em notícia da época, destacam-se suas “fortes vinculações nos movimentos operários e sindicais”⁵³⁵ e suas “tendências esquerdistas”.⁵³⁶ A candidatura de Fabricio alcançou grande apoio popular em Belo Horizonte. Os movimentos estudantil e sindical, estando

José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 167.

⁵³⁴ LAGE, Padre, op. cit., 1988, p. 114-117.

⁵³⁵ Correio da Manhã. De Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1957, p. 4.

⁵³⁶ Correio da Manhã. No mundo político. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 de abril de 1958, p. 1.

a Mocidade Trabalhista entre eles, saíram em sua defesa. Deputados estaduais do PTB anunciaram preferência de sua candidatura publicamente.⁵³⁷

Dentro do próprio partido trabalhista, houve debates para se definir a quem se daria apoio, sendo o nome do deputado da UDN levantado. Em depoimento, Fabricio relata que seu nome só deixou de ser escolhido pelo PTB após intervenção direta de João Goulart.⁵³⁸ O PSB fechou em favor de seu nome.⁵³⁹ No entanto, apesar dos esforços dos setores de esquerda, Fabrício perderia na convenção da UDN de Minas Gerais que definiu o candidato: Nilton Veloso saiu vitorioso com 45 votos, o adversário recebeu 31.⁵⁴⁰ No fim, o PTB lançaria o próprio candidato, Amintas Ferreira de Barros, o qual venceu as eleições. Esse era o ponto final da carreira política de Fabricio, retirou-se da UDN e filiou-se ao PTB. No entanto, jamais alcançou a mesma consagração política do que antes. Sairia candidato ao legislativo federal, mas não se elegeu.⁵⁴¹

Os religiosos da Mocidade Trabalhista não teriam gostado do apoio oferecido a Soares, emergindo uma fissura que em pouco tempo levaria os militantes a fazer distintas opções.⁵⁴² Por outro lado, tal evento provocou um progressivo desgaste dos militantes da Mocidade Trabalhista com o PTB, fazendo uma cisão em pouco tempo. As ligações com o trabalhismo em certa medida eram pragmáticas no sentido de possibilitar uma atuação legal da organização. A radicalidade daqueles jovens não se adequava bem às negociações parlamentares ou a atuação executiva dos membros mais graduados do partido.

⁵³⁷ “Enquanto isto, articula-se em bases estudantis e sindicais o nome do sr. Fabrício Soares. O movimento Eleitoral Popular que se organizou visando expressamente o nome do deputado udenista, não obstante ser omitida esta característica, ganha amplitude surpreendendo a própria UDN, pois a ala ‘realista’ não vê com bons olhos o nome do parlamentar de Pium para a disputa municipal. E uma das razões é a sua ligação indisfarçada com o sr. Pedro Aleixo, adversário conhecido do sr. Magalhães Pinto dentro do udenismo. Mas Fabricio foi lançado ontem na Assembleia pelo deputado Ernani Maia (PTB), colocando em dificuldades deputados udenistas”. *Correio da Manhã*. De Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1958, p. 4.

⁵³⁸ “Entre eles, quando havia uma indignidade a ser praticada, acontecia uma disputa muito grande, pois cada qual achava que tinha direito de levá-la a efeito. Assim, pouco antes da votação, um deputado do PTB pediu a palavra e disse que recebera naquele momento um telefonema do vice-presidente da República, João Goulart, mandando o PTB votar no Amintas. Isso decidiu a eleição: o Amintas ganhou. A convenção era presidida pelo José Raimundo, que também não queria minha candidatura, porque tinha pretensões de ser candidato”. SILVA, Fabrício Soares da. *Memória Política de Minas: Fabrício Soares da Silva*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1996, p. 167.

⁵³⁹ *Correio da Manhã*. De Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1958, p. 4.

⁵⁴⁰ *Correio da Manhã*. De Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1958, p. 10.

⁵⁴¹ SILVA, Fabrício Soares da, op. cit., 1996, p. 169.

⁵⁴² Correspondência entre Theotônio dos Santos e Sergio Luiz de Oliveira.

Em suas memórias, Simon Schwartzman relata que, após a organização alcançar alguma influência em Belo Horizonte, viu uma notícia anunciando um presidente da Mocidade Trabalhista de quem nunca tinha ouvido falar. Não tinha qualquer ligação com o seu grupo. Em seguida, soube que San Tiago Dantas oferecera o cargo para pessoas de sua confiança.⁵⁴³

Eleito deputado federal em 1958 por Minas Gerais, San Tiago Dantas iniciara uma intervenção do PTB nacional naquela unidade da federação. Era colocado lá para ser o homem forte do trabalhismo. Os jovens eram marginalizados na instituição em prol de figuras mais alinhadas com os quadros mais graduados do partido. Desdobrava-se uma ingerência devido ao apoio que o comitê estadual ofereceu ao deputado estadual da UDN Fabricio Soares da Silva.⁵⁴⁴ Este, agora filiado ao PTB, também seria marginalizado no partido. A decisão em apoiar um candidato de um partido da oposição atacava diretamente a estratégia política do PTB de se constituir uma aliança preferencial com o PSD. Com isso, aquele conjunto de alunos da UMG que constituíram a Mocidade Trabalhista frustrava-se profundamente com o PTB. Ainda manteriam os seus vínculos partidários por algum tempo, até mesmo porque estariam conectados à campanha de Tancredo Neves para governador que teve San Tiago Dantas como vice. Todavia, esses desentendimentos contariam mais tarde quando se optou por constituir a POLOP.

Tratam-se de indicativos que ainda precisam ser aprofundados. Distintas fontes precisam ser acionadas para se conquistar maior conhecimento desses eventos. O fundamental para o texto que se está desenvolvendo é que o grupo marxista de Minas Gerais se conectaria à Juventude Socialista do Rio de Janeiro. Tal vínculo é um elo fundamental para a constituição da POLOP em 1961, até mesmo porque seria um dos poucos grupos que tinham uma experiência política mais substantiva, sendo capaz de mobilizar forças para gerar alguma tendência em pleitos. As frustrações com os católicos, ou ao menos o afastamento dos objetivos em comum, e o enfraquecimento dos vínculos com o PTB levaram ao fortalecimento de um laço moldado pela influência de Aluizio Leite Filho no movimento estudantil carioca.

⁵⁴³ “Tudo parecia ir bem até o dia em que apareceu na televisão alguém que nenhum de nós conhecia anunciando ser o presidente da Mocidade Trabalhista na cidade. Depois soubemos que Jango havia entregado a San Tiago Dantas o PTB em Minas Gerais e que San Tiago distribuía as posições disponíveis entre pessoas de sua confiança”. SCHWARTZMAN, Simon, op. cit., no prelo.

⁵⁴⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

No final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, a Juventude Socialista teve uma significativa influência entre as organizações de classe estudantis brasileiras devido à atuação principalmente de Leite Filho. Tal personagem foi um dos quadros centrais da UME, órgão de representação discente do estado da Guanabara, conseguindo estabelecer vínculos de sua organização com outras ao longo do país. Parte desses laços foi constituído nos atos de cunho nacionalista realizados na ABI nos quais membros da Mocidade Trabalhista e da Juventude Socialista estavam presentes.

No entanto, é no jornal *O Metropolitano*, publicação oficial da UME, que se pode vislumbrar a constituição de um vínculo significativo entre diversos atores das duas organizações. Fundado em 1959, *O Metropolitano* era uma iniciativa dos estudantes universitários cariocas que saía aos domingos como encarte do *Diário de Notícias*, jornal no qual Moniz Bandeira trabalhava e era um dos mais importantes do país. Entre os seus fundadores, estavam Paulo Alberto Monteiro Barros, Carlos Diegues, Néelson Pompéia, Cosme Alves Neto, José Carlos Avelar, Arnaldo Jabor, José Clemente de Oliveira e o próprio Aluízio Leite Filho.⁵⁴⁵ Não existe nenhum indicativo de que Moniz Bandeira tenha auxiliado de alguma maneira na constituição do encarte, seja dialogando com o proprietário do *Diário de Notícias* João Dantas, seja escrevendo na publicação. Todavia, estava muito próximo desse contexto.

A questão é que Aluízio Leite Filho, juntamente de Ruy Mauro Marini, que no início dos anos 1960 já regressara ao Brasil e se integrara à Juventude Socialista,⁵⁴⁶ auxiliou na produção d'*O Metropolitano* trazendo diversos membros da Mocidade Trabalhista para nele colaborar. Obviamente que a publicação não se restringia aos projetos e às pautas sugeridas por Leite Filho, havendo uma gama significativa de temáticas e colaboradores. Deve-se considerar também o grande fluxo de colaboradores na sua direção de distintas linhagens políticas.

Seu primeiro diretor, Paulo Alberto Monteiro de Barros, mais conhecido pelo pseudônimo Artur da Távola, era ligado ao trabalhismo e como editor buscava constituir um jornal com grande amplitude de temáticas. Por exemplo, a sétima arte era debatida extensivamente nas suas páginas, sendo considerado um dos polos renovadores que

⁵⁴⁵ Para mais informações sobre o jornal, cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. *O Metropolitano*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/metropolitano-o>. Acessado em 9/11/2020.

⁵⁴⁶ MARINI, Ruy Mauro., op. cit., 2011, p. 61.

possibilitaram a consolidação do Cinema Novo.⁵⁴⁷ Trata-se de um campo explorado entre tantos outros: economia, política, estética, relações internacionais. Intelectuais importantes já consolidados como Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré também colaboravam na publicação.

A partir da influência de Leite Filho, que também escrevia assinando com o pseudônimo Luiz Cayo entre 1960 e 1961,⁵⁴⁸ Ruy Mauro Marini se integrou no editorial e produziu diversos artigos. Marini, Aluízio e o futuro professor de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro Raul Landim Filho eram os três membros do seu corpo redacional durante um período entre 1960 e 1961. Mostra-se interessante a composição ideológica desse grupo. Enquanto Marini e Leite Filho pertenciam a Juventude Socialista e depois a POLOP, Landim era ligado a JUC e se ligaria a AP após sua criação em 1962.⁵⁴⁹

Nas páginas d’*O Metropolitano*, pode-se ver Marini redigindo sobre diversas temáticas das relações internacionais. No seu horizonte reflexivo, estavam as novas medidas do governo cubano,⁵⁵⁰ a guerra independentista da Argélia,⁵⁵¹ o assassinato de Patrice Lumumba e vários outros assuntos.⁵⁵² Trata-se de um amplo acervo ainda não

⁵⁴⁷ Sobre isso cf., BRUM, Alessandra Souza Malett. *A Nouvelle Vague* sob o ponto de vista do jornal *O Metropolitano*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 51, 2013 p. 192-212.

⁵⁴⁸ LEAL, Leovegildo Pereira, op. cit., 2011, p. 96.

⁵⁴⁹ Relato de Raul Landim Filho em 2020. Suas considerações sobre *O Metropolitano* são particularmente ricas sobre a história desse periódico: “*O Metropolitano* era um jornal da União Metropolitana dos Estudantes (UME) distribuído aos domingos como se fosse um caderno semanal do jornal *Diário de Notícias*. Paulo Alberto, que era da PUC, foi escolhido para dirigir o jornal. No início, foi a alma do *Metropolitano*. Por acaso, ele conhecia Cacá [Diegues] e a mim. E nos chamou para participar do jornal. Cacá, César e eu fomos colegas de classe no secundário. Fizemos entrevistas, como você assinalou, com diversos intelectuais de opções ideológicas diferentes, como, por exemplo com Guerreiro Ramos, Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado, Henrique Vaz, Cândido Mendes, Hélio Jaguaribe e muitos outros e até mesmo com um político de direita, Carlos Lacerda. Os artigos que escrev mos e assin vamos exprimiam nossas concepções pessoais. Os editoriais do jornal eram escritos geralmente por Paulo Alberto e aceitos consensualmente. Informo esses detalhes apenas para mostrar que o *Metropolitano* não tinha uma ideologia fixada nem qualquer filiação partidária, embora seus membros se considerassem de “esquerda” ou, como se diz hoje em dia, eram progressistas e alguns pagaram na ditadura um preço por isto. Provavelmente conhecemos o Aluízio [Leite Filho] na UME. Tínhamos com ele um bom entendimento pessoal e ideológico. Mas, não houve uma predominância ideológica dos membros da Polop no Jornal. A contribuição deles era sempre bem-vinda e também as de outros matizes ideológicos eram aceitas. Conhecemos Simon, Teotônio que eram de Minas, assim como Betinho, um grande amigo nosso. Todos eles eram colegas na UFMG nos idos de 60”.

⁵⁵⁰ MARINI, Rui Mauro. De São José a Havana: o preço da incompreensão. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1960, p. 5. MARINI, Rui Mauro. A revolução e suas realizações econômicas. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1960, p. 5.

⁵⁵¹ MARINI, Rui Mauro. Argélia: conflito de duas Fran as (I). *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 8 de janeiro 1961, p. 2. MARINI, Rui Mauro. Argélia: conflito de duas Fran as (II). *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro 1961, p. 2.

⁵⁵² MARINI, Rui Mauro. A crise de um sistema. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 26 de janeiro 1961, p. 2.

analisado que necessita ser aprofundado em pesquisas mais direcionadas à trajetória de Marini.

Alguns membros da Mocidade Trabalhista foram convidados a colaborar n’*O Metropolitano*. Simon Schwartzman escreveu um texto em duas partes sobre a democracia participativa e as esquerdas. Refletiu sobre os limites do voto e incitou os marxistas a pensarem sobre distintas possibilidades de participação política.⁵⁵³

Theotônio dos Santos também colaborou em uma oportunidade, assinando como Teotônio Junior. Todavia, o fez quando a POLOP já fora constituída, embora ainda indique o fortalecimento de vínculos entre o grupo de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Em tom mais radical, dos Santos redigiu um texto chamado “A Crise”. Profundamente influenciado pelos levantes em favor da legalidade após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, defendeu a existência de um amadurecimento rápido do operariado brasileiro e a aproximação da hora da revolução.⁵⁵⁴ Em suma, uma grande radicalidade atravessava tais escritos, expressando-se no prognóstico da revolução e de como fazê-la.

Até mesmo um membro do núcleo de São Paulo, antigo integrante da LSI, como Paul Singer foi convidado para escrever n’*O Metropolitano*. O economista, que atuava como professor assistente na USP, apareceu duas vezes nas páginas do jornal para debater assuntos circunscritos a economia.

Na primeira oportunidade em abril de 1961, debateu sobre uma medida editada pelo governo Jânio Quadros que alterava a estrutura cambial do país, retirando um sistema de taxas variáveis e introduzindo uma taxa padrão. Em suma, o militante da POLOP assumiu uma posição crítica a tal medida, argumentando que a uniformidade do dólar só traria vantagens aos setores exportadores. Em outros termos, só se mostrava benéfico aos vendedores de produtos agrícolas para os mercados estrangeiros das regiões agrárias do país.⁵⁵⁵

A segunda oportunidade é uma síntese de uma palestra que Singer deu para a UME em fevereiro de 1962. O docente fez uma longa exposição sobre o que ele entendia ser a “crise brasileira”, oferecendo alguns ângulos do problema. Em grande medida, apresentou um viés de análise econômica, dispondo crise inflacionária,

⁵⁵³ SCHWARTZMAN, Simon. As esquerdas em questão (I). *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1960, p. 3. SCHWARTZMAN, Simon. As esquerdas em questão (II). *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1960, p. 3.

⁵⁵⁴ SANTOS, Theotônio dos. A Crise. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1961, p. 3.

⁵⁵⁵ SINGER, Paul. Instrução 204: perigo a industrialização do país. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1961, p. 6

insuficiência de produção de alimentos e atrofia do campo, todavia, sempre com a preocupação de se articular fatores políticos.⁵⁵⁶

Vislumbra-se, assim, uma convergência de diversos militantes que constituíram a POLOP na publicação oficial da UME e uma convivência deles no interior desse jornal. Mostra-se um espaço de atuação fundamental desses atores, o movimento estudantil universitário, e um veículo no qual as opiniões de cada um eram avaliadas e validadas pelo grupo.

⁵⁵⁶ SINGER, Paul. Diagnóstico da crise brasileira. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1962, p. 6.

Capítulo VI. Campanhas

1.34 Lírico

O ano de 1960 seria um momento fundamental da história brasileira e de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Deu-se um ano em que a poesia quase desapareceu do seu horizonte. 1960 teria campanha eleitoral para presidente e governador. A política, que já andava agitada, intensificou-se ainda mais. Moniz Bandeira dedicaria quase todo seu tempo a tarefas desse campo, seja no âmbito profissional, seja no âmbito da militância. A conquista do diploma no curso de Direito da Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas em dezembro lhe possibilitou se dedicar ainda mais tempo para essas atividades.⁵⁵⁷

No âmbito lírico, houve três pontuais expressões. A publicação do seu segundo livro de poesias, *Retrato e Tempo*, pela editora nordestina Progresso foi uma.⁵⁵⁸ No entanto, a impressão da obra saiu com defeitos de fabricação. Assim, foi anunciado em alguns meios, mas logo a mídia se silenciou a respeito. A segunda está ligada a uma curiosidade sobre Lord Byron que Moniz Bandeira manteve longamente. O contato com o escritor inglês foi extensivo, mas sempre posto em pequenas expressões textuais: epígrafes, citações, breves textos etc. A única vez que ganhou maior fôlego foi em 1960. Em dezembro, a revista *Dionysos* do Serviço Nacional de Teatro, órgão do MEC que estava sendo dirigido pelo seu tio Edmundo Moniz, publicou a peça de teatro *Caim* de Byron com tradução de Moniz Bandeira.⁵⁵⁹ Foi a primeira vez que realizou esse tipo de ofício, vertendo do inglês ao português aproximadamente 30 páginas. No futuro, realizaria outras traduções, mas esse foi o seu único trabalho literário.

Ainda no final de 1960, foi convidado para participar do Festival de Arte e Literatura da Bahia, organizado pelo governo estadual e pela UBA e realizado nos dias 17 e 18 de dezembro. Seus organizadores eram Maria Elisabeth Costa Manso, a arquiteta Lina Bo Bardi e o historiador Luis Henrique Dias Tavares. A iniciativa visava trazer ao estado natal diversos escritores baianos que tinham ido morar no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nos dias do evento, os convidados almoçariam com o governador Juracy Magalhães no Palácio da Aclamação; fariam um festival de

⁵⁵⁷ Entrevista gravada de Luiz Alberto Moniz Bandeira para o jornal *A Tarde*. Trata-se de um vídeo feito em 2007 que o editorial disponibilizou ao pesquisador.

⁵⁵⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Retrato e Tempo*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1960.

⁵⁵⁹ LORD BYRON. *Caim*. *Dionysos*, n. 10, dez. de 1960, p. 71-106.

autógrafos no Teatro Castro Alves; visitariam a refinaria de Mataripe; e receberiam um coquetel na Escola de Teatro oferecido pelo reitor da UBA Edgard dos Santos.

Participaram do evento como convidados de outros estados: Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Anísio Teixeira, Alexandre Passos, Alves Pinheiro, Castro Rebelo, Clóvis Caldeira, Dias da Costa, Martins de Oliveira, Edmundo Moniz, Eduardo Tourinho, Elvim Goepal, Emme Duarte, Eugênio Gomes, Gumercindo Rocha Dorés, Heitor Fross, Hélio Pólvora, Herberto Sales, Hildon Rocha, Jaime Farla Goes, James Amado, Jorge Amado, Leopoldo Braga, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Luiz Viana Filho, Nestor Duarte, Osvaldo Peralva, Pedro Calmon, Pinto de Aguiar, Sabino de Campos, Santos Moraes, Sosigenes Costa, Van Jafa, Wamderley Filho, Wilson Rodrigues, Fernando Goes, Jorge Madauar, Octacílio Lopes. Além desses escritores, os cantores Dorival Caymmi e João Gilberto e o pintor Rubens Valentim também foram convidados. Da própria cidade de Salvador, também se integraram: Odorico Tavares, Vasconcelos Maia, Milton Santos, Carvalho Filho, Jair Gramacho, Godofredo Filho, Abel Pereira, Ariovaldo Matos, Wilson Lins, Winson Rocha, Carlos Eduardo, Paulo Gil, Nelson Gallo, Clarival Prado Valadares, Walter da Silveira, Clóvis Amorim, Orlando Gomes, Nelson de Souza Sampaio e Josafá Matinho.⁵⁶⁰

Convergiriam para Salvador naqueles dias diversos quadros intelectualizados nascidos na Bahia que foram buscar maior consagração em outros estados. Moniz Bandeira retornava com uma faceta de poeta, demonstrando uma certa consolidação. Todavia, tal verniz diante de sua prática real daquele ano se mostrava um pouco desatualizada.

1.35 *Diário de Notícias* e a cobertura da campanha de Jânio Quadros

O começo do ano de Moniz Bandeira seria movimentado. No final de 1959, Moniz Bandeira foi um dos principais responsáveis pela decisão do PSB do Rio de Janeiro de não conceder apoio a Jânio Quadros.⁵⁶¹ O rapaz não imaginava que cruzaria de novo tão rapidamente com aquela personagem.

A cobertura que promoveu sobre as crises do Acordo de Roboré fez Moniz Bandeira se aproximar de diversos quadros do Itamaraty fazendo com que alguns deles

⁵⁶⁰ Jornal do Commercio. Gazetinha Literária. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1960, p. 6.

⁵⁶¹ Diário de Notícias. PSB Carioca Indica Lott. Rio de Janeiro, *Diário Notícias*, 1 de julho de 1959, p. 4.

virassem seus interlocutores e fontes. Nesse processo, desenvolveu uma amizade com o embaixador Antonio Mendes Viana, que atuava como Secretário Geral e permaneceu no cargo entre 1958 e 1959. Tal homem apresentou Moniz Bandeira para o casal proprietário do *Diário de Notícias*, João e Carmen Dantas.⁵⁶²

Naquele momento, Moniz Bandeira contava já com grande prestígio no jornalismo carioca. Embora atuasse formalmente há menos de cinco anos, a passagem por alguns jornais importantes, as suas ligações familiares e a bem-sucedida cobertura das relações internacionais, especialmente no caso da crise boliviana-brasileira, rendeu-lhe consagração no meio. Tais conquistas fez João Dantas lhe oferecer um emprego. No *Diário de Notícias*, teria maior salário e assumiria como assistente do chefe de redação. Pouco depois seria promovido a chefe da seção política.⁵⁶³ Estaria somente submetido aos proprietários e ao chefe de redação Nilson Viana. Alcançava, portanto, o máximo de sua carreira profissional. A decisão de migrar também se ligou com a vontade de se afastar dos vínculos familiares que tinha no *Correio da Manhã*.

No começo de 1960, começaram a aparecer suas publicações assinadas, tanto no *Diário de Notícias*, quanto no *O Mundo Ilustrado*, revista do mesmo grupo dirigida por Joel Silveira. O primeiro texto é profundamente exótico diante de tudo que escreveu até aquele momento. Trata-se de uma reportagem sobre um curso ministrado por um ex-coronel que se afastou da vida militar para ensinar como acessar as vidas passadas por meio do budismo. Repleta de fotos, a matéria inaugural é no mínimo particular.⁵⁶⁴

No entanto, Moniz Bandeira não foi contratado para buscar matérias apelativas. Rapidamente foi nomeado para uma tarefa mais nobre. Desde o final do ano anterior, a campanha presidencial já estava em funcionamento e foi nesse contexto que Moniz Bandeira reencontrou-se com Jânio Quadros, mas dessa vez pessoalmente já que foi nomeado pelo *Diário de Notícias* para acompanhar o presidenciável. Quadros estava percorrendo diversas cidades do Brasil em busca de apoio desde o ano anterior e intensificou essa atividade em 1960. Moniz Bandeira produziu uma série de notícias a respeito, sempre ocupando um local destacado na primeira página.

⁵⁶² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. 1989. Documento disponível no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira, Heidelberg. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira (depoimento, 2003)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 9.

⁵⁶³ Entrevista gravada de Luiz Alberto Moniz Bandeira para o jornal *A Tarde*. Trata-se de um vídeo feito em 2007 que o editorial disponibilizou ao pesquisador.

⁵⁶⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Gente Volta ao Outro Mundo. *Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1960, p. 42-45

O *Diário de Notícias* se tornou um aliado importante de Jânio Quadros, realizando uma cobertura intensiva de sua campanha. O próprio João Dantas acompanhou o político em diversas de suas atividades, tornando-se uma espécie de cabo eleitoral. Em 1959, Quadros fizera uma viagem a URSS e a outros países do leste europeu visando constituir laços para a ampliação das relações econômicas com o bloco socialista. Um dos membros da comitiva foi João Dantas, que cobriu toda a estadia por meio de seu jornal.⁵⁶⁵ No primeiro semestre de 1960, quando a campanha presidencial se agitava, a situação não foi distinta. Dantas não podia estar permanentemente com Quadros nas suas andanças pelo Brasil adentro. Precisava ficar na capital e administrar os seus negócios. Por isso, Moniz Bandeira foi indicado para a tarefa.

No primeiro semestre, estaria com Quadros em algumas viagens. A primeira deu-se em janeiro, iniciando no dia nove e durando 15 dias. Foi uma temporada de visitas em diversas cidades do Norte e Centro-Oeste do Brasil. A comitiva era formada por jornalistas, assessores e parlamentares, entre os membros do legislativo estavam Emilio Carlos Kirillos, Lino de Matos, Helio Machado e Seixas Doria. Também se integrou Leandro Maciel, antigo governador do Sergipe e integrante do PSD. Maciel era então seu candidato a vice-presidente, todavia renunciaria em abril para dar lugar a Milton Campos.

Moniz Bandeira fez uma breve descrição das atividades de Quadros. Em resumo, o constante encontro com aliados, o exercício da negociação nos bastidores e realização de comícios relâmpagos. O cronograma aberto fazia-se assim necessário. Nessas falas, usava largamente a vassoura, símbolo de sua campanha, dizendo entre outras coisas: “Ai daqueles que não temerem minha vassoura. Se não o pegar por baixo, pego-o por cima, com o cabo, que é mais duro”. No roteiro, passaria pelo Pará, Mato Grosso, Acre e Amazonas, tanto nas capitais quanto em cidades menores. Na reportagem, é possível ver o racha das siglas locais, especialmente do PTB, em apoiar candidatos de chapas distintas, defendendo João Goulart e Jânio Quadros, como vice e presidente.⁵⁶⁶

No mês seguinte, a mesma lógica se repetiu. Moniz Bandeira foi para Vitória no Espírito Santo para acompanhar Quadros em mais uma viagem. Dessa vez, o presidenciável falou para mais de 20 mil pessoas durante 90 minutos e recebeu apoio

⁵⁶⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes. *Diário de Notícias*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>. Acesso em 12/11/2020.

⁵⁶⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Jânio e Leandro: Caravana da Vitória em Marcha. *O Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1960, p. 32-35. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Jânio não quer ser ouvido dos satisfeitos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1960.

das lideranças do PTB local.⁵⁶⁷ Na fala, “defendeu o direito de greve, a regulamentação das remessas dos lucros para o exterior, a extensão da legislação trabalhista ao homem do campo e a reforma da previdência”.⁵⁶⁸

Pode-se vislumbrar uma série de pautas de esquerda no discurso de Quadros. Isso se deve em certa medida a Moniz Bandeira naquele momento. Quadros era um político habilidoso. Pensava que para ser eleito tinha que mobilizar o máximo de forças em volta de si, pouco importando o que falasse no processo. Para as massas, assumia posições à esquerda, para os empresários dispunha posições à direita. Assim, construiu uma base ampla de apoio.

Durante a viagem, sabendo que Moniz Bandeira era de uma ala radicalizada do PSB, pediu-lhe conselhos para o que falar para públicos formados por sindicalistas e estudantes. Moniz Bandeira apresentou diversos pontos que foram aprovados pelo PSB carioca redigidos pela Juventude Socialista.⁵⁶⁹ Não era a primeira vez que Quadros assumia posições de esquerda ou se associava ao PSB. Durante seu mandato de prefeito e depois governador de São Paulo, contou com o apoio dos socialistas paulistas, convidando inclusive alguns membros do partido para compor seu gabinete: Fúlvio Abramo foi seu diretor de Abastecimento.⁵⁷⁰ Sabia da capacidade de atração de votos que tais aproximações com a esquerda podia trazer.

O pedido de conselho a Moniz Bandeira se manteve ao longo de toda a temporada de viagens. Moniz Bandeira o acompanhou a metade de 1960. Em março, percorreu diversas cidades de Minas Gerais. Quando estava em Três Corações, anunciou em um comício que iria para Cuba conhecer a revolução após ser convidado

⁵⁶⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Solidários com Jânio os líderes do PTB capixaba. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1960, p. 3.

⁵⁶⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Apoteose a Jânio Quadros em Vitória. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1960, p. 1; 15.

⁵⁶⁹ “1. Autonomia e liberdade sindicais – abolição da Comissão de Enquadramento e do Fundo Sindical; 2. Cessação das remessas de lucros para o exterior como medida de emergência para vencer a crise cambial – regulamento drástico para as remessas a longo prazo; 3. Aprovação da Lei de Greves do deputado Aurélio Viana; 4. Publicação e denúncia dos tratados militares com os Estados Unidos e a reintegração de Fernando de Noronha; 5. Nacionalização das fontes de energia e dos serviços públicos; 6. Co-gestão operária nas empresas estatais; 7. Expropriação dos latifúndios e entrega das terras a quem as trabalhe – extensão da legislação trabalhista ao campo; 8. Abolição das leis de exceção – legalidade para todos os partidos políticos – direito de voto aos analfabetos e praças de pré; 9. Relações diplomáticas e comerciais com todos os países do mundo”. *Diário de Notícias*. PSB Carioca Indica Lott. Rio de Janeiro, *Diário Notícias*, 1 de julho de 1959, p. 4.

⁵⁷⁰ VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. O Partido Socialista Brasileiro e o Marxismo (1947-1965). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *História do Marxismo no Brasil. Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: UNICAMP, 2007, p. 180-181.

por Fidel Castro.⁵⁷¹ Dirigir-se-ia a Cuba no final de março permanecendo alguns dias até o princípio de abril.

De volta ao Brasil, retomou a campanha em Minas Gerais, passando lá todo o mês até o princípio de maio. No dia do trabalho, realizou um comício em Belo Horizonte no qual retomou as pautas da Juventude Socialista.⁵⁷² O programa do discurso de Quadros fora redigido por Moniz Bandeira após um pedido de ajuda do presidenciável.⁵⁷³ A minuta redigida pelo jornalista se tornaria também um manifesto de Jânio aos operários publicado em alguns jornais no dia seguinte. Pode-se vê-lo no *Diário de Notícias*:⁵⁷⁴

O 1º de maio está vivo nos nossos corações. Aqui, aos operários do Brasil, reitero o meu apoio às suas mais prementes reivindicações. Autonomia e liberdade sindicais. Direito de greve com a abolição do decreto 9.070. Anulação da Lei de Enquadramento Sindical. Reforma da Previdência Social. Extensão da legislação trabalhista ao campo. Relações com todos os países. Que este 1º de maio seja mais um passo para a vitória do proletariado – Jânio quadros

Algo importante a ser considerado sobre tal pronunciamento é suas consequências sociais e políticas. A questão não é tanto essa fala em específico, mas um contínuo de declarações de Jânio Quadros sobre a necessidade da regularização da remessa de lucros, pauta sugerida por Moniz Bandeira que estava presente no projeto da Juventude Socialista, que provocou um enorme debate. Na realidade, tal reivindicação extrapolava esse grupo social imediato. A remessa de lucros era um projeto de lei, apresentado pelo deputado trabalhista Sérgio Magalhães, que ganhou projeção após as falas de Quadros.⁵⁷⁵

Sua ideia surgiu após um encontro de Moniz Bandeira com um deputado do Lanka Sama Samaja Party, partido de linhagem trotskista do Sri Lanka, em uma conferência parlamentar. O legislador asiático disse que a “remessa de lucros ia ferir mais os Estados Unidos que qualquer outra coisa”. A partir dessa consideração inicial, Moniz Bandeira levou a ideia para Sérgio Magalhães que montou o projeto, sendo apresentado à câmara em março de 1959. Sua elaboração foi feita por Moniz Bandeira,

⁵⁷¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Povo recebe Jânio com entusiasmo em Lambari. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de março de 1960, p. 1. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Jânio é recebido em Lagoa Santa por um líder do PSD. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de março de 1960, p. 1.

⁵⁷² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Jânio prega em Minas limitação dos lucros. *Diário de Notícias*, 3 de maio de 1960, p. 1.

⁵⁷³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 15.

⁵⁷⁴ *Diário de Notícias*. Jânio envia aos operários mensagem de solidariedade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1960, p. 1.

⁵⁷⁵ RIBEIRO, Darcy. *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

Magalhães e pelo professor do ISEB Gilberto Paim.⁵⁷⁶ O conteúdo estabelecia um limite de 8% ao ano das remessas de lucros de capital estrangeiro sobre o capital originalmente investido no país.⁵⁷⁷ Magalhães se tornaria um dos parlamentares mais importantes do país a partir desse momento. No início do ano, fora eleito primeiro vice-presidente da mesa da Câmara dos Deputados⁵⁷⁸ e pouco tempo depois foi pleiteado como candidato a vice-presidente da República nas eleições de 1960 nos debates internos do PTB.⁵⁷⁹ Estava em plena ascendência e almejava posições mais altas.

O itinerário a Cuba com Jânio Quadros foi fundamental para Moniz Bandeira. Apesar de breve, coloca-se profundamente significativo já que até o final da vida defendeu esse processo revolucionário. Tornar-se-ia um extensivo adepto da revolução, escrevendo três livros a respeito.⁵⁸⁰ Também foi relevante no âmbito social da época uma vez que foi uma das primeiras viagens de brasileiros a Cuba pós-revolução.⁵⁸¹

A ida se derivou de um convite que Fidel Castro fizera aos dois candidatos à presidência: Jânio Quadros e marechal Henrique Teixeira Lott. O militar prontamente recusou. Quadros aceitou e embarcou uma grande comitiva para a ilha caribenha. Entre seus membros estavam o senador mineiro Afonso Arinos de Melo Franco; os deputados federais José Aparecido de Oliveira, Paulo de Tarso e Seixas Dória; o governador de Pernambuco Cid Sampaio; os deputados estaduais Murilo Costa Rego, Francisco Julião, Juracy Magalhães; e os jornalistas João Dantas, Carlos Castelo Branco, Hélio

⁵⁷⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 17.

⁵⁷⁷ “No mesmo mês [março de 1959], Magalhães apresentou o projeto de lei que disciplinava os limites das remessas de lucros do capital estrangeiro em 8% ao ano sobre o capital originalmente investido no país. Conceituava os reinvestimentos - recursos e lucros obtidos no mercado consumidor e de trabalho brasileiro - como "capital nacional em mãos de estrangeiros". Aos reinvestimentos eram proibidas as remessas de lucros, de modo a nacionalizar o capital e a orientá-lo para investimentos no país. Buscava assegurar divisas e poupança interna”. SILVA, Roberto Bitencourt da. *Sergio Magalhães e suas trincheiras: nacionalismo, trabalhismo e anti-imperialismo – uma biografia política*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 135.

⁵⁷⁸ DIAS, Sônia. Verbete: Sérgio Magalhães. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sergio-nunes-de-magalhaes-junior>. Acesso em 15/11/2020.

⁵⁷⁹ SILVA, Roberto Bitencourt da, op. cit., 2017, p. 54.

⁵⁸⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ode a Cuba*. Rio de Janeiro: Germinal, 1961. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O poder operário em Cuba*. Rio de Janeiro: Congresso de Solidariedade a Cuba, 1963. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel – A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

⁵⁸¹ Para uma descrição dos primeiros viajantes a Cuba pós-revolução e a pioneira produção editorial a respeito, cf. PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara, A Revolução Cubana e o Brasil: uma visão panorâmica política e editorial. *Perseu*, n. 12, 2016, p. 235-247.

Fernandes, Carlos Mesquita, Márcio Moreira Alves, Rubem Braga, Fernando Sabino, Murilo Melo Filho e Luiz Alberto Moniz Bandeira.⁵⁸²

Moniz Bandeira era um quadro pequeno na viagem. Era suplantado pelo apelo do presidenciável ou da liderança das Ligas Camponesas, Francisco Julião. Mais se atentou em observar, a desenvolver sua curiosidade, sobre aquele país e a auxiliar o seu patrão, João Dantas, que também estava presente. Os dois foram responsáveis pela ampla cobertura que o *Diário de Notícias* fez da viagem. Quando o avião pousou em Havana, após uma longa bebedeira de whisky que colocou o senador Juracy Magalhães em coma alcoólico, foram recebidos pelo próprio Fidel Castro e por outros membros do alto comando. Existe uma gravação da recepção na qual se pode ver Castro e Quadros na frente e ao fundo Moniz Bandeira a observá-los.

Diversos encontros foram realizados. Os visitantes encontraram-se com o presidente Osvaldo Dorticós Torrado, Ernesto Guevara, Raul Roa e outras lideranças, além de fazerem diversas visitas a projetos que estavam sendo desenvolvidos.⁵⁸³ Aparentemente Jânio Quadros também ficou muito impressionado com a visita. Algo interessante a ser considerado é a curiosidade que desenvolveu para os eventos de julho de 1959. Naquele mês, o primeiro-ministro Fidel Castro entrou em conflito com o presidente Manuel Urrutia. O mandatário condenou diversas medidas de aliados de Castro como comunistas em diversas declarações públicas. Para lhe fazer pressão, Fidel renunciou. Em seguida, o povo tomou as ruas em sua defesa. Não restou saída senão a renúncia de Urrutia. Em seu lugar, assumiria Dorticós.⁵⁸⁴ Quadros ouviu o episódio da própria boca de Fidel Castro, ficando profundamente impressionado.⁵⁸⁵ Moniz Bandeira observou essa reação de Quadros, atentando-se também para a sua indisposição em negociar com o parlamento repetidamente declarada.⁵⁸⁶ Questionar-se-ia sobre como

⁵⁸² AGUIAR, Cláudio. *Francisco Julião: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 300.

⁵⁸³ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *A Alma do Tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 822-833.

⁵⁸⁴ GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 197-198.

⁵⁸⁵ Sobre isso o relato de Murilo Melo Filho se mostra muito interessante: “O Jânio que voltou de Havana me chamava lá atrás, no último banco do avião, rodando uma dose de uísque quente entre as mãos, e dizia: ‘Murilo, você viu o que o primeiro-ministro fez? Ele renunciou e o povo veio para a rua exigir a volta dele’. Tenho hoje absoluta certeza e convicção de que aquele episódio narrado por Fidel Castro em Havana ficou trabalhando na cabeça daquele maluco e influiu decisivamente na atitude dele de renunciar. Tanto que, em Cumbica, vindo de Brasília, já tendo renunciado à presidência da República, Jânio perguntava em altos brados no avião: ‘E o povo? Onde está o povo que não veio me buscar?’”. MELO FILHO, Murilo. *Murilo Melo Filho (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 1998, p. 18.

⁵⁸⁶ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 16.

essa amálgama de experiências se combinaram na cabeça de Quadros em pouco tempo quando redigiu o seu primeiro livro sobre política.

A cobertura foi ampla, mas textos assinados por Moniz Bandeira foram apenas dois. O primeiro foi publicado em dois de março.⁵⁸⁷ Trata-se de um encontro de Jânio e sua comitiva com Antonio Núñez Jiménez, o autor da lei de Reforma Agrária de Cuba e diretor do Instituto Nacional da Reforma Agrária, responsável por instituí-la. Tal organização concentrava os setores mais radicalizados da revolução, especialmente ligados às esquerdas marxistas.⁵⁸⁸ Jiménez respondeu as indagações de Quadros sobre o processo de redistribuição de terras cubano, assunto caro ao contexto brasileiro.

No texto, também anuncia que no dia 2 de março seria realizada uma reunião na embaixada brasileira com a presença de Fidel Castro e Che Guevara. O embaixador Vasco Leitão da Cunha receberia as lideranças cubanas e os viajantes. Desse encontro, há uma foto de Che Guevara dialogando com os jornalistas Márcio Moreira Alves e Rubem Braga. Moniz Bandeira está de pé ao fundo ouvindo concentradamente a conversa.⁵⁸⁹ A ocasião foi lembrada pelo próprio embaixador devido ao sumiço de uma pistola que Fidel ganhara de presente do primeiro vice-primeiro-ministro soviético Anastas Mikoyan.⁵⁹⁰

Dois dias depois, apareceu um outro texto de Moniz Bandeira no *Diário de Notícias*. Relata que antes da visita ao embaixador, a comitiva foi ao Banco Central de Cuba, órgão dirigido por Guevara, mas não se aprofunda a respeito. Em seguida, discorre sobre o encontro na embaixada, trazendo algo mais substantivo. Apresenta o estabelecimento de um acordo entre cubanos e brasileiros.⁵⁹¹

Uma Missão Econômica de Cuba partirá para o Rio até junho, chefiada pelos srs. Regino Boti [Ministro da Economia], e ‘Che’ Guevara, presidente do Banco Nacional de Cuba, com propostas concretas para um intercâmbio comercial com o Brasil num montante previsto de 30 milhões de dólares, segundo ficou estabelecido em reunião a portas fechadas, na Embaixada do Brasil, entre os srs. Jânio Quadros, Fidel Castro, ‘Che’ Guevara, Regino Boti, Vasco Leitão da Cunha, embaixador brasileiro, e o sr. João Dantas, diretor do ‘Diário de Notícias’, do Rio de Janeiro.

⁵⁸⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Jânio impressionado com Reforma Agrária em Cuba. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 de abril de 1960, p. 1-3.

⁵⁸⁸ GOTT, Richard, op. cit., 2006, p. 197.

⁵⁸⁹ A foto pertence ao arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁵⁹⁰ CUNHA, Vasco Leitão da. *Diplomacia em alto-mar: depoimento ao CPDOC*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV; Brasília: FUNAG, 2003, p. 220.

⁵⁹¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Missão cubana vem ao Brasil: Jânio combinou. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 de abril de 1960, p. 1-3.

No entanto, a ocasião jamais veio a ocorrer. Não existe relatos na imprensa da época a respeito e os biógrafos de Che Guevara não relatam o fato.⁵⁹² Só no ano seguinte Guevara faria uma passagem relâmpago pelo Brasil quando foi condecorado com a Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul pelo já eleito Jânio Quadros. A missão econômica permaneceu no diálogo, na mera informalidade.

1.36 Contra Carlos Lacerda e com Sérgio Magalhães

Com a aproximação das eleições, Moniz Bandeira solicitou ao seu chefe João Dantas que fosse removido da tarefa de acompanhar Jânio Quadros. O jornalista assumiu a coordenação da campanha política de Sérgio Magalhães que se candidatara a governador da Guanabara nas eleições de outubro.⁵⁹³ Após a transferência da capital da república para Brasília em abril de 1960, a cidade do Rio de Janeiro foi convertida em estado da federação como uma medida de restituição e agrado às elites locais que perderam prestígio com o deslocamento do poder federal.

Juntamente com as eleições presidenciais, ocorreria o pleito que definiria o primeiro governador eleito por voto direto no estado da Guanabara. Quatro candidatos se colocaram na disputa: Carlos Lacerda da UDN; Sérgio Magalhães do PTB; Tenório Cavalcanti do PST; e Ângelo Mendes de Moraes do PSD.

A competição na prática se dava entre os dois grandes partidos da cidade: a UDN e o PTB. Para além disso, esboçava-se um latente conflito ideológico entre o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro nas eleições de 1954 e 1958, Carlos Lacerda, e o havia pouco desconhecido Sérgio Magalhães. As duas personagens, que tinham juntado forças para constituir a Comissão Parlamentar de Inquérito dedicada a investigar os Acordos de Roboré, tornavam-se concorrentes em 1960.

Por um lado, dispunha-se um conservador que atacara constantemente Vargas e qualquer um que se afirmasse herdeiro dos seus projetos, além de apresentar um anticomunismo profundo, fruto de uma passagem conturbada pelo PCB na juventude. Para construir seus fins, utiliza-se extensivamente do seu jornal *Tribuna da Imprensa*, o

⁵⁹² ANDRESON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁵⁹³ “assumi a coordenação política da campanha eleitoral do Deputado Sergio Magalhães, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ao Governo do Estado da Guanabara, pedi a João Dantas que me relevasse de tal missão, a fim de que pudesse permanecer no Rio de Janeiro”. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memorial. 1989. Documento disponível no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira, Heidelberg.

que dava ainda mais força para sua campanha.⁵⁹⁴ Por outro, coloca-se o deputado Magalhães que jamais alcançara os níveis de voto tão substantivos como Lacerda, sempre tendo níveis mais modestos. Começou a ser mais conhecido nacionalmente quando seu projeto de regularização das remessas de lucros foi colocado em tramitação no Congresso em 1959 e se tornou parte da campanha de Jânio Quadros em 1960.

Diferentemente do concorrente que conseguiu unanimemente ser escolhido por sua legenda para concorrer, Magalhães teve um caminho mais conturbado, disputando a legitimidade do PTB com Eloy Dutra e Rubens Berardo.⁵⁹⁵ O primeiro tinha razoável apelo porque era vice-governador interino do estado da Guanabara. Todavia, quando o partido se reuniu para decidir quem seria lançado entre cinco e sete de julho de 1960, somente Berardo e Magalhães colocaram-se na disputa. O segundo venceu por 62 votos contra 26.⁵⁹⁶

Após deixar de acompanhar Quadros, Moniz Bandeira engajou-se plenamente na campanha. Suas atuações foram variadas: ajudou a reunir dinheiro para financiar o empreendimento; entrevistou e aprofundou a cobertura no *Diário de Notícias*, no *Correio da Manhã* e n' *O Semanário*; e interagiu com diversos espectros da esquerda para dar base de apoio partidária ao candidato.⁵⁹⁷ De longe sua atuação mais importante foi nesse último âmbito. O papel de negociador foi fundamental. Não era o único engajado nesse âmbito, mas foi um dos que mais se comprometeu.

No final dos anos 1950 e especialmente nos anos 1960, constituiu-se uma “aliança trabalhista-socialista” em diversas eleições e dentro do parlamento. O radicalismo de algumas pautas nacionalistas e a constituição de uma ala dentro do PTB sem ligações diretas com Getúlio Vargas possibilitou essa aproximação. O PSB em grande medida fora constituído como um grupo de oposição a Vargas. Magalhães originava-se de uma nova geração que entrou na política após o suicídio do mandatário. O que viabilizava também sua conexão no âmbito ideológico com Edmundo Moniz, outro quadro importante que se envolveu na sua campanha colocando o *Correio da Manhã* ao seu lado, e Luiz Alberto uma vez que a família tinha uma grande reserva ao antigo ditador.

⁵⁹⁴ Para um estudo biográfico de Lacerda, cf. DULLES, John W. Foster. *Carlos Lacerda: A vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Para um relato de Lacerda da campanha, cf. LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 252-256.

⁵⁹⁵ SILVA, Roberto Bitencourt da, op. cit., 2017, p. 175.

⁵⁹⁶ “A convenção petebista para a escolha da candidatura transcorreu por três dias, entre 5 e 7 de julho. Duas candidaturas foram apresentadas: Sergio Magalhães e Rubens Berardo. [...] Sergio Magalhães teve o seu nome indicado por 62 votos contra 26 na convenção petebista, em 6 de julho”. Idem., p. 183-184.

⁵⁹⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 16.

Esse novo PTB aliou-se repetidamente ao PSB.⁵⁹⁸ Mostra-se interessante que um fundador e quadro histórico do trabalhismo, José Gomes Talarico, tenha feito uma declaração a respeito dessa conexão entre socialistas e trabalhistas nos anos 1950 e 1960 destacando o nome de Sérgio Magalhães em um movimento de estranhamento.⁵⁹⁹ Mais precisamente, estava a destacar as distinções das práticas de alianças costumeiras do PTB que se transformaram no final dos anos 1950. Essa conexão manifestou-se repetidas vezes no parlamento por meio das articulações da Frente Parlamentar Nacionalista. Dois aliados socialistas afinados com Magalhães na organização eram os socialistas Aurélio Viana e Max José da Costa Santos. No âmbito das eleições estaduais, o PSB e o PTB aproximaram-se na Guanabara, após Moniz Bandeira e Edmundo Moniz dialogarem com o presidente do PSB, João Mangabeira. Na realidade, antes do próprio PTB se decidir por Magalhães, o PSB já lançara seu nome como candidato devido às negociações feitas pela família Moniz e pela Juventude Socialista.⁶⁰⁰ A organização defendeu amplamente os votos em Lott, Jango, Sérgio e também em um deputado para a constituinte nacional que lançou de seus quadros, Boris Nicolaevski.⁶⁰¹ O estudante da Faculdade Nacional de Direito se candidatou pelo PSB, tendo grande apoio do movimento estudantil, todavia não conseguiu ser eleito.⁶⁰²

Moniz Bandeira interagiu repetidamente com os trabalhistas para dar força a Magalhães. Um dos seus principais apoiadores foi o presidente do PTB no Rio de Janeiro Lutero Vargas, filho do ex-presidente. Tal personagem era uma presença constante durante a campanha, estando todos os dias na casa de Sérgio para dialogar.⁶⁰³ Nos momentos anteriores da convenção que definiria o candidato do PTB, Moniz Bandeira conversou com Lutero Vargas para convencê-lo a ajudar Sérgio e afastá-lo da tradicional aliança com o PSD.⁶⁰⁴ Lutero era o nome mais influente do trabalhismo carioca, conseqüentemente sua escolha seria a escolha do partido. Um contemporâneo afirmou que ele tinha 60% dos votos da convenção para definir o candidato a

⁵⁹⁸ Sobre as conexões de trabalhistas e socialistas nos anos 1960, cf. GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. *Semeando a democracia: a trajetória do socialismo democrático no Brasil*. Contagem: Palesa, 1995, p. 105-125.

⁵⁹⁹ TALARICO, José Gomes. *José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1982, p. 88.

⁶⁰⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 11. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁶⁰¹ Agradece-se a Samuel Pinheiro Guimarães que estudou com essa personagem e deu algumas pistas a seu respeito.

⁶⁰² O Semanário. Quem é Boris. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 30 de julho a 5 de agosto de 1960, p. 7.

⁶⁰³ Relato de Ana Maria Magalhães em 2020.

⁶⁰⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 12.

governador.⁶⁰⁵ Em outros termos, o alinhamento entre as personagens significou a vitória de Sérgio dentro do seu partido. Nessas eleições, o próprio Lutero disputou de maneira bem-sucedida uma vaga na assembleia constituinte estadual, Roland Corbisier também conquistou uma.

Além do PSB e do PTB, Magalhães contou com uma outra legenda como apoiadora: o PCB. Moniz Bandeira, que já se conectara com os comunistas no passado, dialogou com Luís Carlos Prestes para conseguir a sustentação de sua legenda. Existe uma foto do encontro na qual os dois estão sentados em um sofá.⁶⁰⁶ Em geral, quem negociava no PCB com os trabalhistas no Rio de Janeiro era o membro do Comitê Central Ivan Alves.⁶⁰⁷ No entanto, Moniz Bandeira, após conversar com alguns militantes graduados, dirigiu-se ao secretário geral. Inicialmente houve resistência por parte de Prestes que considerava Sérgio “radical demais”. Todavia, com a mobilização de todos os partidos de esquerda em favor de Magalhães, o PCB se integrou à campanha já no seu curso.⁶⁰⁸ A filha de Magalhães se lembra de uma visita que a antiga liderança tenentista fez ao seu pai para declarar seu apoio.⁶⁰⁹ Uma grande frente era composta em favor de Magalhães em oposição ao candidato de Lacerda.

A disputa foi acirrada, gerando vários enfrentamentos. Já existia uma oposição histórica entre o PTB e Carlos Lacerda, “o corvo” como era chamado pelos militantes trabalhistas. Tal contradição foi acirrada ainda mais pelo contexto da Guerra Fria que entrava em um dos seus momentos mais conturbados após a Revolução Cubana. Magalhães não queria constituir uma campanha exacerbando a disputa ideológica no primeiro momento, mas foi engolido pela situação devido às pressões do próprio partido, que assim queria proceder, e pela estratégia de Lacerda.⁶¹⁰

Por um lado, acusa-se Magalhães de ser “comunista”, “ateu”, conectando-lhe às heranças autoritárias do getulismo. Por outro, Lacerda era descrito como “terrorista”, “nazista” e “entreguista”. Um conflito explícito se esboçava e era incentivado pelas várias publicações da cidade. O *Última Hora* de Samuel Wainer por exemplo acusava Lacerda de ter formado uma milícia, chamada Clube da Lanterna, para perseguir o

⁶⁰⁵ TALARICO, *José Gomes*, op. cit., 1982, p. 88.

⁶⁰⁶ A foto pertence ao arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁶⁰⁷ Relato de Ivan Alves Filho em 2020.

⁶⁰⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 10-11.

⁶⁰⁹ SILVA, Roberto Bitencourt da, op. cit., 2017, p. 175. Relato de Ana Maria Magalhães em 2020.

⁶¹⁰ TALARICO, *José Gomes*, op. cit., 1982, p. 89-90.

candidato trabalhista.⁶¹¹ Lacerda, por sua vez, apelava constantemente para os sentimentos cristãos do eleitorado, dizendo que Sérgio era adepto do comunismo ateu. Questionamento que talvez se adequasse para outras lideranças de esquerda, mas não para Magalhães que colocou sua filha para estudar em escola de freiras.⁶¹²

Moniz Bandeira envolveu-se em um desses enfrentamentos. Em um momento da campanha, Magalhães questionou as propriedades de Lacerda, insinuando que enriquecera de maneira indevida. Desafiou-lhe a publicar a sua declaração de renda. Sérgio divulgou a sua esperando a reação do rival. Era um homem de poucas posses que não enriqueceu com a vida parlamentar, diferentemente do deputado da UDN que se tornara um homem rico. Lacerda reagiu de maneira inteligente, mudando de assunto e questionando o concorrente. Desafiou Magalhães para um debate na TV aberta no programa Noite de Gala de Flávio Cavalcanti. Retraído, Magalhães não se destacava nos discursos. Era um homem de bastidores, de mobilização e negociação, diferentemente da personalidade comunicativa de Lacerda. Moniz Bandeira acordou com Magalhães em ir ao programa levando uma carta para lá ser lida. Seu conteúdo era um conjunto de acusações ao rival. No dia, o assessor invadiu o programa gerando uma briga e gritaria. O apresentador não deixou a carta ser lida, enquanto que Lacerda calmamente declarava: “deixa o garoto falar”. No fim, nada foi feito.⁶¹³

O pleito foi realizado em 3 de outubro e poucos dias depois saíram os resultados, tanto da eleição estadual, quanto da presidencial. Uma série de surpresas ocorreram. No âmbito federal, o candidato a presidente da chapa PTB-PSD, Teixeira Lott, perdeu a eleição, vencendo Jânio Quadros. O inverso aconteceu na disputa para vice, João Goulart do PTB foi eleito derrotando Milton Campos da UDN. Na Guanabara, a disputa foi intensa, sendo o governador decidido por uma diferença de aproximadamente 20 mil votos. Carlos Lacerda elegeu-se e algumas situações no mínimo lhe favoreceram.

A fundamental é que um terceiro candidato, o deputado federal Tenório Cavalcanti, tinha um apelo político nos mesmos grupos sociais que Magalhães, atrapalhando sua campanha. Na lógica do pleito da quarta república, que não tinha regulamentação de segundo turno, essa presença foi fundamental para viabilizar a

⁶¹¹ Última Hora. Sérgio pede garantia de vida: terroristas da lanterna ameaça raptar-lhe a filha. *O Semanário*, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1960, p. 1-3.

⁶¹² Relato de Ana Maria Magalhães em 2020.

⁶¹³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 17-18. Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

vitória do deputado da UDN. No final, Cavalcanti alcançou 222 mil votos, nada menos que 23% dos votos válidos.

Outro assunto que mobiliza muitas dúvidas é o processo de contagem dos votos. Questiona-se a validade do pleito pois só foi permitida a entrada dos fiscais do partido de Magalhães no local de cálculo após três dias.⁶¹⁴ Algo que reforça o caráter duvidoso é um depoimento de Lacerda sobre a atuação do juiz da Justiça Eleitoral responsável por fiscalizar a eleição:⁶¹⁵

Também tenho aí gravado meu discurso de posse, no Palácio Tiradentes. Fui precedido por um discurso de um desembargador, o Homero Pinho, Presidente do Tribunal Eleitoral, que é o discurso mais estranho que já ouvi na minha vida. Eu não me lembrava mais dele e outro dia, como o Mário Fernandez o regravou, fui ouvi-lo no automóvel: é a coisa mais estranha do mundo, porque um magistrado, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador, fez um discurso mais parcial, mais aberto, a favor.

1.37 Rumo a Alemanha

As eleições foram no dia 3 de outubro e todas as apostas políticas que Moniz Bandeira fez nas suas organizações não deram certo. Magalhães não foi eleito na Guanabara e o candidato da Juventude Socialista perdeu. Todavia, o jornalista não teve muito tempo de sentir as primeiras mudanças políticas do país. No dia 17 de outubro, juntou-se a uma comitiva de jornalistas que foram conhecer a Alemanha Ocidental.

Era a primeira vez que Moniz Bandeira saía do continente americano, indo para a Europa. A viagem foi financiada pelo Departamento de Imprensa de Bonn⁶¹⁶ e junto de Moniz Bandeira foram Walter Poyares d'*O Globo*; Fernando Moreira de Castro da *Folha do Norte*; Aluísio Bonavides do *Panorama* e d'*O Povo*; Antônio Camelo do *Diário de Pernambuco*; Paulo Pessoa de Queiroz do *Jornal do Comércio*; Joaquim Alves da Cruz Rios d'*A Tarde*; João Etienne Filho d'*O Diário*; Pedro Aguinaldo Fulgêncio d'*O Estado de Minas*; Aluísio Blasi do *Diário da Tarde*; José Joaquim do *Estado do Paraná*; Hélio José Gonçalves da Rádio Paranaense; Henrique Lemanski da *Tribuna do Paraná* e do *Diário do Paraná*; Clio Fiori Druck do *Diário de Notícias*;

⁶¹⁴ SILVA, Roberto Bitencourt da, op. cit., 2017, p. 208.

⁶¹⁵ LACERDA, Carlos, op. cit., 1987, p. 257.

⁶¹⁶ O nome original do órgão é *Presse- und Informationsamt der Bundesregierung*.

Geraldo Mosser do *Jornal do Dia* e da *Revista Globo*; e Alceu Nascimento, fotorepórter freelance.⁶¹⁷

Moniz Bandeira conseguiu essa viagem a partir de uma indicação da embaixada da República Federal da Alemanha no Brasil, na pessoa do diplomata Hans Bayer. Na prática, quem lhe conseguiu a oportunidade foi seu amigo Erich Sachs, que estava trabalhando na embaixada alemã e o sugeriu ao embaixador.⁶¹⁸ O convite era uma tentativa de aproximar os dois países e divulgar a Alemanha para os brasileiros por meio da escrita dos jornalistas convidados.

Moniz Bandeira permaneceria por volta de 15 dias no país. Às 18 horas de 17 de outubro de 1960, partiu para a Alemanha em um avião da Lufthansa, ficando até o princípio do mês seguinte. No período, conheceu diversas cidades, como Bremen, Berlim, Bonn, Frankfurt e Heidelberg. Mesmo com a curta estadia, conseguiu remeter alguns artigos para o seu editorial no Brasil. A política e a economia alemã eram os assuntos que lhe despertaram interesse. Redigiu sobre a eleição para a Chancelaria, que ocorreria em 17 de setembro do ano seguinte, descrevendo a organização de uma disputa entre o Ministro da Economia Ludwig Erhard da União Democrata-Cristã e o jovem prefeito de Berlim Ocidental Willy Brandt do Partido Social Democrata. Naquele momento, o brasileiro acreditava em um retorno da Socialdemocracia ao poder, afirmando grandes chances para Brandt. Entretanto, a história demonstraria o erro de sua análise. Brandt concorreria e perderia para o chanceler Konrad Adenauer. Brandt e Erhard só disputariam em 1965, com este vencendo. Brandt, por sua vez, seria eleito em 1972.⁶¹⁹

Berlim foi-lhe fundamental. Na cidade, sentiu o peso da história. Redigiu em seu diário “capital sentimental da Alemanha, a capital de todas as Alemanhas” e “a chave que decidirá a sorte da Europa”.⁶²⁰ A expressão mais acabada dessa impressão foi uma notícia a respeito das divisões de Berlim. O muro ainda não havia sido construído, elevado a partir de 13 de agosto de 1961. Faltava aproximadamente um ano até os tijolos começarem a ser colocados.

⁶¹⁷ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Moniz Bandeira segue amanhã para Alemanha. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1960, p. 3. DIÁRIO CARIOCA. Alemanha leva 14 repórteres. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1960, p. 3.

⁶¹⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁶¹⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Erhard e Brandt lutarão pelo governo da Alemanha. *Diário de Notícias*, 18 de novembro de 1960, p. 1,8.

⁶²⁰ Na prática, trata-se de um punhado de folhas reunidas. O material está no arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Dessa forma, Moniz Bandeira pôde locomover-se livremente entre as partes socialista e capitalista, conversando com os moradores e tirando fotos. Relatou a diferença de vida da população em cada porção, tangendo a existência de fugas rumo a oeste por meio do metrô e afirmando que o padrão de vida dos orientais estava aproximadamente um terço inferior ao dos ocidentais, por mais complicado que seja taxar numericamente tal aspecto. A desvalorização de quatro vezes do marco oriental diante do ocidental auxiliava nesse processo. A estrutura física da cidade também trazia defasagens. Na República Democrática, existiam construções destruídas durante a Segunda Guerra Mundial, quarteirões inteiros. Na República Federal, inexistiam destroços, somente se percebia a guerra por causa de pequenos detalhes, como furos de balas em antigas paredes. As indústrias também destoavam, estando o lado capitalista significativamente mais industrializado.⁶²¹ As partes de Berlim impressionaram-lhe tanto que, mesmo após publicar esse primeiro texto, produziu uma reportagem para a revista *O Mundo Ilustrado* em dezembro do mesmo ano. Nessa publicação, expandiu as suas descrições, dispondo relatos e fotos.⁶²²

O comércio exterior entre Brasil e Alemanha também foi seu tema. A Alemanha teve momentos de aproximação e afastamento da economia brasileira no século XX. Desde 1953, quando a Volkswagen instalou-se em São Bernardo do Campo durante o governo Vargas, ocorreu um período de acercamento. Ainda como correspondente, Moniz escreveu a respeito das trocas comerciais entre Brasil e Alemanha a redigir, assim, em um momento de significativos fluxos. No texto, apresenta os dados de 1959 e 1960, expondo uma troca comercial superior a 400 milhões de marcos entre os dois países, obviamente que o superávit estava com a Alemanha em números que fluem de um ano ao outro de 150 milhões para 20 milhões de marcos.⁶²³

1.38 Fundação da POLOP

De volta ao Brasil, Moniz Bandeira atuaria menos jornalisticamente. A temporada de campanha agitou profundamente sua rotina. Todavia, houve um período de calma após as eleições, um certo marasmo até a posse em janeiro do ano seguinte.

⁶²¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Berlim-1960 é capital da tensão Leste-Oeste. *Diário de Notícias*, 22 de novembro de 1960, p. 1-8.

⁶²² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Guerra-Fria nas ruas. *O Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1960, p. 71-73.

⁶²³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Bonn na disposição de investir no Brasil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1960, p. 2.

Isso possibilitou uma reflexão sobre quais rumos tomaria na sua militância. Encontrava-se profundamente frustrado com o PSB, pois fora expulso da sigla pelo comitê estadual devido às suas ligações com o PTB. Foi acusado de estar conectado com os trabalhistas em vez de estar engajado com os socialistas.⁶²⁴

A sua ideia de conectar os socialistas e os trabalhistas oferecendo um conteúdo marxista desaparecia. A sua ligação com o PSB era contestada e logicamente a Juventude Socialista também. Nesse processo, reuniu-se com seu amigo Erich Sachs e, sabendo o que o colega estava planejando, decidiu engajar-se no seu projeto. Moniz Bandeira tinha um perfil mais individualista. Ficava mais concentrado nos seus projetos do que o amigo Erich Sachs. Desenvolvia diversas tarefas ao mesmo tempo levando a ter um contato episódico com Sachs.

Muito mais centrado e organizador, Sachs pensava em constituir uma frente de esquerda revolucionária reunindo militantes socialistas de diversas partes do Brasil.⁶²⁵ Sua visão cética para os partidos da esquerda brasileira era muito mais aprofundada do que a de Moniz Bandeira. Os laços sociais de Moniz Bandeira faziam ele ter uma visão mais positiva desses grupos. Necessário foi uma frustração para que optasse por assumir caminhos mais radicais. Sachs, por outro ângulo, jamais teve as ligações que o amigo cultivava, engajando-se mais facilmente em projetos próprios.

Para constituir seu objetivo, Sachs enviou para diversas organizações do país um documento convocando a “formação de um partido independente da classe operária”. O texto, assinado por Sachs em 24 de julho de 1960, além de criticar os partidos existentes, atacava o pensamento “desenvolvimentista”. Defendia a criação de uma organização partidária de cunho marxista, rompendo com as ideologias burguesas. Nesse movimento, assume Cuba como um modelo e não associa sua revolução a qualquer prática nacionalista.⁶²⁶ Em suma, colocava pautas comuns aos grupos que convergiriam na constituição da nova organização.

A partir disso, uma série de iniciativas foram feitas estando Moniz Bandeira envolvido. A mobilização resultaria no congresso de fundação da ORM, que acabou por ser conhecida por um resumo do nome do seu jornal *Política Operária*. O evento deu-

⁶²⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 2010, p. 14.

⁶²⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁶²⁶ MARTINS, Ernesto. Convocatória para o 1º congresso da POLOP. In: FALCÓN, Pery; MIRANDA, Orlando. *Polop: uma trajetória de luta pela organização independente da classe operária do Brasil*. 2º ed. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2010, p. 21-32.

se em um espaço chamado Palácio da Uva em Jundiaí, cidade nas proximidades de São Paulo capital,⁶²⁷ entre os dias 16 e 19 de janeiro de 1961.⁶²⁸

Diversos grupos estavam presentes, no entanto foram três os fundamentais que constituíram a base da organização: a Mocidade Trabalhista de Minas Gerais, a LSI de São Paulo, as Juventudes Socialistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.⁶²⁹ Aponta-se também a presença do POR, no entanto se deve fazer alguns apontamentos a respeito. Questionou-se diversos antigos membros da organização trotskista e nenhum se recordava de estar presente ou de ter debatido sobre essa possível fusão.⁶³⁰ O militante de Minas Gerais Otavino Alves da Silva relatou com certa incerteza que o jornalista Luiz Pilla Vares foi o representante dos trotskistas.⁶³¹ Sua presença é improvável porque, em depoimento ao professor Murilo Leal, Pilla declara que somente no final de 1962 ingressaria no POR.⁶³² Somente mais tarde Pilla se integraria a uma das organizações que se originaram da POLOP nos anos 1970.

Michael Löwy por exemplo não recorda de nenhum trotskista na oportunidade.⁶³³ Moniz Bandeira, por sua vez, dispõe que o representante dos trotskistas era José Maria Crispim, antigo militante do PCB que fora expulso do partido no início dos anos 1950.⁶³⁴ De fato, Crispim se integrara ao POR na metade dos anos 1950, mas antes mesmo da década acabar já tinha rompido com os trotskistas após uma conturbada passagem em suas fileiras.⁶³⁵ A animosidade dessa experiência é relatada por Guillermo Almeyra, um dos principais articuladores que vieram do exterior para organizar o POR no Brasil, em suas memórias.⁶³⁶ Dessa maneira, provavelmente em movimento mnemônico diversos membros da POLOP anunciaram a presença dos trotskistas a partir

⁶²⁷ GUIMARÃES, Juarez. Entrevista Emir Sader. *Revista Democracia Socialista*, n. 1, dezembro de 2013, p. 9.

⁶²⁸ MARTINS Ernesto. Introdução. *Marxismo Militante*, edição especial: 20 anos, 1981, p. 61-81.

⁶²⁹ REIS, Daniel Aarão. A formação da organização revolucionária Marxista - Política Operária. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org). *Revolução e democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 55-56. MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da Revolução Socialista. A trajetória da POLOP (1961-1967). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *História do marxismo no Brasil: Partidos e organização dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 197-198.

⁶³⁰ Relatos de Tullo Vigevani, Leôncio Martins Rodrigues, Claudio Antônio de Vasconcelos Cavalcanti e Hersch Basbaum em 2020.

⁶³¹ “O Pilla Vares parece que foi um dos delegados da fundação da Polop”. POMAR, Walter. Otavino Alves da Silva. *Teoria e Debate*, n. 24, 1994. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1994/03/01/otavino-alves-da-silva/>. Acesso em 11/11/2020.

⁶³² LEAL, Murilo. *À esquerda da esquerda*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 214.

⁶³³ Relato de Michael Löwy em 2020.

⁶³⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁶³⁵ LEAL, Murilo, op. cit., 2003, p. 86-87.

⁶³⁶ ALMEYRA, Guillermo. *Militante crítico: una vida de lucha sin concesiones*. Buenos Aires: Continente, 2013, p. 151-153.

da participação do grupo de Crispim. Entretanto, tratava-se de uma personagem que não tinha qualquer organização naquele momento e encontrava-se em movimento de aproximação do PCN de Agildo Barata.

Como observadores, havia dois integrantes do Praxis y Movimiento de Izquierda Revolucionaria, Sívlio Frondizi e Marcos Kaplan.⁶³⁷ Otavino Alves da Silva rememora a presença de um “grupo de espanhóis”. Deve se referir a essas duas personagens na realidade, pensando na língua em que se comunicavam.⁶³⁸ É um pouco difícil estabelecer com exatidão como os argentinos chegaram ao congresso. Todavia, havia vinculações entre Frondizi e Michael Löwy desde os anos 1950. O brasileiro trocava correspondências com o argentino desde os anos 1950, mandando-lhe as publicações da LSI e recebendo alguns dos seus livros.⁶³⁹

O que sobrou do arquivo de Frondizi está disponível para consulta na Biblioteca Nacional da Argentina. Após sua verificação não se encontrou nenhum indicativo dessa interação cultivada com Löwy: não há correspondência, nem jornais da Liga. Só duas cartas são destinadas ao Brasil e nada tem a ver com sua militância política. O professor Horacio Tarcus, autor de um estudo biográfico do argentino, relatou que tal homem foi assassinado por uma organização paramilitar de extrema direita chamada Triple A. Além de atentar contra sua vida, os milicianos destruíram parte significativa do seu patrimônio, acabando com livros, correspondências e outros materiais.⁶⁴⁰ Apenas uma parte se preservou, provavelmente as cartas de Löwy se perderam nesse processo.

De qualquer maneira, mais importante do que a presença física de Frondizi foi a sua influência intelectual no grupo. No sentido que foi o primeiro a constituir um movimento na América Latina declaradamente marxista sem se vincular ao trotskismo e ao comunismo. Havia tal horizonte na Europa com August Thalheimer, referência

⁶³⁷ Relato de Emir Sader em 2020. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. __. Asilo de Erich Sachs. Documentos do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Um relato de Michael Löwy foi coletado, todavia ele só se recorda da presença de Kaplan e não de Frondizi.

⁶³⁸ POMAR, Walter. Otavino Alves da Silva. Teoria e Debate, n. 24, 1994. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1994/03/01/otavino-alves-da-silva/>. Acesso em 11/11/2020.

⁶³⁹ “Un breve testimonio personal será ilustrativo del impacto de la obra de Silvio Frondizi más allá de las fronteras de la Argentina. En los años 1956-1960 pertencí a una pequeña agrupación de inspiración luxemburguista, la Liga Socialista Independiente, que consideraba al MIR-Praxis argentino como su organización hermana. Durante años envié a Silvio Frondizi nuestras publicaciones y en cambio – un cambio muy desigual –, él me mandó regularmente sus principales libros. El descubrimiento de este pequeño tesoro cultural argentino provocó en mí una impresión profunda y duradera. Aprendí muchísimo con esos libros, no sólo sobre la realidad argentino o cubana, sino ante todo sobre el socialismo en su dimensión humana universal. Hasta hoy, una parte de mis ideas políticas y sociales tiene sin duda su origen en estos escritos”. LÖWY, Michael. Prologo. In: TARCUS, Horacio. *El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996, p. 12.

⁶⁴⁰ Relato de Horacio Tarcus em 2019.

constante de Erich Sachs. Todavia, tal horizonte era muito pouco palpável para os militantes brasileiros.

Todos decidiram constituir a POLOP, com exceção do grupo de Crispim, que recusaram prontamente,⁶⁴¹ e de uma ala da LSI. Desse segundo grupo, Hermínio Sacchetta e Alberto Luiz da Rocha Barros optaram por não se integrar, enquanto que os outros membros, como Michael Löwy, Paul Singer, Eder e Emir Sader, Gabriel Cohn etc. ingressaram. As ligações de Sacchetta com a família Moniz de São Paulo eram muito fortes, fazendo o primo de Luiz Alberto não participar da nova iniciativa. Sacchetta provavelmente era o mais velho e experiente daquela reunião. Detentor de espírito mais autônomo diante daquele conjunto de jovens, optou por não entrar. Há de se considerar também um certo conflito, uma antipatia, que Sacchetta cultivava por Sachs.⁶⁴² Esse distanciamento resultaria na criação de uma outra organização por parte da antiga liderança trotskista em 1966: o Movimento Comunista Internacionalista. Entre seus membros, estariam Alberto Luiz da Rocha Barros e o seu irmão mais novo Elias.⁶⁴³ O “projeto de programa” da organização pode ser consultado na coletânea *O Caldeirão das Bruxas*.⁶⁴⁴

Além desses quatro grupos majoritários, houve um pequeno grupo da Juventude Socialista da Bahia presente. Seu representante era Wilson Peixoto. O estado teve duas células, uma em Salvador e outra em Ilhéus.⁶⁴⁵ O primeiro grupo fora criado em 1959 a partir de iniciativa de Moniz Bandeira⁶⁴⁶ e teve alguma penetração nos sindicatos dos bancários por causa da atuação de Peixoto. Tal personagem era o presidente do sindicato dessa categoria e conseguiu mobilizar um grupo de aproximadamente 30 bancários entre funcionários do Banco Econômico e do Banco do Nordeste.⁶⁴⁷ O grupo de Salvador também apresentou alguma influência no seio do movimento estudantil, algo muito comum na POLOP. Diversos dos seus membros eram estudantes da UBA

⁶⁴¹ Perguntou-se para diversos militantes trotskistas se eles participaram desse encontro, todavia nenhum falou que lá esteve. Relato de Leôncio Martins Rodrigues, Tullo Vigevani, Boris Vargaftig e Boris Fausto em 2020.

⁶⁴² Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017. Relato de Vladimir Sacchetta em 2020.

⁶⁴³ Relato de Elias da Rocha Barros em 2020.

⁶⁴⁴ SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas: Unicamp; Pontes, 1992, p. 113-114.

⁶⁴⁵ Sobre os dois grupos, cf. as memórias do militante de Salvador Orlando Miranda. MIRANDA, Orlando. Fragmentos de memória da POLOP na Bahia. Disponível em <http://centrovictormeyer.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Fragmentos-de-mem%C3%B3ria-da-Polop-na-Bahia.pdf>. Acesso em 13/11/2020.

⁶⁴⁶ Newton Macedo. Bahia: Manifesto (de Fundação) da J. S. Rio de Janeiro, *O Semanário*, 13 a 19 de junho de 1959, p. 9.

⁶⁴⁷ Relato de Wilson Peixoto coletado por Pery Falcón em 2009. Agradece-se a Falcón por ter compartilhado suas anotações do diálogo com Peixoto.

como José Luiz Pamponet Sampaio. Trata-se de um estudante de sociologia que mais tarde se tornaria docente da UBA e autor de estudo sobre a industrialização da Bahia.⁶⁴⁸ Dois universitários que ingressaram na POLOP após o golpe de 1964 eram os estudantes de agronomia, Amilcar Baiardi, e o de engenharia, Pery Falcón.⁶⁴⁹

A organização constituída em Jundiáí jamais alcançaria penetração social significativa. Em grande medida, era uma reunião de jovens estudantes, jornalistas, professores, havendo pouquíssimos operários no seu meio. A investigação de Marcelo Ridenti sobre os processados pelo governo militar após o golpe de 1964 dá um indicativo da composição social da organização: mais de 40% eram estudantes e professores e menos de 5% eram operários.⁶⁵⁰ Somente em Minas Gerais a POLOP chegaria a ter algumas ligações com o movimento campesino e operário e já na antessala do golpe de 1964 teria uma conexão com os marinheiros radicalizados devido à aproximação que desenvolveria com Leonel Brizola.

A POLOP se destaca mais por suas características intelectuais: por alguns projetos editoriais, pelos atores que reúne e forma, pela contestação às esquerdas tradicionais e pelas referências que coloca em circulação. Trata-se de um grupo que se afirmava de esquerda marxista revolucionária e evitava horizontes derivados da tradição bolchevique. Apesar da acusação de serem “trotskistas envergonhados”⁶⁵¹ e alguns dos seus membros apresentarem ligações teóricas e sociais com essa linhagem, dispunham formas de organização que mais se aproximavam das posições postas por Rosa Luxemburgo. A POLOP não teve qualquer estatuto, direção ou comitê até o golpe de 1964, dando grande autonomia para os seus núcleos.⁶⁵² Evita-se qualquer forma de organização que remetesse aos predicados bolcheviques de centralismo democrático. É possível ir até mais longe nesse sentido. As experiências ruins que a Mocidade Trabalhista e a Juventude Socialista tiveram com o PTB e o PSB levaram-nas a desenvolver uma resistência às formas verticais da organização partidária.

⁶⁴⁸ SAMPAIO, José Luiz Pamponet. *A inserção da Bahia na evolução nacional (1850-1889)*. Salvador: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, 1978.

⁶⁴⁹ Relato de Amilcar Baiardi e Pery Falcón em 2020.

⁶⁵⁰ RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. 2º ed. São Paulo: Unesp, 2010, p. 275-282.

⁶⁵¹ GARCIA, Marco Aurélio. Na história da PO um pouco de história da esquerda brasileira. In: KAREPOVS, Dainis. *Notas para uma história dos trabalhadores*. São Paulo: IMAG; Fundação Perseu Abramo, 2019, p. 116.

⁶⁵² “Congresso de Jundiáí não aprovou qualquer estatuto, muito menos com base no princípio do centralismo-democrático. A ORM-POLOP não teve nenhum comitê-central até o golpe militar de 1964”. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Em certa medida, essa liberdade, essa falta de coesão, acarretava a ausência de uma posição diretiva estabelecida. Na prática, isso significava que cada um dos seus núcleos regionais possuía grande autonomia para decidir o que seria realizado. Não se quer dizer total liberdade. Havia algumas consignas que atravessavam os grupos de cada região e projetos em comum. Existiam muitas POLOPs até o golpe de 1964, todas marxistas, pró-Cuba, críticas ao nacionalismo, embora algumas mais do que outras. Com a ruptura institucional, constitui-se um órgão mais centralizador e se há mais claro determinados projetos e diretrizes. Obviamente que no processo muitos dos seus membros seriam removidos. Na prática, havia um projeto capitaneado por Erich Sachs no Rio de Janeiro, por Theotônio dos Santos em Minas Gerais, pelos irmãos Sader em São Paulo que se mantinha em acordo. Um equilíbrio de diversas intenções convergentes e outras divergentes.⁶⁵³

Comparando-se com o PCB, a POLOP pré-1964 é um guarda-chuva de organizações de esquerda radicalizadas com poucos mecanismos para se uniformizar. O PCB, por sua vez, reunia uma série de indivíduos no seu interior, alguns mais radicalizados do que outros. Todavia, a sua forma de exercer a política era muito mais rígida do que a POLOP, acarretando um exercício que dava paradigmas de ação claros. Se alguém saísse da linha logo era tolhido por terem mecanismos responsáveis por essa função. Um partido com comitê central e centralismo democrático acarreta o estabelecimento de balizas de comportamento mais claras. A ausência de uma direção fixa, de um ponto convergente permanente, produz reações mais lentas ou que demoram para se aglutinar diante de uma divergência. Em outros termos, o PCB e mesmo outros partidos não marxistas que tem direção nacional poderiam ser entendidos como uma forma de governo centralista, apelando para uma comparação na construção republicana, enquanto que a POLOP tendia mais para um federalismo.

É preciso não cair em uma ilusão biográfica atribuindo a Moniz Bandeira um papel de agência fundamental nesse complexo de disputas.⁶⁵⁴ Tal posição estaria plenamente equivocada. Moniz Bandeira foi um dos promotores, junto de outros militantes da Juventude Socialista do Rio de Janeiro que consolidaram e aprofundaram conexões já existentes. Sua personalidade tendia a um certo individualismo, não se comprometendo constantemente com formas de organização coletiva. Não era um

⁶⁵³ Deve-se a Pery Falcón tal consideração.

⁶⁵⁴ Realiza-se referência aos problemas revelados e debatidos por Pierre Bourdieu em *L'illusion biographique*. BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographique*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 1986, p. 69-72.

organizador. Atentava-se em um momento de sua vida ao jornalismo, em outro a arte e assim em diante, reservando pouco tempo para o movimento.

Sachs em primeiro plano foi o principal articulador, preocupando-se mais extensivamente em moldar laços sociais. Em grande medida, foi um ponto de referência comum para diversos membros. Há algumas menções que destacam o seu papel de predominância. Theotônio dos Santos relembra sua relevância,⁶⁵⁵ ensinando detalhes da história e da teoria marxista para os outros membros.⁶⁵⁶ Taxa-lhe como “verdadeiro inspirador da POLOP”.⁶⁵⁷ Todavia, dos Santos também foi lembrado como um agente importante, passando grande parte do seu dia buscando quadros para a organização.⁶⁵⁸ Ruy Mauro Marini ressalta a influência que recebeu de Sachs.⁶⁵⁹ Emir Sader, por sua vez, destaca Marini e Sachs como as figuras fundamentais da organização.⁶⁶⁰

Por outro lado, Simon Schwartzman reconhece a importância de Sachs no âmbito organizativo e a sua cultura marxista, mas apresenta reservas na sua capacidade de compreensão da realidade brasileira.⁶⁶¹ Michael Löwy por exemplo jamais lhe deu destaque em seus depoimentos. Sachs estava longe de ser uma figura unânime. Procurar uma figura centralizadora e hegemônica na POLOP nos seus primeiros anos não é mais do que um equívoco analítico. Trata-se de um empreendimento social com algumas personagens mais influentes do que outras. Existia inclusive concorrências entre elas. Até mesmo o PCB, partido marcado por uma rigidez hierárquica, apresentava disputas de liderança em seu interior, jamais Prestes foi uma figura unânime.

⁶⁵⁵ SCHWARTZMAN, Simon. *Falso mineiro: memórias da política, ciência, educação e sociedade*. Rio de Janeiro, Intrínseca, no prelo.

⁶⁵⁶ SANTOS, Theotônio dos. Entrevista com Theotônio dos Santos. Disponível em: https://ceppes.org.br/revista/versao-impressa/4/copy_of_entrevista-com-theotonio-dos-santos. Acesso em 30/10/2020.

⁶⁵⁷ SANTOS, Theotônio dos. Memorial. O texto foi passado ao pesquisador pelo próprio Theotônio dos Santos em 2017.

⁶⁵⁸ VIANNA, Martha. *Uma tempestade como a sua memória: A história de Lia, Maria do Carmo Britto*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 25.

⁶⁵⁹ MARINI, Ruy Mauro. Memória: por Ruy Mauro Marini. In: STEDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta (org.). *Ruy Mauro Marino: Vida e Obra*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 60.

⁶⁶⁰ “Sachs era importante, o Ruy Mauro era importante. Um com conhecimento empírico do Brasil, outro com conhecimento do movimento comunista internacional”. GUIMARÃES, Juarez, op. cit., 2013, p. 10.

⁶⁶¹ Relato de Simon Schwartzman em 2020. “A figura central desses encontros era Erich Sachs, que, soube mais tarde, era um judeu austríaco que viera para o Brasil nos anos 40, após uma longa e complicada história de militância na Rússia, Áustria e Espanha. Erich parecia conhecer a fundo os diferentes grupos e as dissidências da esquerda na Europa do pré-guerra, e tudo o que se passava no Brasil era interpretado por ele tomando como padrão essas correntes. Suas análises me pareciam inusitadas, tanto pela erudição que demonstrava quanto pela enorme distância que eu sentia entre o que ele dizia e a realidade do Brasil”. SCHWARTZMAN, Simon. *Falso mineiro: memórias da política, ciência, educação e sociedade*. Rio de Janeiro, Intrínseca, no prelo.

Capítulo VII. Jânio Quadros

1961 iniciou-se com uma grande atividade que foi a fundação da ORM. No entanto, Moniz Bandeira pouco atuou para o grupo naquele ano após esse significativo evento. Atentou-se mais extensivamente para sua carreira de poeta nos primeiros meses do ano.

1.39 Lírico

Logo após a fundação da ORM, publicou uma longa poesia no encarte da UME *O Metropolitano* editado conjuntamente com o *Diário de Notícias*.⁶⁶² O poema intitulava-se “Ode a Cuba” e era uma defesa entusiasmada da revolução em verso moderno. A ilha caribenha já decretara a reforma agrária, aproximara-se da URSS, contestara os EUA nacionalizando uma série de grandes negócios de proprietários desse país e sofrera as primeiras medidas de embargo econômico. O caráter socialista do novo governo ainda não tinha sido anunciado, mas ainda assim aqueles eventos geraram um profundo engajamento da esquerda brasileira. Foi nessa esteira que Moniz Bandeira publicou sua poesia em 22 de janeiro de 1961.

Ode a Cuba

a ti
estrela de cinco pontas
que
 desponta
rosa do mar
vermelha
que se revela
estrela de cinco pontas
a ti
rosa estrela
que desponta
ilha
de
cinco pétalas
estrela no mar
que vela
rosa
desponta
vermelha
a ti
ilha

⁶⁶² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Ode a Cuba. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1961, p. 12.

que se revela
 estrela de cinco pontas
 a ti
 que todos buscam
 na tempestade
 acalanto e canto
 de esperança
 que desponta
 vermelha
 estrela de cinco pontas
 ilha rosa
 liberdade
 a ti
 estrela de cinco pétalas
 rosa vermelha
 que vela
 ilha na tempestade
 a ti
 sangue vida
 cinco pontas
 rosa estrela contra sombras
 a
 ti
 sangue
 patas e botas
 cinco pontas contra sombras
 a ti
 estrela que desponta
 braços dados
 aqui
 estamos
 armas ao ombro

estrela de cinco pontas
 aqui
 estamos
 me te ferem
 me te pisam
 estrela de cinco pontas
 aqui estamos
 armas ao ombro
 lado a lado
 tempestade que desponta
 ilha de cinco pétalas
 que
 vela
 vermelha ao mar
 aqui estamos
 de pé
 estrela de cinco pontas
 a ti
 música e metralha
 acalanto e pranto e pedra sobre
 pedra e
 pedra contra pedra
 pedra e pedra contra pedra
 metralha por metralha
 música e pranto
 ilha rosa
 estrela

e
 canto
 da tempestade
 a
 ti
 nossas vidas
 e sangue e vela
 cinco pontas
 de
 esperança
 que aponta no mar
 vermelha
 a ti
 estrela da liberdade
 rosa de cinco pétalas
 tempestade
 que sacode
 terra e mar a céus e ventos
 a ti
 estrela e rosa
 canto e ode
 revolução
 patas e botas contra o peito.

belas para as que te pisem
 ilha
 rosa
 que desponta
 estrela

 dizei o nome
 que
 depois
 camponeses desceram montanhas
 passo a passo
 e se mãos
 estendem
 operários
 nas fábricas
 ilha de cinco pétalas
 rosa da tempestade
 estrela para os povos
 desponta
 sombras
 das serras ao mar
 ondas contra ondas
 estrela de cinco pontas
 continente
 que levanta e canta
 canto e ode
 da liberdade
 na ilha de cinco pétalas
 a ti
 rosa estrela
 que desperta
 e
 aponta
 esperança nas estradas
 armas ao ombro
 contra sombras

marinheiros da madrugada
 vêde
 que desponta
 no
 azul
 estrela de cinco pontas

★

paredão aos que te pisem
 paredão
 paredão
 ilha rosa
 estrela que
 vermelha
 desponta e desperta
 aos que te pisem
 patas e botas
 estrela de cinco pontas
 aos que te pisem
 rosa que
 se
 desvela e vela
 vermelha
 rosa
 aos que te pisem
 paredão
 estrela
 que se revela
 e
 desponta
 rosa de cinco pontas
 balas e metralhas
 paredão aos que te pisam

★

a ti
 estrela
 e
 vela
 vela de nossas vidas
 estrela
 de
 infinitos
 que
 desponta
 e aponta
 luz
 vela nas sombras
 esperança
 e tempestade
 a ti
 estrela rosa
 ilha de cinco pétalas
 liberdade
 ainda que sangue
 patas e botas contra o peito
 liberdade
 estrela
 que vermelha
 desponta
 balas e metralha se te ferem
 garras

rosas que buscamos
 braços dados
 na noite
 pão
 para os que tombam
 punhos contra correntes
 liberdade
 estrela
 de
 cinco pontas
 que desponta
 ilha
 que se revela
 e
 vela
 estrela de cinco pontas

Essa publicação não permaneceu exclusivamente nas páginas de jornal. O texto foi expandido e se tornou um panfleto da editora Germinal do anarquista Roberto das Neves. *Ode a Cuba* apareceu no final de maio.⁶⁶³ A capa foi desenhada pelo irmão de Luiz Alberto, Carlos Augusto, personagem que estava fazendo carreira como pintor nas academias de belas artes do país. O editor não tinha dinheiro para edificar a publicação e o jornalista tampouco. Para viabilizá-la, Moniz Bandeira solicitou ao poeta Augusto Frederico Schmidt um empréstimo e esse entregou-o sem nem se preocupar que fim teria o dinheiro.⁶⁶⁴

Moniz Bandeira não foi o primeiro a dedicar um livro de poesias a Cuba na realidade brasileira. No ano anterior, o médico e escritor Jamil Almansur Haddad publicara um *Romanceiro Cubano* e no ano seguinte lançou um livro comparando a revolução cubana com uma suposta revolução brasileira que estava em construção.⁶⁶⁵ A ilha caribenha estava afetando o imaginário de muitas personagens.

Ode a Cuba contou com algumas reações nos meios jornalísticos. O escritor e crítico literário do *Última Hora* e do *Correio da Manhã* Renard Perez redigiu um texto elogiando a construção, destacando a capacidade do autor de articular suas convicções políticas com o lírico.⁶⁶⁶ Não era a primeira vez que Moniz Bandeira combinava esses dois âmbitos e não seria a última em 1961.

Ode a Cuba nos mostra, antes de tudo, a posição de adesão do poeta baiano ao movimento de Fidel Castro. É um trabalho eloquente pelo seu conteúdo social e humano. Mas é claro que não estaria na pura e simples posição do poeta o mérito do trabalho, e sim na maneira como ele soube realizá-lo

⁶⁶³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ode a Cuba*. Rio de Janeiro: Germinal, 1961.

⁶⁶⁴ Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2017.

⁶⁶⁵ HADDAD, Jamil Almansur. *Romanceiro Cubano*. São Paulo: Brasiliense, 1960. ___. *Revolução Cubana e Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

⁶⁶⁶ PEREZ, Renard. *Ode a Cuba*. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1961, p. 10.

literalmente. *Ode a Cuba* é poesia – e da melhor qualidade, onde conteúdo humano e artístico de ajustam intimamente. Com suas belas imagens, suas repetições de litania, seus símbolos, suas conquistas formais, o poema conserva, em suas dezesseis páginas, a melhor essência poética; é um trabalho denso e sofrido. Tem, por outro lado, o poema uma qualidade que muito o valoriza. Moniz Bandeira não se deixou levar pelo arrebatamento, tão comum nesse tipo de poema – e tão perigoso. E não residirá, nessa contenção, muito da emoção que a obra nos transmite?

Ainda em maio a crítica literária e militante comunista Eneida de Moraes, que assim como Moniz Bandeira trabalhava no *Diário de Notícias*, fez um pequeno apontamento na sua coluna:⁶⁶⁷

Saiu é uma beleza o livro de Moniz Bandeira intitulado ‘Ode a Cuba’, um poema que reafirma não apenas as qualidades poéticas do autor – sempre louvadas pela crítica –, mas também as suas qualidades de caráter, que é jovem e levanta sua voz de homem e de poeta louvando Cuba e sua independência. Uma beleza.

Em julho, uma vez mais aparecia uma publicação de Eneida com presença de Moniz Bandeira. Dessa vez, a crítica entrevistou o rapaz para entre outras coisas perguntar o que lhe incitou a redigir *Ode a Cuba*. O jornalista responde e uma vez mais apresenta uma visão de arte profundamente engajada com a política.⁶⁶⁸

Nenhum intelectual pode viver alheio aos episódios que marcam a nossa época e que decidirão o nosso destino, o destino da humanidade e do mundo. A revolução de Cuba toca a mim como a todos nós que aspiramos por um lugar ao sol, que desejamos e lutamos pela libertação econômica e social do homem. Abriu novas perspectivas para a causa do socialismo e assinala novo ascenso mundial das massas. Sentir-me-ia inútil, escrevendo baladas de amor numa hora em que a brutalidade imperialista ameaçava ostensivamente (o que aliás, continua) a revolução de Cuba, que é a nossa revolução, sofrida na nossa carne e na nossa alma. Todos os meus sentimentos acompanham, assim, a minha consciência socialista. Assim escrevi *Ode a Cuba*. Se estamos num mundo, com todos os seus conflitos, esse mundo está também dentro de nós. E ele refletiremos, quer fugindo quer enfrentando a sua dura realidade.

O crítico do *Correio da Manhã* José Condé anunciou no seu espaço o aparecimento de *Ode a Cuba* e publicou uma nota de Moniz Bandeira a respeito de sua produção:⁶⁶⁹

A voz de Cuba, hoje, é a voz do bloco das nações famintas, e o revolucionário cubano atualmente fala – com muita eficiência – em nome desse bloco. O que os cubanos dizem e fazem, hoje, outros povos famintos da América Latina vão dizer e fazer amanhã. Essa perspectiva não é uma pretensão ou uma ameaça cubana. É uma possibilidade. Na África, na Ásia e na América Latina, o povo que está por trás dessa vez se torna mais forte,

⁶⁶⁷ ENEIDA. Sem água e sem pão. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1961, p. 2.

⁶⁶⁸ ENEIDA. Conversa com o poeta Moniz Bandeira. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1961, p. 2.

⁶⁶⁹ CONDÉ, José. Escritos e Livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1961, p. 2.

numa espécie de fúria até então ignorada. Como nações, são jovens: para elas, o mundo é novo.

O militante comunista Rui Facó enxergou com entusiasmo a publicação. Anos antes Facó chegara a fazer críticas à Juventude Socialista, condenando seu radicalismo. Nessa nova oportunidade, elogiou individualmente Moniz Bandeira pela radicalidade de sua poesia. A conjuntura havia mudado.⁶⁷⁰

Ode a Cuba, de Moniz Bandeira, recentemente publicado, não é um livro, é apenas um poema. No entanto, mostra que a chama da revolução continua acesa e ninguém conseguirá extingui-la. *Ode a Cuba* une o ardor da juventude do poeta ao ardor da revolução iniciada em nosso continente. Podemos discordar da forma em que o poeta expressa seu entusiasmo pelo feito do povo cubano, mas não podemos negar-lhe inspiração poética. Moniz Bandeira possui qualidades de bom poeta, aquele em que a poesia brota naturalmente, algumas vezes torrencial. Sua poesia é parte do profundo sentimento de simpatia que nutre o povo brasileiro pela revolução cubana. Mas não se resume a traduzir este sentimento: estimulá-lo. Assim, também com poetas, como um Nicolas Guillén em Cuba é que se geraram as forças revolucionárias que depois Fidel Castro comandou para a vitória. Os anseios de transformação revolucionária, estão entre nós. Moniz Bandeira encontra-se entre os que sabem captá-los e transmiti-los. Sua *Ode a Cuba* é um canto à revolução na América.

Há um indicativo mnemônico de Moniz Bandeira⁶⁷¹ e uma notícia de jornal⁶⁷² de que sua poesia teria sido traduzida ao espanhol pelo poeta e funcionário da embaixada de Cuba no Brasil Felix Pita Rodriguez e lido pela Rádio Rebelde durante o primeiro de maio de 1961 cubano. A tradução teria aparecido na tradicional revista de Havana *Bohemia*. O contato com a embaixada era existente. Moniz Bandeira relatou que tinha amizade com o embaixador cubano no Brasil, Joaquín Hernández Armas. A origem dos vínculos se mostra um pouco difícil de precisar. O sucessor de Armas, Raul Roa Kouri, relatou que a vinculação da embaixada com o movimento estudantil era significativa quando lá chegou para trabalhar em 1963. Foi nesse contexto que teve o primeiro contato com Moniz Bandeira e uma série de outros jovens.⁶⁷³

No entanto, após verificação de todas os volumes da *Bohemia* do ano de 1961, não se encontrou a versão em espanhol.⁶⁷⁴ Há de se considerar também que não há

⁶⁷⁰ R. F. *Ode a Cuba*. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1961, p. 5.

⁶⁷¹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁶⁷² “Ode – (Havana) – Anuncia-se que será publicada pela revista ‘Boêmia’, dessa capital, o poema de autoria do poeta brasileira Moniz Bandeira, intitulado ‘Ode a Cuba’, em que se exalta os feitos da revolução de Fidel Castro. A ‘Ode a Cuba’ já foi lida pela Rádio Rebelde de Havana, durante os festejos de 1º de maio”. Última Hora. Teletipo. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1961, p. 6.

⁶⁷³ Relato de Raul Roa Kouri em 2017.

⁶⁷⁴ Quase todos os volumes da revista podem ser consultados no site da Digital Library of the Caribbean <https://dloc.com/UF00029010/00001/allvolumes>. Acesso em 16/11/2020.

indicativo de que Felix Pita Rodriguez trabalhou no Brasil, pelo menos não existe nenhuma citação nos jornais da época. O estudioso das relações bilaterais Brasil e Cuba Gustavo Henrique Marques Bezerra tampouco cita tal personagem em seu trabalho.⁶⁷⁵ Na realidade, aparentemente o filho do poeta Rodriguez – Félix Pita Astudillo – teria servido no Brasil entre 1961 e 1962 como “encarregado cultural”.⁶⁷⁶ O que demonstra um possível caminho. Moniz Bandeira pode ter confundido o filho com o pai e ter ouvido que seu texto seria vertido e divulgado em Cuba como um projeto de divulgação da missão diplomática. De qualquer maneira, o texto jamais se edificou, havendo muitas incertezas que envolvem tais memórias. Há também uma notícia de novembro de 1961 de que o livro *Ode a Cuba* seria traduzido para o russo por “iniciativa da associação de escritores da URSS”,⁶⁷⁷ mas não existem indicativos de que tal projeto tenha se edificado.⁶⁷⁸

As práticas ligadas a poesia seriam diversas naquele ano. Além de publicar um poema profundamente engajado com a causa cubana, também editaria nas páginas do *Diário de Notícias* alguns poemas mais voltados à construção lírica com uma pontual exceção. Em 12 de março, publicou um soneto intitulado “Nascimento do poeta” e em 18 de junho lançou “Pasto”.⁶⁷⁹

Nascimento do Poeta

horas marcando e a vida amadurece
onde o tempo agoniza com o afã do
ser que se forma e que prepara a messe
luz sobre mar as águas fecundando

sofrido ventre gesta mesmo até se
funda aflição contorce o tronco quando
raiz rasga a terra ao sol e ao vento cresce
na procura do céu aves em bando

o crepúsculo cai e assim no mar
no calor das areis onde o amor
no silêncio gerou a luz que foge o

poeta – entre sombras sobre o mundo – ali a

⁶⁷⁵ BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Da Revolução ao reatamento: a política externa brasileira e a questão cubana (1959-1986)*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.

⁶⁷⁶ Tribuna da Imprensa. Cuba está vivendo suas horas trágicas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1962, p. 3.

⁶⁷⁷ CONDÉ, José. Escritores e Livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1961, p. 2.

⁶⁷⁸ Consultou-se a Biblioteca Nacional da Rússia e não se localizou nenhuma referência a tal texto.

⁶⁷⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Nascimento do Poeta. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de março de 1961, p. 5. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Pasto. *Diário de Notícias*, 18 de junho de 1961, p. 1.

presença queima o espaço em que seria
liberto o tempo morto do relógio

Pasto

Entregue o corpo ao pasto
último esforço
palavras

doentes contra dentes e dedos contra dedos
águas e algas

caranguejos na pascenta
entre o corpo
a dor do grito último esforço
palavras
corpo ao pasto

morte aflora mandíbulas
dentes contra dentes e dedos contra dedos
último esforço
resiste
garganta escura

tempo contra vida
palavras e mandíbulas
na pascenta
entregue o corpo ao pasto

Eram duas poesias voltadas ao aspecto lírico. Todavia, entre essas duas publicações lançou um poema intitulado “Orã”.⁶⁸⁰ O título era uma referência a uma importante cidade argelina na qual se passou algumas batalhas da guerra de independência desse país. Moniz Bandeira não expressou interesse sobre assuntos da realidade africana em seus escritos até aquele momento. No início dos anos 1960, a guerra de independência argelina se tornou uma das grandes pautas daqueles que defendiam uma posição anti-imperialista devido à intensa agitação social que se configurou na Argélia e na França.⁶⁸¹ Mostra-se interessante que em janeiro daquele ano Ruy Mauro Marini tenha publicado um artigo sobre a mesma temática.⁶⁸² Não há o menor indicativo de que Moniz Bandeira e Marini tenham dialogado a respeito, mas é possível já que ambos frequentavam espaços semelhantes e estavam curiosos sobre os desdobramentos do fenômeno.

⁶⁸⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Orã. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1961, p. 2.

⁶⁸¹ Sobre tal processo, cf. WERTH, Alexander. *De Gaulle*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 257-283.

⁶⁸² MARINI, Rui Mauro. Argélia: conflito de duas França (I). *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 8 de janeiro 1961, p. 2. MARINI, Rui Mauro. Argélia: conflito de duas França (II). *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro 1961, p. 2.

Desde 1954, ocorriam intensos conflitos na Argélia, mas o ano de 1961 tem como particularidade ser o ápice dos enfrentamentos. Em 8 de janeiro, realizou-se um referendo no qual 75% dos cidadãos da Argélia e da França votaram a favor de que o presidente Charles de Gaulle iniciasse uma negociação de paz e reconhecesse a independência argelina. Era um grande passo para se resolver a problemática. Todavia, esse resultado provocou na segunda metade de abril um levante de militares franceses que serviam na Argélia e que não reconheciam a possibilidade da construção de uma república independente no território africano. Os conflitos foram vários nos dois continentes. Ao longo da conspiração o assassinato de Gaulle chegou a ser planejado pelos militares rebelados. Moniz Bandeira escreveu seu texto “Orã” na sequência desse levante, louvando a imagem dos que a ele resistiram. Os insubordinados foram derrotados pelas tropas legalistas e em cinco de julho de 1962 a independência argelina formalizar-se-ia.

Orã

A liberdade virá com a morte Orã
 Ungidos os corpos
 Aberta a porta do céu
 Aos heróis
 Aos que tombaram na praça de Orã
 Ungidos os corpos
 Bálsamo que prediz
 A morte
 Dos que buscam o céu Orã
 Ungidos os corpos
 Virgens descerram
 O caminho do céu
 Aos combatentes de Orã
 Ungidos os corpos
 Cheiro da Terra
 Morte na praça
 Sagra os filhos de Orã
 Ungidos os corpos
 O bálsamo das virgens
 Reconduz à vida os mortos de Orã
 Sobreviventes de Orã
 Orã

O livro *Ode a Cuba* repercutiu principalmente em um espectro social que se conjugava com as posições de esquerda, com algumas pontuais exceções nos grandes jornais devido aos vínculos sociais que Moniz Bandeira cultivava. Situação diferente deu-se a respeito do seu livro *Retrato e Tempo*.⁶⁸³ Nenhum meio de esquerda se

⁶⁸³ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Retrato e Tempo*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1960.

interessou pela obra, mas, por outro lado, teve alguma circulação em um dos espaços mais importantes da literatura brasileira.

Divulgado originalmente como um lançamento de 1960, a obra teve que ser adiada devido a um erro de impressão, só vindo a aparecer no ano seguinte.⁶⁸⁴ *Retrato e Tempo* é um pequeno livro produzido pela editora Progresso, de Salvador, tendo menos de 60 páginas. Esse empreendimento editorial era coordenado por uma reunião de poetas baianos, entre eles estava Carvalho Filho, vice-presidente da instituição que financiava o projeto e antigo protetor de Moniz Bandeira. Seu presidente era Manoel Pinto de Aguiar, professor de economia da UBA.

O título foi dedicado à primeira esposa do autor, Dulce Maria. Mostra-se significativamente difícil de localizar, tanto no Nordeste, quanto no Sudeste.⁶⁸⁵ Sua tiragem deve ter sido extremamente limitada. Reúne diversas formas de poesias, entre tradicionais sonetos e modernos de versos livres, que Moniz Bandeira publicou nas páginas do *Correio da Manhã* nos anos anteriores, havendo algumas exceções. Uma interessante entre elas que vale se atentar é um canto dedicado à Revolução Russa de 1917, “Canto do Outubro”. Também estava presente no livro seu “Um Canto para Trotsky”, uma espécie de resposta a Telmo Padilha realizada alguns anos depois da briga entre eles. Além desses textos com forte cunho político, destaca-se a presença de um poema redigido com diversas características concretistas, intitulado “Branco”. Sua significativa resistência a tal corrente estética, que resultara em textos inflamados associando essa vanguarda ao fascismo, era diluída.

Retrato e Tempo circulou em alguns espaços tradicionais do campo artístico, mas não teve grande repercussão. Sua fortuna crítica é muito limitada, com uma pontual e interessante exceção. No *Correio da Manhã*, um texto de 13 de maio sem assinatura fez diversos elogios, destacando sua combinação “ecclética” de estilos na feitura dos poemas que possibilitaria colocar o autor “na vanguarda de sua geração”.⁶⁸⁶ A crítica, disposto em um periódico da família e não assinada, não revela consagração.

Por outro lado, um artigo de 31 de maio do *Jornal do Comércio* mostra uma realidade muito distinta. O poeta modernista Manuel Bandeira levou as últimas obras de Moniz Bandeira para a Academia Brasileira de Letras e as elogiou publicamente no dia

⁶⁸⁴ MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1961, p. 2.

⁶⁸⁵ Agradece-se a Altamirando Camacam por ter me conseguido uma cópia da obra. Camacam preserva um exemplar, o único encontrado pelo pesquisador, desse livro em sua biblioteca pessoal.

⁶⁸⁶ CORREIO DA MANHÃ. Livros da Semana. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1961, p. 9.

da posse de Jorge Amado. Sua declaração foi anotada por um jornalista.⁶⁸⁷ Foi de longe o ato de maior consagração da carreira poética de Moniz Bandeira. Tornou-se foco das atenções de vários dos escritos mais importantes no país por alguns momentos. No entanto, o elogio foi limitado já que nenhum deles se dedicou a escrever a respeito. A partir de então, a carreira poética de Moniz Bandeira entraria em franca decadência.

O Sr. Manoel Bandeira apresentou a Academia, em nome do autor, o poeta Moniz Bandeira, os livros *Retrato e Tempo* e *Ode a Cuba*, dizendo que ‘é um dos poetas mais finos da nova geração baiana. Tanto na poesia tradicional, discursiva, medida e ritmada, como nos ensaios de poesia concreta ou neo-concreta, mostra os seus claros dotes de artista seguros na sua expressão’.

1.40 Cuba

Moniz Bandeira não dedicou apenas uma poesia a Cuba no ano de 1961. Sua atenção para a ilha caribenha era muito mais significativa, fazendo-a ocupar mais tempo de sua rotina e pensamento. Desde que fora visitar o país de Fidel Castro no ano anterior, apresentava grande admiração pelo projeto que lá se desenvolvia. Isso lhe incitou a escrever dois artigos a respeito.

Tal movimento não é particular de Moniz Bandeira. O seu colega Ruy Mauro Marini também produziu alguns artigos sobre a temática quase ao mesmo tempo.⁶⁸⁸ Inclusive ambos redigiram no mesmo local: no jornal *O Metropolitano*, da UME, no qual Aluizio Leite Filho atuava no corpo redacional. A publicação estava dedicando muita atenção, ou ao menos oferecendo espaço para os interessados em escrever a respeito, aos processos revolucionários de Cuba.

O primeiro texto de Moniz Bandeira é intitulado “Cuba ou a Revolução nas Américas” e apareceu em nove de abril de 1961.⁶⁸⁹ O escrito inicia-se fazendo referência a um importante livro que auxiliou a divulgar o processo revolucionário cubano pelo mundo, *Cuba: Anatomia de uma revolução*, dos marxistas norte-americanos Leo Huberman e Paul Sweezy. Sua edição original aparecera em janeiro de

⁶⁸⁷ JORNAL DO COMERCIO. Recepção de Jorge Amado na Academia. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1961, p. 5.

⁶⁸⁸ MARINI, Rui Mauro. De São José a Havana: o preço da incompreensão. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1960, p. 5. MARINI, Rui Mauro. A revolução e suas realizações econômicas. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1960, p. 5.

⁶⁸⁹ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Cuba ou a Revolução nas Américas. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1961, p. 2.

1960 e no mesmo ano foi lançada no Brasil pela Zahar, demonstrando a significativa demanda por esse tema na realidade brasileira.⁶⁹⁰

O escrito de Moniz Bandeira, apesar de iniciar com uma referência ao trabalho de Huberman e Sweezy, pouco explora esse material. Na realidade, utilizá-lo somente como um ponto de partida para realizar um movimento comparativo entre os processos revolucionários cubano, boliviano e nicaraguense. Estava preocupado em constituir um modelo histórico para melhor compreender o que se desdobrava na realidade cubana. Moniz Bandeira esboça os dois últimos casos como revoluções interrompidas e coloca dois motivos para assim terem resultado, problemas os quais Cuba também teria que enfrentar e superar.

O primeiro é a situação internacional do continente, intensamente marcada pela influência dos EUA. Cuba não conseguiria aprofundar suas medidas se não resistisse às intervenções do país do Norte e para isso deveria se preparar. Monta tal relação a partir das categorias de Trotsky de desenvolvimento desigual e combinado. Seria inevitável uma ingerência externa norte-americana na América Latina porque a estrutura capitalista desse país estava intimamente ligada aos outros países do continente. Nicarágua e Bolívia não teriam conseguido resistir às ingerências americanas em sua revolução.

Nessa esteira, apresenta o segundo motivo do fracasso da revolução nesses países: a conciliação com a burguesia. Projeta que uma revolução só se constrói se não emperra na resistência dessa classe. Seria exatamente isso o que ocorreu na América do Sul e Central: a revolução não se fez porque houve intervenção internacional e a burguesia local estava concatenada com os interesses estrangeiros.

Para fazer essa construção, cita diretamente Rosa Luxemburgo com *Reforma ou Revolução*, utilizando a autora como um horizonte para exemplificar a necessidade de constante aprofundamento da revolução até sua consolidação.⁶⁹¹ Com essa argumentação, explicitava que vislumbra em Cuba a possibilidade de se romper as forças burguesas, completando-se o processo revolucionário. Dispõe também no texto uma crítica indireta ao PCB que então tomava como tática política uma aliança de classes com a burguesia.

⁶⁹⁰ HUBERMAN, Leo; SWEEZY, Paul. *Cuba: Anatomia de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1960. _____. *Cuba: Anatomy of a Revolution*. New York: Monthly Review Press, 1960.

⁶⁹¹ LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2017.

O segundo texto intitula-se “Terror e Revolução em Cuba” e apareceu no dia 7 de maio de 1961 também n’*O Metropolitano*, aproximadamente um mês depois do primeiro.⁶⁹² A diferença temporal é pouca, mas a de contexto é expressiva. Pouco depois da publicação do primeiro artigo deu-se a invasão da Baía dos Porcos,⁶⁹³ quando forças paramilitares armadas pelos EUA tentaram iniciar uma guerrilha no sul da ilha para derrubar Castro do poder. Após dois dias de enfrentamento, os invasores foram derrotados. Em seguida, Fidel Castro declarou o caráter socialista da revolução.

Moniz Bandeira reagiu profundamente a esse evento e por isso decidiu escrever sobre um dos seus desdobramentos. A revolução lhe radicalizara e a invasão aprofundou ainda mais tal condição. Isso se explicita por uma pequena nota que vem acima do seu texto: “Esta é uma coluna de debates. Não nos responsabilizamos pelas opiniões doutrinárias aqui emitidas”. A publicação tentava se resguardar da posição ali explicitada.

Em resumo, Moniz Bandeira explorava a respeito dos fuzilamentos que marcaram a revolução cubana desde o seu início. A pena capital era tomada em muitos casos sem se constituir um processo legal claro: não havendo defesa, acusação e juiz claramente estabelecidos. Em outros termos, princípios básicos da isonomia jurídica não se apresentavam. Desde o início dessas práticas, desdobraram-se muitas polêmicas e reações internacionais. Esse procedimento era o principal ponto de crítica utilizado pelos opositores do novo governo.

Moniz Bandeira não considerava tais processos como absurdos, aliás em seu *Ode a Cuba* é possível ver uma passagem que pede o paredão para aqueles que ameaçassem a revolução:⁶⁹⁴

paredão aos que te pisem
paredão
paredão.

Na verdade, Moniz Bandeira busca os justificar a partir de uma articulação internacional de fatores. Na sua concepção, a revolução precisava tomar qualquer medida para se defender. O financiamento de tropas paramilitares por parte dos EUA e outras medidas mais colocavam a necessidade de medidas extremas para os revolucionários: aniquilar seus inimigos antes que se convertessem em arautos dos

⁶⁹² MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Terror e Revolução em Cuba. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1961, p. 3.

⁶⁹³ Evento chamado de Batalha de Girón em Cuba.

⁶⁹⁴ MONIZ BANDEIRA, op. cit., 1961, p. 13.

interesses norte-americanos. Essa articulação de planos éticos utilizada por Moniz Bandeira em certa medida rememora o texto de Trotsky “A Nossa Moral e a Deles”, embora não haja nenhuma referência direta.⁶⁹⁵

1.41 Renúncia

1961 foi um ano muito longo no Brasil. Embora Cuba estivesse atraindo muitas atenções e tornando-se um polo de atenção mundial, a posse de Jânio Quadros moveu significativamente as peças do xadrez político nacional. Era a primeira vez que a aliança do PSD com o PTB não fazia um presidente. No entanto, não chegava ao poder exatamente um membro da oposição. Quadros não integrava a UDN, apenas contava com seu apoio. Era filiado ao nanico e filológico Partido Trabalhista Nacional que na realidade pouco o influenciava. O presidente estava mais conectado com suas pretensões pessoais.⁶⁹⁶

Quadros colocou muitos sinais invertidos no seu curto governo. Em política internacional, foi considerado o responsável por instituir um novo momento na diplomacia brasileira após a indicação de Afonso Arinos de Melo Franco para o Ministério das Relações Exteriores. Fundava-se a chamada Política Externa Independente, a qual devido ao seu não alinhamento imediato aos EUA agradava setores da esquerda, especialmente no sentido que tomava uma posição favorável à não intervenção em assuntos internos de Cuba. Uma das suas principais conquistas foi o preparo para o restabelecimento das relações diplomáticas com a URSS, edificado no mandato de seu sucessor.

Em política econômica, assumiu uma posição ortodoxa, instituindo um controle rígido de gastos e se indispondo com os sindicatos, o que agradava a UDN e outros setores mais à direita. Tomou como procedimento o congelamento de salários visando evitar o crescimento da inflação, colocando os sindicatos contra ele. A unificação das taxas cambiais foi uma decisão comemorada pelos liberais e pelos agroexportadores,

⁶⁹⁵ TROTSKY, Leon. A Nossa Moral e a Deles. In: ISHAY, Micheline (org.). *Direitos Humanos: Uma Antologia*. São Paulo: Edusp, 2006, p. 547-555.

⁶⁹⁶ Para o arranjo de forças que possibilitou a escolha de Jânio Quadros como candidato a presidente pela UDN a despeito dos interesses do governador da Bahia Juracy Magalhães, cf. VICTOR, Mário. *Cinco anos que abalaram o Brasil (de Jânio Quadros ao Marechal Castelo Branco)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 34-53.

mas profundamente criticada pelos setores nacionalistas que defendiam taxas preferenciais para a indústria nacional.⁶⁹⁷

Em suma, tentava agradar a esquerda por um lado e a direita por outro. Todavia, não foi isso que aconteceu. O movimento de equilibrar os contrários requer um tato político e uma conjuntura que talvez não existissem naquele contexto de Guerra Fria. Além disso, a personalidade confusa de Quadros, que muitas vezes se antepunha à opinião pública por causa de medidas moralizantes, como proibir o uso de biquínis e a prática de rinhas de galo, demonstrava um político que gastava tempo e crédito em medidas que em nada lhe seriam construtivas. A condecoração de Ernesto Guevara com a Grã-Cruz do Cruzeiro em 19 de agosto foi uma dessas decisões que mais serviu para mobilizar inimigos do que lhe garantir créditos.

O governo foi extremamente breve.⁶⁹⁸ Em 25 de agosto de 1961, Quadros renunciou. Permaneceu 205 dias como presidente e na Quarta República foi o mais breve mandatário diretamente eleito. O motivo de sua saída? Na hora, criou-se a expectativa de que fora afastado por meio de um golpe. A sua carta de renúncia trazia essa ideia: “Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou infamam, até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse não manteria a confiança e a tranquilidade ora quebradas e indispensáveis ao exercício de minha autoridade”.⁶⁹⁹ No entanto, percebeu-se com o tempo que Jânio Quadros tentava angariar um apoio que nunca teve, visando aumentar seus poderes.

Ninguém esperava por aquele evento, ficando o país atônito. O relato de Carlos Castello Branco, o secretário de Imprensa de Jânio Quadros e um dos jornalistas mais bem informados e influentes de sua época, descreve o atordoamento das elites políticas naqueles dias de agosto.⁷⁰⁰ Uma crise seria inevitável, mas ela não se desdobrou no sentido de se exigir a volta do presidente ao cargo. Acatou-se a renúncia e questionou-se a legitimidade do vice-presidente, João Goulart, que se encontrava em visita oficial à China comunista.

O deputado Sérgio Magalhães declarou que após a renúncia houve uma profunda indisposição na Câmara para o presidente, nenhum parlamentar quis defendê-lo

⁶⁹⁷ Para uma análise do momento econômico, cf. BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *A construção política do Brasil: Sociedade, economia e Estado desde a independência*. 3^o ed. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 183-189.

⁶⁹⁸ Para uma análise histórica do breve governo Quadros, cf. BENEVIDES, Victoria de Mesquita. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

⁶⁹⁹ A carta de renúncia de Jânio Quadros pode ser consultada em *A Quarta República* de Edgard Carone. CARONE, Edgard. *A Quarta República (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1980, p. 181-182.

⁷⁰⁰ CASTELLO BRANCO, Carlos. *A renúncia de Jânio*. Brasília: Senado Federal, 2017.

publicamente.⁷⁰¹ As atenções se voltavam para João Goulart. Os ministros das três armas⁷⁰² publicaram um manifesto no dia 30 de agosto afirmando que, visando a “manutenção da ordem, da lei e das próprias instituições democráticas”, Goulart não poderia assumir.⁷⁰³ Aconselhavam a sua manutenção no exterior enquanto se realizava um processo de impeachment para afastá-lo legalmente. Pela ordem institucional, quebrava-se a própria ordem institucional. Iniciava-se um conflito profundo que reorganizaria diversas forças no país.⁷⁰⁴

Moniz Bandeira tampouco sabia o que iria acontecer. No dia do evento, nem mesmo no Brasil estava. Encontrava-se na Bolívia desenvolvendo uma reportagem sobre os acordos de Roboré. O assunto voltara a estar em alta após a campanha presidencial na qual tanto Quadros, quanto Teixeira Lott falaram sobre o tema assumindo posições nacionalistas.

O jornalista não teve tempo de produzir algo a respeito do que via no país andino. Realizou algumas viagens e levantou algumas informações. No entanto, foi informado da crise em desenvolvimento pelo embaixador do Brasil na Bolívia, Mario Antônio de Pimentel Brandão, na casa do qual estava hospedado. Decidiu pegar um avião de volta ao Brasil e, após uma ponte aérea em São Paulo, chegou ao Rio de Janeiro. Imediatamente foi para a sede do *Diário de Notícias* para se encontrar com seu chefe, João Dantas. Acordaram que o empregado iria para Brasília acompanhar os últimos desdobramentos.⁷⁰⁵

Na capital da república, dirigiu-se ao gabinete de Sérgio Magalhães no parlamento e lá passou boa parte da crise. O deputado, que mantinha grandes reservas a Quadros e fizera uma denúncia de que o presidente desenvolvia uma conspiração em maio daquele ano,⁷⁰⁶ tinha acabado de assumir um grande papel. Após a renúncia e com a ausência de Goulart no país, o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli, tornava-se o

⁷⁰¹ MAGALHÃES, Sérgio. *Sérgio Magalhães (depoimento, 1978)*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC História Oral, 1983, p. 34.

⁷⁰² Eram o marechal Odílio Denis do Ministério da Guerra, o almirante Silvio Heck do ministério da Marinha e o brigadeiro Grum Moss do ministério da Aeronáutica.

⁷⁰³ CARONE, Edgard, op. cit., 1980, p. 183-184.

⁷⁰⁴ Para uma minuciosa descrição do processo de renúncia e sucessão, cf. FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 219-258.

⁷⁰⁵ PAIM, Lorena. Moniz Bandeira: Jânio tentou repetir a comoção popular ocorrida com o suicídio de Vargas. Sul 21. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/postsrascunho/2011/06/moniz-bandeira-janio-tentou-repetir-a-comocao-popular-ocorrida-com-o-suicidio-de-vargas/>. Acesso em 24/11/2020.

⁷⁰⁶ SILVA, Roberto Bitencourt da. *Sérgio Magalhães e suas trincheiras: nacionalismo, trabalhismo e anti-imperialismo – uma biografia política*. Jundiaí: Paco, 2017, p. 214.

responsável pelo executivo federal. Seu vice conseqüentemente ascendia para o comando da Câmara dos Deputados e esse era Magalhães.

O trabalhista tornava-se um dos homens mais influentes da república. No interior do parlamento, buscou mobilizar forças junto de outros deputados trabalhistas, como Almino Afonso e Luís Fernando Bocaiuva Cunha, para garantir o encaminhamento institucional. A sua posição incontornável de garantir a legalidade fez-lhe sofrer pressões, inclusive por parte do próprio partido, para aceitar distintas saídas não previstas constitucionalmente ou para abrir um processo de impeachment contra Goulart. Em determinado momento, San Tiago Dantas e setores do PSD pleitearam sua remoção do cargo por considerá-lo impeditivo de medidas conciliatórias.⁷⁰⁷

Conflito derivado em grande medida das próprias tendências internas do PTB que buscaram resolver a tensão a partir de estratégias distintas. Uma ala tinha como forma dominante de política a constituição dos seus projetos a partir da construção de uma maioria parlamentar, sendo San Tiago Dantas um dos seus principais expoentes. A outra, também chamada de “grupo compacto”, buscava passar as medidas combinando ação parlamentar com meios de pressão popular, sendo Magalhães uma das suas principais lideranças.⁷⁰⁸ A distinção entre elas não está posta no âmbito do rigor para o que se entende como legalidade, ambas buscam saídas imprevistas seja com articulações de mesa ou com medidas fundadas “na lei ou na marra”, mas no âmbito das alianças preferenciais constituídas. Enquanto a primeira buscava seus aliados principais nos partidos conservadores do parlamento, a segunda fundava-se nos movimentos sociais e nas legendas de esquerda excluídas da política formal.

O clima era de grande insegurança. Sérgio temia ser preso a qualquer momento. Por isso, criou uma espécie de sinal com a família no Rio de Janeiro como mecanismo de proteção. A cada um período determinado de horas, ligava para os seus familiares. Se os contatos cessassem, isso significava que provavelmente estava preso e medidas deviam ser tomadas.⁷⁰⁹

As possibilidades de resolução não estavam claras. A questão é que um setor se colocou profundamente contrário à via legal, pressionando para a constituição de distintas saídas. Armava-se um golpe. Outro se articulou para garantir a posse

⁷⁰⁷ Idem., p. 219.

⁷⁰⁸ O texto de Gabriel de Fonseca Onofre em certa medida esboça tais forças que disputavam no interior do PTB. ONOFRE, Gabriel de Fonseca. As duas faces de Jano: As esquerdas trabalhistas de San Tiago Dantas e Brizola. In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 155-177.

⁷⁰⁹ Relato de Ana Maria Magalhães em 2020.

constitucionalmente prevista de Goulart. O marechal Henrique Teixeira Lott, conhecida figura legalista, colocou-se rapidamente em defesa dos direitos do trabalhista. Por causa dessa posição, seria preso e Magalhães foi o primeiro a denunciar a violação no plenário da câmara.⁷¹⁰

Dentro do parlamento, entre alguns momentos de atonia e tensão, as negociações se desenvolviam. Buscava-se a solução. Algo importante que ocorreu nessa conjuntura, não se ligando diretamente a sua resolução, foi a aprovação do projeto de lei que regularizava a criação da UnB. Darcy Ribeiro, um dos seus principais idealizadores, e Sérgio Magalhães conseguiram emplacar a criação da instituição de ensino.⁷¹¹

Tal fato entre um conjunto de outros é relevante porque alguns membros da POLOP foram convidados a integrar a UnB como docentes, criando na capital do país uma célula da organização. Mais precisamente, Ribeiro buscou quadros em diversas partes do país para se tornarem professores na futura universidade. Entre os distintos e multifacetados atores com quem dialogou, estavam alguns jovens alunos e pesquisadores profundamente engajados com a sua formação e com a responsabilidade de se pensar o Brasil. Obviamente que seria inevitável, devido à conexão intensa entre reflexão e militância política existente naquele tempo, existir alguns militantes no conjunto de professores convidados.

Em Belo Horizonte, falou com Simon Schwartzman, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos, três membros da POLOP. Os dois últimos se integraram à empreitada, o primeiro não teve grande interesse porque se preparava para ir ao Chile fazer um mestrado na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.⁷¹² No Rio de Janeiro, o também integrante da organização e professor da EBAP Ruy Mauro Marini

⁷¹⁰ WILLIAM, Wagner. *O soldado absoluto: uma biografia do marechal Henrique Lott*. 4^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 371.

⁷¹¹ “Acerquei-me então do Presidente da Mesa, Deputado Sérgio Magalhães, e lhe pedi que pusesse em discussão o projeto de criação da Universidade de Brasília, que era o número dezoito da Ordem do Dia. Ele reagiu instantaneamente, tratando-me de louco. Mas instantaneamente percebeu que, ali, o único homem de juízo era eu. Mandou que eu descesse ao Plenário para conseguir que um líder propusesse a mudança da Ordem do Dia. Quando eu ainda tentava convencer o Deputado Josué de Castro a fazê-lo, o Presidente Sérgio Magalhães anunciou que, tendo sido aprovado o requerimento do líder do PTB, punha em discussão e mandava ler o projeto de criação da Universidade de Brasília. O que se seguiu foi o tumulto de uma Câmara que demorou alguns minutos a perceber do que se tratava, que era fazê-los exercer suas funções, discutindo uma lei de suprema importância. Os debates foram acalorados entre a UDN, como sempre contrária aos projetos do Governo, e os outros partidos, com o pendor de aprová-lo. O mais veemente discurso contrário foi o do velho Raul Pilla, ponderando que, se nossos pais e avós mandavam seus filhos estudarem em Coimbra, bem poderia o povo de Brasília mandar os seus para as antigas universidades, sem incorrer no risco de criar aventureiramente uma universidade em uma cidade apenas nascente. Na votação, o projeto da Universidade de Brasília foi aprovado com grande margem favorável”. RIBERO, Darcy. Prólogo. *Carta*, Brasília, n. 1, 1991, p. 9-10.

⁷¹² Relato de Simon Schwartzman em 2020.

foi convidado, aceitando. Em São Paulo, dialogou com Fernando Henrique Cardoso e alguns outros membros da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Esses não quiseram,⁷¹³ provavelmente não consideraram interessante deixar a consolidada USP por um projeto ainda incerto e no princípio.

Uma figura que teve profunda relevância na crise foi o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola.⁷¹⁴ Antes de 1961, tal personagem tinha uma influência social limitada, sendo conhecido fundamentalmente no seu estado natal e por setores da esquerda que se animaram quando o governador encampou a Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense, subsidiária da American & Foreign Power Co, em maio de 1959. Brizola, após saber do bloqueio posto pelos militares a posse de Jango, questionou publicamente tal medida e iniciou um movimento para garantir à posse. Reuniu aliados entre militares e civis e armou-se preparando-se para um enfrentamento visando garantir o cumprimento da constituição. Cotidianamente fazia declarações em rádios para insuflar a população a defender a legalidade.⁷¹⁵

Tal evento, em geral nomeado como campanha da legalidade, foi o início de uma transformação na conjuntura. Após Brizola conquistar o apoio do III Exército, o senado propôs uma reforma constitucional que introduzia o parlamentarismo no Brasil. O principal responsável por constituir tal mediação foi o político mineiro Tancredo Neves do PSD. João Goulart concordou querendo evitar uma guerra civil, apesar da irritação de Leonel Brizola e Sérgio Magalhães. Não se conseguiu a posse como era prevista legalmente, ocorria no seu lugar uma conciliação costurada via Senado. Goulart venceu, mas era uma vitória cheia de limitações. Brizola, por outro lado, tornava-se uma das figuras mais conhecidas do país. Deixava de ser uma personagem do universo gaúcho e alçava-se para o quadro nacional.

**

⁷¹³ Depoimento de Fernando Henrique Cardoso no episódio dois do documentário O Brasil de Darcy Ribeiro, dirigido por Ana Maria Magalhães e lançado em 2014. Disponível em: <https://tvbrasil.abc.com.br/o-brasil-de-darcy-ribeiro/episodio/a-construcao-da-nacao>. Acesso em 26/11/2020.

⁷¹⁴ Para uma análise do pensamento e ação de Brizola nos primeiros anos da década de 1960, cf. FERREIRA, Jorge. Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964). In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 23-51.

⁷¹⁵ Para uma descrição de Moniz Bandeira da atuação de Leonel Brizola nesse processo, cf. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brizola e o Trabalhismo*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 73-85.

Moniz Bandeira atentou-se para tudo o que se desdobrava. A experiência de estar ao lado de Sérgio Magalhães no parlamento durante a crise e os meses acompanhando Jânio Quadros em campanha fez-lhe acumular uma grande quantidade de informações. Isso lhe motivou a escrever a respeito. No início de outubro, noticiou-se que no final do mês uma obra de Moniz Bandeira apareceria nas livrarias.⁷¹⁶ Tal título tentaria explicar os últimos acontecimentos. Tratava-se de *O 24 de agosto de Jânio Quadros*.⁷¹⁷ Era o seu primeiro título integralmente voltado a política.

No dia 28 de outubro, o *Correio da Manhã* publicou uma breve entrevista com Moniz Bandeira sobre seu último lançamento.⁷¹⁸ Não há grandes informações, mas o fato de receber publicidade em um dos jornais mais importantes do país era significativo, mesmo que fosse de um parente seu. Em suma, diz que visou “reconstituir o processo” explicando-o, embora não se aprofunde no seu argumento. Ponderou também que a ideia da obra não surgira da sua cabeça, na realidade fora uma sugestão que “partiu do deputado Sérgio Magalhães”.

No início de novembro, já eram anunciados alguns eventos de lançamento. O *Jornal do Comércio* convidou seus leitores para comparecer no dia 13 de novembro à Livraria da Editora Letras e Artes no Rio de Janeiro.⁷¹⁹ Era o primeiro de vários outros, demonstrando uma certa curiosidade que se manifestava pela obra.⁷²⁰ *O 24 de agosto de Jânio Quadros* apareceu no final do ano de 1961. O deputado Gileno de Carli do PSD no início do ano seguinte também lançaria um título a respeito da temática, *Anatomia da Renúncia*.⁷²¹ Provavelmente se tratam dos dois primeiros livros que exploram o fim do governo Quadros.

Dessa maneira, quando ainda se sentia o calor da crise, Moniz Bandeira tentou explicar o que motivara o presidente a deixar seu cargo. De fato, tinha algo para dizer sobre o tema, mas ao mesmo tempo tentava alcançar maior capital social polemizando em um assunto em alta. A obra é pequena, possui apenas 74 páginas. Seu prefácio pertence a Sérgio Magalhães e pouco revela devido aos limites de suas duas páginas.

⁷¹⁶ MAURO, José. Na Hora. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1961, p. 10.

⁷¹⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O 24 de agosto de Jânio Quadros*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

⁷¹⁸ CORREIO DA MANHÃ. O que vamos ler. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de outubro, p. 9.

⁷¹⁹ SANTOS MORAES. Gazetinha Literária. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1961, p. 6.

⁷²⁰ MÜLLER, Pedro. JB em sociedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1961, p. 8. ÚLTIMA HORA. “O 24 de agosto de Jânio Quadros”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1961, p. 10. CAVALCANTI, Valdemar. *Jornal Literário. O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1961, p. 4. CORREIO DA MANHÃ. “O 24 de agosto de Jânio Quadros”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1961, p. 16.

⁷²¹ CARLI, Gileno. *Anatomia da Renúncia*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1962.

Magalhães destaca as denúncias que o deputado fizera contra Jânio Quadros e realça a capacidade analítica de seu assessor.⁷²² Mais interessante é a sua própria existência ali. Por um lado, colocava-se publicamente uma filiação que poderia atrapalhar a carreira de Moniz Bandeira por causa de possíveis acusações de ligação exagerada com o poder. Seria de uma espécie de arauto de Magalhães na mídia. Por outro, a assinatura do presidente da câmara no livro oferecia uma espécie de legitimidade. Garantia-se que Moniz Bandeira estava por dentro dos bastidores do que ocorrera.

O 24 de agosto de Jânio Quadros tem algumas ideias interessantes e uma delas já está no próprio título. A renúncia ocorreu no dia 25 de agosto de 1961. Ao colocar tal data, Moniz Bandeira projeta uma conexão histórica em um evento que ocorreu no dia 24 de agosto de 1954, o suicídio de Getúlio Vargas. Na realidade, esboça com essa afirmação o argumento de que Jânio Quadros se inspirou no que acontecera nos últimos dias de Vargas buscando rearticulá-lo em um sentido distinto em 1961. Mais precisamente, pretendia replicar aquela intensa agitação popular que tomou as ruas, mas dessa vez, em vez de expressar sua indignação pelo presidente morto, deveria pressionar o parlamento e outros setores opositores de Jânio Quadros para lhe recolocar no executivo com plenos poderes. Em suma, seu argumento é que fora uma tentativa de golpe. Existe também uma referência indireta ao golpe do Estado Novo de novembro de 1937. Em ambos os contextos, esboçava-se uma suposta conspiração para se justificar a criação de uma ditadura.

Nesse movimento explicativo, Moniz Bandeira destaca sua filiação marxista. Logo no início do livro recorre à obra *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* de Karl Marx, utilizando-a como horizonte analítico para se pensar o processo brasileiro. Inicia com uma passagem icônica da obra: “Em algumas passagens de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”.⁷²³

Tal referência é particularmente importante porque em certa medida demonstra uma influência dos trotskistas brasileiros na maneira de Moniz Bandeira pensar o processo histórico. Em *O 24 de agosto de Jânio Quadros*, existe uma série de pontes temporais comparativas, uma delas é entre 1937 e 1961. Os trotskistas brasileiros do grupo de Mario Pedrosa pensaram o Estado Novo como um exemplo de ditadura

⁷²² MAGALHÃES, Sérgio. Prefácio. In: MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto, op. cit., 1961, p. 4-5.

⁷²³ MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25.

bonapartista.⁷²⁴ Devido à influência do seu tio Edmundo Moniz com quem dialogou diversas vezes na processo de redação de seu livro, Moniz Bandeira rearticula tais considerações dos trotskistas para seu tempo presente, pensando em Jânio como uma espécie de reencarnação, na verdade melhor seria dizer uma farsa, de Getúlio Vargas no período do Estado Novo.

Dessa maneira, Moniz Bandeira inspira-se no clássico de Marx e nas considerações dos trotskistas a respeito do passado para debater diversas questões que se expressaram naqueles dias. Uma entre elas é o argumento da “ditadura bonapartista”. Luís Bonaparte teria utilizado como uma das suas principais bases de apoio para derrubar o parlamento francês as massas populares sem consciência de classe, o lumpemproletariado. Jânio, um representante da burguesia que instituiu uma diplomacia à esquerda só para agradar os setores populares, buscou fazer um movimento semelhante. Desejava que as massas saíssem em sua defesa, reunindo forças para constituir assim uma ditadura. Não foi isso que se desdobrou na realidade. Em vez de um novo 18 Brumário, como Luís Napoleão fizera dilacerando o legislativo francês em dezembro de 1851, a situação no Brasil se aproximou mais das jornadas de julho de 1848, de acordo com a visão de Moniz Bandeira.⁷²⁵

Não foi o lumpemproletariado que tomou as ruas em 1961. O autor de *O 24 de agosto de Jânio Quadros* argumenta que os operários conscientizados se levantaram durante a crise protestando e fazendo greves. Coloca nesse processo Brizola e o governador de Goiás Mauro Borges como duas importantes lideranças. Para Moniz Bandeira, a agitação popular foi intensa e só se interrompeu devido às negociações da burguesia que conseguiram instituir o parlamentarismo. Uma conciliação de classe armou-se e as lideranças populares coalesceram.

É possível subtender que a revolução teria sido interrompida, mas isso não é abertamente declarado no livro. Deixa-se entendido. Na realidade, isso seria posto logo depois em uma publicação da revista *O Mundo Ilustrado* na qual se reuniram várias personagens para fazer uma espécie de conclusão sobre 1961 e um prognóstico sobre 1962. Nela Moniz Bandeira reconhece um momento revolucionário no Brasil, embora não esteja totalmente inviabilizado a existência de uma reação da direita. Essa poderia acontecer levando a uma ditadura, porém o movimento histórico rumo ao socialismo já

⁷²⁴ KAREPOVS, Dainis. *Pas de politique Mariô! Mario Pedrosa e a política*. Cotia: Ateliê; São Paulo: Perseu Abramo, 2017, p. 70-71.

⁷²⁵ Para uma visão historiográfica desse processo, cf. AGULHON, Maurice. *1848: o Aprendizado da República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

estaria tão avançado no plano internacional que o regime autoritário pouco duraria. A questão, no entanto, está para o olhar positivo que Moniz Bandeira cultivava para os últimos eventos no Brasil.⁷²⁶

Não considero apenas crítica a conjuntura brasileira. Já entramos na fase pré-revolucionária, com todas as suas características econômicas, sociais e políticas. Sim, pode haver uma ditadura. Mas mesmo que ela venha apoiada em grupos estrangeiros, terá pouco tempo de duração. A atualidade mundial aponta para todos os povos, mais cedo ou mais tarde, o caminho da revolução social. Uma ditadura de direita no Brasil seria uma excrescência histórica. Fatalmente, terminaria, porque, hoje, as massas não mais aceitam governos impostos de cima para baixo.

1.42 Melso

A editora que publicou *O 24 de agosto de Jânio Quadros* foi a Melso. Tal casa de publicação nunca alcançou grande repercussão. Trata-se de um pequeno negócio, dirigido por Antônio de Sousa Sobrinho, que funcionou entre 1959 e 1965.⁷²⁷ A empresa era muito pequena, não tendo mais do que 20 livros publicados ao longo do seu período de existência. O catálogo era profundamente desarticulado já que em cada momento se publicava um título sem conexão com o outro, dificultando a criação de uma identidade editorial. Publicava obras sobre história,⁷²⁸ literatura,⁷²⁹ jurisprudência⁷³⁰ e outros assuntos.

Nessa particular confusão, Moniz Bandeira se tornou um parceiro do editorial devido a sua amizade com Sobrinho. O proprietário nele confiou para produzir uma linha de esquerda no seu catálogo. Os títulos não foram muitos e também são particularmente variados. Mas ainda assim são interessantes porque demonstram um projeto mais amplo com a POLOP no qual os militantes se esforçam para divulgar um tipo de bibliografia de esquerda profundamente desconhecida no Brasil.

Em uma entrevista, Theotônio dos Santos relatou a preocupação dele e de seus colegas da POLOP de divulgar textos sobre o imperialismo devido ao desconhecimento geral da questão na realidade brasileira. Tal pretensão estaria conectada com os objetivos políticos do grupo, pois demandavam aumentar os debates na esfera pública

⁷²⁶ O MUNDO ILUSTRADO. 1962: perspectivas. *O Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1961, p. 42-43.

⁷²⁷ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁷²⁸ DUTRA, José Soares. *Cairu*. Rio de Janeiro: Melso, 1964.

⁷²⁹ PINTO, Dinah Sonia Renault. *Pequena história da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

⁷³⁰ ROSA, Albino Pereira de. *A lei orgânica de previdência social: sua interpretação e seu regulamento*. Rio de Janeiro: Melso, 1960.

sobre a articulação internacional do capitalismo na realidade brasileira.⁷³¹ Os rapazes não conseguiram fazer esse movimento naquele momento devido às limitações do projeto editorial e da influência intelectual que tinham. Situação muito distinta dos que se engajariam mais tarde na Teoria da Dependência. Mostra-se uma espécie de ensaio nesse sentido.

O principal livro dessa empreitada foi *Imperialismo e a economia mundial* de Nikolai Bukharin.⁷³² O título aparecia pela primeira vez no Brasil. Trata-se de um clássico sobre a temática de uma sequência de intervenções de militantes marxistas no início do século XX. Bukharin coloca-se como um dos mais importantes, estando junto de Rosa Luxemburgo, Karl Kautsky e Vladimir Lenin, provavelmente o mais conhecido por causa do seu clássico *Imperialismo: fase superior do capitalismo*.⁷³³

Em *Imperialismo e a economia mundial* da Melso, está posto que a tradução pertence a Aurélia Sampaio Leite. Na realidade, tal nome não é real, mas um pseudônimo de Ruy Mauro Marini.⁷³⁴ O tradutor da obra foi contratado por Moniz Bandeira devido ao período que passou na França, o que lhe possibilitou fazer uma boa conversão do francês, e ao seu domínio das categorias marxistas, além de também ser um membro da POLOP e estar comprometido com o aprofundamento do debate sobre o imperialismo.

Há outros títulos marxistas que apareceram no editorial, mas muito limitados e distantes do projeto temático. Há uma reedição corrigida de uma tradução de Edmundo Moniz de um título de Trotsky, *Os Crimes de Stalin*.⁷³⁵ Também consta uma tradução, a primeira do Brasil, dos *Manuscritos econômicos-filosóficos* de Karl Marx com o particular título de *Economia política e filosófica*.⁷³⁶ O trabalho de conversão segundo a

⁷³¹ “Então, nós tínhamos uma visão muito ampla da construção da teoria do imperialismo, porque aqui, por exemplo, a teoria do imperialismo era o Lênin, mas você não conhecia o Bukharin, que era um discípulo do Lênin, mas que não diverge muito com o Lênin na questão do imperialismo, apesar de o Lênin ter tido certas discordâncias importantes com ele. Mas também não se conhecia, digamos, o papel da teoria do Kautsky do super-imperialismo e do debate que o Lênin faz com ele, etc. Nós entramos em tudo isso. A Rosa Luxemburgo [por exemplo] não era a lida [por todos]. O Ruy Mauro traduziu o Bukharin, o livro dele sobre imperialismo e economia mundial. E nós estávamos trabalhando no sentido de tentar traduzir para o Brasil essas obras básicas, mas não chegamos a poder ter uma edição grande disso aí”. SANTOS, Theotônio dos. Entrevista com Theotônio dos Santos. Disponível em: https://ceppes.org.br/revista/versao-impressa/4/copy_of_entrevista-com-theotonio-dos-santos. Acesso em 1/11/2020.

⁷³² BUKHARIN, Nikolai. *Imperialismo e a economia mundial*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

⁷³³ LENIN, Vladimir. *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.

⁷³⁴ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

⁷³⁵ TROTSKY, Leon. *Os Crimes de Stalin*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

⁷³⁶ MARX, Karl. *Economia política e filosófica*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

edição foi realizado por Sylvia Patrícia. Trata-se também de um pseudônimo, não há qualquer referência a tal personagem em outros materiais.

Mostra-se interessante que Moniz Bandeira também utilizou o editorial para aprofundar uma conexão social que cultivava fazia algum tempo. Existe um certo sentido nos outros títulos de serem traduções de textos de marxistas relevantes. Porém, existe um ponto desviante que são as memórias do militante comunista Agildo Barata, *Vida de um revolucionário*.⁷³⁷ Moniz Bandeira lhe convidou para escrever tal livro para o editorial.⁷³⁸

⁷³⁷ BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário: memórias*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

⁷³⁸ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Memórias sobre a POLOP. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Ponderações finais

Após se analisar o universo temporal entre 1935 e 1962 na trajetória de Luiz Alberto Moniz Bandeira, mostra-se necessário realizar alguns apontamentos. Como já foi posto na introdução, destacou-se que se privilegiaria a dimensão social da trajetória de Moniz Bandeira, dando enfoque as suas principais conexões.

Nesse âmbito, algo importante a ser considerado é o tipo de perfil que o jovem Moniz Bandeira desenvolvia no interior de uma série de redes que se inseria. Existem atores que tendem a aprofundar vínculos tornando-se articuladores. De nenhuma maneira essa era a faceta de Moniz Bandeira. Não se encontra nele uma personagem voltada a se atentar para um único projeto, aprofundando vinculações e criando projetos e objetivos comuns. Não tinha nenhum problema em se inserir em planos coletivos, mas não conseguia se voltar para uma mesma atividade extensamente. Atentava-se para diversas atividades concomitantemente, tornando-se ao mesmo tempo poeta, jornalista, militante e assessor. Por causa de tal característica, apresentou-se muitas vezes como o limiar de distintas redes, sendo responsável por constituir vinculações.

Isso produz algumas consequências. A trajetória de Moniz Bandeira não se foca em poucos espaços, possui uma profunda circulação social que transpassava diversos âmbitos. Interagiu com comunistas, socialistas, trabalhistas, trotskistas e outros nichos mais ao longo dos seus anos de juventude. Dessa maneira, sua vida assume uma dimensão caleidoscópica. A cada momento estava com um grupo, possibilitando se enxergar muitas interações entre distintos espectros sociais como por exemplo as conexões entre trabalhistas e socialistas no Rio de Janeiro. Em certa medida, se Moniz Bandeira não viabilizou o aprofundamento da Juventude Socialista e de outras organizações, foi ele que consolidou diversos dos seus capitais políticos abrindo variadas possibilidades. A POLOP talvez seja o melhor exemplo de tal característica, jamais seria constituída se dependesse exclusivamente de sua liderança. Todavia, parte importante dos vínculos constituidores da organização passam por sua trajetória.

Uma importante contribuição do presente estudo é o aprofundamento sobre a trajetória de alguns intelectuais que constituíram a Nova Esquerda e assumiram importantes posições intelectuais na segunda metade do século XX como por exemplo Theotônio dos Santos e Ruy Mauro Marini. Trata-se de um campo ainda pouco explorado pela bibliografia especializada. A característica fragmentária da trajetória de

Moniz Bandeira, a tendência de interagir com diversos atores ao mesmo tempo, serviu como um viés privilegiado de análise para se explorar a construção da biografia de tais personagens. Ofereceu-se alguns dos seus projetos editoriais, das suas pautas convergentes e divergentes, das instituições estudantis e políticas frequentadas e outros detalhes mais.

No entanto, nem só os membros da Nova Esquerda foram privilegiados. A trajetória de Moniz Bandeira também serviu para se desenvolver uma percepção sobre uma relação entre as antigas e as novas gerações de esquerda, possibilitando vislumbrar dimensões conflitivas e colaborativas. Destacou-se por exemplo uma influência da primeira geração trotskista, principalmente por meio dos seus parentes mais velhos Edmundo Moniz e Alberto Moniz da Rocha Barros, significativa em sua pessoa e nos seus projetos. Moniz Bandeira traria diversas características desses parentes na sua forma de pensar e atuar influenciando projetos da Nova Esquerda que se inseriu.

Não só entre os trotskistas Moniz Bandeira interveio, encontra-se na sua trajetória também percursos entre gerações de trabalhistas e de comunistas, intermediando negociações e levantando pautas. Jamais Moniz Bandeira tornou-se um grande *player* nas nessas redes, conseguindo impor unanimemente suas vontades, apenas assumiu posições estratégicas no âmbito das articulações. Era uma personagem com grande poder de adaptação e deslocamento.

Esse trabalho não visou identificar uma peça que atravessasse todas as posições e realizasse todas as funções no tabuleiro de xadrez. No jogo isso já é um absurdo e na realidade seria ainda mais. A empreitada buscou identificar um ator em contato com outros atores, estudando as relações que desenvolviam. Explorou-se o âmbito qualitativo do da própria feitura da política e da formação de uma série de sujeitos, entre eles principalmente Moniz Bandeira, que seriam identificados como Nova Esquerda.

Na prática, não se trata de um trabalho terminado. Raro se encontrar nas Ciências Humanas um exercício definitivo de análise. Todavia, o presente estudo deixa caminhos explícitos abertos. Há de se seguir o estudo da vida de Moniz Bandeira, até mesmo o primeiro estágio não se completou. Necessário seria explorar-se até 1965 quando a personagem rompe com a POLOP. Foi no imediato pós-golpe de 1964 que o primeiro momento de sua existência se encerra. De qualquer maneira, haver-se-á de dar seguimento ao projeto que ainda não está terminado.

Referências

- ABRAMO, Cláudio. Mais um amigo. In: SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos*. Campinas: Pontes; UNICAMP, 1992.
- ABREU, Alzira Alves. Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (org.). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- AGUIAR, Claudio. *Francisco Julião: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- AGUIRRE, Manuel Agustin. A América Latina e o Socialismo. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 35-48.
- AGULHON, Maurice. *1848: o Aprendizado da República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- ALEXANDER, Robert J. *Trotskyism in Latin America*. Stanford: Hoover Institution Press, 1973.
- ALMEIDA, Antonio Mendes Junior. Do Declínio do Estado Novo ao Suicídio de Getúlio Vargas. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileiro: III. O Brasil Republicano*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ALMEYRA, Guillermo. *Militante crítico: una vida de lucha sin concesiones*. Buenos Aires: Continente, 2013.
- AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos – Guia de Ruas e Mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- _____. *Os subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Martins, 1954.
- ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISCHMAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- ANDRADE, Jeferson de. *Um Jornal Assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- ANDRESON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- ARAGÃO, Antonio Ferrão Moniz de. *A Bahia e os seus Governadores na República*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

AREAS, Daiana Maciel. Os intelectuais do *Correio da Manhã* e a modernização da imprensa no Brasil. In: CORRÊA, Maria Letícia; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; CHAVES, Monica Piccolo Almeida (org.). *História Econômica e Imprensa*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Modernidade Possível: Ciências Sociais em Minas Gerais. In: MICELI, Sergio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil: volume 1*. São Paulo: Vértice, 1989.

BANDOLI, Mabelle. Na “contracorrente” do desenvolvimentismo: autonomia organizativa, democracia partidária e o socialismo radical da Liga Socialista Independente (1956-1960). *Teoria & Pesquisa*, v. 22, n. 2, jul./dez., 2013, p. 50-70.

BARÃO, Carlos Alberto. A Influência da Revolução Cubana sobre a Esquerda Brasileira nos anos 60. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil: Teorias. Interpretações*. 2º ed. Campinas: Unicamp, 2007.

BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário: memórias*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. Rômulo Almeida. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____; KOURY, Ana Paula. Rômulo Almeida e o Brasil desenvolvimentista (1946-1964): ensaio de reinterpretação. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, número especial, dez. 2012, p. 1075-1113.

BARROS, Alberto Moniz da Rocha. *Origens e evolução da legislação trabalhista*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969a.

_____. *Que é fascismo?* Rio de Janeiro: Laemmert, 1969b.

BARROS, Francisco Reinaldo. Verbete Frente Parlamentar Nacionalista. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/frente-parlamentar-nacionalista-fpn>. Acesso em 19/11/2020.

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Da Revolução ao reatamento: a política externa brasileira e a questão cubana (1959-1986)*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. 5º ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BÔAS, Gláucia Villas. Estética e ruptura: o concretismo brasileiro. *Vis*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, janeiro-junho de 2014.

- BOJUNGA, Claudio. A licença poética de Schmidt. In: BOJUNGA, Claudio. *JK: O artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43° ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte dos museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre: Zouk, 2016.
- _____. *Homo academicus*. Florianópolis: UFSC, 2011.
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Os Usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. L' illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 1986.
- _____. Campo Intelectual e Projeto Criador. In: POUILLON, Jean; et al. *Problemas do Estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. *Revista online de Gestão Educacional*, v. 21, n. 1, 2017.
- BRAGA, Francisco Victor Pereira. Roberto das Neves: anarquismo, antifascismo e exílio na trajetória de um “cidadão do mundo”. *Revista Latino-americana de História*, v. 7, n. 19, jan./jun. de 2018.
- BRECHT, Bertolt. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Leitura, 1977.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *A construção política do Brasil: Sociedade, economia e Estado desde a independência*. 3° ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRETON, André. Visite à Léon Trotsky. *Quatrième Internationale*, nº 14/15, nov.-dez., 1938.
- BRIGADÃO, Clóvis; RIBEIRO, Trajano. *Brizola*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.
- BRITO, Leonardo. *A Imprensa Nacionalista no Brasil: o periódico O Semanário*. Jundiaí: Paco, 2010.
- BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- BRUM, Alessandra Souza Malett. A *Nouvelle Vague* sob o ponto de vista do jornal *O Metropolitano*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 51, 2013, p. 192-212.
- BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. 5° ed. Brasília: UNB, 2015.

BUKHARIN, Nikolai. *Imperialismo e a economia mundial*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

CALDIERI, Sérgio. *Eternas Lutas de Edmundo Moniz*. Rio de Janeiro: DINIGRAF, 2011.

CALICCHIO, Vera. Augusto Frederico Schmidt. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

CALVINO FILHO. I: Trotskismo: Fantasma que quer materializar-se. *Novos Tempos*, n. 3, 1957, p. 30-35.

_____. II: Trotskismo: Fantasma que quer materializar-se. *Novos Tempos*, n. 4 1958, p. 18-22.

CAMARGO, Angélica Ricci. Arquivos institucionais e a história do teatro no Brasil: o caso do Serviço Nacional de Teatro (SNT). *Revista Sala Preta*, v. 17, n. 2, 2017.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CAMPOS, Roberto. *A Lanterna na popa: memórias*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

CANELLAS, Antonio Bernardo. O Relatório Canellas. *Novos Tempos*, n. 4, 1958, p. 40-44.

CARLI, Gileno. *Anatomia da Renúncia*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1962.

CARONE, Edgard. Coleção Azul. In: DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.) *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.

_____. *O Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

_____. *O P. C. B. (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982.

_____. *A Quarta República (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1980.

CARVALHO, José Luiz de Filho. *O Deserto e a Loucura*. Salvador: Edições Macunaíma, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. José Murilo de Carvalho. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CASTELLO BRANCO, Carlos. *A renúncia de Jânio*. Brasília: Senado Federal, 2017.

COGGIOLA, Osvaldo. O trotskismo no Brasil (1928-64). In: LAGOA, Maria Izabel; MAZZEO, Antonio Carlos (org.). *Corações Vermelhos: Os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COMISSÃO DA VERDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. A Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo durante o Regime Militar. 2018.

COSTA, Aramis Ribeiro. A Crônica de Adroaldo Ribeiro Costa. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 56, 2018.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Intervenções: o marxismo na batalha das ideias*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Problemática atual da dialética. *Ângulos*, Salvador, nº 17, 1961.

CPDOC. A Tarde. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

_____. Niomar Moniz Sodré. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

_____. Tarcilo Vieira de Melo. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

_____. Verbetes Agamenom Magalhães. Disponível online em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/agamenon-sergio-de-godoi-magalhaes>. Acesso em 31/3/2020.

_____. Verbetes Sérgio Magalhães. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sergio-nunes-de-magalhaes-junior>. Acesso em 31/3/2020.

DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Cotia; Ateliê; Belo Horizonte: UFMG, 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão Filho (org.). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. São Paulo: Hemus, 1978.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. A Tragédia do Comunismo Polonês Entre as Duas Guerras. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 67-94.

_____. La tragédie du communisme polonais entre les deux guerres. *Les Temps modernes*, março, 1958.

DIAS, Sônia. Verbete: Sérgio Magalhães. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sergio-nunes-de-magalhaes-junior>. Acesso em 15/11/2020.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo, Campinas: Ensaio, Unicamp, 1992.

DULLES, John W. Foster. *Carlos Lacerda: A vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

DUTRA, José Soares. *Cairu*. Rio de Janeiro: Mello, 1964.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

FACIOLI, Valentim (org.). *Breton, Trotski. Por uma Arte Revolucionária Independente*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

FACÓ, Rui. MOVIMENTO SOCIALISTA... Para trás. *Novos Rumos*, 28 de agosto a 3 de setembro de 1959.

FALCÃO, Frederico José. Novos Tempos: os 50 anos de uma revista por um marxismo nacional? XIII Encontro da ANPUH-Rio de Janeiro. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213620109_ARQUIVO_NO_VOS%2520TEMPOS.pdf. Acesso em 28/9/2020.

FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*. 2º ed. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000.

FARINHA, Luís. Fernando Queiroga: um revolucionário no exílio. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, n. 16, 1995, p. 87-105.

FAUSTO, Boris. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FAUSTO, Ruy. A burguesia nacional e as tarefas da revolução no Brasil. *Novos Tempos*, n. 6, 1958, p. 26-29.

FERNANDES, Florestan. Hermínio Sacchetta: um amigo e companheiro de jornada. In: FERNANDES, Florestan. *A Contestação Necessária: Retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. Depoimento sobre Hermínio Sacchetta. SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas: Unicamp; Pontes, 1992.

_____. *A Revolução Burguesa no Brasil*. São Paulo, Zahar, 1981.

FERREIRA, Jorge. Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964). In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. *João Goulart – uma biografia*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: elementos de uma biografia. Disponível em: <https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2014/05/06/roberto-das-neves-elementos-de-uma-biografia/>. Acesso em 2 de outubro de 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário de Notícias. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>. Acesso em 12/11/2020.

_____. O Metropolitano. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/metropolitano-o>. Acessado em 9/11/2020.

FERREIRA, Sérgio; SIMÕES, Renato. Betinho. *Teoria e Debate*, ed. 16, disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1991/10/11/betinho/>. Acesso em 20/11/2020.

FESTI, Ricardo. Um jovem marxista nos primórdios da sociologia do trabalho: entrevista com Michael Löwy. *Caderno CRH*, Salvador, v. 31, n. 83, maio-agosto de 2018.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *A Alma do Tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2013.

FUENTES, Norberto. *A autobiografia de Fidel Castro*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 18º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

GARCIA, Marco Aurélio. Na história da PO um pouco de história da esquerda brasileira. In: KAREPOVS, Dainis. *Notas para uma história dos trabalhadores*. São Paulo: IMAG; Fundação Perseu Abramo, 2019.

GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia: Que é a Sociologia?* São Paulo: Difel, 1967.

GOMES, Angela de Castro. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1964): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel

Aarão (org.). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *A Invenção do Trabalhismo*. 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____; REIS, Daniel Aarão Filho. Um intelectual marxista: entrevista com Michael Löwy. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 5º ed. São Paulo: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2014.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Cadernos do cárcere*, vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GUIMARÃES, Juarez. Entrevista Emir Sader. *Revista Democracia Socialista*, n. 1, dezembro de 2013.

GULLAR, Ferreira. *A luta corporal*. Rio de Janeiro: scp, 1954.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. *Semeando a democracia: a trajetória do socialismo democrático no Brasil*. Contagem: Palesa, 1995.

HADDAD, Jamil Almansur. *Revolução Cubana e Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

_____. *Romanceiro Cubano*. São Paulo: Brasiliense, 1960.

HALLWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HARDING, Timothy Fox. *The political history of organized labor in Brazil*. Stanford University Press, 1973.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Loyola, 2016.

HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (org.). *Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

_____; SWEEZY, Paul. *Cuba: Anatomia de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

_____; _____. *Cuba: Anatomy of a Revolution*. New York: Monthly Review Press, 1960.

JAGUARIBE, Hélio. *O nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

JOHNSON, Hewlett. *O poder soviético*. Rio de Janeiro: Calvino Limitada, 1943.

_____. de *The Socialist Sixth of the World*. London: Victor Gollancz, 1939.

JUBERTE, Vinícius de Oliveira. O PCB e os livros: a Editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948). Dissertação de mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, 2016.

KAREPOVS, Dainis. *Pas de Politique Mariô! Mario Pedrosa e a Política*. Cotia: Ateliê, Fundação Perseu Abramo, 2017.

_____; MARQUES, José Castilho Neto. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: REIS, Daniel Aarão Filho; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos anos 1960*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 2003.

_____. Benjamin Péret: surrealismo e trotskismo no Brasil. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Flama, 1946.

KRIEGER, Daniel. *Desde as missões... saudades, lutas, esperanças*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LAGE, Padre. *O padre do diabo: a igreja ausente na hora de mudar*. São Paulo: EMW editores, 1988.

LEAL, Carlos Eduardo. Correio da Manhã. ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

_____; SANDRONI, Cícero. Verbete Jornal do Comércio. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>. Acesso em 28/08/2020.

LEAL, Leovegildo Pereira. *História da Polop: da fundação à aprovação do Programa Socialista para o Brasil*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2011.

LEAL, Murilo. Idéias políticas e organização partidária do POR (1952-1964). *Cadernos AEL*, v. 12, n. 22/23, 2005.

_____. *À esquerda da esquerda. Trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2003.

LEFEBVRE, Henri. O Marxismo e o Pensamento Francês. *Novos Tempos*, n. 3, 1957, p. 1-15.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 2013.

LE MOS, Renato. Verbetes Agildo Barata. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/barata-agildo>. Acesso em 01/09/2020.

LENIN, Vladimir. *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.

_____. *Obras Escogidas*. Moscou: Ediciones em Lenguas Estrasñeras, 1948.

LORD BYRON. Caim. *Dionysos*, n. 10, dez. de 1960, p. 71-106.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 4º ed. São Paulo: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2016.

_____. Prologo. In: TARCUS, Horacio. *El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996.

_____. Testemunho. In: SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos*. Campinas: Pontes; UNICAMP, 1992.

LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.

_____. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Expressão Popular, 2017.

_____. Estancamentos e Progressos da Doutrina. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 63-66.

_____. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Flama, 1946.

MACEDO, Horácio. Marxismo e Dogmatismo. *Novos Tempos*, n. 1, 1957, p. 3-8.

MAESTRI, Mário. Jacob Gorender. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGALHÃES, Sérgio. *Sérgio Magalhães (depoimento, 1978)*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC História Oral, 1983.

_____. *Prática da emancipação nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

_____. *Problemas do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

_____. *Novo regime para os investimentos estrangeiros*. Rio de Janeiro: Itambé, 1959.

_____. *Pela abolição dos privilégios às empresas estrangeiras*. Rio de Janeiro: Itambé, 1959.

MAIAKOVSKI, Vladímir. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Leitura, s.a.

MALDONADO, Luccas Eduardo; et al. Entrevista: Luiz Alberto Moniz Bandeira. *Revista Epígrafe*, São Paulo, v. 4, 2017.

MALLORQUIN, Carlos. *Celso Furtado: um retrato intelectual*. São Paulo; Rio de Janeiro: Xamã; Contraponto, 2005.

MARINI, Ruy Mauro. Memória: por Ruy Mauro Marini. In: STEDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta (org.). *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. *Dialéctica de la dependencia*. México: Era, 1973.

MÁRIO Faustino. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2844/mario-faustino>. Acesso em: 10 de outubro de 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MARTINS, Ernesto. Convocatória para o 1º congresso da POLOP. In: FALCÓN, Pery; MIRANDA, Orlando. *Polop: uma trajetória de luta pela organização independente da classe operária do Brasil*. 2º ed. Salvador: Centro de Estudos Victor Meyer, 2010.

_____. Introdução. *Marxismo Militante*, edição especial: 20 anos, 1981, p. 61-81.

MARTINS, Evaldo; SALÚSTIO, Pedro. O que é a corrente renovadora. *Novos Tempos*, n. 1, 1957, p. 14-18.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Flama, 1946.

_____. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Flama, 1946.

_____. *Economia política e filosófica*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

MATTA, João Eurico. Índice Geral dos Colaboradores da *Ângulos*. In: MATTA, João Eurico. *Ângulos (a vigência de uma revista universitária)*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

_____. Introdução. In: MATTA, João Eurico. *Ângulos (a vigência de uma revista universitária)*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da Revolução Socialista. A trajetória da POLOP (1961-1967). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *História do marxismo no Brasil: Partidos e organização dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: Unicamp, 2007.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. Um lugar para o poeta baiano Camilo de Jesus Lima: entre nós. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 3, n. 1, 2010.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 16º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

_____. Paulo Emílio: a face política. In: MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013.

_____. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MELO FILHO, Murilo. *Murilo Melo Filho (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 1998.

MENDES, Eurico. Luiz Carlos Prestes e seus Aliados. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 23-34.

_____. Marxismo ou Apologética Nacionalista? *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 38-54.

_____. O movimento revolucionário brasileiro na encruzilhada. *Novos Tempos*, n. 3, 1958, p. 5-10.

_____. O comunismo nacional nas democracias populares. *Novos Tempos*, n. 2, 1957, p. 17-19.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MILL, John Stuart. *Sobre a Liberdade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

MIRANDA, Orlando. Fragmentos de memória da POLOP na Bahia. Disponível em <http://centrovictormeyer.org.br/wp-content/uploads/2014/01/Fragmentos-de-mem%C3%B3ria-da-Polop-na-Bahia.pdf>. Acesso em 13/11/2020.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Lenin: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. Entrevista. *Margem Esquerda*, n. 22, 2013.

_____. *Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira (depoimento, 2003)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

_____. *A Reunificação da Alemanha: do Ideal Socialista ao Socialismo Real*. 3º ed. São Paulo: Unesp, 2009.

_____. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *De Martí a Fidel – A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *O ‘milagre alemão’ e o desenvolvimento do Brasil*. São Paulo: Ensaio, 1994.

_____. *A Reunificação da Alemanha: do ideal socialista ao socialismo real*. São Paulo: Ensaio, 1992.

_____. *O expansionismo brasileiro: o papel do Brasil na Bacia do Prata da colonização ao império*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

_____. *Brizola e o Trabalhismo*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *O poder operário em Cuba*. Rio de Janeiro: Congresso de Solidariedade a Cuba, 1963.

_____. *O 24 de agosto de Jânio Quadros*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

_____. *Ode a Cuba*. Rio de Janeiro: Germinal, 1961.

_____. *Retrato e Tempo*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1960.

_____. *Verticais*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

_____. A verdade sobre Leon Trotsky. *Novos Tempos*, n. 5, 1958, 23-25.

_____. O Caráter Socialista da Revolução no Brasil. *Novos Tempos*, n. 2, 1957, p. 23-25, 33.

_____. *Verticais*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1956.

_____. Canto a Trotsky. *Ângulos*, Salvador, n° 6, 1955.

MONIZ, Edmundo. Entrevista com Edmundo Moniz. In: FACIOLI, Valentim (org.). *Por uma Arte Revolucionária Independente*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

_____. *O Espírito das Épocas*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1950.

MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64*. 3° ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MOREIRA, Maria Ester Lopes. Verbete Diário da Noite. Disponível online em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite>. Acesso em 28/08/2020.

MOVIMENTO SOCIALISTA. As razões e a missão do “Movimento Socialista”. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 1-5.

NERUDA, Pablo. *Canto general*. Buenos Aires: Losada, 1995.

_____. *Confieso que he vivido: memorias*. Barcelona: Seix Barral, 1976.

NIN, Andres. A Natureza da Revolução Espanhola. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 125-136.

NOVOS TEMPOS. Comunicação Aos Leitores. *Novos Tempos*, n. 6, 1958, p. 50.

OLIVEIRA, Joelma Alves de. POLOP: as origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967). Dissertação de mestrado em Sociologia na Universidade Estadual Paulista, 2007.

OLIVEIRA, Sergio Luiz Santos de. A Mocidade Trabalhista do PTB. As origens do ativismo radical em Belo Horizonte (1957-1961). *Projeto História*, São Paulo, v. 63, 2018, p. 158.

_____. Caminhando com os próprios pés. A formação política e teórica da ORM-POLOP (1956-1967). Doutorado em História Social na Universidade de São Paulo, 2016.

ONOFRE, Gabriel de Fonseca. As duas faces de Jano: As esquerdas trabalhistas de San Tiago Dantas e Brizola. In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

PARADA, Maurício Barreto Álvares. *A Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil dos anos 50*. Dissertação Mestrado, PUC/ RJ. Rio Janeiro: 1993.

PEDROSA, Mario. A defesa da URSS na guerra atual. *Cadernos AEL: trotskismo*, v. 12, nº. 22/23, 2005, p. 289-318.

_____; XAVIER, Lívio. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. In: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (org.). *Na Contracorrente da História: Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Arte, necessidade vital*. Rio de Janeiro: Livraria da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *Caminhos da Revolução Brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. Che Guevara, A Revolução Cubana e o Brasil: uma visão panorâmica política e editorial. *Perseu*, n. 12, 2016, p. 235-247.

PINHEIRO, Milton. Rui Facó. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014.

PINTO, Dinah Sonia Renault. *Pequena história da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

PIO, Francisco de Oliveira. *Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico*. Rio de Janeiro: Germinal, 1959.

POERNER, Arthur José. *O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

POMAR, Walter. Otavino Alves da Silva. *Teoria e Debate*, n. 24, 1994. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1994/03/01/otavino-alves-da-silva/>. Acesso em 11/11/2020.

PONS, Silvio. *A Revolução global: História do comunismo internacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

PRADO, Caio Júnior. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRESTES, Anita Leocadia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: A Aliança Nacional Libertadora e a Política Brasileira 1934-1937*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

QUADROS, Carlos Fernando de. Jacob Gorender, um militante comunista: um estudo de sua trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

QUEIROGA, Fernando. *Portugal oprimido*. Rio de Janeiro: Gerninal, 1958.

QUERIDO, Fabio Mascaro. *Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

R. F. Ode a Cuba. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1961.

RAMOS, Luis Antonio Cazajeira. Carvalho Filho – Vida e Obra. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/carvfilho.html>>. Acessado em 18/7/2018.

REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. A formação da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão Filho (org.). *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Entre Reforma e Revolução. A trajetória do Partido Comunista Brasileiro no Brasil entre 1943 e 1964. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. 2º ed. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. *Uma Revolução perdida – A história do socialismo soviético*. 2º ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

REIS, Luiza Nascimento dos. O exílio africano de Paulo Farias (África Ocidental, 1964-1969). *Tempo*, Niterói, v. 25, n. 2, mai./ago. 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RIBEIRO, Darcy. Prólogo. *Carta*, Brasília, n. 1, 1991, p. 9-10.

_____. *Aos Trancos e Barrancos: como o Brasil deu no que deu*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985.

RICOEUR, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RICUPERO, Rubens. *A Diplomacia na Construção do Brasil (1750-2016)*. Rio de Janeiro: Versal, 2017.

RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. 2º ed. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos anos 1960*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da Cidade da Bahia*. 2º ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROCHE, Gérard. Breton, Trotski, e a F.I.A.R.I. In: FACIOLI, Valentim (org.). *Por uma Arte Revolucionária Independente*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

ROSA, Albino Pereira de. *A lei orgânica de previdência social: sua interpretação e seu regulamento*. Rio de Janeiro: Melso, 1960.

SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*. Campinas: Unicamp; Pontes, 1992.

SACHS, Érico Czaczkes. Curriculum Vitae. In: PAIVA, Sérgio (org.). *Érico Sachs/Ernesto Martins: um militante revolucionário entre a Europa e o Brasil*. Salvador, CVM, 2016.

SADER, Eder; BUCCI, Eugênio. [Memória: Antonio Candido](https://teoriaedebate.org.br/1988/03/01/a-militancia-por-dever-de-consciencia/). *Teoria e Debate*, 2 de março de 1988. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1988/03/01/a-militancia-por-dever-de-consciencia/>. Acesso em 27/08/2020.

SAES, Décio. Classe Média e Política no Brasil. 1930-1964. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

SALES, Jean Rodrigues. Partido Comunista do Brasil. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *História do Marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Diário da Bahia. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (org.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

SAMPAIO, José Luiz Pamponet. *A inserção da Bahia na evolução nacional (1850-1889)*. Salvador: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, 1978.

SANT'ANNA, Irun. *O garoto que sonhou mudar a humanidade*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011.

SANTANA, Márcio Santos de. Juventude e Questão Social: do liberalismo ao corporativismo. *Sociedade em Debate*, Pelotas, 14 (2), jul.-dez. de 2008.

SANTOS, Raimundo. Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 50. In: REIS, Daniel Aarão; MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. 2º ed. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTOS, Theotônio dos. Entrevista com Theotônio dos Santos. Disponível em: https://ceppes.org.br/revista/versao-impressa/4/copy_of_entrevista-com-theotonio-dos-santos. Acesso em 1/11/2020.

_____. La Izquierda Brasileña: Historia Y Perspectiva. Arquivo privado de Theotônio dos Santos.

SCHMIDT, Augusto Frederico. *O Galo Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

SCHMITT, Rogério. *Partidos Políticos no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon. *Falso mineiro: memórias da política, ciência, educação e sociedade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, no prelo.

_____; et al. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra; FGV, 2000.

SECCO, Lincoln. *A Batalha dos Livros: formação da Esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê, 2017.

_____. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*, São Paulo, n. 41, 2010, p. 63-92.

SERRA, José. *Cinquenta anos esta noite*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO. S.N.T. Trinta anos de atividades. *Dionysos*, v. 6, 1955, p. 162-163.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth; Rei Lear*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948.

SILVA, Fabrício Soares da. *Memória Política de Minas: Fabrício Soares da Silva*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1996.

SILVA, Roberto Bitencourt da. *Sérgio Magalhães e suas trincheiras: nacionalismo, trabalhismo e anti-imperialismo – uma biografia política*. Jundiaí: Paco, 2017.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. “Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação”, *Perspective*, 19 de fevereiro de 2016. Disponível no site: www.journals.openedition.org/perspective/5539. Acessado em 11/9/2020.

SINGER, Paul; PERICÁS Luiz Bernardo; BARSOTTI, Paulo. Paul Singer. *Margem Esquerda*, 1º v., 2016.

_____. *Paul Singer: Militante por uma utopia*. São Paulo: COM-ARTE, 2013.

_____. Esboço de uma Análise Marxista do Nacionalismo. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 6-11.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. 8º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Revolução Brasileira*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

SOUZA, Herbert de. Betinho (Herbert José de Souza). In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (org). *Memórias do exílio, 1964-19??*. São Paulo: Livramento, 1976.

STALIN, Joseph. *Cuestiones del leninismo*. Ciudad de México: Ediciones Sociales, 1941.

SURET-CANALE, Jean. *L'Afrique Noire Occidentale et Centrale*. Paris: Éditions Sociales, 1958.

TALARICO, José Gomes. *José Gomes Talarico I (depoimento, 1978/1979)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1982.

TARCUS, Horacio. A história intelectual e a problemática da recepção: A propósito da recepção argentina de Marx. *Revista Outubro*, n. 30, maio de 2018, p. 3-56.

THALHEIMER, August. Marxismo e Existencialismo. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 90-113.

THOMAS, Agripino Soares. Atualidade do Manifesto Comunista. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 17-22.

_____. Verso e Reverso do desenvolvimento. *Movimento Socialista*, n. 1, 1959, p. 11-33.

TOGLIATTI, Palmiro. *O caminho italiano para o socialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRAGTENBERG, Maurício. *Memórias de um autodidata no Brasil*. São Paulo: Escuta, 1999.

TROTSKY, Leon. A Nossa Moral e a Deles. In: ISHAY, Micheline (org.). *Direitos Humanos: Uma Antologia*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *A Revolução Traída*. São Paulo: Globo, 1980.

_____. *A Revolução Permanente*. Lisboa: Antídoto, 1977.

_____. *Da Noruega ao México*. Rio de Janeiro: Epasa, s.a.

_____. *Da Noruega ao México*. Rio de Janeiro: Melso, s.a.

VANNUCHI, Paulo; SPINA, Rose. O economista Paul Singer é um dos raros exemplos de alguém que soube aliar atividade acadêmica à militância política. *Teoria e Debate*, n. 62. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2005/04/10/paul-singer/>. Acessado em 1 de outubro de 2020.

VEIGA, Claudio. *O poeta Pethion de Villar: uma figura romanesca*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VIANA, Allyson Bruno. Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945-1968). Tese de doutoramento em História Social na Universidade Federal do Ceará, 2014.

VIANA, Francisco José de Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2005.

VIANNA, Martha. *Uma tempestade como a sua memória: A história de Lia, Maria do Carmo Britto*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VICTOR, Mário. *Cinco anos que abalaram o Brasil (de Jânio Quadros ao Marechal Castelo Branco)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. O Partido Socialista Brasileiro e o Marxismo (1947-1965). In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. *História do Marxismo no Brasil. Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. Campinas: UNICAMP, 2007.

VILARINO, Ramon Casas. Os acordos de Roboré – Brasil, Bolívia e as questões do petróleo, desenvolvimento e dependência no final dos anos 1950. Tese de doutoramento em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica, 2006.

WERTH, Alexander. *De Gaulle*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

WILLIAM, Wagner. *O soldado absoluto: uma biografia do marechal Henrique Lott*. 4º ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

WOLFE, Bertram. A Guerra Civil na Espanha. *Movimento Socialista*, n. 2, 1959, p. 114-124.

Anexos

1.43 Obras publicadas no Brasil de Luiz Alberto Moniz Bandeira. Está se indicando apenas as primeiras edições.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Verticais*. Rio De Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1956.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Retrato e Tempo*. Salvador: Livraria e Editora Progresso, 1960.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Ode a Cuba*. Rio de Janeiro: Germinal, 1961.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O 24 de Agosto de Jânio Quadros*. Rio de Janeiro: Melso, 1961.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Caminho da Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Melso, 1963.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O poder operário em Cuba*. Rio de Janeiro: Congresso de Solidariedade a Cuba, 1963.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto; MELO, Clovis; Andrade, Aristélio Travassos de. *O Ano Vermelho – A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos No Brasil (Dois Séculos de História)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Cartéis e desnacionalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Lênin – vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brizola e o trabalhismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O expansionismo brasileiro – o papel do Brasil na bacia do Prata (da colonização ao império)*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Trabalhismo e socialismo no Brasil – A Internacional Socialista e a América Latina*. São Paulo: Global, 1985.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O eixo Argentina – Brasil – o processo de integração da América Latina*. Brasília: UnB, 1987.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil-Estados Unidos: A Rivalidade Emergente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Do Ideal Socialista Ao Socialismo Real – A Reunificação da Alemanha*. São Paulo: Ensaio, 1992.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Estado-Nacional e Política Internacional – O continente nas relações Argentina-Brasil*. São Paulo: Ensaio, 1993.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O “Milagre Alemão” e o Desenvolvimento do Brasil – As relações da Alemanha com o Brasil e a América Latina (1949-1994)*. São Paulo: Ensaio, 1994.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (org.). *1995 – Brasil e Alemanha: A Construção do Futuro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1995.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil – Estados Unidos no Contexto da Globalização*. São Paulo: SENAC, 1998.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *De Martí a Fidel – A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Feudo – A Casa da Torre de Garcia d'Ávila - Da conquista dos sertões à independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e integração na América do Sul (Da tríplice Aliança ao Mercosul)*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *As relações perigosas: Brasil – Estados Unidos (De Collor a Lula, 1990-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Formação do Império Americano (Da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos. A derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Geopolítica e política exterior: Estados Unidos, Brasil e América do Sul*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Desordem Mundial – O espectro da dominação total: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

1.44 E-mail de Luiz Alberto Moniz Bandeira para Luiz Roberto Garcia em abril de 2010

Prezado Luiz,

Sou sobrinho de Edmundo Moniz e, desde 20 anos de idade, mantive estreita amizade com Hermínio Sacchetta. À memória dos dois, que eram muito amigos e com os quais muito aprendi, dedico meu livro *De Martí a Fidel*, cuja segunda edição revista e ampliada deve ser lançada em maio ou junho pela Civilização Brasileira. Conheci também grande parte da velha guarda trotskista, entre os quais Mario Pedrosa, Aristides Lobo, Lívio Xavier e muitos outros tantos, cujo nome não recordo. Também conheci, nos anos 1950, José Maria Crispim e aqueles que com ele militavam, entre os quais os irmãos Rui e Boris Fausto, Leôncio Martins Rodrigues e outros. E o que lhe posso dizer, em primeiro lugar, é que não houve nenhuma continuidade nem unidade nas diversas gerações dos chamados trotskistas. Nunca fui (nem Edmundo Moniz) militante da IV Internacional, porém conheci e convivi com militantes de todas essas gerações desde meus 15 anos de idade e percebi que cada uma pouco ou nada sabia da outra. O movimento trotskista no Brasil, se a memória não me falha, começou com a cisão da célula 13, no *Jornal do Brasil*, creio que liderada por Hilcar Leite, que eu conheci. Havia um gráfico, creio que chamado João, mas o nome completo não recordo. Mario Pedrosa, Rodolfo Coutinho, Fúlvio Abramo, com a participação do poeta francês Benjamin Perét, que também conheci e entrevistei em 1955, fundou por volta de 1931 a Liga Comunista Internacionalista. Eles se alinharam com a Oposição de Esquerda liderada por Trotsky, ao ser expulso da URSS. Da LCI participou Aristides Lobo, que era da Juventude Comunista e que morou juntamente com Luiz Carlos Prestes em Buenos Aires. O próprio Prestes, a princípio, manifestou simpatias pelas posições de Trotsky, em cartas a Aristides Lobo, que as doou ao *brazilianista* americano, Timothy F. Harding, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, autor de interessante estudo sobre o movimento operário no Brasil. Em 1935, houve a cisão na LCI e Hermínio Sacchetta, então secretário-geral do PC em S. Paulo, escreveu um artigo, publicado no jornal *Classe Operária*, intitulado “A Liga se desliga”. Eu tive esse artigo, porque, depois da publicação do meu livro *O Ano Vermelho – A revolução russa e seus reflexos no Brasil*, Ênio Silveira, proprietário da Editora Civilização Brasileira e meu editor, sugeriu-me continuar o trabalho, escrevendo um livro sobre o levante da ANL em 1935

e seus desdobramentos. Meu advogado e eu, que também sou advogado, requisitamos os autores dos processos nos arquivos do STM, ainda no Rio de Janeiro, e Ênio Silveira mandava copiar toda a documentação, documentação esta que perdi, quando a Marinha me prendeu em 1969. O POL foi fundado depois, em 1936. Mas, em 1938, Hermínio Sacchetta, Alberto Moniz da Rocha Barros (também meu tio) e outros cindiram o PC em S. Paulo e fundaram o PSR, vinculando-o à IV Internacional, que então Trotsky estava a criar. Florestan Fernandes participou do PSR. Mas, que eu saiba, os militantes do POL, no Rio de Janeiro, não aderiram ao PSR e não havia conexão orgânica entre os diversos grupos, devido, sobretudo, ao regime ditatorial vigente no Brasil. A conceituação da ditadura de Vargas pelo POL, que a qualificava como “bonapartista”, divergia da qualificação do PSR, que a definia como “fascista”. Segundo sei, as duas organizações pouco ou nada sabiam uma da outra e isto eu pude constatar nas conversações que mantive com os militantes daquela época, tais como Lívio Xavier, Aristides Lobo, Hermínio Sacchetta, Edmundo Moniz e todos os outros.

Mário Pedrosa, morando na Europa, aderiu à IV Internacional, mas foi depois expulso pelo próprio Trotsky, porque passou a defender a tese defendida por Max Schachtman (nascido na Polônia e emigrado para os Estados Unidos em 1904), James Burnham e outros trotskistas americanos, segundo a qual a URSS não era um “Estado operário degenerado”, como Trotsky definia, mas um capitalismo de Estado. Mario Pedrosa, depois que voltou ao Brasil, Edmundo Moniz, Cursino Raposo e outros simpatizantes de Trotsky, que defendiam a teoria do capitalismo de Estado, fundaram no Rio de Janeiro a União Socialista Popular, que passou a editar o jornal *Vanguarda Socialista* (eu tinha uma coleção, mas também perdi quando fui preso). O jornal do PSR era *Orientação Socialista*. Mas a USP, entre 1945 e 1947, alinhou-se com a UDN, apresentando-se como Esquerda Socialista. E, em 1947, Mário Pedrosa e outros filiaram-se ao PSB, mas Edmundo Moniz e outros companheiros não seguiram o mesmo caminho. A USP acabou e a *Vanguarda Socialista* ainda por algum tempo foi publicada pelo PSB. Por volta de 1952, Sacchetta rompeu com a IV Internacional, por se opor à orientação “entrista” de Pablo (Michalis N. Raptis), isto é, de infiltração nos PC e na social-democracia. As organizações de tendência trotskista virtualmente desapareceram. Mas em 1953 ou 1954 o Bureau Latino-Americano, com sede em Buenos Aires, mandou um militante, cujo pseudônimo era Manuel, tratar de reorganizar a seção da IV Internacional no Brasil. Ele não teve sucesso entre os velhos militantes ou simpatizantes, entre os quais circulava a informação de que Natália Sedova acusara a IV

Internacional de estar infiltrada pelo NKVD. Manuel só conseguiu atrair o velho militante comunista, José Maria Crispim, que fora expulso do PC, quando este, após 1952, abandonou a ideia de que a revolução era iminente e, com a elaboração de novo programa, decidiu participar das eleições em 1954. Não creio que, em São Paulo, Crispim haja atraído para a IV muitas pessoas com ele. Os irmãos Fausto e Leôncio Martins Rodrigues formavam o núcleo do POR em São Paulo, mas não sei se eles eram oriundos da dissidência do PC. Em todo caso eram muito jovens. Falava-se de um grego que financiava o jornal *Frente Operária*, publicado pelo POR. Mas nunca vi esse homem. No Rio, havia um pequeno núcleo, composto por Marimbondo (esqueço o primeiro nome), José Barroso, que viviam em Niterói, e um judeu chamado Leon, que era operário e pertencera ao PSR, de Hermínio Sacchetta. Não houve influência de nenhuma geração sobre a outro nem qualquer liame orgânico. Do artigo de Osvaldo Coggiola você pode ver alguns detalhes, nomes etc. que lhe forneci. Quanto a mim, apesar de que fosse considerado trotskista, devido à minha oposição ao stalinismo e ao regime instituído na URSS, minha posição sempre foi mais próxima de Rosa Luxemburg e, em certa medida, de Kautsky. Como Sacchetta, eu também entendia que as raízes do stalinismo estavam no próprio bolchevismo e, àquela época, já defendia a tese do ultra-imperialismo, de Kautsky, tese esta que sustentei no meu livro *Formação do Império Americano (Da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque)*, cuja terceira edição a Civilização Brasileira deve lançar em meio ou junho. Também considerava o sistema econômico na União Soviética como um capitalismo de Estado, tese que Edmundo Moniz e Mario Pedrosa sustentavam e que Sacchetta, ao romper com a IV Internacional, passara a defender.

Em 1956 eu tinha 20 anos de idade e, já morando definitivamente no Rio de Janeiro, fui a São Paulo visitar meu tio Alberto Moniz da Rocha Barros e conhecer Sacchetta, de quem Edmundo Moniz era amigo.

Na ocasião, voltei a encontrar Manuel, da IV Internacional, tivemos larga discussão e ele nenhum resultado conseguiu com Sacchetta. Sacchetta, meu primo Alberto Luiz da Rocha Barros (filho do que fora do PC e acompanhara Sacchetta na cisão de 1937) e eu, porém, decidimos criar a LSI, cujo programa por mim elaborado defendia a tese de que o sistema econômico na URSS era o capitalismo de Estado etc. e adotava a orientação de Rosa Luxemburg. Da formação da Liga participaram então Maurício Tragtenberg, Paul Singer e poucos outros. Depois, eu entendi, que devíamos atuar dentro do PSB, que já havia expulsado Mario Pedrosa e Hilcar Leite como

“direitistas”, e organizar no Rio de Janeiro e na Bahia a Juventude Socialista, da qual só existia um pequeno grupo em S. Paulo. Eric Sachs e eu atuamos conjuntamente e lançamos o jornal *Esquerda Socialista*, cujo primeiro (somente saíram dois ou três números) apareceu em 1º de maio de 1957 ou 1958. Essa Juventude Socialista foi que convocou um congresso da esquerda revolucionária, realizado em Jundiá em janeiro de 1961, e do qual participaram também a LSI, a Juventude Trabalhista (de Minas Gerais) e POR, bem como, se a memória não me falha, Sívio Frondizi e Marcos Kaplan que haviam criado na Argentina o Movimiento de la Izquierda Revolucionaria, o grupo Praxis. A decisão final foi criar a ORM, que a revista *Política Operária*, da qual fui diretor (Como tenho um nome muito comprido, o nome do diretor só aparecia como Luiz Alberto Dias Lima). Os militantes do POR não aceitaram a decisão e retiraram-se. E a LSI cindiu-se, i.e. a maioria aderiu à ORM e somente um pequeno número de talvez dois ou três militantes ficaram com Sacchetta, que posteriormente fundou com eles o MCI. Foi um grupo realmente inexpressivo, que nunca teve mais que dois ou três ou quatro adeptos.

Na primeira metade da década de 1960, a seção latino-americana da IV Internacional, sob a liderança de Posadas (um boxer argentino), rompeu com a IV Internacional, sediada na França, e passou a delirar, atingindo as raias do ridículo, ao conclamar a União Soviética a entregar armas atômicas aos vietcongs etc. Vale a pena você ler a *Frente Operária*. Você verá que era impossível tratar com essa gente, que era dirigida por um uruguaio cujo pseudônimo era Estrada (o nome real parece que era Labat). Não era possível levar os trotskistas a sério. Foram presos em Cuba, porque atuavam como provocadores, defendendo um ataque a Guantánamo. Em 1962, em Cuba, conversei com Che Guevara sobre o assunto e ele disse que foram presos, porque, do contrário, seriam fuzilados se tentassem qualquer ataque à base de Guantánamo, dado aos Estados Unidos o pretexto para invadir Cuba. Talvez realmente eles estivessem infiltrados pela CIA. No Brasil, só fizeram atrapalhar o movimento de solidariedade a Cuba com o radicalismo verbal, que terminava por fortalecer a política do PC.

Bom, vou parar por aqui porque a história é muito longa. Depois você pode fazer perguntas concretas, objetivas. Mas antes deve ler uma extensa bibliografia sobre a esquerda no Brasil, naquele período, entre os quais o de Ronald Chilcote e os livros de memórias de João Falcão e outros comunistas. Recomendo-lhe a leitura de alguns dos meus livros, entre os quais *De Martí a Fidel e A Reunificação da Alemanha – Do ideal*

socialista ao “socialismo real”, cuja terceira edição a Editora UNESP lançará em setembro/outubro deste ano.

Há uma boa bibliografia citada no estudo de Coggiolla.

Com um abraço, Moniz

1.45 E-mail de Luiz Alberto Moniz Bandeira para Joelma Oliveira em 28 de maio de 2006

Estimada Joelma,

Em 1957, depois do 20º Congresso do PCUS, quando Kruschiov denunciou os crimes de Stalin, estabeleceu-se acalorada discussão dentro do PCB, que se dividiu. Erich Sachs e eu estabelecemos contato com o grupo dissidente, liderado por Agildo Barata, e alguns que saíram da UJC juntaram-se a nós na Juventude Socialista. Foi um grande período de efervescência ideológica, de debates, em que todas as tendências, inclusive os trotskistas, se reuniam para debater.

Embora eu estivesse na Juventude Socialista, mantinha excelente contato com o pessoal da LSI, Hermínio Sacchetta, Alberto Luis da Rocha Barros, que eram meus amigos pessoais, além de Maurício Tragtenberg e Paul Singer, que haviam se distanciado um pouco da militância, adotando uma posição mais moderada.

Colaborei na revista *Novos Tempos*, editada pelo grupo de Agildo Barata e dirigida por Osvaldo Peralva, bem como em *O Nacional*, que eram as publicações do Movimento Socialista Renovador (Agildo). Nunca fui secretário e tinha trânsito em todas as facções. Em meu apartamento no Rio estiveram reunidos tanto Agildo Barata quanto Crispim, que era o dirigente da IV Internacional.

Escrevi na revista *Novos Tempos*, com o nome de Luiz Alberto (meu nome próprio) um artigo sobre O Caráter Socialista da Revolução Brasileira. Creio que era esse o título. Saí, se a memória não me falha, no número 2 que você pode encontrar em algum desses arquivos.

Depois, com a publicação de um artigo meu sobre Trotsky na revista *Novos Tempos*, Calvino, que era proprietário do título, quis impor censura e, como Osvaldo Peralva não aceitou, ele o tomou.

Daí que, juntamente com Isaac Akcelrud, que estava mais à esquerda na cisão do Agildo Barata, criamos a revista *Movimento Socialista*, da qual fui diretor com o nome de Luiz Alberto Dias Lima (meu nome completo é Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira). Saíram só dois números.

A essa época, como assessor do deputado Sérgio Magalhães, do PTB e presidente da Frente Parlamentar Nacionalistas, eu advoguei a fusão do Partido

Socialista com o PTB (conservando esta sigla), pois o PTB tinha massas e o PSB os quadros. Os discursos de Sérgio Magalhães, pronunciados em 1958 e 1959, forem escritos por mim e defendiam um governo dos trabalhadores. Você pode encontrá-los nos anais da Câmara ou na Coleção do *Correio da Manhã*.

Em janeiro de 1960, como membro da direção do PSB no Rio de Janeiro articulei juntamente com meu tio Edmundo Moniz a candidatura de Sérgio Magalhães pelo PSB, de modo a forçar o PTB a lançá-la, em detrimento dos nomes de Eloy Dutra e Rubens Berardo. Sérgio Magalhães era um dos líderes do chamado Grupo Compacto, a facção de esquerda.

A direção do PSB indicou publicamente o nome de SM e o PTB, depois de manobra que fiz junto a Lutero Vargas, não teve alternativa senão lançá-la contra a candidatura de Carlos Lacerda. Mas a CIA encorajou o lançamento da candidatura de Tenório Carvalcanti por um outro partido, a fim de dividir o eleitorado, e CL terminou ganhando por fraude e com apenas 20.000 votos de diferença.

Isto foi outubro de 1960.

Com um abraço, Moniz

1.46 E-mail de Theotônio dos Santos para Sergio Oliveira

Caro Sergio,

A Mocidade Trabalhista do PTB mineiro se formou pelo ano de 1957 (talvez consiga a data nos meus papéis que não tenho tempo de consultar agora – talvez você queira fazê-lo) e atraiu um grupo de independentes de esquerda ligados sobretudo ao movimento estudantil, dentro dele havia sobretudo uma corrente da juventude do PCB, comandada por Altino que foi seu presidente enquanto eu fui o vice-presidente; a juventude estudantil católica e a juventude universitária Católica (ambas tinham o apoio de um vereador do PTB muito atuante e a figura do Padre Lage – líder dos favelados).

Participamos muito ativamente da campanha de governador de 1958, lançando Tancredo Neves de cujo Comitê Juvenil eu era presidente. E chegamos a lançar um candidato a prefeito muito ligado a nós e considerado marxista que foi Fabrício Soares. Nossa vitória na convenção municipal pegou de surpresa o diretório regional do PTB que anulou nossa convenção e lançou outro candidato à prefeitura. Os católicos que esperavam lançar o padre Lage (que foi proibido pela hierarquia católica e os deixou sem candidato) não gostavam da candidatura de Fabrício por ser marxista e mostraram suas diferenças ideológicas. Isto levou à articulação dos marxistas independentes que terminaram formando a POLOP em 1961 enquanto a ala católica formou a Ação Popular.

Em 1960 apoiamos o Marechal Lott para presidente e eu era o vice-presidente do Comitê Juvenil Pró-Lott. Eu falei em nome da Juventude na Cerimônia Nacional de lançamento da candidatura de Lott que se realizou em Belo Horizonte e a Mocidade esteve presente fortemente no Comício de lançamento de Lott na sua cidade natal em Minas.

Elegemos Vinicius Caldeira Brandt a presidente da Mocidade Trabalhista Nacional e depois presidente da UNE. Betinho que foi nosso candidato derrotado no grupão da UNE para a presidência da UNE no Congresso Nacional de Belo Horizonte mas tivemos uma atuação muito ampla no DCE da UMG, hoje UFMG. Aí lançamos uma revista teórica do movimento estudantil de grande repercussão nacional - *Movimento*.

[...]

Abraços

Theotônio

1.47 Anexo

Um canto para Trotsky

Aperto-te as mãos, ó companheiro, na morte!
 Saúdo-te com palavras de pólvora, de salitre, de chumbo,
 nesta conjugação de verbos primitivos.
 E se os relógios já não cantam, pelo menos que tu ouças,
 se os ponteiros deixaram de dançar o bailado monótono das horas,
 ó companheiro, na morte,
 voltado para a tua própria imensidade,
 és tempo, multidão, presença e símbolo,
 árvore tombada aos golpes do lenhador,
 mas cujas raízes ainda se multiplicam
 sob as terras fecundas com teu sangue!

Se nenhuma voz se elevou e, ao entardecer do dia,
 entoou teu cântico de morte, uma balada escura,
 se ninguém ofertou tua memória e cinzas ao tempo e ao vento,
 deixa-me evocar teu nome de companheiro morto
 Num poema de luta e digno de ti
 Deixa-me com estas mãos que te foram estendidas
 Traçar nos céus de outra humanidade teu perfil de sombra e queimadura,
 Deixa-me gravar sobre as fronteiras concentradas de angústia e desespero
 As palavras nascidas do ferro na bigorna
 Sim, saúdo-te!

Estendo minhas mãos às tuas que em vida cultivaram cactos nas terras do
 México

E, feridas, ergueram por cima das nações a espada sangrenta de Outubro
 A cabeça erguida, as mãos postas ao sol que nasce, contigo marcharei,
 Ouvindo as vozes anônimas do povo que canta os hinos de libertação
 Tu, que caíste ao corte do alvião sem nome,
 Também sentes a dor das horas vividas pela nau, sem bussola e sem estrelas,

Nesse mar de tempestade,
Nesse mar de noites compactadas e sem fim.
Dá-me um fúsil,
Dá-me tua camisa de operário, mesmo manchada de sangue
Fris não tarda
Vermelha é a fome de todos os deserdados!
Ainda a tua face cristalizada nos gelos da Sibéria,
Assim mesmo saúdo-te!
Minha voz enrouquecida
Exortará teu nome de companheiro morto, tua lembrança de cimento e cal!
E quando os tempos sangrarem e as terras roxas renunciarem que tu voltas,
Ó companheiro,
Tuas mãos novamente apertarei!
Novamente entoarei as noites incendiadas
Um cântico de metralha,
Uma canção em teu louvor no ritmo bárbaro das pedras que caem!
Na morte, companheiro,
A sombra do teu corpo continua teu corpo,
Ao florescer no tempo o lírio da saudade!